

A ERA DO ABISMO

O TORNEIO
DOS CAMPEÕES

BERNARDO STAMATO





Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mirella Santana

Revisão
Susana Silva

Ilustração da Capa
Reichan Calheiros

Diagramação
Rafael Sales

Editor Gráfico
Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial
Priscila Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.3 Stamato, Bernardo

B171e A era do abismo: o torneio dos campeões / Bernardo Stamato_ Rio de Janeiro:
Pendragon, 2019.

ISBN: 978-85-9594-088-8

1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa.

Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.



Editora
PenDragon

A ERA DO ABISMO

O TORNEIO
DOS CAMPEÕES

BERNARDO STAMATO

Enquanto eu era aquela criança que queria brincar no play do prédio, meu irmão queria ficar no videogame a tarde toda.

Como caçula, entrei no ritmo dele, viquei nos jogos também e me tornei o nerd que sou hoje.

Esse livro é dedicado ao meu irmão Leo, por todos os anos de companheirismo e nerdice..

PREFÁCIO

SACRIFÍCIO

AQUELES QUE DESAFIAM AS TREVAS

EU NÃO ACREDITO EM BRUXAS

LEGADO SOMBRIO

LUTO

BREVE INTERLÚDIO

DANAÇÃO

LINHAS TORTAS

EVANESCÊNCIA

A CASA DE DOCES

CANÇÃO NEGRA

CARNE FRESCA

DESOLAÇÃO

EM BUSCA DO MAIS FORTE

SIMPLICIDADE

VESÚVIO

OS CAMPEÕES

RUÍNA

A BATALHA DECISIVA

SOMBRAS E LUZ

CODEx



PREFÁCIO

Alta Fantasia não é para qualquer um. É todo um modo narrativo consolidado por nomes internacionais como Tolkien, Martin e Sanderson e por mestres da narrativa como Affonso Solano e Felipe Castilho em terras tupiniquins. Do resto, o que temos são frágeis e muitas vezes pálidos cenários inspirados na Terra-Média ou em Westeros, o que torna a grande produção do gênero muitas vezes insossa e desestimulante. Ciente desse desafio hercúleo, Bernardo Stamato em seu romance de estreia não tem medo de entregar ao leitor uma história densa, impactante e calcada na ação. Mas não falamos aqui de uma ação desenfreada e sim daqueles episódios de batalhas, investigações, fugas e dramas que são conduzidos pelo autor com pulso firme e agilidade, marcas de quem tem talento para grandes épicos e sobretudo de quem conhece muito do gênero. Leitor de Robert E. Howard, Andrzej Sapkowski, David Gaider, R. A. Salvatore, além de uma confessada admiração pelos anjos e demônios de Eduardo Spohr e pelo horror cósmico de Leonel Caldela, nos aventuramos nas paragens acidentadas, perigosas e surpreendentes da Liga Prateada. Na trama, acompanhamos sete improváveis protagonistas: Draco e Gladius investigam o assassinato do seu mestre, Marcus cobiça a glória do combate e suas agrídoces fortunas, a cartomante Rosa busca por sua família desaparecida nas brumas do passado, o paladino anão Alberich propaga um enferrujado e carcomido ideal de Justiça, a sacerdotisa elfa Ravenlla promove as graças da Liberdade, mesmo que em meio à mais cruenta opressão, e a enigmática Zhi Wu protege os mistérios de sua existência pregressa. Unidos pelo acaso, esses heróis marginais desafiarão não só monstros selvagens, como também nobres corruptos, cultistas profanos e outros tantos perigos de seu percurso quixotesco. E aqui, o paralelo com o clássico de Cervantes não é gratuito. Na verdade, ver uma obra clássica usada como referência para um romance contemporâneo é outra qualidade do livro, sobretudo numa época em que as referências parecem não ir muito antes — e às vezes nem depois! — a Tolkien. Numa geração já sobrecarregada de histórias de sociedades improváveis, dragões furiosos e armas místicas, a Era do Abismo é uma bem-vinda aventura capa e espada indicada para aqueles que, como nossos grandes heróis da Alta Fantasia, não têm medo de se aventurar pelo desconhecido. Mas neste caso, todo o cuidado é mais do que necessário! Sombras espreitam, quase ninguém é confiável e o Torneio trará muitas surpresas, tanto para seus guerreiros como para nós,

entusiastas exploradores de um mundo cheio de expectativas e sonhos, mesmo que sobre a égide da condenação.

Enéias Tavares

Enéias Tavares é professor de Literatura Clássica e pesquisador na UFSM, onde orienta trabalhos sobre os livros iluminados de William Blake, Literatura Fantástica Brasileira, Quadrinhos e Escrita de Ficção. É o autor de “A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison” (LeYa), coautor de “A Alcova da Morte” (AVEC) ao lado de AZ Cordenonsi e Nikelen Witter e recentemente publicou “Fantástico Brasileiro” (Arte & Letra) em parceria com Bruno Anselmi Matangrano, mapeando a história da literatura fantástica no Brasil. Além disso tudo, é roteirista da websérie e webcomic A Todo Vapor!, baseada em seu universo Brasileira Steampunk.

SACRIFÍCIO

UTHER

A noite estava perfeitamente normal. Sopros de vento ocasionais, corujas e grilos ao longe, lua cheia e bela, frio aconchegante. Com certeza, muitas pessoas estariam sorridentes, saudando a paz naquele momento. Mas a realidade dentro de mim era outra. Uma realidade quente, agitada, a um passo para o abismo.

Ouvi os passos metálicos ecoando pelos salões do templo. Eu o esperava todas as noites, já fazia alguns anos. Enquanto muitos brindavam à paz, aquela noite era de revolução.

A porta dupla se abriu com um forte empurrão, batendo contra as paredes de pedra.

— Vejo que estava me esperando, mestre — ele falou com desgosto.

— Vejo que você estava ansioso para este reencontro, meu ex-pupilo.

Ele havia crescido, ficado mais forte e perspicaz. Evoluíra, tanto em força, quanto em crueldade. Vestia uma armadura de placas de aço que cobria o tórax, o abdômen, ombros e pernas, além das manoplas, botas de aço e revestimento de couro por baixo de quase todo o corpo. Não perdeu tempo para sacar sua espada e escudo sem fazer cerimônias de sua intenção — espada e escudo que eu havia forjado. Cabelos vermelhos desgrenhados, sobrancelhas grossas e franzidas, nariz largo e boca contraída, seu rosto não era mais humano. A parte branca dos olhos se tornara negra, e a pupila que fora castanha, se tornara rubra. Não, ele já não era mais humano.

— Ex-pupilo? Me descartou e nem me avisou?

— Você se descartou, Alastor. Você descartou tudo que eu te ensinei.

Ele começou a caminhar em minha direção.

— Assim você me ofende. Eu não descartei nada, sigo muito bem todos os seus ensinamentos. Só não sigo da forma que você me obrigava. E foi justamente isso que eu vim fazer — ele apontou a espada para mim. — Vim mostrar como está enganado sobre seus ensinamentos.

Saquei a minha espada e o escudo. Usava uma armadura praticamente igual à dele. Não era de admirar que ele estivesse pronto para usar tudo o que eu havia lhe ensinado, contra mim.

— Meu coração dói, por nós terminarmos assim.

— Não se preocupe, mestre, eu o arrancarei para que você não sinta mais nada!

E ele veio.

Investiu em minha direção, ergueu o escudo deixando apenas os olhos à mostra e estocou com a espada. Aparei a lâmina de meu ex-pupilo com a minha, deixando uma deslizar na outra e recebi-o com um golpe de escudo que o empurrou dois passos para trás. Sem perder tempo, ele atacou num ângulo diagonal que me obrigou a esquivar para a esquerda, seguido de outro corte e mais outro, todos evitados pelos meus movimentos. Ele lutava energicamente, quase em fúria, entretanto sem abrir mão da técnica e da estratégia. Realmente, um prodígio.

Continuei evitando os ataques até que senti minhas costas contra a parede, o que limitava muito os meus movimentos. Ele sorriu e estocou. Sua lâmina raspou no meu escudo e meu joelho foi de encontro ao seu estômago, o que o fez inclinar-se e receber o cabo da minha espada na maçã do rosto, atordoando-o por um tempo e me dando espaço para sair da parede.

— Foi imprudente achar que eu cairia na tática de encurralar o oponente, eu que te ensinei — falei serenamente.

— Foi imprudente não ter me matado enquanto podia — ele rosnou.

Alastor desenhou um arco horizontal no ar, que foi recebido com um impacto surdo no meu escudo e contragolpeado com a minha lâmina no mesmo ângulo. Ele esquivou-se pela esquerda e reajustou o escudo para se proteger, o que fez com que eu aproveitasse para golpear sua perna. Estoquei para baixo e ele deu um passo no último instante. Seguindo o ritmo do combate, estoquei na direção do seu ombro, obrigando-o a erguer o escudo e ataquei mais uma vez tentando ferir uma costela, sem sucesso.

Meu ex-pupilo desferiu um golpe violento que, mesmo bloqueado, me fez dar alguns passos para trás. Afastou-se de mim, respirando para recuperar o fôlego.

— Onde estão as Virtudes que eu te ensinei, Alastor?

— Enviei todas para o Abismo!

Ele atacou e foi repelido pelo meu escudo, girou sua arma na horizontal, me fazendo agachar. Alastor descreveu um arco na vertical e eu me esquivei para a esquerda.

— Seus golpes estão ficando óbvios.

— Você está ficando fatigado.

Era verdade, aos poucos, ele estava ganhando pelo fôlego. Veio com um golpe pela vertical e eu respondi com minha espada, cruzando nossas lâminas, nos deixando cara a cara. Antes que a disputa de força começasse ou que eu saísse da cruz de espadas, ele acertou sua testa contra a minha numa cabeçada bruta, se ajeitou num pé e chutou meu peito, me afastando dele. Quando abri os olhos, veio

com uma espadada pela lateral. Eu pulei para direita, não antes de sentir um corte profundo no meu ombro e o sangue quente sendo jorrado sem piedade, maculando o chão do templo. Foi por pouco que consegui bloquear o golpe seguinte. Saltei para trás para ganhar espaço e respirar. Seria praticamente impossível continuar usando o escudo com o braço sangrando e dolorido daquele jeito.

— Você já está derrotado, mestre.

Larguei o escudo e empunhei a espada com as duas mãos. Respirei ofegante olhando meu ex-pupilo nos olhos. Ele era um homem orgulhoso e autoconfiante, sem se gabar ou vangloriar. Nunca abaixava a guarda, nem depois da vitória. Julgava-se superior a todos que enfrentava, sem nunca subestimar suas habilidades, pelo contrário, derrotava todos através do confronto direto e justo, sempre dando o melhor de si, não importando quem fosse o oponente. Um campeão como aquele poderia fazer muito a favor do mundo, se já não estivesse decidido a fazer contra.

Investi com a espada em riste. Girei na tentativa de confundi-lo e preparei um golpe na diagonal de cima para baixo, porém, antes que eu chegasse perto o suficiente, senti a ponta da sua lâmina perfurando minha coxa direita e perdi todo o foco do ataque, permitindo que o pomo da arma acertasse o meu punho, o que fez meu osso estalar por dentro e minha arma ser jogada para longe. Foi tudo muito rápido. Pensei que usaria a velocidade a meu favor, mas Alastor a usou contra e me venceu em meu próprio truque. Caí de joelhos, sentindo o sangue sair generosamente, tanto do ombro quanto da coxa, e meu punho arder e inchar, inutilizado.

Eu já estava derrotado.

— Se eu fosse me limitar aos seus ensinamentos, você teria me derrotado. Sempre soube que nunca o superaria na sua própria arte. Mas como pôde perceber, eu fui além, muito além do que você jamais chegaria. Devo confessar que sou muito grato — ele discursou enquanto andava e se posicionava na minha frente.

— Você está trilhando um caminho de danação. Não importa o quão forte seja, nunca será um verdadeiro guerreiro. Apenas as Virtudes...

— As Virtudes que você tanto prega estão mortas, mestre! Você não enxerga?! — ele me interrompeu, praticamente cuspiendo as palavras. — As Virtudes foram derrotadas junto dos celestiais faz duzentos anos! Extintas! Você prega uma coisa morta!

— Você está enganado, Alastor. As Virtudes sempre existirão, independente dos celestiais ou dos abissais. Enquanto a humanidade existir...

— Ah, a humanidade! Pena que você não viverá para ver o fim dela. Saiba, mestre, que a humanidade está prestes a morrer também. E no final, qualquer lembrança das Virtudes será obliterada!

— E você acha que me matando vai provar isso? Acha que, se minha morte significasse minha derrota, eu teria esperado aqui esse tempo todo? Acabe logo com esta batalha. Acabe com o que você veio fazer.

— Você me subestima. Acha que vim apenas trazer a sua morte? Acha que eu não sei que suas convicções tolas vão além da sua vida? — Não pude disfarçar minha surpresa, eu realmente acreditava que seu único propósito era me eliminar. — Nosso confronto não termina aqui. Nosso confronto só terminará com a vitória total do Vício contra a Virtude e eu providenciarei o massacre! Agora, sua participação nessa história já terminou... mestre.

Alastor ergueu a espada.

— Que a luz permita que as trevas não caiam sobre o mundo... — pronunciei minhas últimas palavras.

— No final, não sobrar nenhuma das duas.

E ele estocou contra o meu peito, encerrando a minha vida.



AQUELES QUE DESAFIAM AS TREVAS

DRACO

Não enfrentes monstros sob pena de te tornares um deles... — Nietzsche.

— Sabe de uma coisa? — Gladius parou de frente para a aldeia. — Eu acabo de aumentar a nossa aposta pra duas moedas de ouro.

Começar uma vida de aventureiro não é simples — talvez, ser aventureiro não seja simples. Eu e Gladius, meu melhor amigo, viajamos por semanas procurando alguma coisa para resolver, um monstro ameaçando uma cidadela, uma casa mal-assombrada, alguma gangue de bandoleiros para dar uma surra. Encontramos meia dúzia de pequenos problemas, mas nada digno de nota. Começamos por Pena Dourada, a capital de Solar, o Reino Abençoado. Depois visitamos as outras três cidades: Aura, Auréola e Aurora. Em seguida visitamos os principais vilarejos, ainda insatisfeitos pelos desafios rasos. Naquele momento estávamos em alguma aldeia não registrada no mapa, bem distante de qualquer centro urbano, onde as pessoas mal sabiam o nome do rei. Viajamos longe, pois tínhamos uma pista: um elfo perambulava pela região!

— Quer receber agora ou depois? — Eu já estava desacreditado.

Nenhum de nós havia visto um elfo na vida — nem a maioria das pessoas. Fazia séculos que eles eram pouco mais do que histórias e lendas, raramente vistos entre os humanos. Nós estávamos tentando descobrir se os boatos eram papo de roceiros ou verídicos.

Apesar daquela aldeia sem nome pertencer a Solar, na teoria, era bem provável que nenhum fiscal aparecesse por lá para cobrar os impostos e que as pessoas nunca tivessem visto uma moeda de prata na vida. O lugar não era cruzado por nenhuma estrada e não havia muros ou cercados delimitando o território. O chão era de terra batida e as casas de madeira com teto de sapê, a maioria com um único andar e sem cercados. Conforme andávamos por entre as casas e algumas plantações, os aldeões nos olhavam como se fôssemos seres de outra dimensão. Poucos eram os que nos ignoravam, alguns demonstravam curiosidade, outros faziam cara de reprovação. As crianças eram as mais interessadas, apesar de receosas.

— Tá vendo?! Aquela é uma espada de verdade, não é que nem aquele pedaço de pau que você chama de arma — um dos meninos comentou com outro.

Gladius sorriu para as crianças como se fosse um herói ovacionado pelo povo e elas riram de volta, meio por simpatia, meio por não saberem como reagir.

— Quantos mais será que vão aparecer? — Um velho com uma enxada na mão resmungou.

Eu e meu amigo trocamos olhares. Se havia "mais", possivelmente estávamos na pista certa.

— Senhor! Com licença, senhor! — Gladius abordou o idoso que pareceu se incomodar com a aproximação. — Pode nos dizer onde fica a taverna mais próxima?

— Hunf! O sol mal raiou e esses viajantes já querem beber. Isso tá errado! Hunf! Não temos isso por aqui não, garoto. Quem quiser, que tome sua pinga dentro de casa pra esquentar antes de trabalhar ou pra cair depois de trabalhar. Aqui a gente não fica bebendo a noite inteira, que nem vocês não! Se querem um lugar pra ficar, têm a casa do Toninho, ele abriga viajantes esquisitos como vocês de vez em quando. Vão pra lá, que é o lugar de vocês!

Gladius, apesar dos desaforos, achou o velho divertido.

— E onde mora esse tal Toninho?

— Fica pra lá, moleque — ele apontou para uma direção indefinida. — Tem uma placa com algumas letras escritas, não tem como errar! Vão pra lá, que é o lugar de vocês, viajantes esquisitos que pensam em beber logo depois que o sol raiou.

— Muito obrigado, senhor — Gladius agradeceu antes de voltar para o meu lado. — Eu até daria uma moeda de cobre, se ele tivesse onde gastá-la.



Seguimos a direção que o senhor apontara. Pedimos informações mais algumas vezes e recebemos sempre a mesma resposta vaga. Pelo visto, o tal Toninho — ou Anthony, como parecia ser seu nome verdadeiro — usava o andar de baixo de sua casa como estalagem para viajantes e era o único da aldeia que sabia escrever, pois todos descreviam a tal placa como "com desenhos engraçados" ou "rabiscada". Em um determinado momento, avistamos um cercado de madeira em torno de um casarão de três andares. Diferente das demais construções, esta era feita de tijolos cor de vinho, possuía janelas de vidro e telhado de barro. O jardim possuía alguns arbustos e flores, sem nenhuma plantação de grãos ou frutas. Um

animal exótico parecia entediado ao lado da casa, uma espécie de caprino de um metro de altura, musculoso e esbelto, com longos e ameaçadores chifres curvos. Acima da porta de entrada, havia uma placa de madeira onde estava escrito "Estalagem".

Aproximamo-nos e batemos na porta. Depois de um breve instante, ouvimos:

— Pois não?

— Olá! Procuramos abrigo! — respondi.

— Abrigo? Procuramos um elfo! — Gladius me interrompeu.

— Ah, é?! E você abriria a porta da sua casa pra um maluco que procura um elfo? — ironizei em tom baixo para que só ele me escutasse.

— É verdade, eu apenas diria "não tem nenhum aqui" e ignoraria o maluco.

Um homem de meia idade abriu a porta. Vestia roupas elegantes, seus cabelos negros começavam a ficar salpicados de grisalho nas raízes e nas laterais, usava um bigode volumoso e tinha a postura de um barão — talvez fosse um na realidade.

— Vocês disseram elfo? — Ele nos abordou. Sua voz era grave e firme, com um ar de erudição.

Ficamos obviamente embaraçados, contudo antes que nos explicássemos, ele concluiu:

— Por favor, entrem, vocês estão com sorte.



Adentramos o recinto e nos surpreendemos ao ver o quanto era luxuoso. Quadros, porcelanas e cristais, decoravam paredes, móveis e estantes. Um tapete alaranjado cobria todo o solo e lâmpadas de óleo estavam penduradas pelos corredores para serem acesas depois do pôr do sol. Percebemos que a quantidade de cômodos era grande. O hall de entrada era retangular, largo e alto, cheio de portas pelas paredes e com uma escadaria que conduzia ao mezanino.

— Venham por aqui.

Ele nos conduziu e enquanto andávamos por um corredor, puxou assunto:

— Faz tempo que não vejo homens de armaduras, escudos e espadas, e vocês não ostentam o brasão de nenhuma família ou estado e nem de nenhuma guilda. São mercenários?

— Mercenários matam por dinheiro. Estamos mais interessados em proteger aqueles que precisam — respondi.

— Matando monstros e bandidos por dinheiro? — ele interrogou em um tom indefinido, entre reflexão e ironia. — Desculpe, seus métodos não são da minha conta, não é mesmo? — desviou do assunto de forma forçadamente polida.

Seguimos Anthony por uma porta que nos levou a uma sala de estar. Um lustre de cristais e uma estátua de uma delicada mulher ajoelhada e com os braços erguidos como uma eterna dama em apuros, eram os objetos de decoração mais chamativos. No centro, duas poltronas acolchoadas de cor carmesim que formavam um "L", beiravam uma mesa de chá. Quatro pessoas interromperam a conversa e nos olharam surpresas. Quatro pessoas que, definitivamente, não faziam parte daquela aldeia.

Uma delas vestia uma brunea, uma armadura de couro formada por um colete e tornoeleiras, coberta por plaquetas de ferro, sobrepostas em escamas, e manoplas metálicas. Tinha um queixo largo e cabelos negros, ondulados e compridos, provavelmente essa pessoa era genuína do Reino Solar. Uma espada de duas mãos encontrava-se ao lado do guerreiro.

Um anão estava sentado com os pés pendurados, poucos centímetros acima do chão. O que não tinha em altura, compensava em largura, ocupando o espaço de duas pessoas no sofá. Vestia uma armadura de couro leve, sobreposta por uma cota de malha por todo o tronco e pelos ombros, além de botas e manoplas de ferro. Sua pele era marrom, seus cabelos negros e trançados, rentes à raiz. Tinha uma barba espessa e trançada até à cintura, olhos cor de bronze e traços faciais um tanto brutos, apesar da expressão indicar algo mais nobre. Usava um colar de ferro com um pingente em formato de cruz — o símbolo da sagrada Ordem dos Paladinos. Um escudo largo de metal e um martelo de guerra, repousavam próximos ao assento.

A outra pessoa era bastante exótica, não pela sua aparência, e sim por ocultar-se por completo. Usava braçadeiras e botas de couro negro e fino, aparentemente macio e maleável. Vestia uma roupa de seda também negra, que cobria todos os seus membros, com um desenho de uma serpente prateada que se enroscava pelo braço direito e terminava com as presas no ombro. Portava uma algibeira na cintura e, no rosto, uma máscara e um capuz deixavam visíveis apenas os olhos, que ainda estavam distantes para se poder reparar em detalhes. O corpo magro, de baixa estatura e com suaves curvas, quase imperceptíveis, indicava se tratar de uma mulher.

No centro, uma figura magra e frágil, de cabelos loiros ondulados, com tranças pelas laterais, vestindo roupas de couro remendado, e com um arco encostado no sofá e uma aljava nas costas. Seria confundido com um xamã de alguma tribo bárbara, não fossem suas orelhas pontiagudas e suas pupilas, que mais

pareciam um par de esmeraldas de tão brilhantes. Finalmente, havíamos encontrado o tal elfo.

Ele levantou-se e veio em nossa direção.

— Senhor Sehdlon, desculpe interromper, todavia estes dois cavalheiros desejam se juntar à reunião — anunciou o anfitrião.

— Não há do que se desculpar, senhor Anthony, estou muito feliz que os tenha trazido à minha presença — disse enquanto estendia a mão para nos cumprimentar. — Me chamo Sehdlon, viajei por semanas em busca de heróis entre os humanos, fico grato que finalmente os tenha encontrado. — Sua voz não era especialmente melodiosa como diziam as canções, apenas bastante suave.

— Bem, não somos exatamente heróis — corriji o exagero enquanto o cumprimentava —, mas se precisa de guerreiros, estamos ao seu dispor.

— Por favor, sentem-se, temos muito a discutir.



— Espero que não tenhamos chegado em má hora. — Eu me desculpei, enquanto sentava em uma das poltronas.

— De forma alguma, não faz nem dez minutos que nos reunimos, mal começamos as apresentações. Espero estarmos viajando juntos em breve, então peço que falem quem são e como me encontraram.

— Meu nome é Alberich Martelo de Bronze, sou um paladino — começou o anão —, você enviou uma carta para a Ordem. Me destacaram para atendê-lo no que for preciso e reportar minha missão no final.

— Sou Marcus, o campeão da família Magnus — o grandalhão ergueu a mão. — Anthony é meu tio, ele me comunicou da presença de Sehdlon e eu vim assim que pude.

— Sou Gladius, venho da República Azul, mais especificamente de Allandria. Eu e Draco treinamos juntos desde crianças, com o nosso mestre. Agora procuramos colocar em prática seus ensinamentos. Rodávamos pelas cidades próximas em busca de alguma coisa, quando ouvimos os boatos do elfo nas redondezas e viemos pra cá.

— Acredito que Gladius já tenha dito tudo o que importa — concluí.

— Meu nome é Zhi Wu, venho de muito longe, estou viajando por motivos pessoais e soube da sua presença por acaso. — A voz confirmou se tratar de uma mulher por trás do capuz. Voz com um sotaque que eu nunca ouvira até então. De perto, seus olhos eram bem chamativos: pareciam mais estreitos do que o comum e

não possuíam pupilas, apenas uma cor fosca como névoa, de tonalidade levemente cinzenta. A moça era tão exótica quanto o elfo.

— E por que você se cobre da cabeça aos pés? — Gladius perguntou.

— Isso não é da sua conta. — Ela cortou com rispidez.

Minha vontade era de bater no meu amigo. Felizmente, Sehdlon retomou o assunto principal antes que eu o fizesse.

— Então muito obrigado pelos esclarecimentos de todos vocês. Imagino que não tenham visto muitos elfos ao longo de suas vidas, pois, como devem saber, meu povo se fechou para o mundo desde o triste episódio da Aniquilação. Mas isso não vem ao caso, o que venho tratar aqui vai além do alcance de nossas fronteiras.

O elfo falava um pouco baixo, parecia ser bem frágil — tanto em força física, quanto em coragem — e tinha dificuldade em se expressar no idioma do comércio, gesticulando exageradamente. Ainda assim, ele demonstrava alguma determinação em sua voz, alguma firmeza sutil.

— Na verdade, a minha tribo não fica muito longe daqui, apenas dois meses de viagem a pé — ele prosseguiu. — Como eu nunca respeitei os limites do nosso território como os meus líderes exigem, sempre andei além e conheci os outros pontos da floresta. Recentemente, comecei a ver uma movimentação estranha nos arredores, uma movimentação de goblins. Alguns bandos isolados são comuns na região, mas eu me alarmei quando eles começaram a movimentar-se quase todos os dias e percebi que estavam indo para um lugar comum. Investiguei e descobri algo perturbador: os goblins estavam se reunindo! Digo, dezenas deles! Estavam dividindo o mesmo território, e não parecia ser uma aldeia ou tribo, parecia um... um...

— Um batalhão — Alberich, o anão, completou com a expressão muito séria.

— Isso!

— Nunca ouvi falar de um batalhão de goblins. O máximo que eles conseguem fazer é saquear uma aldeia. Como é possível que estejam se organizando de tal forma? — questionei.

— São apenas goblins, não vejo nada de alarmante. Só precisamos ir até eles e fatiá-los — Marcus se manifestou, demonstrando grande autoconfiança.

— De fato, goblins são fracos, mas eles estão agindo fora do comum e isso realmente é esquisito — Alberich ponderou. — Goblins não sabem formar qualquer tipo de civilização, por menor que seja, nem uma tribo, e não é por falta de inteligência, e sim de temperamento e incapacidade de conviverem uns com os outros. Só sabem viver em bandos porque contam com quantidade para atacar. Eles sempre acabam brigando entre si e matando uns aos outros quando não estão matando outra coisa. Se eles não se reproduzissem e amadurecessem tão rápido, já

estariam extintos, são realmente como pragas. Se estão se organizando, tem algo de errado acontecendo. A única vez que eu soube de goblins se organizarem, foi quando um deles declarou ser o Rei Goblin, e seu exército quase conquistou uma cidade inteira.

— Sim, e tem mais — Sehdlon ergueu um dedo —, meu povo não acreditou em minhas palavras quando eu reporte a reunião dos goblins. Recusou-se a ir além das fronteiras. Corri para avisar uma tribo vizinha e cheguei tarde demais, as cabanas estavam em fogo e os corpos espalhados, não houve sobreviventes. Eles já estão agindo! Eu sabia que meus líderes não tomariam nenhuma atitude enquanto não fôssemos nós as vítimas, então decidi quebrar todas as regras e procurar a ajuda dos humanos. Senhor Anthony me deu abrigo nas últimas semanas e se prontificou a recrutá-los, agora podemos fazer frente aos goblins.

— Você nos guiará até o acampamento, certo? — perguntei.

— Não só guiarei, como lutarei junto! Nós seis podemos desbancar esse batalhão de goblins e evitar que o pior aconteça! — Sehdlon parecia animado com a nossa presença. De fato, tínhamos um bom número, para um grupo de aventureiros. — Estamos todos de acordo com a missão?

O grupo se entreolhou e confirmou com a cabeça.

— Excelente! Senhor Anthony nos cedeu alguns cômodos e refeições por uma modesta quantia de moedas e não seria vantajoso partir antes de um descanso. Todos nós estivemos na estrada por dias, não foi? Partiremos amanhã de manhã, então.



— Está fazendo turno de vigia?

Era quase madrugada e eu estava do lado de fora do casarão, quando Gladius me abordou.

— O quê? Não, não. Só estou... pensando.

— Você pensa demais, Draco.

— Sério, só pensando mesmo. Sabe que a lua me faz bem.

— Pensando em quê?

— Em nada importante.

— Você não sabe mentir.

— É que esta vai ser a primeira coisa útil que faremos na vida. Já lutamos antes, já derramamos sangue, mas foi tudo por nós mesmos, sabe? Dessa vez,

vamos fazer algo relevante, algo importante pra outras pessoas.

— Foi tudo por nós? Você se esqueceu que impediu que um criminoso roubasse o prêmio daquele torneio?

— Entramos no torneio pra testar nossas habilidades. Aquilo foi coincidência.

— Deixou de ser, quando o antigo campeão banido, invadiu a arena com um bando de criminosos e tentou roubar o prêmio.

— E daí? Foi por acaso. Acaso não faz heróis.

— E você quer ser um herói?

— Não, só quero fazer algo útil. E você, quer?

— Quero!

— Não, não quer. Você quer é aparecer, eu te conheço.

— É preciso aparecer pra ser herói.

— Só aparecer faz de você um exibido.

— Se o povo me chamar de herói, então serei um.

— Um elfo te chamou de herói hoje, vejo que já está quase atingindo o seu objetivo.

— É, só falta encontrar alguém que acredite em elfos.

Rimos um pouco, até o meu amigo encerrar o humor.

— De qualquer forma, não era nisso que estava pensando.

— Não enche, Gladius! Mudando de assunto, você não achou a história do elfo meio esquisita? Além de todo aquele papo de goblins se reunindo, como que ele enviou uma carta pra Ordem dos Paladinos? Tipo, ele não deveria nem saber que isso existe.

— Fui eu quem enviei a carta, obviamente. — Anthony, o anfitrião, surgiu.

Ficamos espantados e embaraçados. Por quanto tempo ele estava nos ouvindo?

— Eu faço comércio com os elfos, então alguns já aprenderam o nosso idioma. A propósito, ervas e raízes élficas fazem os melhores chás.

— Você fala élfico desde quando? — Gladius indagou.

— Aprendi nos meus tempos de aventureiro. — Ele deu de ombros. — Não está ficando demasiado frio aqui fora, senhores? — Anthony demonstrou novamente sua habilidade de desviar de assuntos que não lhe convinham.

— Só jogando um pouco de conversa fora, já vamos entrar. — Desconversei.

— As camas não estão suficientemente confortáveis?

— Pra ser sincero, nem experimentei ainda. Aposto que estão sim.

Ele olhou para o meu amigo.

— Allandria, não é, Gladius?

— Sim. Você ouviu o que foi dito na reunião, não foi?

— Não ouvi absolutamente nada. Cabelos loiros e cacheados, olhos castanhos claros, postura meio jovial, meio aristocrata. Não é difícil notar que você é de uma família nobre da República Azul. Essas bruneas que vocês dois vestem não são baratas.

— Não estou contando com a ajuda da minha família na minha jornada.

— Isto é perceptível, sua região é famosa pelas armaduras de batalha. Eu conheço muito bem o mundo onde vivo.

— E mora no meio do nada... — Gladius aproveitou para ser ácido.

— O mundo onde vivo cansa. Muita fome, muita guerra, muita dor. Já tive fôlego para corrigir isso tudo. Hoje, só faço minha parte.

— Morando no meio do nada? — meu amigo insistiu na provocação.

— Transformando o meio do nada em algo, senhor — ele respondeu, afiado. — Sou o responsável por todo o comércio desta aldeia com o restante de Solar. O pouco que sobra de cada família, eu envio para os vilarejos próximos, recebo o pequeno lucro e reinvesto na aldeia. Se não fosse por mim, metade das famílias passaria fome todo o inverno. A maioria nem sequer conhece o comércio, e eu administro tudo. Como podem ver, esse pequeno fragmento de civilização é confortável e a modéstia não me impede de dizer que boa parte deste conforto é graças a mim. Não posso mudar o mundo, contudo posso dar conforto a uma centena ou outra de pessoas.

— O que você faz não é diferente do que qualquer nobre deveria fazer — Gladius rebateu com um pouco de seriedade dessa vez.

— Disse bem, deveria. A maioria não faz, e você sabe disso.

— E o seu sobrinho Marcus? Tem os mesmos ideais que você? — perguntei.

— Vocês viajarão com ele, terão tempo de conhecê-lo — Anthony respondeu, mas desviou do assunto de novo. — Contudo, Gladius, você carrega um belo escudo, não?

De fato, o escudo de Gladius era uma peça bem notável. Largo e circular, de um metal amarelado, e com um pequeno relevo do sol e da lua incrustado no centro.

— Ah, isso daqui? — ele disse, apontando para sua proteção. — Não é nada. Um escudo como qualquer outro.

— Entendo... — Anthony não fazia rodeios com sua curiosidade. — E você, Draco? Perguntou sobre ideais, eu poderia fazer a mesma pergunta sobre você, ainda assim tem algo que me parece mais indefinido do que o seu caráter.

— Como assim?

— Você parece uma boa pessoa — ele prosseguiu. — Na verdade, parece transbordar boa índole. Entretanto eu olho pra você e não vejo etnia nenhuma. Não vejo regionalidade. Nem sotaque. Cabelos, olhos castanhos e rosto comum demais. De onde você vem?

— Também venho de Allandria.

— Porém você não é nativo de lá.

— Provavelmente não.

— Provavelmente? — ele questionou arqueando a sobancelha.

— Não sei de onde vim. Considero meu mestre como meu pai e o templo onde fui treinado como casa, apenas isso.

— E não tem curiosidade em saber sua real origem?

— Eu sei a minha real origem, é o templo do meu mestre.

— Intrigante.

— Por quê?

— Como assim, "por quê"? Quantas pessoas que não sabem nada sobre a própria origem você já conheceu na vida? Eu já conheci algumas e elas geralmente não gostam quando descobrem a verdade. Você simplesmente assume como verdade aquilo que viveu.

— Isso não é natural?

— Não, não é! Eu tenho mais curiosidade sobre a sua origem do que você.

— A minha origem é...

— O templo do seu mestre onde você foi criado e treinado, eu já entendi.

— Ele me olhou dos pés à cabeça. — Só mais uma dúvida, por que carrega a bainha da sua espada do lado errado?

— Não está do lado errado, eu sou canhoto.

Paramos de falar subitamente e ele permaneceu me observando, como se eu fosse uma incógnita.

— Já que estamos aqui fazendo perguntas, contem-me: como souberam do elfo?

— A gente estava só viajando e procurando trabalho, até que ouvimos falar de um barão que havia hospedado um elfo. Você sabe, como mercenários fazem — Gladius ironizou.

— Então o acaso os trouxe aqui?

— Tipo isso. A gente até fez uns bicos no caminho, escoltamos um comerciante entre uma cidade e outra, demos uma surra nuns bandidos de estrada, caçamos um ogro que estava atacando uma vila, só coisas simples. A gente estava até pensando em voltar pra capital, mas essa história de elfo nos chamou a atenção e posso dizer que não me arrependo de ter vindo pra esse fim de mundo. Pelo menos, não até agora.

— Compreendo. Enfim, senhores, para mim já está frio o suficiente. Um criado está pronto pra trancar a porta assim que vocês entrarem, fiquem à vontade — ele concluiu e retirou-se.

Eu e Gladius ficamos só olhando, aguardando que ele entrasse.

— Gladius, na sua opinião, eu sou esquisito?

— Um pouco menos do que esse cara. Só um pouco.

— Você é um idiota.

— E você é uma mocinha. Agora vamos, está realmente frio aqui.

— Antes que eu me esqueça: as minhas duas moedas de ouro.

— Ah, sim. Estão na minha mochila, eu te entrego no quarto.



Eu e Gladius fomos os últimos a levantar. Um café da manhã generoso foi servido na sala de estar e nós desjejuamos sem pressa. O dia parecia agradável e o silêncio era confortável. Quando saímos do casarão, encontramos todos os nossos companheiros de viagem prontos e Anthony nos esperando. Só então me dei conta de que estávamos atrasados.

— Desculpem pela demora, nem percebemos que era tarde.

Ninguém se manifestou, apenas algumas expressões de reprovação ou indiferença estampadas.

— Agora que estão todos aqui, desejo-lhes uma boa viagem! — Anthony se despediu, cheio de cortesia. — Sucesso em sua missão! — Seu bigode realçava seu sorriso enquanto ele acenava.



Partimos para o oeste, em direção à floresta. Apesar de conhecermos bem Solar e os arredores, estávamos nos limites da civilização, indo para além do conhecido. Toda fronteira de um reino é uma região inóspita, pouco civilizada e selvagem, perfeita para bandoleiros, vândalos e monstros. Se um povoado para de se expandir, é porque algo o forçou a parar. Quem vive pelas metrópoles, não faz a menor ideia de como é a vida nas fronteiras. Eu e Gladius, até então, nos limitávamos a viajar entre as terras humanas. Em outras palavras, não tínhamos a

menor noção do que poderíamos encontrar naquela floresta — ouvíamos apenas boatos a respeito de uma imensa região mágica além dos nossos reinos. Só sabíamos que, uma hora, encontraríamos goblins. Dezenas deles.

Após duas semanas de viagem tranquila, avistamos a floresta ao longe. A primavera era ensolarada naquela região e os dias mais quentes e úmidos do que estávamos habituados, obrigando aqueles que usavam armadura de metal a vestirem apenas as proteções de couro.

Com o tempo, Marcus comprovou seu excesso de autoconfiança, repetia quase todos os dias que era o campeão de sua família, o quanto estava ansioso para dizimar os goblins e entediado da viagem. Até que ele e Gladius tinham suas semelhanças, a diferença era que meu amigo também tinha senso de humor e carisma, o que o tornava fácil de se gostar, enquanto Marcus parecia querer forçar as impressões e acabava se fazendo de falastrão. Alberich se mostrou centrado e quieto, pediu a Sehdlon mais informações sobre os goblins e seu acampamento diversas vezes, e falava constantemente em bolar alguma "estratégia ofensiva". Além disso, rezava todas as manhãs, por uma hora, e mantinha o seu pingente de cruz polido, sempre. Desde o primeiro dia de viagem ficou nítido que aquele caprino que estava no jardim do Anthony — um íbex, como Alberich explicou — era companheiro do paladino, seu nome era Barão. O anão não montou nele em momento algum e nem o usou como animal de carga — parecia haver algum tipo de respeito e carinho mútuo entre eles. Zhi Wu era reclusa e nos estudava o tempo todo, sem exageros, observava cada um e apresentava uma expressão reflexiva em seus olhos opacos. De todos, era quem menos falava. Sehdlon lembrava uma criança, frequentemente tinha dúvidas sobre o vocabulário, contudo parecia aprender rápido, e sua fala melhorava a cada dia. Ele perguntava tudo sobre os humanos, sobre as cidades, os hábitos, a alimentação, as vestimentas, os folclores, as músicas. Uma vez, Marcus se dispôs a demonstrar uma canção dos humanos, foi bem desagradável.

Ao final do vigésimo dia de caminhada, percebemos que a floresta era muito maior do que parecia. Nossos olhos não viam o final dela no horizonte, apenas uma massa verde interminável — era capaz de realmente haver criaturas mágicas e desconhecidas.

Até então, os únicos animais que havíamos visto foram cavalos, cervos e bois, nada que nos trouxesse ameaça, já que evitávamos nos aproximar dos seus territórios. Já era quase final da tarde, então decidimos montar acampamento e só adentrar a floresta no dia seguinte.

— Sabe, Sehdlon? — Gladius puxou assunto repentinamente, enquanto erguia a barraca. — Você perguntou bastante sobre nós, humanos, nesse último mês. E os elfos? Fale um pouco sobre seu povo.

Um ar de receio pairou sobre nós. Era de se imaginar que Sehdlon preferisse não falar sobre seu povo. O elfo refletiu um pouco sobre a pergunta e, enfim, respondeu:

— Sabemos pouco sobre nós mesmos, pra falar a verdade. Não nos isolamos por opção, e sim por necessidade. Sofremos muito com a Aniquilação. Todos adoecemos. Tudo adoeceu. Tivemos que cortar relações com o resto do mundo pra cuidar de nós mesmos. Só agora que começamos a nos reerguer. Faz pouco tempo que as cidades voltaram a se comunicar entre si.

— Então nem os reinos élficos mantêm relações?

— Reinos élficos? Isso já não existe. Vivemos isolados de nós mesmos. Mas não se entristeçam, depois de séculos, estamos bem. Vocês, humanos, provavelmente nos reconheceriam como um único reino, apesar de não nos considerarmos isso.

— Então a crise está sendo superada?

— Sim. Muitos acreditaram que não conseguiríamos, e ainda assim prosperamos! Vivemos bem, apesar de ainda não termos voltado a toda glória que tínhamos. Já nos sentimos à vontade para sorrir e festejar. Espero que um dia eu possa levá-los a minha casa, seria um enorme prazer!

Gladius sorriu deixando Sehdlon empolgado.

— Com certeza seria um prazer. Já que não pode falar de todos os elfos, fale do seu povo.

Mais um instante de reflexão, seguido por um brilho nos olhos. Ele estava gostando da curiosidade do meu amigo.

— Quando enfrentamos a crise, os anciãos decidiram que só a natureza podia nos salvar. Eles disseram que apenas se realçassemos nossos elos com as forças da natureza, sobreviveríamos. Então deixamos de lado política e magia e passamos a dedicar-nos ao culto à natureza. Voltamos à nossa origem. Hoje, somos um povo xamânico.

Era curioso estarmos numa situação menos formal, de certa forma mais íntima. Alberich parecia enorme quando vestia a armadura — mesmo não tendo nem um metro e meio de altura —, mas sem ela, sentado ao nosso lado, ele não era muito musculoso, apesar de bem constituído. Marcus sim, era um brutamontes grande, parrudo, grosseiro em tudo que fazia, até na hora de mastigar de boca aberta. Em contrapartida, Zhi Wu parecia frágil de tão pequena, ela era apenas um pouco mais alta do que o paladino e muito magra. Sehdlon, por sua vez, era uma pessoa radiante, não só pelos seus olhos chamativos e sotaque puxado ao falar o idioma do comércio, o rapaz realmente cativava em suas sutis demonstrações de curiosidade.

E agora, todos ouvíamos os relatos do xamã — e Gladius era o mais interessado. Por muito tempo, tudo que sabíamos sobre elfos eram boatos e fábulas. Agora, estávamos ouvindo fatos de um elfo em pessoa. Agora, sabíamos algumas poucas verdades.

— Não temos um governante. Um círculo xamânico de grande poder e sabedoria é quem toma as decisões pelo povo. Os seis altos xamãs são como o que vocês chamariam de "conselho". Cada alto xamã é responsável por uma tribo e pela comunicação com os outros povos élficos.

Sehdlon dissertou por um longo tempo. Terminamos de armar o acampamento e ele ainda falava. Sentamos em círculo, acendemos uma fogueira e jantamos, ainda ouvindo suas histórias. Ele nos contou que os elfos não vivem como antigamente há séculos, sua longevidade diminuiu drasticamente. Em eras passadas, um elfo era considerado adulto aos cem anos de idade. Sehdlon possuía quarenta e já era um homem formado. Sua visão e audição também não eram tão sensíveis quanto as dos seus antepassados, apesar de ainda irem além das nossas. Existia uma aptidão para a magia, que cada elfo explorava de uma maneira diferente. Sehdlon focava sua aptidão através dos conhecimentos xamânicos. Essa ligação com a magia vinha das fadas, uma prova de que existe um parentesco entre os elfos e os demais povos feéricos. Elfos não são fadas, eles são mortais como os humanos e os anões, apenas possuem um parentesco com as criaturas miúdas com asas de borboleta. Nem todos eles sabem manusear espadas e arcos, como algumas lendas contam, apesar dessas armas serem tradicionais para alguns povos.

Aos poucos, o sono foi pairando por todos nós. Acredito que conversaríamos mais, caso não tivéssemos que explorar uma floresta desconhecida por todos os humanos, na manhã seguinte. De certa forma, o que o meu amigo fez foi muito bom. Estávamos há quase um mês viajando e ainda éramos desconhecidos. Com essa conversa, o grupo interagiu um pouco mais. Algo pequeno, mas ainda assim relevante. Estávamos prestes a enfrentar um enorme bando de goblins e precisaríamos uns dos outros na batalha.

E é sempre preferível conhecer aqueles que lutam do seu lado.



Depois de todos os preparativos, adentramos a floresta. Estávamos no limite do continente, na fronteira de uma região desconhecida. Sehdlon explicou que se tratava da Floresta Feérica, Alberich e Zhi Wu pareceram conhecer uma lenda ou outra. Ninguém sabia o tamanho nem o conteúdo daquele território, tão

longe de qualquer centro urbano, e as informações vindas dos eventuais exploradores não tinham credibilidade. Diziam que a floresta era um pedaço do mundo das fadas no nosso mundo, que havia portais para outras dimensões nas árvores, que quem entrasse mudaria de sexo e um monte de outros absurdos. Para o elfo, a floresta era algo tão comum quanto os bosques para os humanos e ele não sabia definir o quão diferentes eram os habitantes daquele lugar em relação aos animais do continente. A princípio, árvores espaçadas e sons de aves predominavam. Contrastando com o verde natural de qualquer floresta, muita vegetação amarela se espalhava na paisagem. A luz do sol ainda tocava a maior parte do cenário e não encontramos nenhuma ameaça.

Enquanto a tarde passava, a mata foi se fechando, a luz do sol passou a limitar-se a pequenos feixes como uma janela com a cortina fechada, e a nossa caminhada passou a ser mais dificultosa. Algumas vezes, Sehdlon foi questionado se sabia para onde estava nos levando e confirmava sem se ofender, como quem apenas faz o seu trabalho com convicção. Em um momento, ele estancou.

— Algo está errado — Sehdlon ponderou.

— O que houve? — Alarimei-me.

Ele acelerou os passos, empurrou alguns arbustos e chegou até um descampado. Parecia que a pior tribo de bárbaros do mundo havia passado por ali: restos de comida, dejetos e todos os tipos de lixo, estavam espalhados.

— Aqui era o acampamento — Sehdlon informou.

— Eles debandaram? — questionou Marcus.

— Não, eles marcharam — Alberich acertou.

— Posso ver os rastros, vamos nos apressar! — Sehdlon se adiantou.

Atravessamos o descampado e voltamos para a mata fechada. Em alguns pontos, eu percebia pequenas pegadas, mas jamais conseguiria seguir os rastros sozinho — eu não teria chegado a lugar nenhum naquela floresta, na verdade. Sehdlon, por sua vez, parecia ver nitidamente para onde estava indo. Dentro de pouco tempo, ele estancou de novo.

— Estamos perto.

— Como sabe? — Marcus questionou.

— Posso ouvi-los.

Concentrei-me nos sons ao nosso redor, sem perceber nada. Apenas escutei piados de aves e o vento batendo em galhos.

— Pra mim, estamos no mesmo lugar do que uma hora atrás. — Gladius também se sentia perdido.

— Posso ouvir também — Zhi Wu se pronunciou. Era incomum ela falar qualquer coisa, o que fazia com que prestássemos bastante atenção nessas ocasiões.

— Vocês dois nos guiarão, então. — Decidi.

— Precisamos de uma estratégia.

Já estávamos nos preparando para continuar a caminhada, quando Alberich, o anão, nos interrompeu.

— Não precisamos disso — Marcus demonstrou seu vasto conhecimento de táticas.

— Sehdlon, sabe como que o acampamento era organizado? — perguntei ao elfo.

— Quando o vi pela última vez tinha uma barraca maior, provavelmente de um líder, e o resto ficava espalhado ao redor, sem organização.

— Como eu disse, só precisamos atacar — Marcus insistiu.

— Pelo que sabemos, goblins são desorganizados, usaremos isso contra eles — eu comecei. — Avançaremos rápido a partir de agora e atacaremos assim que os avistarmos. Se conseguirmos surpreendê-los, poderemos eliminar metade deles de forma rápida, enquanto o restante se arma. Depois que derrotarmos os surpreendidos, poderemos enfrentar os outros sem dificuldades. Todos concordam?

O grupo pareceu satisfeito com o meu plano. Alberich foi quem mais refletiu, provavelmente pensando em todas as possibilidades, mas não fez nenhuma objeção.

— Ótimo, então vamos!

Andamos por mais alguns minutos e os sons do acampamento se tornaram nítidos. Gritos, rosnados, coisas se quebrando e brigas, goblins eram realmente barulhentos. Faltando cerca de dez metros para a mata fechada acabar, avistamos uma clareira e, nela, o acampamento. Não havia guardas nem sentinelas, apenas goblins por todos os lados. Nós não estávamos sendo discretos e, mesmo assim, não nos perceberam. Eles tinham metade do nosso tamanho, pele amarelada e rugosa, nariz em formato de focinho primata, dentes tortos como cacos de vidro, cabelos negros e desgrenhados e olhos miúdos, fundos e vermelhos. Pelo que pudemos ver, eles dormiam, cozinhavam, se alimentavam, brigavam, defecavam, copulavam, tudo no mesmo ambiente, sem nenhum tipo de divisão.

— Aqui era uma tribo élfica — Sehdlon informou, indignado.

Avistamos várias ossadas espalhadas pelos cantos parecendo ser os restos de alguma refeição — havia um crânio humanoide entre os ossos, indicando que algumas pessoas foram o banquete. Não havia tempo para luto e nenhum de nós estava interessado em estudar aquela espécie — nem tínhamos estômago para isso —, então sacamos nossas armas e nos preparamos.

— Na minha contagem — sussurrei. — Um... dois... três!

E avançamos.

Saltamos por entre as árvores e atacamos. Saquei Labareda, minha espada de lâmina rubra, e estoquei contra os inimigos. Acertei o abdômen de um goblin,

que roía uma pelve e atravessasse as costas de um segundo, que estava alheio a tudo. A reação deles não foi de susto nem de medo, e sim de fúria. Mesmo desprevenidos, mostraram os dentes amarelados e pontudos e começaram a catar o que estava na frente para usar como arma. Impedi que um goblin recolhesse uma pequena espada enferrujada do chão, abrindo seu rosto ao meio com um golpe na horizontal e afundei minha lâmina no tórax de outro que veio em minha direção esbravejando e erguendo um fêmur. Pude ver Gladius bloqueando uma pequena lança com seu escudo dourado e revidando com o mesmo movimento, desacordando seu oponente. Alberich, Sehdlon e Zhi Wu haviam terminado de derrotar alguns goblins também. Até mesmo Barão combatia com ferocidade, usando seus chifres como armas dignas de respeito e temor. Marcus, por sua vez, parecia festejar balançando sua espada de duas mãos de um lado para o outro, espalhando membros decepados e corpos pelo caminho. Assim que ele partiu ao meio o último goblin por perto, correu para alcançar mais.

— Espere! Vamos reagrupar! — chamei, mas fui ignorado.

O acampamento era maior do que Sehdlon descrevera, provavelmente aumentou bastante desde sua última patrulha. O local era subdividido em acampamentos menores e independentes, que respeitavam a autoridade de um maior. Existiam três bandeiras, provavelmente uma para cada bando que se formara ali. Havíamos acabado de extinguir o bando que portava uma mão vermelha numa bandeira negra — aparentemente tingida com sangue. O outro acampamento tinha um símbolo mais elaborado: uma serpente mordendo um crânio.

Marcus investiu e matou dois goblins num único ataque, porém foi atacado por outros cinco. Ele conseguiu desviar do primeiro, partiu o mangual de um segundo com sua lâmina, e então foi atingido por uma lança na coxa, uma espada no ombro e uma adaga na costela.

— Esse é o prêmio pelo torneio de Arena, o Reino dos Guerreiros. Você nunca disse que era um campeão. — Alberich reparou na minha arma rubra.

— Agora não temos tempo. Vamos, antes que o Marcus se mate.

Se fossem outras criaturas, os goblins estariam armados e organizados, o que poderia ser nosso fim. Como eles estavam apenas armados, nosso único problema era a quantidade.

Avançamos e atacamos. Assim que eu pude, estoquei e atravesssei o rosto de um, retirei minha espada e golpeei um segundo, que vinha em minha direção. Enquanto eu retirava Labareda do estômago do inimigo morto, um martelo interceptou um terceiro goblin que estava prestes a atacar-me, afundando o peito dele e arremessando-o no chão.

— Fico te devendo uma — agradei ao Alberich.

Ataquei mais um goblin, que conseguiu desviar e avançar no meu braço, me mordendo violentamente. Gritei de dor enquanto seus dentes deformados rasgavam minha carne. Acertei seu cenho com o meu escudo, o suficiente para ele me soltar e cair mole para trás. Sem mais inimigos próximos, olhei ao meu redor. Gladius não apresentava nenhuma ferida. Zhi Wu era silenciosa até lutando, eu só tinha certeza de que ela havia participado da batalha por sua roupa suada e um pequeno corte na sua calça, na altura da coxa. Alberich tinha um corte em seu ombro e Marcus tinha cortes e buracos pelo corpo inteiro — ele não aguentaria muito mais tempo lutando. Sehdlon se aproximou dele, tocou os pontos feridos e pareceu entoar uma oração. Uma pequena aura esverdeada surgiu nas mãos do elfo e os cortes diminuíram até se fecharem. Ele repetiu o gesto e curou mais dois ferimentos do grandalhão, que sorria satisfeito.

— Podia ter avisado dessa bruxaria antes. — Foi o mais próximo de um agradecimento, que Marcus podia chegar.

— Não é bruxaria, apenas um dom xamânico — Sehdlon respondeu polidamente.

— Senhores, nos preocupamos com isso depois — falei e aponte para o terceiro acampamento.

A flâmula vermelha sacudia ao vento com o símbolo de uma manopla negra com os dedos fechados. Vista de perto, a cabana parecia bem feita demais para um goblin, toda de madeira e com o mesmo símbolo em bandeiras menores por fora. Mesmo com tudo isso, o que mais me impressionou foram os goblins à frente da construção: três fileiras com dez goblins cada, todos vestindo um peitoral de aço, um elmo e portando um pequeno escudo e uma espada curta. Eles estavam em formação militar. Eram soldados. Atrás deles, vimos o seu líder: um robgoblin.

Diferente dos goblins, o líder tinha a altura de um homem bem constituído e o corpo maciço — provavelmente nas mesmas proporções de Marcus. Pelos cobriam completamente todos os membros e o rosto era bestial: nariz achatado, olhos fundos e orelhas deformadas. Robgoblins têm fama de serem tão cruéis quanto seus pequenos primos, mas com inteligência e organização — goblins mal conseguem formar tribos, robgoblins possuem reinos. O líder do acampamento vestia uma cota de malha por baixo de um peitoral de ferro com o mesmo símbolo da flâmula pintado, além de ombreiras, manoplas e botas metálicas. Na mão direita, uma espada bastarda, o mesmo tipo que eu e Gladius usávamos — arma que só pode ser manuseada com uma mão e com treinamento especial, o que aparentemente ele tinha —, na mão esquerda, um escudo largo. Era evidente que ele era um estrategista: em vez de mergulhar no combate assim que foi atacado, organizou e preparou sua própria tropa. O maldito era esperto.

— Os últimos que nos desafiaram, viraram nosso banquete! Eram fracos! Vocês são fortes! Serão sacrifício! Em nome de Uraxtor, eu, Gharond, vou esmagá-los! — e os goblins marcharam.

Enquanto erguíamos nossas armas, Sehdlon fechou os olhos, ergueu as mãos, gesticulou e conjurou outra magia. Sentimos um leve tremor sob nossos pés, e então raízes surgiram do solo, se entrelaçaram nas pernas dos goblins e cobriram a pequena tropa até à cintura, imobilizando-a. Rapidamente, a postura marcial fraquejou e eles mostraram-se raivosos e desesperados. Apenas quatro da linha de frente e três das linhas de trás conseguiram se esquivar das amarras e evitar o truque do xamã.

— Manter posição! — o robgoblin ordenou.

Alguns obedeceram, porém dois não resistiram e atacaram. Fiz um corte na costela de um enquanto Gladius decapitou o outro, e investimos contra os demais. Os que se mantiveram na linha de frente não representaram ameaça e caíram com golpes meus, do Gladius, do Alberich e do Barão. Marcus, sempre estúpido, se meteu entre as raízes e enfrentou os goblins onde o solo era mais traiçoeiro, tendo os mesmos problemas para se movimentar que eles. Enquanto o brutamontes se ocupava com as fileiras de trás, eu derrubei um goblin com um golpe vertical e decepei o braço de outro, deixando que ele morresse sozinho. De repente, enquanto vencíamos, todas as raízes queimaram de forma abrupta, nos obrigando a recuar. Todos os goblins que ainda estavam presos berraram em agonia e caíram carbonizados. Eu e Gladius tivemos que sacudir os braços para que o fogo não pegasse em nossas armaduras. Marcus pulou para fora das raízes e se jogou no chão rolando para extinguir as chamas em seu corpo. Do outro lado do campo de batalha, o robgoblin terminava de conjurar sua magia profana.

— Os fracos não são dignos de servir Uraxtor! Aqueles que queimam serão torturados em seu reino até serem fortes para servir suas tropas! Os que viverem farão parte do meu exército e marcharão sob a bandeira da Mão Vermelha do Destino!

Alberich e Barão urraram ferozmente e avançaram contra o clérigo maldito. O martelo do paladino pulsou em luz milagrosa, demonstrando que sua fé ia além das suas convicções. Entretanto Gharond ergueu um braço antes que o paladino e o íbex o alcançassem, fazendo com que um círculo vermelho surgisse no chão entre eles. Primeiro, pensei que seria outro ataque de fogo, então um braço flácido e gosmento surgiu agarrando a grama e puxando um corpo disforme e borrachudo de dentro. Logo de seguida, mais duas outras criaturas horrendas se juntaram à primeira. O que surgiu pareciam bolos de carne derretida ambulantes com algo parecido com braços e pernas e cavidades que lembravam bocas e olhos. Aquelas criaturas não eram meramente monstros, eram algo pior. Algo que não pertencia ao

nosso mundo. As coisas olharam para Alberich e Barão e atacaram. Quando me preparei para correr e ajudá-los, o robgoblin surgiu pelas chamas à minha frente e atacou, me obrigando a bloquear com o escudo.

Ele girou a espada mais uma vez e eu me agachei, esquivando. Gladius atacou, ele ergueu o escudo e frustrou o golpe. Aproveitei e desferi um ataque horizontal, o robgoblin pulou para trás evitando minha lâmina. Além de magias profanas, ele lutava bem.

Sehdlon procurou um bom ângulo com seu arco e flecha em punhos, porém antes que chegasse a uma posição razoável, o robgoblin cuspiu palavras profanas e o corpo do elfo pareceu endurecer, mantendo-o imobilizado.

Eu e Gladius atacamos novamente, ao mesmo tempo dessa vez. Nosso inimigo girou o corpo e ergueu o escudo, fazendo meu golpe cortar o ar e o do meu amigo encontrar sua proteção. Rapidamente, voltou a ficar de frente e girou a espada contra nós. Esquivei por pouco, mas o braço direito de Gladius foi atingido, fazendo-o largar a espada. Olhei ao meu redor procurando ajuda: Marcus estava desmaiado no chão com um braço e parte de uma perna gravemente queimados e Alberich e Barão estavam ocupados com as coisas de carne.

Estoquei e fui interceptado pela espada inimiga, que empurrou a minha e abriu a minha guarda. Meu adversário aproveitou para desferir um corte na altura do meu tórax, que foi bloqueado pelo meu escudo. O ataque foi tão forte que me forçou a dar um passo para trás com o impacto. Preparei-me para atacar de novo, ele veio junto e cruzamos nossas espadas. Nossas lâminas forçavam uma a outra, formando uma cruz. Pude sentir seu hálito animalesco enquanto nos encarávamos. Meus músculos começaram a queimar de esforço enquanto a espada dele se mantinha firme contra a minha e eu percebi que não aguentaria por muito mais tempo. A lâmina inimiga começou a curvar a minha e eu comecei a perder a disputa. Antes que eu conseguisse pensar em qual seria meu movimento para me salvar daquela ameaça, Gladius retornou com sua lâmina em riste, obrigando-o a recuar. Tive tempo de descrever um arco horizontal, abrindo assim uma ferida no seu abdômen. Gladius estocou e perfurou impiedosamente seu ombro. Zhi Wu surgiu por trás do robgoblin e cravou sua espada curta nas suas costas, fazendo-o gritar de dor. Desconcentrado e ferido, o clérigo profano baixou a guarda e eu e Gladius estocamos em sincronia, perfurando seu tórax e trespassando seu peitoral de um lado ao outro. Ele grunhiu enquanto morria e amoleceu, despencando no chão.

Outro grito foi ouvido e pudemos ver a última criatura de carne se desfazendo em cinzas enquanto Alberich dava uma última martelada. Nitidamente exausto, o paladino tinha feridas pelo braço e no rosto. Ele olhou ao redor, deixou-

se cair de joelhos no chão, apoiando-se unicamente em seu amigo caprino e olhou para o céu.

— Pelos celestiais... nós vencemos...



— Até que foi moleza. — Gladius foi o primeiro a recuperar o humor.

— Obrigado! — agradei a Zhi Wu, mas ela não respondeu.

Sehdlon só tinha mais uma magia de cura e a usou para sarar as queimaduras de Marcus. Ele iria viver, apesar de não ter acordado instantaneamente. Quanto a nós, teríamos que esperar as feridas fecharem naturalmente.

— Nossa missão ainda não acabou — Alberich constatou, encarando a cabana do robgoblin. — Vocês devem ter notado o nome que ele invocou.

— Uraxtor, o Lorde da Tirania — respondi.

— O brasão desse acampamento não pertence a um bando, é o símbolo da Tirania. O clérigo estava reunindo bandos de goblins em nome de um Mal Primordial. Isso daqui poderia tomar proporções terríveis.

— A Manopla Negra, devíamos ter reparado. Até que está bem feita, pra goblins. O que ele quis dizer com Mão Vermelha do Destino?

— Isso já não importa! Vamos ver o que ele tinha lá dentro.

Zhi Wu e Sehdlon — e Barão — ficaram cuidando de Marcus desacordado, enquanto eu, Gladius e Alberich adentramos a cabana do clérigo. Uma construção simples, um único cômodo com uma cama feita de folhas amontoadas num canto, uma mesa, uma cadeira e duas tochas. Na mesa, papéis, penas e pequenos recipientes de tinta. Gladius acendeu uma das tochas e folheamos as anotações do robgoblin.

— Alguém aqui fala goblinoide? — perguntei e ambos responderam negativamente.

Sem poder estudar as anotações, tudo o que compreendemos foram alguns padrões de contagens e alguns desenhos de campos de guerra. Pelo visto, ele planejava expandir ainda mais suas tropas, recrutar outras raças e atacar alguns povoados. Tudo em nome de Uraxtor.

— A Ordem precisa ficar sabendo — Alberich comentou.

— O que é isso aqui? — Gladius, que facilmente se distraía, encontrou um baú debaixo da mesa.

— Deve ser algo profano ou sujo, se não os dois. Se eu fosse você, não mexeria nisso — alertei.

Gladius me ignorou, arrastou o baú no chão e ouvimos sons de moedas. Os olhos do meu amigo brilharam.

Ele se agachou e abriu a tampa. Moedas. Muitas moedas. De cobre, de prata e até de ouro. O desgraçado tinha uma fortuna com ele.

— Filho da... — Meu amigo perdeu as palavras.

— Já que o elfo não nos ofereceu recompensa, acredito que podemos dividir isso daqui — comentei.

— Vamos embora, este lugar me enoja! — Alberich encerrou.



Depois de uma hora, Marcus acordou. Muito havia se debatido, dividimos as moedas do robgoblin, decidimos que eu ficaria com seu escudo e Gladius com sua espada. Todos nós já havíamos tomado nossas decisões a partir dali. Ele ficou aliviado por termos vencido a batalha, apesar de ainda estar um pouco confuso.

— Que cheiro de churrasco é esse? — Foi sua primeira pergunta.

— Cremamos os corpos — respondi.

— Por quê?

— Planejava deixá-los espalhados pela grama apodrecendo? Eles são selvagens, nós não.

Marcus esfregou o rosto. Apesar de ter sido curado magicamente, não estava com todas as feridas sanadas. Se não fosse Sehdlon, ele teria morrido.

— Que seja! Missão cumprida, então. Qual é o próximo passo?

Joguei uma sacola de moedas do tamanho de um punho para ele.

— Aqui está a sua parte da recompensa. Achamos na cabana do robgoblin. Sehdlon vai retornar à aldeia dele, para onde não podemos ir, e irá reportar tudo o que aconteceu. Alberich vai até a sede da Ordem dos Paladinos fazer o mesmo. Eu, Gladius e Zhi Wu vamos com ele, a viagem é longa e podemos encontrar algum serviço no meio do caminho. Você pode vir conosco, se quiser.

— Vou com vocês.

— Então vamos rápido. Se caminarmos agora, saímos da floresta ao anoitecer e é mais seguro lá fora. Vai que alguma tribo goblin decide chegar hoje pra se juntar ao falecido clérigo.

Estendi o braço para Marcus para ajudá-lo a se erguer.

— É só seguir ao leste que encontrarão as terras de vocês — o elfo nos informou.

— Sehdlon, foi uma honra lutar ao seu lado. Que os humanos e elfos possam voltar a conviver num futuro breve! — Eu me despedi.

— Que suas palavras se concretizem, meu amigo. E que a sabedoria dos ancestrais guiem vocês.

Dito isso, ele me abraçou, repetiu o gesto com cada um dos outros e partiu. Sem dizer mais nenhuma palavra, tomamos o caminho de volta.



Acampamos ao anoitecer, perto da fronteira da Floresta Feérica e descansamos sem grandes preocupações. Eu fiquei no primeiro turno de guarda, pois queria olhar as estrelas e refletir. Um pouco antes de acordar Gladius para o turno dele, ouvi a sua voz:

— Achou que iríamos morrer?

Olhei surpreso. Ele se acomodou, sentando ao meu lado.

— Pra falar a verdade, não. Não tive tempo. Estava muito ocupado evitando que o robgoblin te matasse.

Ele riu.

— Somos heróis, Draco.

— Não, não somos. Evitamos um belo estrago, só isso. Heróis são aqueles que se sacrificam. Qualquer um pode derrotar um bando de goblins por oportunidade.

— Você se cobra demais.

— Gladius, eu vou vingar nosso mestre. Depois que completar meu objetivo, eu decido se quero ser um herói ou não.

— Era sobre isso que estava pensando naquela noite, não era? Eu devia ter imaginado. De qualquer forma, *nós* vamos vingar o nosso mestre e eu vou casar — Gladius falava essa última parte como um lamento, encarando seu escudo. — Então que eu possa participar disso antes de ter que engordar herdando a fortuna do meu pai. Só não faça disso o objetivo da sua vida, ou acabará vazio depois que alcançá-lo.

— Às vezes eu me pergunto se me importo com o depois.

Gladius respirou fundo, preocupado comigo. Ele sabia o que se passava na minha cabeça todos os dias. Sabia no que eu pensava antes de dormir. Sabia que

quando eu ficava em silêncio, era porque estava me imaginando vingando o nosso mestre. Ele sabia.

— Apenas vá dormir, meu amigo. — Ele encerrou botando a mão no meu ombro.

Eu obedeci e me deitei no saco de dormir, mas não peguei no sono rápido, pois minha cabeça ainda estava muito agitada.

Quando consegui adormecer, sonhei com vingança.

Entreato

— Quer dizer que você é um paladino, anão? — Marcus puxou assunto.

— Meu nome é Alberich. — O paladino nem se dignou a olhá-lo.

— Eu não esqueci seu nome, é apenas modo de falar.

— Aham, chamar aqueles que são da sua raça pelo nome e chamar todos os outros apenas pela raça é modo de falar, entendi.

— Tá bom, tá bom. Alberich, né? Quer dizer que você é um paladino, Alberich?

— Sim.

— Nunca tinha visto um anão paladino.

— Existem alguns nos reinos anões, não que eu me importe.

— Mas como existem paladinos, se os celestiais não existem mais?

— Pare pra pensar. Sem os celestiais, os paladinos se tornam ainda mais necessários.

— Mas como ainda existem as Virtudes, sem os celestiais? Digo, eles criaram as Virtudes e agora estão todos mortos.

— Olhe a sua espada. Se o armeiro que a forjou morrer, ela continua existindo. E você continua lutando. É a mesma lógica.

— É verdade que muita gente fica rica na Ordem dos Paladinos?

— Infelizmente sim.

— Infelizmente? Isso é ótimo!

— Considerando que você questionou como que existem paladinos e Virtudes sem os celestiais no começo dessa dolorosa conversa, não vou perder meu tempo explicando qual é o problema de pessoas se tornarem paladinos pra ficarem ricas, em vez de defenderem uma Virtude. Boa noite.

EU NÃO ACREDITO EM BRUXAS

GLADIUS

Aqueles que podem remediar, podem machucar. Aqueles que podem curar, podem matar.

— Então eu disse: “pagará pelos seus crimes, algoz!” e avancei contra o meu inimigo! — Marcus estava narrando suas aventuras mais uma vez. Draco dizia que ele “tagarelava e mentia”. Com certeza, exagerava em alguns detalhes, mas era muito divertido ouvi-lo. — Cruzamos nossas lâminas vezes e vezes tentando encontrar uma brecha na defesa um do outro! Os golpes dele eram bons, porém os meus eram mais rápidos e mais fortes! Aos poucos, ele começou a fraquejar! E, quando percebeu que logo pereceria, disse: “acabem com esta escória!”. Uma turba de covardes me cercou enquanto ele fugia! — O grandalhão dramatizava cada cena como se realmente fosse um herói destemido e bravo, era hilário.

Havíamos, enfim, chegado a um vilarejo, após dias na estrada. Uma grande placa anunciou “Bem-vindo ao Outeiro Silencioso”, apesar de só haver colinas nos arredores.

Casas de tijolos cinza e ruas sem nenhum pavimento. Ainda estávamos longe das metrópoles. Nossa única estadia no caminho havia sido a aldeia sem nome, na casa/estalagem do Barão Anthony Magnus e estávamos ansiosos por uma cama quente e qualquer comida que não fosse ração de viagem.

— Eram dezenas de homens! Eles vieram por todos os lados e eu tive que ser rápido! No momento certo, girei minha lâmina e arremessei uma leva de bandidos para longe! — As histórias realmente eram boas, só alguém sem senso de humor não ficaria entretido. — Um se aproximou, eu girei meu corpo e o empurrei com um chute para cima de outro. Três atacaram ao mesmo tempo e eu bloqueei com minha espada. Percebi que um se aproximava sorrateiramente por trás e não o permiti apunhalar-me, girei minha arma e tirei a vida dos quatro atacantes de uma só vez! Mais e mais vieram, eu cheguei a pensar que seria meu fim, quando... quando... o que é aquilo?

Eu estava distraído com a história e não prestei atenção em nada. Quando olhei, todos os outros já haviam visto. Na rua do vilarejo, à nossa frente, pessoas se agrupavam na entrada de um beco. Todos debatiam abertamente, cada um com

uma reação diferente. Uma mulher abraçava o marido e escondia o rosto em seu peito, em prantos. Um homem erguia um dedo, gesticulava e gritava. Outro parecia pedir que todos se afastassem e ficassem calmos.

Então percebi que o ar estava impregnado com um cheiro de sangue.

O homem que praticamente gritava apontou para nós.

— Vocês!

Eu quase respondi “não fomos nós”. Em vez disso, limitei-me apenas a levar um susto.

— Vocês! — ele repetiu. — Já vi homens como vocês antes! São aventureiros, não são?

Esperei a reação de algum colega.

— Somos — Draco se prontificou. Sua postura era séria e concentrada, como sempre.

— Deem uma olhada nisso, então! — Ele, com sua barba negra e farta, braços volumosos de quem trabalhou a vida toda pegando peso, e o rosto vermelho de raiva, parecia estar na liderança. Não era um nobre, nem oficial de milícia, e sim um vizinho resmungão que põe as coisas para funcionar na vizinhança.

Draco e eu fomos até ele. As pessoas abriram caminho e pudemos ver o estrago. No beco, o corpo não estava minimamente escondido. Era um homem de meia-idade. Cabelos e barbas com fios negros e grisalhos misturados. Calça e botas de couro, cinto com fivela de cobre e camisa de algodão. Parecia ser um homem simples. Só faltavam metade do pescoço e da mandíbula.

Meu estômago embrulhou.

Não consegui olhar por muito tempo. Seria péssimo se eu despejasse meu almoço no cadáver. Draco não tirou os olhos em momento algum. Tentei seguir o exemplo do meu amigo, olhei para o corpo, mas não durou nem dez segundos. Dei espaço para meus colegas se aproximarem e verem também, e voltei para onde estávamos.

Permiti que minha barriga parasse de revirar enquanto o grupo retornava.

— Você está bem? — Draco perguntou discretamente.

— Estou — respondi antes que a atenção voltasse para nós.

— Então o que têm a dizer disso? — o barbudo questionou.

— Tem um monstro no vilarejo de vocês — Draco respondeu de imediato.

— Jura? Não me diga que ele come carne humana! — ele disse em um tom sarcástico.

Draco não esperava a rispidez e ficou sem reação. O homem continuou esperando uma resposta.

Tomei a dianteira.

— Existe um monstro comedor de carne humana no vilarejo e todo mundo já sabe disso! — falei bem alto. Todos me olharam e se assustaram. Por mais óbvio que fosse, ouvir aquilo piorava tudo. Sem dar tempo para me enrolar ainda mais, prossegui. — Essa não deve ser a primeira vítima, não é?

— Não — o barbudo me estudava. — Ele é o quarto.

— E vocês têm alguma suspeita? Alguma pista?

— É um vampiro! — alguém gritou. — Um vampiro aterroriza nosso vilarejo!

— Um vampiro — repeti para mim mesmo. — Então ele deve fingir ser uma pessoa comum. Ou se esconder de todos. Tem alguém que só apareça à noite?

— Não é um vampiro — gritou uma mulher. — Vampiros também gostam de atacar mulheres! Só homens foram vítimas! É uma súcubo! Já avisei ao meu marido que não chorarei, caso ele fique vadiando de madrugada e acabe nos braços dela!

— Súcubo. O abissal que seduz homens e se alimenta da alma deles — falei para Draco e esperei sua opinião.

— Um abissal por aqui? Pouco provável...

— É a bruxa! — Alguém cuspiu as palavras. Os outros pareceram ainda mais assustados. — Já está na hora de darmos um fim nela!

Achei curioso o fato desse alguém ter acusado uma bruxa, como se tivesse certeza do que falava.

— Vão para as casas de vocês! — Draco agiu antes que eu fizesse mais perguntas. — Compreendo que estejam todos assustados, mas ficar aqui discutindo não vai resolver nada. Nós vamos cuidar disso tudo. Dou minha palavra!

Os aldeões não se animaram com a promessa. Alguns não esperavam essa reação. Outros pareciam não dar credibilidade. De qualquer forma, aos poucos, foram se dispersando, exceto o barbudo, que ficou parado, encarando a gente.

— Vão matar a bruxa?

— Sabe onde é o covil dela? — Draco perguntou.

— Sei, fica fora do vilarejo, uma hora de viagem seguindo a estrada ao sul e mais uma hora seguindo ao oeste.

— O responsável pelos crimes pagará. Procure alguém da milícia local para cuidar do falecido. — Draco encerrou a conversa.

— Não temos milícia. Eu vou procurar o meu primo pra me ajudar a tirar esse corpo daqui e limpar essa sujeira. Vou correndo avisar os familiares do morto também, antes que eles saibam pelas fofocas.

Assim que acabou de falar, o barbudo foi embora.

Todos ficamos aliviados com o fim do tumulto. Com certeza, Draco também pensou em nós ao tomar aquela atitude.

— Então iremos caçar a bruxa? — comecei.

— Não! — Draco parecia mais decidido do que o comum. Sempre achei isso engraçado. Ele era cheio de questionamentos e dúvidas, exceto quando percebia algum problema. Nessas ocasiões, parecia o homem mais decidido de todos.

— Realmente não vale a pena caçar uma bruxa. Aposto que esse fim de mundo não tem nenhuma recompensa a oferecer. — Marcus sorriu.

— Não é nada disso, lógico que vamos ajudar. O que eu quero dizer é: essas pessoas nem sabem o que está atacando o vilarejo. Precisamos descobrir o que é e depois agir.

— Sensato — Zhi Wu falou.

— Lógico? Sensato? Só podem estar de brincadeira! — Marcus realmente estava de queixo caído.

— Se não quiser ajudar, não sou eu que vou te obrigar a qualquer coisa. Quem quiser esperar na taverna, pode ir agora. — Draco se conteve para não perder a paciência.

Ninguém reagiu. Meu amigo olhou nos olhos de cada um do grupo e então continuou:

— Eu e Gladius vamos nos informar sobre os boatos do vampiro, Marcus e Alberich vão se informar sobre os boatos da súcubo e Zhi Wu vai tentar rastrear o possível covil de qualquer coisa dentro da cidade. — Eu me orgulhei de ver meu amigo tomando a posição de liderança do grupo.

— E a bruxa? — Marcus questionou.

— Se for realmente uma bruxa, sabemos onde encontrá-la. Vamos analisar as outras hipóteses primeiro — Draco respondeu.

— Eu posso me infiltrar em algumas casas e tentar descobrir mais coisas também — Zhi Wu informou.

— Isso seria invasão de propriedade — Alberich protestou.

— Alberich tem razão. Não vamos passar dos limites por enquanto — meu amigo refletiu.

— Nem por enquanto e nem depois — o anão protestou de novo.

— Se for necessário, regras precisarão ser quebradas — Draco respondeu com firmeza. — Estão vendo aquela estalagem com um porco desenhado na placa? É o ponto de encontro.

Alberich não discutiu, mesmo insatisfeito. Dadas as ordens, o grupo dividiu-se e começou os trabalhos.



Draco esperou o estalajadeiro servir a primeira rodada de cerveja para começar a reunião. Eu e ele rodamos o vilarejo a tarde toda perguntando sobre os boatos do vampiro local. Já havia anoitecido quando chegamos à estalagem, Zhi Wu nos esperava e logo Alberich e Marcus chegaram. Ninguém estava com a cara muito animada, principalmente o barbudo, que se encontrava sentado com três colegas no balcão.

— Eu e Gladius ouvimos muito sobre o tal vampiro — meu amigo começou — e a conclusão a que chegamos é que esse povo não faz ideia do que seja um vampiro. — Marcus achou graça e Draco permaneceu sério. — Ouvimos de tudo e a maioria foi exagero, informações vagas ou o que já sabemos. O único cidadão que nunca é visto pela população é um ancião de mais de setenta anos. Até onde eu saiba, anciãos ficam em casa porque estão velhos demais, não porque são monstros que saem pra comer o pescoço dos vizinhos. Acho que foi perda de tempo gastar o dia com esse boato — e, enfim, ele tomou um gole.

— Eu e Marcus ficamos numa situação parecida — Alberich deu continuidade. — Uma súcubo transformaria esse vilarejo num caos. Maridos e esposas estariam dormindo em casas trocadas, jovens estariam com todas as curiosidades berrando, os rapazes começariam a violar qualquer buraco no caminho deles. As pessoas estão com medo e as mulheres estão muito desconfiadas pelo fato de só homens terem sido vítimas. Não tem nenhum abissal nesse vilarejo, tenho certeza disso.

Um instante de silêncio.

— Não há nenhum covil no vilarejo. A não ser que o covil seja uma das casas, não há esconderijos, cavernas ou alçapões por aí e esse lugar nem tem sistema de esgoto.

— Você realmente procurou tudo? — perguntei a Zhi Wu.

— Fui treinada para achar esconderijos de grupos criminosos. Eu teria achado o covil de um monstro dentro de um vilarejo se houvesse algum — ela se demonstrou assertiva.

Estaca zero.

E o barbudo observava. Por um instante, pensei que ele viria tirar satisfações, fazer algum comentário ou algo do tipo. Em vez disso, falou com seus colegas e eles se retiraram do recinto. Respirei fundo, aliviado, e terminei minha caneca.

— Zhi Wu, vá atrás deles! — Draco quase saltou da cadeira.

— Importa-se em dizer o porquê? — Marcus estranhou.

— Tem um monstro devorador de homens no vilarejo, eles podem estar em apuros.

Zhi Wu já havia sumido quando os dois terminaram de dialogar. Sem esperar, ela se levantou, andando em direção ao balcão e entrando na cozinha do estabelecimento, de forma tão natural que não deu tempo de mais ninguém reparar. Logo deduzi que ela havia saído pela porta dos fundos.

O grupo ainda parecia confuso com as ordens, enquanto meu amigo terminava de beber sua cerveja para dar tempo da mulher de preto começar o rastreio. Ao término, ele soltou o ar pela boca, satisfeito, se levantou, abriu a porta da frente e espiou o lado de fora.

— Eles estão virando uma esquina, vamos tentar ser discretos — ele disse e saiu. Eu, Alberich e Marcus o seguimos.

Quando nos retiramos da estalagem, eles já não estavam na rua, e apenas Draco sabia para onde haviam ido. Andamos em passos apressados, tentando não fazer muito barulho com nossas botas e tornozeleiras de metal. Paramos numa esquina, Draco olhou discretamente e seguiu a rua, conosco em seu encalço.

Chegamos a outra esquina e paramos. Enquanto ele observava, nós ouvimos uma voz:

— Eles estão se despedindo de um deles. — Zhi Wu estava no telhado da casa ao nosso lado, quase invisível.

Aguardamos um instante. O som de um pequeno sino badalou e a nossa espiã anunciou:

— Apenas sigam o meu sinal — e sumiu.

Draco observou a rua antes de voltar a caminhar. Sempre que chegávamos a uma encruzilhada ou bifurcação, o sino de Zhi Wu badalava antes mesmo de precisarmos nos localizar e nós passamos a seguir nossa guia fielmente. Cruzamos algumas ruas guiados pelas badaladas, até que Zhi Wu falou mais uma vez:

— Foram dois para um lado e um para o outro. — Dessa vez, mesmo ouvindo sua voz, eu não consegui enxergá-la.

— Vamos seguir o que está sozinho, ele é mais vulnerável. — Draco decidiu e o sino badalou, nos indicando a direção.

Corremos por mais algumas ruas temendo que o sujeito fosse atacado, até que eu percebi alguma coisa estranha. Olhei ao meu redor e vi Draco e Marcus.

— Cadê o Alberich? — perguntei.

Todos pararam.

Olhamos uns para os outros, para as ruas e percebemos que algo muito errado havia acontecido.

— Droga! — Draco praguejou e correu o caminho de volta.

Corri olhando cada esquina, cada beco, procurando pelo anão. Ficamos tão preocupados em proteger os outros que nos distraímos com nós mesmos.

Até que eu ouvi uma doce risada feminina.

— Ouviram isso? — interrompi a corrida.

Os dois pararam e ficaram atentos.

— Meu cavaleiro em armadura brilhante, chegue mais perto... isso, mais perto... — Uma voz melodiosa convidava alguém.

O chamado vinha de um beco escuro. Draco e Marcus sacaram suas espadas e avançaram em direção à voz. Antes de acompanhá-los, peguei uma tocha apagada que servira para iluminar a rua, saquei uma pederneira e acendi o que restava de pano.

— Alberich! Alberich! — eles gritavam.

Um grito estridente e feroz respondeu.

E Alberich gritou junto.

Entrei no beco iluminando o caminho e pude ver a quem pertencia a tal voz, um monstro de pele cinza e completamente enrugada, cabelos crespos e volumosos, rosto desfigurado e uma bocarra repleta de dentes, estava no chão engalfinhado com o paladino, tentando mordê-lo vorazmente.

Draco aproximou-se e espetou profundamente uma costela do monstro, fazendo-o pular para trás e soltar Alberich. A coisa era horrorosa. De fato, a mulher mais feia e assustadora imaginável.

Meu amigo tentou um segundo ataque, porém a criatura esquivou-se, esticou um dos braços e alcançou o rosto de Draco com as garras. Ele deu um passo para trás segurando a ferida ensanguentada e apontando a espada para a criatura.

Eu avancei antes que ela tentasse atacar mais uma vez. Joguei-me entre os dois e brandi a tocha diante daquele rosto desfigurado, fazendo-a recuar e fugir.

Estávamos todos assustados demais para comemorar, mesmo com o perigo correndo para longe.

Marcus fez menção de segui-la, entretanto mudou de ideias e preferiu ficar com o grupo. Alberich ainda estava no chão com os olhos arregalados, parecendo acordar de um pesadelo. Draco enfim soltara o rosto.

— Deixa eu ver! — Aproximei-me.

— Eu estou bem, pegou de raspão.

— Eu não confiaria na higiene daquela coisa, é melhor você lavar isso.

Ouvimos passos atrás de nós. Olhamos e era Zhi Wu. Os olhos turvos por trás da máscara demonstravam confusão.

— O que houve aqui? — ela perguntou.

— O monstro fugiu. Parece ser uma bruxa mesmo...
— Vamos persegui-la — Marcus sugeriu.
— Tarde demais, ela já fugiu. Como não conhecemos essas ruas, elas vão parecer um labirinto. Acho melhor voltarmos pra estalagem, esquecemos de pagar a cerveja — Draco respondeu.



— Não é uma bruxa — Alberich foi o primeiro a se pronunciar. Ele encarava o chão, ainda abalado. Talvez desolado. Estávamos num quarto conjunto com seis camas. Todos aguardando que ele prosseguisse com o seu raciocínio. — Bruxas fazem magia negra, pactos com abissais, experimentos. Eu nunca ouvi falar de uma bruxa que encanta um homem.

Não ser uma bruxa era um problema maior ainda. Estávamos lidando com algo que nunca ouvíamos falar. Algo além dos nossos conhecimentos e especulações. Por mais que o máximo que conhecêssemos de todas essas criaturas fossem lendas e histórias, havia uma base. Agora, não tínhamos nada.

— E que tipo de criatura enfeitiça um homem dessa forma? — Zhi Wu foi direta ao ponto.

— Que eu tenha ouvido falar, súcubos e sereias. — Alberich deu sua resposta nada animadora.

— Pode ser uma súcubo. — Marcus palpitou.

— Não, súcubos são belas na aparência também. Aquilo está longe de ser uma súcubo — o anão retrucou.

— Quando acordarmos, vamos atrás da tal bruxa da estrada — finalizei o debate. Draco havia, enfim, largado o pano que usara para estancar o sangramento no rosto e passou a me estudar com os olhos. O arranhão foi realmente superficial e não ficariam marcas.

— Por quê? — questionou.

— É a única pista que nos falta. Precisamos saber se ela é o monstro.

— E se não for? — questionou de novo.

Eu já estava sem armadura e só com uma roupa de lã simples. Deitei-me e me acomodei na cama.

— Se não for, teremos um problema sério. Apaguem os lampiões, por favor.

— Vai conseguir dormir, sabendo que o monstro está à solta? — Draco ainda não estava conformado. Provavelmente todos se encontravam incrédulos.

Bocejei e respondi:

— Ela é uma caçadora, não uma guerreira. E já foi acuada por hoje, não vai se arriscar a atacar mais ninguém. Sem falar que não tem mais nenhum infeliz na rua pra ser caçado. O perigo já passou por hoje. Amanhã a gente cuida disso. — Mais um bocejo. — Boa noite.

Acredito que Draco tenha entendido minha postura, e só ele. Estávamos encurralados, e nos desesperar, não resolveria nada. Eu apenas percebi isso e fiz o melhor que podia: descansar para continuar as investigações no dia seguinte. Estava apenas sendo prudente.

— Eu farei o primeiro turno de guarda, não vou arriscar — disse Draco, insatisfeito.

— Eu faço o segundo — Alberich se prontificou.

— E eu cuido do terceiro. — Zhi Wu também não estava convencida.

Então ouvi cada um, ao seu tempo, arrumar suas coisas e deitar em sua cama, exceto o cabeça-dura do meu amigo. Eu sentia meu pescoço doer, estava estressado.

Mas se eu não lembrasse ao grupo de que precisávamos de repouso, iríamos começar a enlouquecer ali mesmo. Às vezes, mortais precisam relaxar.



— Quer fazer uma aposta? — sugeri.

— Agora não — Draco resmungou.

Seguimos a estrada até sairmos dela. Não era um caminho complexo, o vilarejo não saíria de vista em momento algum, então não havia risco de nos perdermos. Passamos por campos de grama rala, com poucas árvores pelo caminho, largas e fortes, da altura de casarões. A região era levemente acidentada, com suaves desníveis no solo e algumas colinas ao longe — nada que atrapalhasse a viagem. Ao oeste, uma cadeia montanhosa estava sempre presente na paisagem. Tudo parecia ser um dia tranquilo. Só parecia.

Estávamos nervosos. E o covil da bruxa já se encontrava à vista.

Tudo bem, chamar de covil seria injusto. Era um casebre. E parecia bem miserável. A madeira era cinza, velha e desgastada. O teto de palha parecia imundo e prestes a desabar. Era pequeno, não deveria ter mais do que uns três cômodos. De longe, parecia vazio.

Estancamos a cem metros do recinto e Draco disse:

— Eu vou na frente.

— Por quê? — interoguei.

— Quem estiver lá dentro vai se assustar recebendo a visita de cinco pessoas armadas. Se eu for sozinho, se sentirá mais à vontade e será mais fácil de descobrir a verdade.

— Seria arriscado deixar uma bruxa à vontade ao seu lado — Alberich comentou.

— Ou o risco, ou uma bruxa se passando por anciã, jurando de pés juntos que nunca fez nada a ninguém.

Por mais que a ideia não fosse boa, Draco passava confiança a todos. Querendo ou não, ele já nos havia cativado. Ninguém se opôs ao seu plano.

E ele foi. Caminhou calmamente até o casebre e bateu na porta. Parei de respirar por um instante esperando a resposta. Ela não veio e ele bateu de novo. Então ele abriu e entrou. E eu continuei com uma sensação indigesta dentro de mim. Temia pelo meu amigo, que poderia precisar de ajuda e nós não chegaríamos a tempo. Eu não chegaria a tempo. Ninguém lá devia nada a ele, além de mim, que era seu amigo de infância.

Minha respiração estava lenta e o meu cérebro, acelerado. Desafivelei minha manopla direita, taquei-a no chão e levei a unha do meu dedo indicador à boca. Era o que eu sempre fazia quando ficava impotente. Metodicamente, mordisquei e roí uma unha na tentativa de me acalmar. Não estava funcionando. Ao terminar com o meu indicador, jurei que não esperaria ficar sem as unhas para invadir aquele maldito covil e resgatar o meu amigo.

Ele poderia ser hipnotizado. Poderia ser amaldiçoado. Poderia ser lançado para outro plano existencial. Ele poderia ser assassinado. E eu não permitiria nada disso. Jamais.

Levei outra unha à boca. Mordisquei.

E ele abriu a porta.

Por um instante fiquei aliviado e ao mesmo tempo curioso para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Ela nos convidou pra entrar. — Draco veio com a mesma calma com que entrara.

Aquilo não fez sentido nenhum.

— A bruxa? — perguntei, só pra ter certeza.

Draco deu de ombros.

— Não estou convencido de que ela coma pessoas.

— Ela pode estar te enganando — Alberich protestou.

— Talvez esteja, por isso preciso da sua ajuda. Vamos!

Mais uma vez, a credibilidade venceu. Eu acreditava no meu amigo. E rezava para que ele estivesse certo.



O casebre era menor de perto, muito simples e rústico — e até limpo. A madeira estava praticamente ao natural e a palha do teto definitivamente não fora bem distribuída. Por dentro, um pequeno cômodo parecia ser uma sala. A única luz que entrava vinha de uma janela. Uma mesa redonda encontrava-se no centro com sete cadeiras ao seu redor, e algumas prateleiras ostentavam frascos e potes de cerâmica. Havia duas portas abertas para o que aparentava ser um quarto e uma cozinha. Um assobio de pressão vinha de um dos cômodos.

— Muita sorte eu ainda ter todas essas cadeiras que não uso mais. — A voz veio acompanhando um corpo raquítico, com uma bandeja com um bule e xícaras de barro.

A anciã depositou a bandeja na mesa e se sentou em uma das cadeiras. Ela era corcunda e sua pele totalmente murcha e descolorada. Seu cabelo parecia ser um amontoado desgrenhado preso por um coque e um dos olhos parecia ser cego. Ela não causava medo. Talvez pena. Parecia ser extremamente frágil e indefesa. E com certeza nada similar ao monstro da última madrugada.

Draco estava à vontade e tratava tudo com naturalidade. Alberich estava desconfortável, definitivamente não confiava naquele ambiente. Marcus demonstrava nojo. Zhi Wu parecia alerta, os olhos turvos observando cada detalhe.

— Sentem-se, meus filhos, não façam cerimônias. — Convidou a voz aguda e falha.

Draco foi o primeiro a atender o chamado. Eu fui logo em seguida e, aos poucos, todos puxaram uma cadeira e se sentaram.

— Draco me falou que tinha amigos e eu jamais cometeria a indelicadeza de não convidá-los, não é mesmo? A propósito, podem me chamar de Dália — a anciã dizia enquanto servia as xícaras com o chá fumegante. — Quando era mais jovem e minha casa não era tão apertada, eu abrigava viajantes aqui sempre que podia. Hoje em dia eu já estou muito velha até pra cuidar de mim mesma, imagina pra receber jovens como vocês. Pelo menos, ainda consigo servir chá.

O grupo ouvia sem saber como reagir. Eu ainda não havia superado a desconfiança. Nem eu e nem ninguém.

Draco simplesmente bebeu um gole do chá.

Eu encarei a minha xícara e senti mais medo dela do que sentiria de um troll. Senti a minha respiração se alterar e uma gota de suor escorrer pela minha têmpora. Olhei para o meu amigo e ele parecia bem, já tomando o segundo gole.

Ele precisava que confiássemos nele. Eu confiava. Era dela que eu desconfiava. Criei coragem e bebi o maldito chá, rezando internamente para que não fosse um veneno ou uma poção.

Estava gostoso.

— Então rapazes, contem-me os problemas de vocês. — A anciã puxou o assunto com convicção.

— Problemas? — Estranhei.

— Viajantes sempre têm problemas. Aventureiros mais ainda. Se vocês não são aventureiros, eu sou uma moça de vinte anos. — Ela estava bem-humorada. — Eu adoro visitas, ainda mais quando posso ajudá-las em algo. Digam-me, o que procuram?

Olhos para a mesa. Olhos para o copo. Olhos procurando outros olhos.

Draco respondeu:

— Procuramos um monstro.

E a anciã ergueu uma das sobancelhas.

— Sim, faz todo sentido — ela refletiu por um momento. Seguiu-se uma breve risada sem humor. — Eles me chamarão de bruxa até depois que eu estiver morta, já deixei de me importar com isso faz tempo.

— Você não me parece uma bruxa — pronunciei-me.

— Deve ser o elogio mais bonito que eu recebo há anos — e um sorriso se abriu naquele rosto enrugado. Curiosamente, os dentes dela eram simétricos e brancos, até melhoravam sua aparência.

— Eu estou preocupado com o vilarejo — Draco deu continuidade. — Já procuramos em todas as partes e não sabemos o que é essa criatura. Temo que sejamos obrigados a invadir casas pra tentar descobrir algo.

— Você é morador do vilarejo? — ela perguntou.

— Não — respondeu Draco.

— É parente de alguém de lá?

— Não.

— Conhece alguém de lá?

— Também não.

— Então por que se importa?

E, por um instante, ninguém soube o que responder. Só por um instante.

— Porque é o certo a se fazer.

E a anciã soltou outro riso sem humor.

— Certo a se fazer. — Ela ecoou. — E vocês acham que eles vão ser bem-
agradecidos?

Fez-se silêncio.

— Quem disse que eu me importo com agradecimentos?

— É muito bonito ouvir um jovem falando isso, mas ninguém consegue pensar assim por muito tempo. Aprenda a escolher quem você ajuda, ou acabará não querendo ajudar mais ninguém.

— Você está errada! — Parecia que Draco e a anciã estavam num desafio de obstinação.

— Você é ingênuo.

— É só isso que tem a dizer sobre os problemas do vilarejo?

— Desculpe se eles têm muito mais a falar de mim do que eu deles.

— Não queremos remexer em nenhum assunto que não lhe agrade. — Tentei amenizar os ânimos.

Ela me olhou e sorriu.

— Não tenho nada contra o vilarejo. Só acho que vocês deviam encarar o mundo como ele realmente é.

— E como ele realmente é? — Draco perguntou, quase a desafiando.

— Um mundo sem celestiais — e aquelas palavras trouxeram um frio na minha espinha.

Não posso dizer como cada um reagiu, talvez um embrulho no estômago, talvez um gelo no umbigo, ou uma repentina vontade de chorar. Só sei que é impossível não reagir àquele assunto.

Ela prosseguiu:

— Os celestiais morreram. Foram todos mortos. Mortos por abissais. — A verdade que ninguém dizia estava sendo esfregada na nossa cara.

— E o que isso tem a ver com o vilarejo? — Draco persistiu no desafio.

— Tudo — ela respondeu. — Entendam o mundo, rapazes. A Aniquilação trouxe o fim dos celestiais e a glória dos abissais.

— Eles não invadiram o nosso mundo e não poderão invadir por séculos ainda.

— E você realmente acredita nisso? É mesmo tão tolo? Viaje pra Centrália, então! Viaje pro coração do continente! Depois volte e me diga quanto tempo levará pro nosso mundo ser invadido e destruído de uma vez por todas.

— Ainda não entendo por que estamos falando disso tudo — comentei.

— Os abissais não podem invadir por causa dos Sete Selos, contudo a morte dos celestiais apagou todas as luzes que vigiavam esse mundo. Só as trevas nos cercam. Todas as pessoas, todos nós, somos movidos pelas forças dos Vícios.

— As Virtudes não morreram — Alberich se pronunciou.

— Sim, e vocês são uma prova viva disso. Ainda assim, não concorda que, de um lado temos as Virtudes e do outro, os Vícios e os abissais? Não acha desequilibrado?

— Onde quer chegar? — Draco estava claramente insatisfeito com aquela conversa. Passara da pessoa mais à vontade para a mais incomodada em poucos instantes.

— É admirável vocês serem bem-intencionados, só que o resto do mundo não é. As pessoas estão deixando os Vícios dominá-las. Vivemos numa região que é a exceção da regra, o resto do mundo é muito pior. Salvem quem quiserem salvar, apenas lembrem-se que, por onde andarem, os Vícios estarão predominando.

Naquele momento, a anciã teria vencido a disputa, se Draco não fosse cabeça dura demais para não falar nada.

— E é por isso que lutamos. Pra que os Vícios não predominem.

A anciã sorriu para o meu amigo.

— Aceita mais chá?

— Aceito.

Ela serviu a todos.

A tensão diminuiu quando o assunto encerrou. Particularmente, fiquei aliviado. Não queria entrar como convidado e sair como alguém hostil.

— Rapazes, vocês têm fé? — Ela puxou um novo assunto delicado.

O grupo se entreolhou.

— Tenho fé nas Virtudes. — Alberich foi o primeiro a responder.

— Ah! Um bravo paladino!

— Você conhece bem a Ordem, pelo visto.

— Sei que é uma ordem secular, que não é perfeita. Sei que a maioria dos cavaleiros está mais preocupada com seus próprios interesses do que com os juramentos. E sei que também existem paladinos que realmente se preocupam com o ideal e fazem o que é certo.

Alberich pareceu confuso e satisfeito com a resposta.

— Ah! Quase me esqueci de falar. A Ordem quase se desfez com a Aniquilação e, sem mais Patriarcas Celestiais pra venerar, passou a venerar as Virtudes que eles representavam.

— Exatamente isso. — Alberich estava intrigado.

— E como anda o trabalho da Ordem? Vocês estão conseguindo manter as Virtudes acesas nos corações das pessoas?

— Existem aqueles que se esforçam pra isso.

— Não concorda que a maioria dos paladinos está mais preocupada com seus Vícios do que com os princípios da Ordem? — Ela cutucava a ferida com a ternura de uma avó. Não sei dizer se era educadora ou sonsa.

Alberich respirou fundo.

— Concordo.

E ela sorriu satisfeita.

— Você fala do mundo, mas nunca fala de si mesma. — As palavras de Zhi Wu foram pontiagudas como uma punhalada.

A idosa sorriu.

— Eu sou parte do mundo. Todos somos. E gosto da Ordem dos Paladinos, é uma organização muito bonita... na teoria. Quer saber algo além do trivial? Os paladinos costumam ser respeitados por onde quer que passem! Exceto depois que se casam com uma bruxa...

Silêncio.

Terminamos a segunda xícara de chá e Draco levantou da cadeira.

— Agradecemos a hospitalidade, senhora.

— Imagina, voltem sempre! — Ela sorriu acolhedoramente.

O grupo se levantou e começou a seguir o líder para a porta enquanto a anciã arrumava a louça na bandeja.

— E boa sorte com a aswang — ela comentou como se fosse uma banalidade, enquanto se dirigia para a cozinha.

Draco estancou na saída. Lentamente olhou para trás e fitou a idosa.

— Boa sorte com o quê?

Ela retornou enxugando as mãos num pano.

— Com a aswang. Ela já vive no vilarejo há décadas. Só os tolos ainda não perceberam.

— Por que não disse o que sabia desde o começo?

— Porque eu não quis falar até agora.

— Pensou em não nos ajudar?

— Não seria conveniente os heróis matarem uma velha indefesa e voltarem para o vilarejo dizendo que o mal havia acabado? Cinco jovens armados até os dentes! Que chance eu teria? Precisei me certificar das intenções de vocês primeiro. Não que eu me importe com os meus vizinhos, só acho justo ajudar boas pessoas como vocês.

Nenhum de nós sabia como lidar com aquela pessoa. Todos ficávamos surpreendidos a cada novo instante.

— Então o que você sabe? — Quebrei o silêncio.

— Esse monstro vem de muito longe, de terras do outro lado do continente. De dia, é uma bela e amável mulher. De noite, se transforma numa horrenda e desfigurada criatura canibal, que só sacia sua fome com carne humana, élfica, anã ou algo parecido. Vaga pelas ruas de noite, enfeitiça os homens com sua voz melodiosa e os devora impiedosamente. Pelo visto, ela deixou a discrição e passou a atacar deliberadamente nos últimos tempos.

— E como sempre soube desse monstro? — insisti na questão.

A idosa deu mais uma de suas risadas sem humor enquanto se dirigia para o quarto.

— Ela matou meu marido. Perdi as contas de quantas vezes tentei fazer justiça com as próprias mãos e pra quantas pessoas pedi ajuda. Tudo o que consegui foi perder a visão de um olho. Ninguém se importou. Bêbados, pedintes, maridos de bruxas, ninguém se importa enquanto só eles são encontrados mortos...

Mais silêncio.

O grupo começou a caminhar para a porta novamente e a idosa falou seus últimos comentários:

— Ah! Que memória a minha! Caso esbarrem com a minha filha, Alessa, digam a ela pra não ficar pelos campos até tarde hoje, por favor!

Ouvimos e, enfim, saímos do casebre. Começamos a caminhar de volta para o vilarejo e, durante a caminhada, Marcus se pronunciou pela primeira vez desde que encontramos a anciã:

— Filha?



— Bruxa!!! Peguem a bruxa!!! — Ouvimos de longe.

— Era só o que faltava! — Draco lamentou enquanto corríamos.

Chegamos a uma das ruas do vilarejo e vimos um grupo de umas vinte pessoas se aglomerando. Elas praguejavam e xingavam alguém que julgavam culpado pelos assassinatos. Pareciam prontas para executar a sentença. Na verdade, não pareciam prontas, pois ninguém tinha coragem para tomar a iniciativa, apesar de terem vontade de sobra.

Quando nos aproximamos, o barbudo nos dirigiu a palavra.

— Aqui estão os heróis! Aqui está a neta da bruxa que nos amaldiçoa! Peguem ela e depois a avó dela e estaremos livres destas aberrações!!!

E o povo ovacionou.

— Não seria a filha, a tal de Alessa? — Marcus comentou baixinho.

— Eles nem sequer sabem o parentesco das duas — confirmei a situação.

Passamos pelas pessoas e nos aproximamos da suposta bruxa. Ela nos olhou com um misto de desconfiança, desafio e até um pouco de desprezo. Era jovem, aparentava cerca de vinte anos. Usava um longo vestido de algodão, um espartilho de couro e todo tipo de adornos pelo corpo, entre anéis, pulseiras, tornozeleiras, um colar de ossos e brincos, além do cabelo negro num penteado complexo e adornado, entrelaçado entre duas varetas. Em seu ombro, um pequeno

corvo. Seu queixo e seu nariz eram finos e empinados e ela usava maquiagem escura nos olhos azuis e nos lábios carnudos. Nos braços, uma cesta de vime.

Sem cerimônias, Draco sacou sua espada de lâmina rubra e se posicionou entre a mulher e o grupo de pessoas. Todos ficaram espantados, alguns recuaram. Eu e meus companheiros nos posicionamos ao lado do nosso líder.

— Defendem a bruxa?! — esbravejou o barbudo.

— Eu não a vi fazendo nenhuma bruxaria, nem matando ninguém — Draco impôs a voz. — Alguém por acaso viu?

Murmúrios.

O barbudo começou a ficar vermelho.

— Vocês vão protegê-la?! Vão mesmo?! Pagarão por isso!

— Nós mataremos o monstro! Não iremos embora até matá-lo! Mas nada prova que a ameaça seja ela e nós não iremos derramar o sangue de inocentes!

O homem se aproximou.

— Derramaria o meu sangue? — Desafiou.

— Só se você ameaçasse um inocente — Draco aceitou o desafio.

— Ela não é inocente, seu estúpido! — ele berrou.

— Então prove! — Draco berrou de volta.

— Você vai pagar! Cada vida a mais que morrer, você vai pagar! Eu prometo que vai!

E saiu batendo o pé para longe, sendo seguido por meia dúzia de colegas.

Ninguém mais teve coragem de se pronunciar e a turba foi se dispersando.

Temi seriamente que usássemos nossas armas contra o vilarejo.

— Salvaram a minha vida. Devo agradecer — a mulher se pronunciou com uma voz grave e firme.

— Acho que esse vilarejo se tornou perigoso pra você — comentei.

— Eu e minha mãe não vamos viver de caçar esquilos e raposas, não é mesmo? Ninguém reclamou até agora de pagar por um ritual de boa sorte, boa colheita ou boa fertilidade, até que eles perceberam que existe um monstro morando nesse lugarejo. Prazer, me chamo Alessa.

— Sou Gladius. Estes são Draco, Alberich, Marcus e Zhi Wu. Alessa, você não tem medo dessas pessoas?

— Medo? — Ela torceu os lábios. — Elas que estão com medo.

— Pudera, pessoas morreram.

— Pessoas morrem o tempo todo — Alessa deu de ombros. — Elas só não querem ver o cadáver. Se o problema fosse nas estradas, vocês acham que essa gentinha estaria ligando? Você só precisa mostrar sangue e todo mundo entra em desespero.

— Modo sombrio de se pensar.

— Modo realista. O medo de sangue tende a criar o medo de carne.

— E você pode nos ajudar a encontrar o monstro? — Draco pediu.

— Quer que eu tente salvar aqueles que querem me matar?

— Quero que parem de te perseguir.

Ela refletiu por um instante.

— O monstro é esperto. Pelas marcas no rosto de um de vocês, já percebeu que está em desvantagem. Se eu fosse ele, procuraria outro vilarejo pra atormentar

— Alessa aconselhou e pôs-se a andar.

— Não quer companhia até sua casa? — perguntei.

— Vocês têm um vilarejo a salvar. Não percam tempo, logo escurecerá e a aswang estará à solta.

E ela se foi por entre as ruas.

Enquanto andava, seu corvo gralhou.



— Ainda temos algumas horas até anoitecer, podemos investigar mais. — Draco não conseguia esconder o nervosismo.

A verdade era que a situação estava fora do nosso controle. Temíamos ser expulsos do vilarejo à base de pedras e arados. E se não a pegássemos naquela noite, provavelmente encontraríamos outro corpo degolado. Ou a criatura poderia fugir para outro vilarejo, como Alessa previra, o que seria ainda pior.

— Por onde começaremos desta vez? — interroguei.

Estávamos de volta à estalagem.

— Não quero chegar ao ponto de invadir casas — Draco ponderou. — Se as mulheres não são vítimas, podemos descobrir sobre algumas mulheres com hábitos incomuns.

— Hábitos incomuns? — Marcus fez uma careta de incompreensão.

— Se a aswang se transforma em monstro de noite, essa mulher não pode ser vista depois que o sol se põe.

— Provavelmente é a mulher mais recatada da região — Alberich afirmou.

— Sim, deve ser. Vamos andar pelo vilarejo mais uma vez e tentar ouvir os comentários das pessoas. Precisamos descobrir algo. Vamos um para cada lado e nos encontramos aqui depois que escurecer.

— Sozinhos, podemos ser atacados — protestei.

— Juntos, iremos espantar a todos. Ninguém vai nos atacar pois temos armas e armaduras. Vamos, não temos tempo a perder!



Poucas pessoas se encontravam na rua. Quando eu me aproximava, os transeuntes discretamente se afastavam — ou não tão discretamente. Tentava ouvir uma conversa ou outra, sem sucesso, pois o nível de desconfiança estava alto demais. Simplesmente ninguém deixava de reparar em mim e ninguém se aproximava. Eu teria voltado para a estalagem, tirado a armadura e tentado chamar menos atenção, se isso não fosse custar um tempo precioso. Também refleti sobre as chances que tínhamos de encontrar a tal aswang e quanto tempo isso levaria. Quando parei de divagar, notei que estava sozinho na rua. Apenas eu e o som de marteladas no aço. Olhei na direção dos ruídos e vi uma oficina de ferreiro com as portas e janelas escancaradas.

Fui até lá esperando ser afugentado. Em vez disso, ele continuou trabalhando e puxou assunto:

— Dia difícil, garoto?

Marteladas e faíscas.

— Poderia ser pior.

— Poderia ser o seu pescoço separado do corpo.

— Poderia. Você não tem medo?

— Não.

Marteladas.

— Por que não?

— Pessoas morrem, garoto. Ouvi dizer que, antes dos celestiais morrerem, eles quem decidiam quando os mortais morreriam. Hoje em dia, ninguém tem coragem de assumir que são os abissais que decidem tudo.

— Se fossem eles a decidir tudo, nosso mundo não existiria mais.

— Morar num vilarejo com um monstro comedor de gente me parece muito bem a ideia de um abissal, não acha?

Marteladas.

— Até que sim.

— Você tem medo da morte?

— Não. Só não quero morrer antes de fazer algumas coisas.

— Como o quê?

— Casar. Honrar minha família. Ter um pouco de glória. Matar alguns monstros.

— Você não tem cara de ter sido feito pra nada disso, apesar de ter mais cara de matador de monstros do que de marido.

Tive que rir.

— Casamento e honra são minhas obrigações. Glória e matar monstros, faço por opção. Apesar de que, com o pai que eu tenho, glória também entra na lista de obrigações.

— Duvido que o seu pai viaje com você.

— E ele não viaja.

— Então você não precisa se preocupar com suas obrigações.

— Uma hora, todos precisamos.

— Não. Você pode não voltar pra casa, garoto. Se voltar, é porque quis. E você realmente não tem cara de quem foge do pai. Tem cara de quem volta pra casa e banca o bom filho que você não é.

Ri de novo.

— E quem disse que eu não sou um bom filho?

— Seu pai gosta da ideia de você estar viajando e matando monstros?

— Não.

— Então você não é um bom filho.

— Você tem filhos?

— Tenho.

— Cadê eles?

— Estão por aí, matando monstros, como os maus filhos fazem.

— Deveria se orgulhar por ser pai de aventureiros.

— Não é porque a morte vem pra todos, que enterrar os filhos seja o dever de um pai. Pior ainda se o filho morrer longe de casa e o pai nunca souber se ele encontrou o seu fim ou se simplesmente julgou o pai velho e chato demais pra receber uma visita.

— Foi você quem forjou as armas deles?

— Sim. Fiz da pior qualidade pra não deixá-los mimados. Disse que, se quisessem armas melhores, teriam que pagar por elas.

— Você parece um bom pai.

— Se quiser alguma coisa, não vai comprar com elogios. Aceito moedas de prata.

— Quero matar o monstro.

— Então fique longe de mim. Não quero monstros perto da minha casa.

— Não se preocupe, não vou sujar o seu jardim.

Ele parou de martelar.

— Garoto... Por que não volta pra casa? O que leva alguém a vagar pelo mundo procurando problemas?

— Eu não nasci pra ficar em casa.

— E pra quê você nasceu?

— Isso é uma coisa que eu e o meu amigo Draco temos em comum: não sabemos o que estamos fazendo da vida. A diferença é que eu sei disfarçar isso e ele não.

— E o papo de casamento, honra e glória? Tudo ladainha.

— Não, apenas sinto que são coisas próximas do que eu procuro. Eu e o meu amigo até temos uma missão, mas você não vai querer ouvir sobre isso.

As marteladas voltaram.

— Então não deixe que o monstro coma o seu pescoço. Odiaria saber que alguém com tantas ideias morreu de forma tão patética.

— E você? O que busca?

Ele deu de ombros.

— Não busco nada. Só espero que meus filhos voltem vivos pra casa. Nem que seja pra depois partirem de novo e voltarem vivos de novo.

— Gladius. – Não era o ferreiro que me chamava. Era aquela voz assertiva e feminina.

— Zhi Wu? De onde você veio?

— A aswang fugiu.

— O quê? Como assim? Pra onde?

— Que bom! Sem sangue no meu jardim, se eu tivesse um — o ferreiro ironizou.

— Um casal fugiu faz duas horas e largou a casa quase inteira pra trás. Vá pra rua principal, siga ao sul por cinco casas, entre na rua à direita e siga até chegar na estrada. Tente ganhar tempo enquanto eu chamo os outros.

— Mas... — Antes de eu falar, ela correu e sumiu entre as casas. — Rua principal, direção sul por cinco casas, rua à direita, seguir até à estrada — repeti as coordenadas para mim mesmo. — Com licença! — Quase esqueci de me despedir do ferreiro.

E comecei a correr.



Eu e Draco chegamos à saída do vilarejo quase ao mesmo tempo. Um a um, os demais nos alcançaram na estrada e seguimos em marcha forçada. Passamos pelo casebre da anciã e já nos aproximávamos da região das colinas

quando avistamos um casal, cada um com uma mala farta nas costas. O sol já descia pelo horizonte.

— Ansioso? — perguntei para Marcus.

— Vamos dar um fim nisso de uma vez por todas — ele respondeu.

— Vamos cercá-los — era Draco. — Eu vou ficar de frente pra eles e vocês pelas laterais!

Aceleramos e, enfim, alcançamos os fugitivos. Quando perceberam que não tinham para onde fugir, estagnaram e nos observaram. A mulher usava um manto e um capuz, escondendo por completo o seu rosto. O homem nos olhava, intrigado. Ele encarou nosso líder que, por sua vez, se mantinha firme como uma sentinela.

— O que querem? — o fugitivo perguntou, trêmulo.

— Você sabe o que procuramos. Estamos atrás do monstro. — Meu amigo estava convicto de sua autoridade.

— Vocês estão longe do vilarejo. Não vão encontrá-lo aqui.

— Por que está indo embora?

— Oras! Não quero ser morto! Por isso estou fugindo! É o que todos deveriam fazer! Só estou protegendo a minha vida!

Draco ficou sem resposta.

— Por que agora? Por que não antes? Por que esperou tanto pra fugir? — interroguei, retomando o controle da situação.

Ele se irritou.

— Acha que é fácil abandonar a casa onde viveu a vida inteira? Fugir sempre é a última opção. A aswang não está aqui! Voltem pro vilarejo!

Suas palavras o entregaram.

— Aswang? Ouvimos falar que era um vampiro, uma súcubo ou uma bruxa. Ninguém do vilarejo falou em aswang. Como sabe o que ela é? — Pressionei.

O homem começava a suar pela testa. Ele apertava a mandíbula e parecia querer sair dali de qualquer forma. Subitamente, remexeu seus trajes, pegou alguma coisa e apontou para Draco. Era uma espada. Tão curta que podia ser escondida em meio aos panos.

— Vão embora daqui! Deixem eu e minha esposa em paz!

— Sua esposa é a aswang, não é? Por isso você está fugindo. — Draco se manteve firme.

— Vão embora!

— Só precisamos esperar que a lua apareça pra que ela revele sua identidade. Vocês não podem continuar matando pessoas.

— O que eu faço é mais nobre do que o que qualquer um de vocês faz — a esposa se pronunciou pela primeira vez, enquanto retirava o capuz. Era magra e esbelta, tinha os cabelos lisos, compridos e negros e os olhos estreitos, muito bela e exótica. Ela nos olhava de cima a baixo.

— Você mata pessoas! — Draco atacou com as palavras.

— Qual a diferença entre matar pessoas ou monstros? Ou melhor: por que me chama de monstro? Se um urso se alimenta de um humano, ele também é um monstro ou é só um animal com fome?

— Não se faça de inocente.

— Eu tiro vidas pra me alimentar, como todos aqui. A diferença é apenas o animal que cada um come. E vocês? Por que tiram vidas? Se um pescador perder a perna pra um tubarão, vocês vão até o mar tirar a vida do tubarão também? Deixem-me viver! Eu faço parte da cadeia alimentar como todos vocês, só a nossa posição que é diferente.

Irritava ouvir aquelas palavras. Aquelas comparações. Irritava ouvir justificativas tão plausíveis.

O sol já havia sumido no horizonte.

— Você não sente remorso? — Draco persistiu. — Ouvi dizer que você se alimentava com menos frequência antigamente. Por que passou a se alimentar mais vezes? Sua fome aumentou ou você apenas decidiu matar quando bem entendesse?

Ela ergueu o queixo e seu olhar se encheu de desprezo. A lua começou a surgir, ainda tímida no céu.

— Vocês também comem o quanto querem, matam o quanto querem e fazem o que querem com o morto. Não finja ser melhor do que eu.

— Ainda não respondeu por que passou a se alimentar com mais frequência.

— Então mate todos os gordos do mundo! Eles são todos assassinos!

O rosto dela transbordava nojo. O céu já começava a escurecer.

— Aposto que você já matou mais do que eu nessa vida. — O sorriso dela era odiosamente lindo.

— Eu não gosto de matar! — Agora, era Draco que respondia com nojo.

— Então por que adotou a morte como sua profissão?

— Eu adotei a justiça como profissão! — Draco se defendia com a mesma avidez que acusava.

E a lua cheia se tornou nítida no céu.

Então a pele da mulher começou a definhando, murchando como uma flor sem água. O cabelo liso se encrespou, emaranhou e ganhou mechas grisalhas. Suas unhas cresceram, amarelaram e se transformaram em garras. As bordas de seus

finos lábios se rasgaram e seus dentes se alongaram e afiaram, transformando-se em presas. A aswang estava na nossa frente.

Seu marido mantinha a espada erguida, apesar de não conseguir parar de tremer.

Cada um de nós levou a mão à sua arma. Mesmo em desvantagem numérica, ela ainda era uma ameaça.

— Vocês pareciam tão decididos antes de ouvir as verdades. Deixa que eu facilito o seu trabalho. — A voz continuava melodiosa.

O monstro ergueu as garras, nós sacamos nossas armas e ele cravou suas longas unhas nas costas do seu marido. As pontas atravessaram a carne e se revelaram pela barriga, pingando sangue fresco. O homem arregalou os olhos e vomitou mais sangue em convulsão. O corpo dele amoleceu e tombou. Ela pegou a espada do falecido e cravou-a no próprio estômago, soltando um estridente grito de agonia. Então caiu de joelhos e começou a rir.

— Eu sou só mais um animal, como cada um de vocês. Eu cacei muitos homens e fui caçada, como todos os animais são. Não vou permitir que tirem minha vida. Só não se esqueçam que vocês são tão animais, tão caçadores e tão insignificantes quanto eu ou quanto qualquer monstro que vocês matam — ela disse e riu pela última vez, desfalecendo em seguida.

Só então percebi que eu havia cessado minha respiração desde o momento em que ela atacara seu marido e só havia voltado a respirar naquele momento. Eu não conseguia definir se o que me chocara mais havia sido a cena ou as palavras. Eu não queria aceitar aquilo. Acho que ninguém queria aceitar.

Como sempre, Draco nos trouxe de volta à realidade.

— Vamos. Precisamos voltar ao vilarejo e mostrar que o monstro foi morto. Em silêncio, seguimos o meu amigo.



Não foi heroico e nem glorioso levar o corpo da aswang para o vilarejo. Não o exibimos ao público. Enrolamos o cadáver nos próprios mantos e o depositamos na antiga casa dela. Rejeitamos as ofertas de recompensa do povo. Também optamos por não nos despedir de Dália e Alessa. Seria melhor deixar toda aquela experiência para trás.

Voltamos à nossa viagem na manhã seguinte. Na estrada, eu não consegui me conter:

— Ainda considera ela um monstro?

— Por favor, Gladius, não me diga que deu ouvidos ao que aquilo disse? — Draco já esperava que eu fosse tocar no assunto e parecia estar pronto para se irritar comigo.

Deixei que minha expressão de amargura respondesse por mim.

— Gladius, talvez uma criatura como essa possa ser só um mortal como todos nós, o que não foi o caso. Nós protegemos os mais fracos, não é mesmo? Então é isso que fazemos, seja uma aswang, um urso, um tubarão, uma aranha gigante, uma tribo de goblins ou até mesmo humanos! Nós protegemos os inocentes. Se estivermos fadados a ser agentes do equilíbrio, que seja! Eu não vou permitir que uma coisa dessas entre numa vizinhança e faça o que quiser!

Todos estavam com dificuldades em aceitar aquilo.

— Nós já sabíamos que os bardos omitiam essas partes das histórias. Vamos encarar os fatos e seguir nosso caminho. O vilarejo não está mais em perigo e é isso que importa — ele concluiu.

— É... é isso que importa...

Sons de passos.

— Draco, só me responde uma pergunta...

Ele respirou fundo.

— O quê?

Certifiquei-me de que mais ninguém nos ouvia.

— Você tem certeza de todas essas convicções?

Meu amigo fechou os olhos e pareceu sentir dor legítima por um instante.

— Não, Gladius, eu não tenho certeza de mais nada.

— Zhi Wu... — Gladius puxou assunto.

...

— Eu e Draco somos amigos. Marcus tem a família dele. Alberich é um paladino. E você?

— Quer saber se tenho algum laço?

— É, acho que é essa a minha dúvida.

— Tenho.

— E o que é?

— E se eu preferir não responder?

— Nesse caso, deixa pra lá.

LEGADO SOMBRIO

MARCUS

Não há esperanças no vácuo.

— Eu realmente não queria incomodar o sono de beleza de vocês, mas acho melhor todo mundo ver aquilo.

Era madrugada. Acampávamos na estrada pela milésima vez, quando um comboio vinha se aproximando de longe. Enquanto o grupo acordava ainda sem entender, eu apontei na direção em que eles vinham. Cerca de uma dúzia ou mais. Mancando. Gemendo. Vacilantes e determinados ao mesmo tempo. Determinados a nos alcançar.

— Zumbis — Zhi Wu declarou. — Dezesseis.

Cada um pegou sua arma.

— Dá tempo de nos equiparmos e acabarmos com eles. — Dei de ombros.

— Eles não são ameaça — Draco se pronunciou, sempre querendo estragar a diversão. — Podemos contornar a estrada e evitá-los. Quando soubermos por que mortos-vivos andam por aí, a gente decide o que fazer.

— Se deixarmos essas abominações perambularem, outros podem não ter a mesma sorte e se tornarem suas vítimas. Não podemos permitir — Alberich levantou os ânimos.

Draco manteve-se pensativo. Gladius já estava calçando as botas.

— Então também não vamos nos arriscar. — O metido a líder decidiu. — A gente ataca só aqueles que estiverem dispersos do bando e espera eles se separarem para atacar de novo.

Todos nós vestimos nossas armaduras.



Eles ainda estavam longe, uns cem metros pelo menos. Draco e Gladius foram para um lado, eu e Alberich para outro e Zhi Wu ficou sozinha na retaguarda. Os zumbis eram de revirar o estômago. Eu até passei a achar a minha

irmã bonita depois daquilo. Ossos expostos. Dedos, dentes, orelhas faltando. Fedor podre! Aquilo merecia morrer só pelo cheiro.

Assim que nos aproximamos, eles começaram a se separar. Cada um escolhia um alvo e começava a perseguir em passos de barata tonta. Minha espada coçava na minha mão de tanta ansiedade.

Uma estrela da Zhi Wu acertou o rosto de um zumbi e sua única reação foi piscar. Outra passou de raspão na sua cabeça num corte que deveria jorrar sangue, mas só fez cair algumas gotas. Finalmente uma terceira acertou o seu pescoço, fazendo-o engasgar e tropeçar inanimado.

Mais estrelas foram arremessadas enquanto eu marchei até um dos desmiolados e girei minha lâmina em sua cintura, desmontando-o. Dei um passo para trás de susto quando a coisa começou a esticar os braços e pisei em seu crânio, sujando a minha bota e a grama.

Olhei ao redor e vi Alberich carregando uma luz radiante em seu martelo antes de estourar o peito de um zumbi. Impressionante, confesso, o paladino tinha alguns truques na manga, afinal.

Eu estava insatisfeito pelo combate lento. Nem havia começado a suar ainda. Aproximei-me de dois zumbis, ignorando as ordens do Draco, e arranquei a cabeça de um com um corte horizontal. Sem perder tempo, girei minha espada mais uma vez e cravei-a até o meio do peito do outro, que estrebuchou e amoleceu. Enquanto eu forçava minha lâmina para sair do corpo dele, senti uma pressão no meu braço direito. Olhei surpreso e vi um dos idiotas tentando me abocanhar inutilmente, mastigando a proteção de couro reforçado. No mesmo esforço em que tirei a espada do outro, descrevi um arco na diagonal e fatiei o último zumbi ao meio.

Só uma gota de suor escorrendo pela minha testa. Muito pouco.

— Você não precisava correr esse risco. — Draco veio tagarelar.

— Que risco? Nem arranhou.

Ele gesticulou negativamente com o queixo e eu ignorei. Melhor não discutir mesmo.

— O cheiro conseguiu ficar ainda pior — Gladius comentou, sem conseguir disfarçar o enjoo.

Alberich pegou um corpo, jogou em cima de outro e disse:

— Essas coisas podem ser reanimadas ainda. Melhor botar fogo.

— Vamos ficar sem tochas se formos botar fogo em tudo que matamos — respondi.

— E o fogo pode atrair mais zumbis. — Gladius já tapava o nariz.

— Se atrair, que venham. Podemos limpar a estrada — Alberich terminava de amontoar o quinto corpo. Draco já se juntara à tarefa.

— Ótimo! Quem sabe a gente não consegue uma batalha de verdade até o amanhecer. — Eu ri enquanto carregava o meu primeiro corpo para a pilha que se formava.

Gladius finalmente parou de frescura e se juntou ao grupo. Zhi Wu ficou atenta ao nosso redor, provavelmente procurando mais ameaças. Enquanto ninguém olhava, eu retirei um par de brincos de um dos mortos antes de depositá-lo junto aos outros, parecia ser feito de prata boa.

Quando estavam todos juntos, acendemos uma tocha e deixamos que as roupas e os cabelos fizessem o resto, enquanto Alberich murmurava uma oração às suas Virtudes.

A fogueira tinha cheiro de churrasco. Deu fome.



Caminhamos por uma hora depois que a fogueira de corpos ganhou força. Estávamos em uma mistura de agitação e cansaço. Seguimos a estrada até o sono voltar e concordamos que não tinha sentido deixar de descansar pelo resto da noite. Eu já estava dentro do meu saco de dormir quando Zhi Wu comentou:

— Dá pra ver o próximo povoado daqui. Chegaremos amanhã de manhã, se não perdermos tempo.

Eu me limitei a bocejar e pegar no sono, enquanto os outros tentavam enxergar o que só aqueles olhos vazios conseguiriam no meio da madrugada.



O condado não era nada mau, afinal de contas. Os muros eram altos e as casas já começavam a se espremer entre as vielas, indicando que logo iriam nascer bairros para fora dos limites atuais. Tijolos amarelos e telhas azuis escuras eram predominantes, todos desgastados por um aparente excesso de chuva da região. As pessoas circulavam apressadas, talvez porque o comércio estivesse fluindo bem, talvez porque elas não gostassem de aventureiros.

Mal largamos as mochilas numa estalagem e Draco insistiu que descobríssemos por que havia zumbis pela estrada. Eu não estava com saco de investigar os problemas dos outros, mas como o grupo inteiro acatou a ideia, fui

junto. Tivemos que rodar pelas ruas labirínticas por quase uma hora até acharmos um posto da milícia local. Eu já estava preocupado em achar o caminho de volta para a estalagem.

— Com licença, você é o capitão? — Draco abordou um soldado com dragonas na farda.

— O capitão está ocupado agora. O que querem? — O homem pareceu desinteressado.

— Encontramos zumbis na estrada ontem de madrugada. Queremos reportar o ocorrido.

O homem encarou o metido a líder por um momento.

— Está reportado, podem voltar a cuidar da vida de vocês agora — ele respondeu.

Draco pareceu confuso com a reação. Talvez inconformado. Quanto a mim, eu só queria gastar o meu dinheiro na taverna. Talvez num bordel. Vi um no caminho da estalagem até a milícia, acho que conseguiria encontrar aquele digníssimo estabelecimento de novo.

— Olha, eu não acho que os mortos tenham saído andando por aí à toa. Não seria melhor investigar de onde eles vieram?

O homem encarou Draco mais uma vez.

— Estamos seguros aqui. Os mortos somem de dia e nós fechamos os portões de noite.

— E de onde eles vêm mesmo?

— Por que você se importa?

— Porque nós podemos ajudar.

— Os últimos que tentaram, falharam, então deem o fora do condado enquanto ainda é dia, porque eu não quero ser obrigado a enfiar uma flecha num grupo de aventureiros intrometidos e transformados em zumbis, você me entendeu?

— Por algum acaso você nos disse de onde vêm os mortos? — Gladius se meteu no diálogo. O homem bufou contrariado.

— Não, você é surdo, ainda por cima?

— Então nós não entendemos uma palavra do que você disse e só vamos entender quando nos falar de onde essas porcarias de zumbis saem! — Gladius simplificou as coisas.

O homem fitou cada um de nós, sustentando aquela cara de quem não gosta de ser desmoralizado.

— Os zumbis vêm do feudo do conde.

Dessa vez todos nós ficamos surpresos.

— Agora movam seus rabos sujos da minha frente, antes que eu seja obrigado a chutá-los pras terras daquele conde miserável!



— Olha... eu já estava satisfeito com o fedor dos zumbis de ontem — ironizei.

Chegamos aos portões do feudo. Tudo estava podre. Quilômetros de plantações por todos os lados, abandonadas e entregues a pragas e fungos. Cada folha fedia. A terra fedia. Parecia que até o céu fedia. E não era só cheiro de mofo e sujeira. Havia cheiro de morte no meio.

Eu pensei em me recusar. Aquilo não poderia ser qualificado como uma missão. Exceto pelo fato de ser uma mansão de um conde. O que ninguém havia oferecido como recompensa, nós poderíamos saquear do homem mais rico da região. O risco era alto e a recompensa provavelmente estava à altura.

— Respirem fundo antes de entrar — Draco, o óbvio, alertou.

A princípio, andamos devagar, procurando ameaças entre cada espiga de milho podre. Então apressamos o passo em meio à morbidez passiva e ao terrível odor ao nosso redor. Em circunstâncias normais, eu chamaria um homem que vomita por causa de fedor, de frouxo, mas aquela era uma exceção. Não dava para respirar sem agredir o estômago.

Quando chegamos ao casarão, a porta já estava aberta, com um homem bem vestido nos aguardando, aparentemente ignorando a podridão ao redor.

— Sejam bem-vindos à Mansão Bourbon. Por favor, entrem!



Gladius tossiu por quase um minuto depois que a porta se fechou. Zhi Wu respirava fundo como quem acabara de correr uma maratona, concentrada em não demonstrar seu enjoo. Eu, Alberich e Draco nos limitamos a respirar aliviados, ainda tentando desfazer a careta de desgosto.

— Já faz um tempo que não recebo visitas. A que devo a honra?

— Você é o conde? — Draco já havia retomado o fôlego.

Pelas roupas, era evidente que era um criado.

— Não, sou o mordomo dele. E vocês, quem são?

Sua pele era pálida demais, beirando o cinza. Suas expressões e seu sotaque pareciam artificiais.

— Somos aventureiros — o liderzinho explicou.

— E por quê as armas?

Os seus dedos me incomodavam. Eram compridos. Desproporcionais. Talvez com o mesmo comprimento que a palma.

— Fomos atacados por zumbis ontem. Tememos que o condado possa estar em risco — Gladius falou uma meia verdade num belo improviso.

O mordomo ergueu uma sobrancelha.

— Eu me chamo Verrat, e os senhores?

— Draco, Gladius, Alberich, Marcus e Zhi Wu — Draco apontou para cada um.

— Pois bem, por favor, permitam-me servir um chá antes de mais nada.



De fato, só tinha chá para servir.

— Desculpem-me não poder oferecer uma refeição. Os estoques da casa se esgotaram tem uma semana.

— E do que você está vivendo desde então? — Draco indagou.

— Das plantações, oras — o mordomo respondeu com naturalidade.

— Você come aquilo? — Gladius quase engasgou.

— Posso me alimentar de muitas coisas que vocês, humanos, não podem.

— Nós, *humanos*? — Gladius insistiu.

— Oras, nunca viram um homúnculo antes?

Eu nem sequer imaginava o que isso significava.

— Não um feito com tanta eficácia. — Alberich ficou intrigado.

— *Eficácia*? — Verrat desaprovou a palavra.

— Alguém pode falar a nossa língua? — interrompi.

— Um homúnculo, uma pessoa criada artificialmente. A conclusão de incontáveis experimentos, na tentativa de criar uma forma de vida, de um conjunto de materiais inférteis. De todas as tentativas de meu mestre, eu fui aquela que teve alguma serventia. Ao menos, por algum tempo.

— Então o conde criou você? E cadê os outros criados? — Draco estava confuso e curioso.

— Sobre a minha criação: sim, foi exatamente isso que eu acabei de dizer. Sobre os demais criados: a maioria fugiu tem um mês, junto dos outros humanos que fugiram do condado.

— Verrat, o que exatamente está acontecendo aqui?

— Quando fui criado, os campos ainda eram usados para a colheita que abastecia o condado, mas uma boa parcela das terras já era usada como cemitério. Nunca compreendi a função de um cemitério, só sei que todos os humanos achavam pitoresco esse hábito de meu mestre. Logo nas minhas primeiras semanas de vida, quando eu ainda estava sendo educado, ouvi o Conde Bourbon reclamar em seus aposentos de que ainda estava muito longe do que cobiçava. Gradualmente, ele passou a ficar mais tempo em seu escritório do que em seu quarto ou qualquer outro lugar. Estava eximamente empenhado em sua ambição, delegando suas demais funções aos seus empregados. Aos poucos, sua fortuna foi se esvaindo em contratações de aventureiros em busca de um artefato. Foi com a chegada deste item que o comportamento de meu mestre se tornou ainda mais obsessivo. O anel chegou há duas semanas, quando meu mestre se trancafiou em seu escritório e não foi visto desde então. Os demais criados debandaram na semana passada. Ao menos aqueles que não foram devorados — Verrat falou tudo praticamente sem tomar fôlego e eu acredito que não absorvi nem metade das informações.

— E o que você está fazendo desde então? — Gladius questionou.

— Oras, cuidando da casa, como fui instruído. Não havendo mais plantações para administrar, visitas para receber e nem criadagem para comandar, eu trato de espanar os aposentos.

— Por que não foi embora também?

— Oras, e qual propósito eu teria fora dessa casa?

Eu senti aflição ao ouvir aquela coisa falando. Parecia automática, irracional, apenas reproduzindo o que alguém botou naquela cabeça. Eu senti vontade de socar a cara dele para ver se ele entenderia o que é liberdade, mas acho que não teria funcionado.

— Você comentou de uma tal ambição do seu mestre. Qual seria? — Draco questionou.

— Despertar sua filha.

— Despertar... — Alberich balbuciou.

— Eu também não compreendo. Nunca vi um humano que não acorda nunca.

— Verrat, você já ouviu falar de morte? — Gladius lançou a isca.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Que horas o seu mestre trabalha e que horas ele dorme? — Zhi Wu quebrou o silêncio que havia se instaurado.

— Ele costuma dormir de dia e ficar ativo de noite.

— Pode ter se tornado um vampiro — Alberich refletiu em voz alta.

— Talvez. E esse anel, o que ele tem de especial? — Mais de três palavras por frase, uma raridade para os padrões da encapuzada.

— É uma Arma do Legado.

Alberich, que até então estava pensativo, pareceu acordar num susto. Eu continuei entendendo só cerca de metade do que era dito.

— Isso não existe.

— Não estou aqui para questionar se o artefato de meu mestre é ou não é o que ele acredita que seja. Existe um livro sobre o assunto na biblioteca e existe o anel.

— Uma Arma do Legado ou não, os zumbis levantam enquanto o conde está acordado. É tudo que precisamos saber. — Zhi Wu deu-se por satisfeita.

Estalei os dedos em ansiedade.

— Vocês planejam eliminar o meu mestre? Como lavradores ceifam o trigo ou como bibliotecários descartam documentos sem valor? — Verrat perguntava como se fosse algo banal. — Ótimo, eu mostro-lhes o caminho.

— Não vai tentar nos impedir? — Draco manteve-se cético.

— Conde Bourbon jamais ordenou que eu o protegesse, logo eu não tenho essa obrigação. Conde Bourbon não me dá ordens há semanas, logo ele não cumpre sua obrigação. Parece que há uma onda de insatisfações a respeito de meu mestre, parece coerente que ele seja eliminado.

A desconfiança não se desfez por completo. Ignorando nosso receio — ou simplesmente não compreendendo —, o mordomo se levantou e caminhou.

Nós o seguimos por corredores cheios de estantes de livros e salas, finamente decoradas com cristais e quadros enormes, até um ponto bem mais discreto, onde o homúnculo abriu uma porta que dava para uma escada, a qual parecia levar a um porão.

— Desejo-lhes sucesso. — Verrat se despediu.



Nenhuma luz entrava naquela escada estreita, nos obrigando a acender tochas. Depois de descermos em linha reta, uma passagem se abriu para um cômodo à nossa direita. Havia livros, velas e incensos. As paredes e o chão

estavam rabiscados com vários ideogramas. O local tinha um cheiro forte de flores, tão forte que incomodava. No centro, uma mesa parecia um altar improvisado com um corpo desacordado em cima. Uma jovem de cabelos negros e vestido verde. Bonita. Inanimada. Aparentemente morta.

Quando nós cinco entramos no porão, ouvimos algo. Do fundo, onde a luz das tochas não alcançava, um homem veio com passos incertos. Ele tinha olheiras profundas, pele murcha e roupas que seriam elegantes, se não estivessem completamente sujas e amassadas. Já não tinha um fio de cabelo na cabeça e os olhos pareciam irritados de tão vermelhos. Ele nos encarava, tentando decifrar nossa presença ali.

E sorriu.

— Finalmente vocês vieram! Com a ajuda de vocês, eu vou poder trazer a minha filha de volta.

— Bourbon, você não está entendendo, você precisa parar — Draco declarou, gastando tempo com palavras.

O louco estranhou a declaração. Então olhou para trás do próprio ombro e balbuciou sozinho.

— São vocês que não entendem! — Ele se voltou para nós. — Vocês *vão* me ajudar. De uma forma, ou de outra!

Imediatamente, uma estrela voou e cravou bem no meio da testa daquele homem insano. Sua cabeça inclinou para trás e uma gota de sangue escorreu pelo seu nariz. Então ele voltou a nos encarar, ignorando a ferida mortal.

Sacamos nossas armas, mas tentáculos espectrais surgiram do chão e agarraram nossas pernas. Eu senti meus pés gelarem e minhas coxas contraírem involuntariamente com a sensação de estar preso a algo que, de alguma forma, parecia não existir. Meu corpo estava imóvel, mesmo que eu não sentisse nada físico me prendendo. Somente Zhi Wu conseguiu saltar e evitar aquela bruxaria. Mais estrelas foram arremessadas, mas foram desviadas no meio do trajeto. Naquele momento, atrás do conde, uma figura translúcida se tornou perceptível. Ela flutuava atrás do nosso adversário, humanoide e robusta, rosto liso, exceto por um par de olhos completamente azulados e hostis.

— Os tentáculos! — Alberich gritou enquanto se esforçava para se locomover. — Não são físicos! São espirituais! Usem a força de vontade!

Belas palavras, mas não ajudavam muito.

O paladino urrou e conseguiu correr para cima do necromante. O brado pareceu misturar esforço e dor. O anão de pele escura ergueu seu martelo e foi interrompido antes de desferir o golpe. A assombração enfiou a mão dentro do peito dele, atravessando a armadura sem danificá-la, e fazendo-o perder o fôlego e o impulso do golpe.

Estrelas passaram pelo monstro e não surtiram efeito, atingindo as paredes atrás dele. A coisa encarou Zhi Wu em resposta e ela tremeu. Suas pernas começaram a perder a firmeza e, passo a passo, ela foi até um canto do porão e se encolheu, aterrorizada.

Então eu gritei. Arranquei meus pés dos tentáculos fantasmagóricos e avancei contra o conde. Cada passo foi doloroso, sentindo minha carne arder por dentro da armadura. Se os tentáculos não eram físicos, então não poderiam me segurar. Ainda assim, puderam me queimar pelo caminho.

Ergui minha espada contra o necromante, mas a assombração largou Alberich, que caiu no chão desmaiado e me empurrou para longe sem nem precisar encostar em mim, apenas me impulsionando de forma sobrenatural.

Gladius e Draco finalmente conseguiram se desvencilhar dos tentáculos e partiram para cima do necromante também. A criatura se posicionou à frente do conde, bloqueando o caminho, e os golpes da dupla atravessaram a assombração sem lhe causar qualquer efeito.

O monstro concentrou-se e uma onda de energia se espalhou pelo porão, atingindo cada um de nós. Eu senti como se o ar estivesse envenenado, como se algo tentasse arrancar minhas forças através da minha respiração. Segurei o fôlego como reflexo, sem certeza de quanto tempo conseguiria sustentar. Gladius cambaleou para trás, esvaído de energias. Draco se desconcentrou, mas manteve-se firme.

Peguei impulso mais uma vez, decidido a ignorar a assombração e acabar com a vida do necromante. Corri, girei a espada, mas o monstro se interpôs e me agarrou. Era como se uma camada de frio me abraçasse, sugando todo o calor do meu corpo ao toque. Fiquei paralisado. Minhas pernas falharam. E eu vi o anel brilhando, prateado e cravejado de pedras negras. O maldito anel.

— O anel! — Foi tudo o que consegui gritar.

Gladius tentou acertá-lo, mas só abriu um corte no braço do conde. A assombração me largou e avançou contra o meu colega em retaliação. Minha cabeça parecia prestes a explodir enquanto eu tentava recuperar o foco.

Foi quando Zhi Wu gritou e se jogou em cima do necromante, desequilibrando-o no chão. A assombração ficou desesperada e mudou de alvo para a encapuzada. Ela não estava tentando matá-lo e sim imobilizando-o.

Ergui minha espada e descí com todo o meu peso contra o seu punho, decepando-o.

Necromante e assombração gritaram. Por dor e por desespero. Desespero de ver seus objetivos se esvaindo. De ver a derrota deles. E o nosso triunfo.



Gladius quase desmaiou, mas logo ficou bem. Alberich precisou de uma hora para acordar. Nenhum de nós tinha feridas abertas, mas todos nos sentíamos esgotados. Era muito esquisito sentir uma ferida que não fosse física. Sentir cansaço e não recuperar o fôlego, nem depois de repousar. Sentir que o espírito foi flagelado. Eu simplesmente não compreendia o que estava sentindo, mas tinha certeza de que algo havia sido agredido dentro de mim.

— Devíamos ter mirado no anel desde o princípio. — Foi a primeira coisa que o paladino falou ao acordar.

Estávamos num quarto de hóspedes cedido por Verrat. Ele também nos cedeu mais chá, não que fizesse diferença. Zhi Wu quis ficar com o maldito anel e ninguém tentou impedir. Ela conversou alguma coisa com o mordomo e depois saiu pela porta. Mulher esquisita.

— Nós sobrevivemos, é isso que importa. — Draco pôs a mão em seu ombro.

— Vamos embora dessa cidade o mais rápido possível — Alberich resmungou.

— Adorariamos. Mas é melhor passar uma noite pra descansarmos e amanhã partimos.

— Nós deveríamos era dar uma festa na taverna mais cara do condado e botar a conta no nome daquele soldado idiota, que achou que viraríamos zumbis — declarei.

— Afinal somos heróis... — Gladius me apoiou.

— É pra isso que vocês arriscam suas vidas? Pra cantar suas glórias depois? — Draco bancou o chato, para variar.

— Não é especificamente pra isso, mas é boa parte do motivo — Gladius respondeu.

— É o que nós merecemos — complementei.

— Tanto faz! — O chato se deu por vencido.

Enquanto falávamos, Alberich se levantou e Zhi Wu retornou com um tomo pesado nos braços.

— Já que estão tão ansiosos pra brincar de bardos, vamos logo. Não aguento mais ficar deitado. — O paladino encerrou a questão.



E nós festejamos. Bem, eu e o Gladius festejamos. Draco e Alberich ficaram sentados na mesa enquanto nós dois contamos como derrotamos o conde Bourbon vezes e vezes. Zhi Wu foi para a estalagem de imediato, como o esperado, disse que iria ler seja lá o que ela pegou da biblioteca do necromante. Aproveitamos para contar também como derrotamos o exército de goblins e como caçamos a aswang. Bebemos muito e a plateia decidiu pagar nosso banquete e a nossa estadia. Enfim, algum merecido reconhecimento. Mas eu ainda não estava satisfeito.

— Então quem quer conhecer algumas meretrizes?

Não entendi a cara de surpresa de Gladius.

— Sério? — Draco sempre gostava de ser desagradável.

— O quê? Vão dizer que não estão precisando? Pelo que parece, ninguém aqui faz o estilo da Zhi Wu e também não estou vendo alianças nas mãos de ninguém.

— Cara, vai ficar pra próxima! — Gladius deu uma desculpa qualquer e eu nem precisava esperar pela resposta dos outros.

Sequei o meu copo.

— Divirtam-se entre vocês, então! — Eu ri da cara deles e fui procurar o bordel.



Já estive em piores. Não era muito diferente de uma taverna. Tinha bebida, fumo, mesas, um bardo cantando porcarias. E meninas interessadas num cavalheiro que pagasse o que elas merecem. Mas eu era a droga de um herói e queria algo digno do meu porte.

Não foi difícil descobrir outros bordéis, mas nenhum me agradou. Já estava frustrado. Até que uma velha me abordou na rua.

— Um rapaz tão vigoroso como você, pena que não consegue se satisfazer.

— Estou achando que esse condado não vai me agradar, sinceramente.

— E o que você procura?

— Uma mulher bonita e que saiba mentir.

— E quanto quer pagar?

— Pra começar, estes brincos de prata aqui — que a velha não precisava saber que estavam na mão de um zumbi na madrugada anterior.

Ela avaliou as joias e guardou no bolso.

— Isso e mais cem moedas de prata.

— A não ser que você saiba rejuvenescer uns cinquenta anos, pode ir tratando de me devolver.

Ela riu.

— Eu já passei dessa fase, garoto. Nimh, vem conhecer o seu primeiro cliente.

Até suspirei de alegria. A menina era linda. Alta, seu rosto quase alcançava meu queixo, magra, cintura fina e decote farto. E o melhor de tudo: ruiva. Com sardas e olhos verdes.

— Primeiro cliente, você disse?

— Sim. Ela já atendeu numa das casas que você entrou, mas durou pouco. Ela é semi-virgem.

Como se isso existisse.

— Nesse caso, você pode nos dar licença?! — Entreguei o restante do pagamento.

— Trate-a bem, ou eu providencio que arranquem a sua cabeça. Nimh, leve-o pra sua suíte.

Fomos por uma viela, subimos uma escada e entramos num casebre. No caminho, contei a minha saga, mas a dama não disse uma palavra. Parecia nervosa. Compreensível. Ela estava com um herói, afinal.

Cheguei e já deitei na cama sem perder tempo. Ela continuava a evitar olhar nos meus olhos.

— Aceita vinho? — A voz era doce.

— Por favor.

Se aquilo fosse fazê-la relaxar, ótimo. Ela serviu duas taças e me entregou uma. Estava realmente delicioso.

— Seu nome é Nimh, correto? Você sabe fazer massagem?

Ela finalmente olhou na minha direção. Seus olhos eram tão claros, que cintilavam até no escuro.

Sequei a taça no segundo gole.

— Você não vai ter tempo pra uma massagem.

— Ah, não? Nesse caso, ótimo. Porque eu estava realmente...

Um bocejo involuntário. Um peso nas pálpebras. A visão embaçando.

— Porco! — Foi a última coisa que ouvi.



Não sei por quanto tempo dormi. Sei que todo o meu dinheiro havia sumido. Corri para a rua inutilmente, procurando uma das duas caloteiras. Nenhum sinal. Desgraçadas!

Corri para a estalagem, o grupo terminava de tomar café. Não falei nada, só comi uma porção de ovos fritos com presunto, bebi um café e peguei minha mochila de viagem.



— A noite foi boa? — Draco questionou.

— Foi ótima. Agora vamos embora dessa cidade!

Entreato

— Alberich, você acha o Draco um bom líder? — Gladius perguntou como se já soubesse a resposta.

— Eu não considero o Draco como líder.

— Como assim?

— Não compreendo seu espanto. Vocês dois tagarelam demais, o que não quer dizer que tomem todas as decisões. Digo por mim mesmo, se todo o grupo se aposentar amanhã, eu vou continuar me aventurando. Só faço o que acho certo, o que por acaso coincide com o que vocês acham certo, simples assim.

— Acho que você não prestou atenção no Draco. Ele tem um ótimo coração.

— Ter um ótimo coração só serve pra ter mais fôlego. Mas já que você está entrando nesse mérito, acho que você prestou tanta atenção no Draco, que parou de ver os defeitos dele.

— Por exemplo?

— Daqui a pouco, ele vai pedir nossa opinião pra escolher as próprias roupas. Ele é uma pilha de dúvidas ambulante. Você acha que ele é líder, eu acho que é influenciável. Aposto que ele faria o contrário das próprias convicções, se o grupo inteiro votasse contra.

— Isso porque ele se importa com a gente.

— Você pode se importar e manter sua bússola moral firme.

— Você é muito turrão.

— Garoto, imagina se uma tropa parasse pra decidir cada movimento no meio da guerra!

— Não estamos em guerra.

— Todos nós temos uma guerra dentro de nós. E eu acho que seu amigo está perdendo a dele.

LUTO

DRACO

Por que um lobo atacaria uma criança?

— Você vai reportar a missão à Ordem, e depois, o que planeja fazer? — Quebrei o silêncio me dirigindo a Alberich.

— Cuidar de alguns documentos pessoais e partir em outra aventura. Ficar na sede da Ordem é o mesmo que cuidar de burocracias e eu não me interesso por isso.

— Com certeza é menos arriscado do que enfrentar goblins, aswangs e necromantes.

— Eu jurei proteger os mais necessitados e é isso que eu faço. A burocracia é totalmente dispensável pra mim, apenas um mal necessário pra Ordem. Se quiserem me empurrar alguma missão oficial, vou recusar e partir por conta própria.

— Uma missão oficial viria de um superior, não é? E se tentarem te obrigar a obedecer?

— Eu quero ver quem é que vai me obrigar! Estou longe de ser o paladino mais popular entre os meus irmãos e não tenho vergonha disso. Prefiro cumprir os meus juramentos do que ficar servindo aos interesses dos outros.

— Interesses? Os paladinos não protegem as pessoas? Então a anciã tinha razão?

— Sim, juramos, só que nem sempre é o que todos fazem. Na verdade, a maioria não faz. A Ordem dos Paladinos é uma organização como qualquer outra. Jogos de interesse e politicagem são comuns e eu me recuso a participar disso.

— Senhores — Gladius interrompeu —, mudando um pouco de assunto, eu tenho uma boa notícia: avistamos uma cidade.



Não era uma cidade como aparentava, só mais um condado. Enquanto caminhávamos, eu e Alberich não interrompemos a conversa.

— Você não costuma falar muito de si mesmo, Draco — o paladino prosseguiu.

— Só não tenho muito o que dizer sobre mim mesmo.

— Você carrega a espada de um campeão, isso já é o suficiente para uma balada inteira de um bardo.

— Na verdade, um bardo já fez uma balada sobre como eu consegui essa espada, não ficou boa.

— Bardos são desagradáveis mesmo. Quando são ruins, incomodam uma taverna inteira, quando são bons, fazem barulho demais e não deixam ninguém conversar.

— É tipo isso mesmo.

— Não mude de assunto. Você tem a espada de um campeão. Pensei que Ausohlung vencesse o torneio de Arena todo ano.

— Ele foi banido da Cidade dos Guerreiros há três anos.

— Não sabia.

— O torneio admite mortes acidentais. Ele matou um oponente que havia se rendido. Até a plateia, que adorava os combates, o vaiou. Então ele pegou a espada-prêmio e fugiu. Depois disso, foi considerado banido da competição e procurado pela milícia.

— E você aproveitou que o campeão invicto estava fora e venceu o torneio do ano passado.

— Quase. Eu e Gladius nos inscrevemos, mas Ausohlung invadiu a arena com um grupo de capangas e tentou roubar o prêmio de novo.

— Nossa! E um único bardo ruim compôs uma balada sobre essa história. Ela merecia bem mais que isso.

— Eu só ouvi uma, pelo menos, devem ter mais em Arena. Foi difícil, todos os competidores lutaram bem. O combate só terminou quando eu derrotei Ausohlung. E então fui aclamado o campeão do torneio e fiquei com o prêmio.

— Espero que você não se incomode quando os bardos cantarem seu nome por todo o continente.

— E por que você acha que isso vai acontecer?

— Porque vai.

— Cara – Gladius interrompeu de novo —, cadê todo mundo?

Agora que estávamos perto do condado, vimos que o local se encontrava deserto. Simplesmente não víamos ninguém andando pelas ruas.

Estranhamos e desaceleramos o passo. Estávamos ansiosos por uma refeição de taverna em vez das rações que compramos na última aldeia, e uma

cama de estalagem em vez de sacos de dormir, coisas que poderiam ser encontradas num condado, e não numa cidade fantasma.

Passamos por uma rua larga entre as casas e tudo o que vimos foi um idoso, que parecia um mendigo, sentado numa encruzilhada.

— Deve ser uma assombração — Marcus falou e cuspiu para espantar os maus espíritos.

— Não seja idiota — respondi.

— Parece uma assombração mesmo! — Gladius deu forças ao brutamontes.

— Se estão com medo, eu vou sozinho. — Encerrei a questão.

Caminhei até o idoso, que me viu ao longe e fixou seu olhar em mim. Ele parecia adoentado e tremia incessantemente. Quando me aproximei, ele começou:

— Todos se foram. Todos com amor à vida se foram. Só ficaram aqueles que não têm pra onde ir ou que já perderam tudo. Todos se foram.

— Por que eles se foram?

— Os ataques. A brutalidade. A morte. Eles fugiram.

— Quem atacou vocês, senhor?

— A brutalidade... a brutalidade...

— Senhor, onde eu posso encontrar alguma autoridade? Algum guarda ou alguém da milícia?

— Guardas são pessoas como todos nós. Eles também foram mortos. E outros fugiram.

— Todos?

— O conde. O conde paga bem. O conde tem proteção. Só o conde tem proteção.

— Onde ele está?

— Está protegido... protegido...

— Aponte aonde ele se protege.

— Em sua casa — o idoso apontou com os dedos ossudos para uma direção.

— Aqui, coma isso, vai te alimentar um pouco, apesar de não ser muita coisa. — Tirei um pacote de ração da mochila e lhe entreguei. Não podia fazer muita coisa para ajudá-lo, então dei o que eu pude. — Vamos, senhores, vamos ter uma conversa com esse conde.



Por onde andamos, vimos miséria. Não uma miséria causada por um longo período de fome ou opressão, uma miséria causada por algo recente e rápido.

— Parece que este condado foi o palco de uma guerra — Alberich ponderou.

— Fizeram um saque dos bons. — Marcus observava tudo, mais atento do que o costume.

E ele tinha razão, aquilo só poderia ser obra de um saque. Algumas casas tinham tábuas de madeira selando o que um dia foram janelas, outras não tinham porta, as que tinham teto de sapê já não tinham mais teto nenhum e, em alguns pontos, entulhos de tijolos marcavam construções completamente destruídas. Pelas ruas, vimos apenas uma mulher, que logo correu para dentro de casa quando nos avistou.

— Filho da p... — Gladius perdeu as palavras quando dobramos uma rua e avistamos a moradia do conde.

O nobre local vivia num belo feudo. Provavelmente quase metade do condado inteiro era ocupado por suas plantações e tudo parecia belo e calmo depois do longo cercado de madeira. Só havia uma coisa incomum: a quantidade de guardas. Eles estavam por toda a parte, vigiando e patrulhando o território. Quando nos aproximamos, um deles veio em nossa direção.

— Boa tarde, forasteiros.

— Boa tarde, precisamos falar com o conde — me prontifiquei.

— Ele não está disponível no momento.

— E quando estará?

— Quando o condado se pacificar.

— Quando o condado se pacificar ou quando vocês pacificarem o condado? Porque, nesse ritmo, o condado vai virar esterco pisado antes de qualquer coisa — Marcus se intrometeu.

— Já que você é tão viril, acho que pode pacificar o meu lar por si mesmo. Avise quando der conta do recado. Até lá, não voltem aqui, ou serão recebidos com flechas — o guarda respondeu, deu as costas e foi andando. Assistimos a nossa única chance de contato com o conde indo embora, até que eu me virei e xinguei o meu colega.

— Já deu pra perceber que você é bom em matar goblins e péssimo em falar com pessoas, então deixa que eu converso da próxima vez, combinado?

— Eu quero ver quem é que vai atirar flechas em mim!

— Se me permitem me meter na conversa de vocês, eu contei uns vinte guardas, sem falar nos que não estão à vista, então nem conversa e nem flechas estão em cogitação no momento. Vamos embora daqui? — Gladius acalmou os ânimos.

Começamos a caminhada de volta para o condado e a moça que havia fugido estava parada ao longe nos olhando. Dessa vez, ela não fugiu.

— Pelo menos ela não pode nos ameaçar com flechas. — Gladius tentou fazer humor.



— O conde não vai sair do casarão, nem os guardas vão sair do feudo. Fomos abandonados — a moça disse assim que nos aproximamos. Olheiras e cabelo despenteado indicavam alguns dias sem comer e sem dormir.

— O que aconteceu aqui? — perguntei.

— Orcs.

Engoli em seco.

— Quantos?

— Quantos orcs ou quantos ataques?

Fiquei sem resposta.

— No começo eram mais de vinte — ela respondeu. — A milícia matou alguns, mas eles mataram mais. Depois do terceiro ataque, o conde botou todos os homens armados pra dentro do feudo e não deu mais as caras. Meu marido era da milícia e se recusou a me abandonar. Ele morreu no quarto ataque e eu não sei mais o que vai ser de mim e do nosso filho — ela falou, acariciando a barriga levemente oval, se segurando para não chorar.

— Quando foi o último ataque?

— Há três dias.

— Você ainda tem comida?

— Sim, o meu marido conseguiu proteger nossa casa.

— Qual é o seu nome?

— Isabela.

— Isabela, eu prometo que seu marido será vingado e que o seu condado nunca mais sofrerá um ataque dos orcs. Apenas me diga onde eles estão.

— Eles vêm do sul, existe uma floresta que fica perto de um vale.

— Vá pra casa, nós vamos resolver isso.

— Barão, garoto, preciso de um favor seu... — Alberich se dirigiu ao caprino e coçou sua barbicha. — Essa moça está sozinha e cidades desoladas são perfeitas pra todo tipo de ladrão e estuprador. Fique com ela até voltarmos.

O íbex murmurou e seguiu a dama.

E nós seguimos para o sul, conforme indicado pela viúva.



— Outra missão sem recompensa — Marcus reclamou enquanto seguíamos para o nosso destino. A floresta realmente não ficava longe, levaria apenas duas ou três horas de caminhada.

— Não importa a recompensa.

— Tudo o que importa é a vingança? — Gladius perguntou. Para todos, deve ter parecido uma pergunta aleatória. Para mim, foi mais do que isso, foi uma pergunta bem pessoal.

— Não, não é só vingança. É justiça. Eles cometeram crimes e vão pagar.

— E qual é a diferença entre vingança e justiça, Draco?

— Vingança é derramamento de sangue. Justiça é punição por um crime.

— Punição através de derramamento de sangue?

— Vai começar a responder como mercenário e não como aventureiro, como o Anthony propôs? — Eu estava prestes a me irritar.

— Ele não propôs nada. — Meu amigo se mantinha inflexível. Os outros começavam a estranhar aquela conversa.

— Vocês vão mesmo perder tempo com essa briga? — Zhi Wu interrompeu. Sempre que ela falava, o que não acontecia todos os dias, tudo ficava em silêncio logo em seguida. E ela nunca falava algo em vão. Era como uma voz da consciência que nos fazia botar o pé no chão quando necessário.

— Ela tem razão, não podemos brigar. Olha, quem achar que não vale a pena, pode esperar no condado. Eu não posso ignorar o que está acontecendo e continuar a viagem antes de resolver isso.

Ninguém se manifestou contra e nem a favor. Apenas continuamos seguindo.



Acreditávamos que os orcs estavam em alguma caverna nas colinas, pois esse é o habitat natural deles, entretanto logo que entramos na floresta, Zhi Wu detectou pegadas. Não era difícil de ver, na verdade, passos pesados feitos por botas largas e rústicas.

Caminhamos bem devagar para não perder a pista. Caso ficássemos perdidos na floresta, poderiam ser eles a nos encontrar e isso seria a nossa morte. Se caçássemos criaturas mais leves ou mais discretas, nunca conseguiríamos alcançá-las. Orcs são burros e ferozes, especialistas em matar e destruir, discricção é algo desconhecido para eles. Na verdade, a presença de um orc é a presença de violência e brutalidade.

Depois de duas horas no bosque, vimos um acampamento no meio das árvores, próximo a uma clareira. A clareira era meramente sorte nossa, orcs são criaturas noturnas e subterrâneas, e odeiam a luz do dia, por isso preferem acampar na mata fechada e pouco luminosa. Poderíamos usar isso em nossa vantagem. Logo avistamos alguns sentinelas: mais altos e mais musculosos do que humanos, pele cinzenta, ombros, braços, boca, nariz, queixo, tudo volumoso, a expressão sempre agressiva nos olhos vermelhos, como feras dispostas a devorar uma presa. A maioria parecia estar dormindo. Tínhamos a chance de um ataque surpresa.

— Tem algo de muito errado acontecendo — cochichou Alberich.

— O quê? — respondi tão baixo quanto.

— Orcs numa floresta. Eles não sairiam das cavernas sem um bom motivo.

— Talvez pra saquear a cidade.

— Não valeria a pena abrir mão do conforto do escuro pra saquear um condado repetidas vezes, isso não faz sentido.

— Se ficarmos aqui, perderemos o efeito surpresa e isso sim é que não faz sentido. — Gladius encerrou o debate.

— Senhores, no três — me prontifiquei. — Um... dois... três!

Enquanto eu avancei, um pequeno objeto, talvez um dardo ou uma adaga, cravou no pescoço de um orc, que tombou sem emitir nenhum grunhido. Deduzi que Zhi Wu havia matado o primeiro inimigo e parti para o próximo. Meu alvo erguia o machado enquanto Labareda entrava em seu estômago. Antes de morrer, ele uivou alto, como o soar de um alarme. Marcus tinha um corpo partido ao meio e a espada larga ensanguentada, enquanto Gladius e Alberich digladiavam com seus respectivos adversários. Eu partiria para auxiliá-los, se não fosse por três outros sentinelas atacando, dois para Marcus e um para mim — consideraram aquele com a maior arma o maior perigo, tolos. Aguardei a aproximação, bloqueei um golpe com meu escudo e girei a espada na horizontal. Ele esquivou para trás e voltou com um ataque vertical, de cima para baixo, gritando feito um animal a cada movimento. Ergui o escudo e segurei o forte impacto ao mesmo tempo em que estoquei minha lâmina trespassando outro ventre. Olhei ao meu redor rapidamente e vi que todos os sentinelas haviam sido derrotados. A má notícia era que o restante do acampamento já estava preparado e vindo para a batalha.

— Reagrupar! Reagrupar!

Em vez de virem para o ataque diretamente, os orcs se espalharam e começaram a nos cercar.

— Precisamos sair daqui! — gritei.

— Não temos pra onde fugir — Gladius respondeu.

— Então criaremos um caminho! Pra clareira! Um, dois, três, já!

Corri e rezei para ser seguido. Provavelmente, a ideia do grupo de cinco aventureiros correndo juntos para uma única direção durante o cerco, estivesse muito longe das expectativas dos orcs. Com o grupo compacto e reunido, não seria difícil quebrar um ponto específico da formação deles e fugir para a clareira, aonde teríamos vantagem.

Um orc no meu caminho preparou um ataque quando me aproximei, como eu não tinha tempo para parar e lutar, apenas bloqueei com o escudo, empurrei-o para o lado para abrir caminho e prossegui. Em poucos segundos, a claridade tomou posse de nossos olhos.

Seguimos até uma certa distância da mata e paramos. Piscamos incomodados por alguns instantes, para nos reacostumar com a luz do dia e ficamos felizes pela nossa primeira visão nítida: os orcs receosos na margem da mata fechada.

— Deve haver mais de dez. — Contei rapidamente.

— São nove — Zhi Wu corrigiu.

— Preparem-se para o combate! — Comandei.

Erguemos nossas armas e aguardamos. Eu e Alberich no centro, Gladius ao meu lado, Marcus na outra ponta e Zhi Wu atrás de nós.

Um orc especialmente maior do que os outros — maior até do que o brutamontes do Marcus —, se destacou entre os outros e começou a gritar. Não apenas urros, ele dizia algo. Ele discursava. O líder estava incentivando e atijando seus soldados. Ao final, uivou ferozmente e seus homens responderam. Ainda uivando, eles vieram.

Zhi Wu acertou o tórax de um orc com um de seus arremessos, sem causar morte instantânea. O primeiro que me alcançou foi recebido por um corte vertical, que abriu sua barriga da cintura ao ombro. O segundo foi recebido pelo meu escudo. Ataquei uma vez, ele aparou com o machado, girei minha lâmina uma segunda vez e atravessei sua axila, derrubando-o no mesmo movimento.

E então veio o líder.

Ele girou um imenso machado de baixo para cima, me obrigando a pular para trás para não ser partido ao meio.

— Você, líder! Você, morto!

Ele gingou o machado na horizontal, num golpe que poderia ter derrubado uma árvore, eu me agachei e deixei o golpe cortar o ar. Girei minha espada, ele

inclinou o tórax para trás, evitando o golpe sem precisar dar nenhum passo de ajuste, então ergueu o machado e afundou-o no chão com tanta velocidade que não teve tempo para um contra-ataque, apenas uma esquiva para a direita. Foi quando Gladius surgiu e atacou o orc líder, que não conseguiu se defender e recebeu um corte profundo no braço esquerdo.

— Você não vai ficar com toda a diversão dessa vez.

Atacamos juntos e a situação mudou substancialmente para o orc. Enquanto girávamos nossas espadas, o líder foi obrigado a recuar e defender. Esquivou de alguns golpes, bloqueou outros com sua arma, tentou um ataque, que, para a sua infelicidade, passou longe de nos acertar, até que foi atingido na coxa por Gladius e na costela por mim. Mesmo ferido, o grandalhão ainda parecia disposto a lutar.

Só não era burro. Vendo a morte certa, ele afastou nossas lâminas com um último golpe e correu em retirada. Uma adaga cravou em seu ombro no caminho, sem detê-lo.

— Vamos pegá-lo! — Marcus gritou.

Olhei ao redor e vi que todos os orcs haviam sido derrubados. Só faltava o líder, que já estava ferido.

Partimos em perseguição e o encontramos parado em frente à maior barraca do acampamento, com o machado erguido. Sua respiração era dolorosa e ele obviamente não aguentaria mais golpes.

Quando íamos finalizá-lo, ele disse:

— Família! Família!

Hesitamos.

— Do que ele está falando? — questionei confuso.

— O que importa? Nós viemos até aqui vingar o condado, não foi? Vamos acabar logo com isso. — Marcus já estava com a espada erguida.

— Espere! — ordenei.

O orc manteve a posição. Ele estava decidido a lutar, mesmo diante da morte. Não era uma questão de sobrevivência, ele poderia ter fugido, nunca encontraríamos um único orc em fuga na floresta. Havia algo a mais.

— Família! Minha... família!

Foi quando ouvimos um choro. Um choro de bebê.

Havia uma criança dentro da barraca.

Ficamos atônitos. Orcs destroem, caçam e matam, nada mais. Porém aquele orc estava protegendo a família dele. Ele já havia perdido tudo, e ainda lutava — e morreria — pela família.

— Não atacaremos. — Decidi.

— O quê? — Marcus se indignou.

— Abaixem as armas.

Confusos, todos obedeceram. E eu estava tão abalado quanto eles.

— Não podemos matá-lo.

— Ele é uma ameaça — Marcus protestou.

— Ameaça a quem?

A visão do líder orc tombando pelo sangramento interrompeu nossa discussão antes que Marcus respondesse. Ninguém sabia como reagir. Sem ter opções, eu solicitei:

— Curativos.

— Você só pode estar brincando.

— Esse orc será interrogado, precisamos dele vivo, façam curativos.

Alberich se prontificou, foi até o orc desacordado, arrancou partes da armadura de couro que o derrotado usava e pôs-se a estancar seus sangramentos.

O choro não cessava. Lentamente, fui até à barraca e puxei a cortina para ver o que se passava lá dentro. Imediatamente, uma orc ergueu um machado em minha direção, enquanto segurava um bebê no outro braço. Antes que ela decidisse atacar, afastei-me da cabana.

— Vamos esperar o líder acordar. Precisamos entender o que estava acontecendo aqui.



Aos poucos, o orc foi recobrando a consciência. Passou-se uma hora ou um pouco mais, o bebê havia parado de chorar e a mãe não fez menção de sair da barraca. Não amarramos o líder, não era necessário, o seu machado já estava fora de seu alcance e ele continuava indefeso. Ele se assustou quando deu conta da sua situação e exibiu os dentes amarelos e afiados, sem nenhuma reação violenta, além da ameaça. Nós os cinco estávamos sentados, cercado-o.

— Fala a nossa língua? — comecei o interrogatório.

Ele precisou de um tempo para raciocinar.

— Pouco — respondeu com sua voz gutural.

— Por que atacaram o condado?

— Comida. Aqui, pouca caça. Lá, mais caça.

— Vocês vieram pra essa floresta faz pouco tempo, não foi?

— Sim.

— Por quê?

— Expulsos.

— Vocês foram expulsos de onde moravam, é isso?

— Sim.

Olhei para o meu grupo. Gladius parecia curioso, Alberich pensativo, Marcus confuso e Zhi Wu impassível. Prossegui.

— O que expulsou vocês?

— Monstro.

— Orcs também são monstros. — Marcus cuspiu.

O orc pareceu entender o comentário e não gostou. Ele exibiu as presas para o guerreiro e rosnou. Marcus soltou uma pequena risada de desprezo, aproveitando o estado de desvantagem do nosso refém.

— Como era esse monstro? — prossegui.

— Grande. Chifres. Machado.

— O que pode ser grande para um orc? — Gladius questionou.

— Talvez um abissal... — Marcus considerou.

— Não deve ser — disfarcei o calafrio. — Não existiria mais condado se tivesse um abissal por perto.

— Esse monstro sabe ficar invisível? — Gladius questionou

— Não — o orc respondeu, depois de refletir um pouco.

— Ele sabe armar armadilhas? — Meu amigo continuou.

— Não.

— Ele tem alguma arma de longa distância, como um arco?

— Não.

— Existe algum abissal que saiba usar isso tudo? — Marcus duvidou.

— Eu li a respeito de uma casta de predadores. Felizmente, não parece ser um deles que caçou os orcs — Gladius respondeu.

— Só se foi numa fábula totalmente fictícia — Alberich duvidou.

— E de onde esse monstro veio? — questionei.

— De baixo.

— Como assim?

— Do subsolo, oras — Alberich respondeu com propriedade dessa vez. — Vocês, humanos, acham que só anões vivem em montanhas e colinas e orcs vivem em cavernas, mas existe muita coisa além disso. Vocês só sabem falar de Liga Prateada, República Azul, Centrália, e ignoram o Submundo.

— Submundo? — Gladius coçou a cabeça.

— Pensa em todo o espaço que os humanos ocupam na superfície. Agora fique sabendo que existem várias camadas de cavernas embaixo da terra, todas habitadas por vários povos e criaturas. O nome disso é Submundo e parece que alguma coisa lá de baixo encontrou o caminho pra caverna dos orcs e botou eles pra correr.

— Ótimo. Nós iremos até esse monstro! — Voltei nosso foco à realidade.

— O quê? — Gladius e Marcus perguntaram em uníssono.

— Acabar com a ameaça do bando orc não significa acabar com a missão.

O que fez isso com eles pode fazer o mesmo com o condado ou com outro povoado próximo. Não podemos ignorar, precisamos dar um fim no monstro — disse com firmeza.

Alberich balançou o rosto positivamente. Gladius transparecia insatisfação, mesmo concordando — eu sabia que concordaria, conheço o senso de moral do meu amigo. Zhi Wu não esboçou reação, então deduzi que ela seguiria o grupo. Marcus era o mais inconformado, ele olhava para os outros procurando alguém que apoiasse o seu protesto. Desistiu vendo que não teria aliados.

— E como vamos achar o tal monstro? — resmungou.

Virei-me para o orc.

— Qual é o seu nome?

— Thremmor.

— Nós mataremos o monstro que expulsou o seu bando, Thremmor. Você terá o seu machado de volta e nos guiará até ele.

O orc sorriu e falou:

— Vingança.

A palavra me incomodou, mas não tínhamos tempo a perder.



Não demoramos a partir. A mulher orc e o bebê nos seguiram. Nenhum de nós tirou o olho deles por mais de um minuto e não disfarçávamos a nossa desconfiança. Ele explicou, com a sua linguagem limitada, que os orcs moravam nas cavernas próximas às colinas, como imaginávamos, até que o "monstro" expulsou todos os habitantes da região, como gnomos e goblins, além dos próprios orcs. Seja lá o que aquilo fosse, era grande, forte e matava com facilidade. Seria uma missão arriscada.

Depois de algumas horas, saímos da floresta e chegamos nas colinas. Era uma região vasta, com relevos suaves e poucas ondulações realmente grandes, onde não se via nenhum sinal de civilização. Se Thremmor não tivesse nos guiado, levaríamos dias para encontrar o complexo subterrâneo onde ele vivia. As colinas eram cheias de cavernas e buracos, onde com certeza moravam diversas criaturas perigosas — talvez por isso não tivesse nenhum povoado humano nas redondezas.

Na entrada da caverna, o orc líder se despediu de sua família e prometeu que voltaria logo. Agora, éramos só nós cinco e ele.

Em momento algum consideramos que Thremmor fosse de confiança. Acreditamos que a desvantagem numérica de um para cinco e o fato da família dele estar indefesa fossem o suficiente para mantê-lo leal por algum tempo. Enquanto descíamos pelo complexo cavernoso com tochas acesas, me veio a hipótese de ser uma armadilha, de haver outros orcs lá embaixo e que a mulher orc conhecesse outros caminhos para avisar da emboscada ao bando. De qualquer forma, era tarde demais para voltar atrás e eu realmente não acreditei nessa possibilidade. O jeito seria prestar atenção redobrada por cada túnel que passávamos.

Depois de cerca de uma hora caminhando, o orc líder apontou um corredor e disse:

— Antiga morada.

— É para lá que não vamos. — Decidi de antemão.

— Planeja fazer o quê, então? — Gladius questionou.

— Não tem nada lá, apenas uma morada orc abandonada. Precisamos encontrar o tal monstro.

— Sim... mas onde?

Voltei-me para o orc.

— Conhece essa caverna além da sua morada, não é? Sabe onde encontrar o monstro?

— Monstro se esconde nas profundezas. Não conheço a morada do monstro.

— Nós temos que achá-lo. Leve-nos aonde você acredita que ele possa estar.

Em silêncio, Thremmor obedeceu.

O orc parecia saber por onde andava. Passamos por túneis e salões, todos de pedra bruta. O complexo era um verdadeiro labirinto. Impossível uma criatura conhecer todos os caminhos, mesmo vivendo ali uma vida toda. Em certo momento, ouvimos um som estranho. Algo grave como um rosnado, sem parecer irritado ou ameaçador. Parecia um aviso.

À nossa frente, o túnel dobrava para direita e não conseguíamos enxergar o que poderia estar além. Atrás, um longo corredor. O som viera pela frente. Destemidamente, Marcus se prontificou:

— Vou ver o que foi aquilo.

— É muito perigoso, melhor ficarmos juntos. — Tentei impedi-lo.

— Eu não recebo ordens de você — ele respondeu.

E continuou andando com a tocha em mãos, aproximando-se da dobra no túnel. Ficamos apreensivos por um instante, mas ninguém parecia disposto a arriscar-se daquela forma. Logo, a apreensão passou e o horror veio.

Quando Marcus alcançou a dobra, um machado imenso surgiu, girou e, num único movimento, trespassou um braço, as costelas, a coluna e o outro braço do guerreiro, atingindo a parede ao seu lado. Tudo havia se partido. Membros e armadura despencaram no chão, junto de uma enorme poça de sangue. Nem a espada de duas mãos aguentou o ataque e tombou dobrada, junto aos restos de Marcus.

Não tivemos tempo para náuseas. Assim que o guerreiro morreu, a imensa criatura se revelou. Deveria ter uns três metros de altura, era larga e coberta de pelos. Corpo humanoide, focinho, presas e chifres de touro. Nas mãos, um machado do meu tamanho. O monstro era um minotauro.

A enorme besta apontou os chifres na direção de Gladius e veio em investida. Não deu tempo para nada, o monstro atingiu o escudo do meu amigo, que teria sido destroçado se fosse um item mundano, mas absorveu o impacto da chifrada. Gladius se limitou a dar um passo para trás e manter seu escudo erguido. Ainda assustado, gritei:

— Atacar!!!

Meu primeiro golpe cortou a coxa do minotauro, mas seu couro pareceu tão rígido quanto aço, abrindo apenas uma pequena ferida. O túnel em que estávamos era muito apertado, então dei um passo para o lado para permitir que meus aliados pudessem atacá-lo sem termos risco de esbarrarmos braços e lâminas.

Gladius também deu um passo para o lado e cravou sua arma na costela do minotauro, que urrou com dor e se sacudiu, retirando a lâmina como quem retira um espinho do corpo. Alberich se aproximou, ergueu o seu martelo e acertou o estômago do monstro com um impacto bruto.

Thremmor soltou um uivo longo e feroz. Enquanto uivava, pareceu entrar num estado de transe e seu corpo pareceu contrair. Seus músculos saltaram e cresceram, seu rosto se tornou apenas instinto e selvageria e ele avançou contra o minotauro com a mesma agressividade com que o monstro avançou no meu amigo. O orc girou o machado e abriu uma ferida profunda no tornozelo do minotauro, fazendo-o urrar de dor.

Zhi Wu sacou uma de suas adagas e arremessou no peito do monstro. Teria alcançado o seu coração, se seus ossos e seu couro não fossem tão espessos.

Qualquer criatura teria caído depois de tantos ataques como aqueles, contudo o minotauro continuava de pé, ele era realmente capaz de dizimar tribos de orcs e estava determinado a nos exterminar.

Todos ajustamos nossas posições o máximo que podíamos para cercar o monstro e para que ele não pudesse se defender dos nossos ataques.

O machado veio em minha direção. Saltei para a direita e senti o chão vibrar com o impacto. Então ele girou a imensa arma num arco horizontal, me obrigando a agachar para não ser partido ao meio. Por fim, vieram os chifres, que eu consegui bloquear com meu escudo — que quase foi perfurado.

Ataquei o estômago do minotauro e só consegui espetá-lo, o que pareceu nem doer. Gladius continuou a cortá-lo com sua espada, Thremmor fez um segundo corte no tornozelo do monstro, que teria partido um tronco saudável, mas apenas incomodava o nosso inimigo, e Zhi Wu arremessou outra adaga, dessa vez, no pescoço da besta. A arma de arremesso nem sequer entrou no couro e caiu no chão, inutilizada.

— Que a justiça guie a minha consciência e os meus ataques! — Alberich pronunciou com o martelo erguido. Uma luz miraculosa emanou de sua arma e uma aura agradável surgiu. Agradável para nós, pois o paladino desceu o martelo nas costas do minotauro e sons de ossos rachando estalaram pelos túneis, seguidos por um grunhido furioso.

Mais uma vez o machado veio. Saltei para trás e me esquivei para a esquerda, sentindo a morte passar como um sopro próximo demais. Não tive a mesma sorte com os chifres. Eles atravessaram o meu escudo, rasparam no meu antebraço, abrindo uma ferida generosa, e me empurraram contra a parede. Gritei de susto e dor, e reagi rápido o suficiente para evitar que os chifres continuassem avançando e alcançassem o meu peito ou o meu pescoço. Gladius chamou meu nome em desespero e cravou sua espada no tornozelo do monstro. Logo em seguida, Thremmor acertou outra machadada, inutilizando a outra perna e fazendo o minotauro cair de joelhos. Alberich afundou seu martelo no mesmo ponto que atacara antes, fazendo mais ossos estalarem e Zhi Wu se jogou do fundo do corredor em cima do monstro, sacou uma espada curta e cravou nas costas da besta. Mas nada disso fez o minotauro desistir de tirar a minha vida e continuar empurrando sua cabeçorra contra mim.

Faltando apenas um palmo para eu ser perfurado, num último ataque desesperado, estoquei Labareda de baixo para cima, sem conseguir nem mirar para onde ela se dirigia. Impulsionado unicamente pela motivação, senti minha lâmina entrar na carne e gritei num esforço extraordinário enquanto salvava a minha vida. Um mugido engasgado surgiu e sangue escorreu farto pela boca do minotauro, que parou de fazer força, seus olhos perderam o foco e ele tombou no chão. Zhi Wu saltou antes que fosse soterrada pelo corpanzil e eu pude ver minha espada afundada na garganta do monstro.

O alívio durou apenas um segundo. Sentimos a vida forte através da respiração acelerada e do coração desesperado por um instante e lembramos da morte do guerreiro.

Matamos o monstro, mas Marcus também morrerá.



Thremmor parecia não entender a nossa dor e permaneceu em silêncio respeitoso.

Gladius estava sentado numa parede cobrindo o rosto com as mãos.

Alberich estava ajoelhado com as mãos entrelaçadas. Seu rosto expressava inconformidade e tristeza. Seus olhos vibravam, segurando lágrimas.

Zhi Wu se afastou de todos. Apoiava uma das mãos numa parede. Imóvel. Pude ouvi-la chorando baixinho.

Eu não gostava do Marcus. Realmente não gostava. Mesmo assim ele não merecia morrer. Ele agiu sem pensar, se arriscou, ignorou a ação mais lógica, que era manter o grupo unido. E isso não diminuía a nossa dor. Era irônico, pessoas que matavam monstros se sentirem daquela forma pela morte de um colega. Dane-se a ironia. Matamos por necessidade. Morrer faz parte do ofício, sabemos disso. E mesmo assim, não conseguimos aceitar a morte de um dos nossos. Nunca conseguiríamos.

Não sei quanto tempo passamos de luto. Em algum momento, Gladius soltou o rosto — seus olhos estavam vermelhos —, levantou-se e ficou parado em direção ao corredor de onde viemos. Alberich parou de orar e ficou olhando a cena macabra que aquele túnel se tornara. Logo, também estava de pé, nitidamente sem saber o que fazer, aguardando alguma iniciativa.

Fui até o corpo. Sua tocha ainda estava acesa. Peguei-a e cremei o guerreiro. O fogo demorou para pegar nas vestimentas de couro, e o cheiro de carne queimada me deu embrulhos. Quando finalmente as chamas se espalharam, joguei a tocha em cima do minotauro. Aos poucos, os pelos alimentaram o fogo, que se espalhou. Zhi Wu observou tudo com a máscara úmida.

— Vamos! — Foi tudo que consegui pronunciar.

Zhi Wu segurou meu braço e me encarou. Seus olhos finos e opacos nunca pareceram tão expressivos.

— Prometa-me que não permitiremos que isso aconteça de novo. Apenas prometa.

Demorei para encontrar uma única palavra simples:

— Prometo.
E fomos embora.



— Obrigado pela vingança. — Thremmor agradeceu quando saímos do complexo cavernoso e encontramos a sua família. Já era noite.

— O que fizemos foi justiça — corriji o orc.

Ele pareceu não conhecer a palavra.

— Não matamos o minotauro pra fazer com ele o que ele fez aos outros. Matamos pra impedir que ele matasse mais pessoas e pra que ele pagasse pelos seus crimes. Isso é justiça.

Mesmo após a explicação, aquilo parecia desconhecido para ele. Thremmor raciocinou lentamente enquanto absorvia as informações.

— Justiça...

— E o que você fará agora?

Ele olhou para sua esposa e seu filho:

— Família.

— Proteja e eduque. Ensine a lutar e ensine a justiça.

Pela primeira vez eu vi um brilho no olho do orc líder que não era fúria. Parecia compreensão.

— Lutem bem e continuem fortes! — Ele se despediu e seguiu o seu caminho.

— Cara, você se referiu aos orcs como "pessoas"? — Gladius me perguntou quando eles já estavam longe.

— Talvez ser um monstro não dependa da sua raça e sim das suas atitudes — refleti.

Provavelmente ninguém naquele grupo havia pensado por aquele ponto de vista antes.

— Que seja... e agora? Continuaremos a nossa viagem? — Meu amigo deu de ombros.

— Temos uma última coisa a fazer antes disso.



Passamos a noite numa estalagem no condado. Sem os milagres curandeiros de Sehdlon, as feridas iriam ter de cicatrizar sozinhas. Na manhã seguinte, a notícia de que "heróis" haviam dado um fim à ameaça orc havia se espalhado, e um mensageiro enviado pelo conde, nos procurou com um baú cheio de peças de prata. Se não fossem as necessidades do grupo, eu teria recusado.

Antes de partirmos, procurei uma pessoa.

— Seu marido pode descansar em paz agora. Avise aos que ainda ficaram no condado que os orcs não virão mais.

Um sorriso sincero e sereno se abriu naquele rosto exausto.

— Soube que o conde lhes recompensou generosamente.

— Nós tiramos o nosso sustento disso, eu não pude recusar. Espero um dia poder ajudar as pessoas de graça.

— Quanta nobreza da sua parte. Posso saber o nome dos heróis?

“*Heróis*”, sempre detestei essa palavra.

— Draco, Gladius, Alberich, Zhi Wu... e Marcus.

— Draco... — Ela ecoou, acariciando a barriga.

— Que as Virtudes lhe guiem, Isabela.

— Obrigada, Draco.



BREVE INTERLÚDIO

GLADIUS

O céu é meu teto, a terra é minha pátria e a liberdade é minha religião.

Enfim, uma cidade de verdade.

Aura é um dos quatro centros urbanos do Reino Abençoado, com uma burguesia próspera e um comércio bem aquecido. Não tem muita pobreza e nem os maiores ricos. Uma típica vizinhança de médio porte. Típica, exceto pelo Templo da Virtude, um monumento gigantesco no meio da cidade. E quando eu digo gigantesco, eu me refiro a uma construção tão grande que pode ser vista até do lado de fora da muralha. É um santuário antigo, erguido pelos próprios celestiais, símbolo de fé, esperança e poder. Quando identificamos o Templo, ainda na estrada, tivemos certeza de que havíamos chegado naquele centro urbano.

As principais ruas são bem organizadas, pavimentadas e limpas. As casas têm um ou dois andares nas periferias e dois ou três no centro e nos distritos nobres, a maioria de tijolos beges e telhados alaranjados. Algumas avenidas largas se estendem de uma ponta a outra da muralha, enquanto as ruas menores e vielas são emaranhadas como labirintos.

Todo tipo de comércio estava à nossa disposição: alfaiates, oleiros, ferreiros, boticários, tudo. Desde pequenos bazares em praças públicas, até enormes casas de ofício. Não vi nenhuma rua sem pelo menos um estabelecimento comercial.

As pessoas tinham, na maioria, pele clara, cabelos castanhos ou loiros escuros e olhos castanhos. Os homens costumavam ostentar bigode, cavanhaque ou barba farta e as mulheres possuíam mais pelos nos braços e nas sobrancelhas do que eu estava habituado a ver, mas não deixavam de ser bonitas.

Como todo bom grupo de aventureiros, a primeira coisa que fizemos foi procurar uma estalagem.

— Conheço uma excelente pra vocês, se chama A Medusa Careca. — Alberich recomendou enquanto fazia cafuné no Barão.

— Como assim, Medusa Careca? — Achei o nome curioso.

— Como assim, “pra vocês”? — Draco se atentou a um detalhe relevante.

— Ficarei hospedado em uma sede da Ordem. Vou reportar minha missão lá e cuidar pra que enviem uma carta pro meu capítulo.

— Capítulo? — Outro questionamento do meu amigo.

— A Ordem se divide em capítulos, uma unidade de membros que trabalham com autonomia, devendo satisfações apenas ao Conselho da Ordem. Todo reino onde a Ordem atua precisa ter um conselho, que é o capítulo de maior autoridade na região. Todos os capítulos e conselhos devem satisfações ao Supremo Conselho, que possui uma cidadela própria entre as três nações da Liga Prateada. A cidadela serve de sede pra Ordem e como uma ligação entre as estradas dos reinos.

— E você vai mandar uma carta pro seu capítulo, é isso?

— Sim, é a ele que eu devo satisfação e a mais ninguém.

— E se ele precisar falar com você?

— Meus irmãos sabem que eu os visito, pelo menos, uma vez por ano, então não me preocupo com chamados urgentes. Tenho sorte de pertencer a um capítulo que não se mistura com politicagens.

— *Hum*, tudo bem.

— Fiquem na Medusa Careca, fica na próxima rua à esquerda, eu passarei lá pra encontrá-los. Espero que gostem da cidade! — O paladino se despediu.

E eu, Draco e Zhi Wu fomos para a estalagem de nome engraçado.



O alívio de descarregar as mochilas de viagem foi indizível. Soltei minha bagagem no chão e me estirei na cama. Draco estava mexendo na sua mochila, sempre organizada, e Zhi Wu alongava os punhos e o pescoço em relaxamento. Soltei um gemido quando tirei minhas botas e os dois pararam para olhar na minha direção. Não dei importância, eu estava muito relaxado.

— O que planejam fazer na cidade? — Draco puxou assunto.

Meus olhos estavam fechados e meu braço estava no meu rosto para tapar a luz da janela.

— Que tal dormir um pouco?

— Podemos dormir de noite. Temos muitas moedas, melhor gastá-las antes que tentem nos roubar.

— Quem seria louco de roubar a gente, Draco?

— Alguém que vê uma sacola recheada de moedas e passa fome, talvez. Vamos, levanta! — Ele veio me sacudir.

- Pegue meu dinheiro e gaste tudo em vinho, pronto, resolvido.
- A sua armadura está cheia de buracos e eu preciso de um escudo novo.

Anda!

- Pelos Patriarcas Celestiais, como você é chato!
- Deixa de ser vagabundo!
- Quem precisa de pai quando viaja com você?
- Não me obrigue a te bater.
- Vocês dois parecem crianças — Zhi Wu interrompeu.

Dessa vez, nós dois paramos e olhamos para ela.

- E o que você vai fazer pela cidade, Zhi Wu? — Draco perguntou.
- O mesmo que vocês, mas sozinha.
- Como quiser. E depois, pra onde planeja seguir?
- Não sei ainda.

— Eu e Gladius vamos procurar outra missão, se você quiser continuar seguindo com a gente, seria uma honra.

- Talvez — ela disse e saiu pela porta, nos deixando a sós.
- Qual é a dessa mulher? — questionei.
- Todos nós temos os nossos segredos.
- Ter segredos é uma coisa, esconder o próprio rosto já é esquisito demais.
- Que seja, vamos gastar nossas recompensas, estamos merecendo isso.



Pelas ruas, uma carroça passou ao nosso lado e o cocheiro nos ofereceu transporte por algumas moedas de cobre. Tivemos que recusar umas cinco vezes até ele largar do nosso pé.



— Lógico que esse escudo é bom! — Era pesado demais. — Vocês não vão encontrar nada melhor do que isso à venda! — Era o quarto armadureiro que nos dizia isso.

Nenhum escudo era realmente bom. Um parecia ser frágil demais, outro um pouco pequeno, outro era razoável — bom, se não buscássemos algo melhor do

que só razoável — e agora esse parecia ser feito de chumbo. Às vezes, muito comércio gera muita porcaria.

Fomos embora.

— Vamos gastar nossas recompensas, você disse. Vai ser divertido, você disse — ironizei.

— Não é possível não ter um armadureiro bom nessa cidade.

— É uma cidade comercial, não militar. Quer comprar um perfume? Ou uma miniatura do Templo da Virtude?

— Sei que você sente falta das frescuras da sua terra natal, mas eu não vou te dar nenhum presente agora.

— Draco, fazendo piada? Por isso que o dia está nublado!

— Os celestiais me botaram na sua vida pra você nunca se esquecer do quanto é um idiota.

— É, se ainda existisse algum celestial.

— Falando sério agora. Você sabia que o seu escudo aguentava uma investida de um minotauro?

Eu refleti por um momento.

— Já havia reparado que ele não arranhava com facilidade. Na verdade, ele quase não tem marcas.

— Seu sogro está investindo em você, heim. Quando você vai dar um presente pra sua noiva também?

— Que tal não tocarmos nesse assunto?

Eu realmente não queria falar daquilo e, felizmente, meu amigo avistou alguma coisa.

— Aquilo é uma oficina de ferreiro de dois andares?

Era uma construção maior que todas as outras daquela rua. Parecia uma casa de ofícios.

— Bom, tem uma placa com uma bigorna e dois andares, deve ser — comentei.

— Se tem dois andares, tem dinheiro. Se tem dinheiro, deve ser bom.

— Se não for, você paga a cerveja da noite.

— E se for, você paga.

— Feito.

Enquanto nos aproximávamos, percebemos que a casa era realmente grande, parecia ter as proporções maiores do que o comum.

— Cara, quantos metros deve ter esse portão? — Espantei-me.

— Mais de dois.

— Deve ter uns três.

— Por que diabos um ferreiro tem uma porta de três metros? — Até Draco estava desconfiado.

Entreolhamo-nos.

— Vamos descobrir! — Encerrei a questão.

Não dava para chamar aquilo de casa, era um edifício. Só a porta era o equivalente a dois andares de uma moradia normal. Parecia um enorme cubo de tijolos entre as outras casas da rua. Empurrámos o portão duplo e entramos. Por dentro, o recinto parecia uma oficina de ferreiro bem espaçosa, com alguns equipamentos à mostra, pelas paredes, sem extravagâncias, exceto pelo balcão, que devia medir um metro e meio, e uma cadeira que, essa sim, deveria ser quatro vezes maior do que o normal. Havia uma passagem do tamanho da porta de entrada aos fundos e ninguém para nos receber.

— Essa espada parece boa. Só grande demais — Draco apontou uma arma de duas mãos pendurada na parede. Certamente uma obra-prima.

— A gente já conheceu um cara que usava uma espada como essa — comentei.

— Sim, aquele cara, de cabelo loiro espetado.

— Isso mesmo, aquele mercernário. — Eu já estava ficando inconformado pela ausência de recepção. — Alguém em casa? — gritei.

Um instante de silêncio e passos vieram do enorme corredor. Passos bem pesados.

Um gigante surgiu pela passagem.

Não era um homem muito grande, era literalmente um gigante! Parecia uma pessoa de quase três metros de altura, larga e gorda. Rosto flácido, os cabelos castanhos e desgrenhados e olhar bruto. Parecia um camponês comum, exceto pelo avental de couro — e por ser gigante. Em uma das mãos, um martelo enorme que ele carregava com naturalidade. Pelos braços e rosto, fuligem e suor.

Ele parou na nossa frente e ficou nos encarando. Olhei de volta e nem tentei disfarçar o estranhamento.

— Armas ou armaduras? — ele perguntou finalmente, com uma voz excessivamente grave.

— Escudo — Draco falou como quem acorda subitamente.

— Tenho aqueles — apontou para uma parede.

— Queremos algo melhor.

— Sai mais caro.

— Eu pago.

O gigante estendeu a mão.

— Agora! — Grosso e direto.

— Mas onde está o escudo melhor?

— Agora! — insistiu.

— Quanto?

— Quanto tem?

— Temos isso — e Draco mostrou as sacolas de dinheiro.

O gigante enfiou a manzorra e arrancou tudo do meu amigo. Confesso que ficamos um pouco assustados e eu até pensei em buscar a minha espada e a minha armadura na estalagem e recuperar o nosso ouro à força, caso ele nos roubasse. Enquanto eu pensava no que fazer, pareceu que o ferreiro nem reparou na nossa preocupação, espalhou as moedas pelo balcão e começou a contá-las e separá-las com seu enorme dedo — uma cena grotesca e engraçada. Quando terminou de amontoar um bocado de moedas, lembrou da gente.

— Um escudo bom. — Guardou o dinheiro que pegou para si e deixou o resto espalhado pelo balcão para nós mesmos recolhermos. Ele não havia pegado nem metade.

— Vamos querer também duas armaduras — falei.

Ele me encarou e eu pensei que fosse querer me bater.

— Couro ou aço? — Felizmente, só me encarou mesmo.

— Aço — respondi.

— Escamas? Peitoral? Completa?

— Peitoral está bom.

— Peitoral de aço. Com manoplas e tornozeleiras. Cota de malha e couro leve por baixo.

— Perfeito!

— De boa qualidade?

— Isso mesmo!

Ele abriu uma gaveta por trás do balcão e puxou uma fita métrica. Com toda a naturalidade do mundo, veio até nós e começou a medir nossos ombros, braços, pernas e tórax. Quando terminou, voltou ao balcão e contou mais dinheiro, separando e abrindo mais sacolas, sem nem olhar para nós. No final, só restou uma sacola de dinheiro e ele guardou todo o restante.

— Voltem amanhã! — Ele encerrou e voltou para o corredor.

Ainda atônitos, pegamos a única sacola que havia nos restado e nos retiramos.



Pelas ruas, uma loja de tecidos anunciou uma liquidação. Os cidadãos correram como uma manada e eu e Draco tivemos que tomar cuidado para não sermos carregados por eles. Depois, tive que explicar para o meu amigo o que era uma liquidação.



— Quem paga a cerveja? — perguntei a Draco. Já era fim de tarde e estávamos de volta à Medusa Careca.

— Ninguém, não sabemos se o equipamento vai ser bom ou não.

— E demos quase todo o nosso dinheiro.

— Com o que sobrou, dá pra sobreviver. Se for ruim, a gente reclama com ele.

— Vai encarar o baixinho? — Eu já estava rindo só de pensar na hipótese.

— Não falei em enfrentá-lo. Falei em reclamar do serviço.

— Deixa de ser covarde, acha que só falar vai dar em algo? Já enfrentamos coisas maiores.

— Não enfrentamos não!

— Não mesmo. Mas o Alberich e a Zhi Wu podem nos ajudar a dar uma surra nele.

— Dar uma surra num gigante porque nós fomos burros e deixamos ele levar o nosso dinheiro sem conferir a mercadoria antes? — Draco me olhava como se eu tivesse problemas mentais. — Duvido que eles vão nos apoiar.

— Eles poderiam até rir da nossa cara.

— Marcus riria, com certeza.

Rimos um pouco, apesar da triste lembrança do nosso colega. Respiramos fundo e decidimos que era melhor seguir em frente, sem luto por aquela noite.

— Senhorita, duas por favor! — pedi à estalajadeira.

— As que estavam penduradas pela parede pareciam boas — meu amigo comentou, tentando ser esperançoso.

— A gente quer melhor do que aquelas.

— E ele ouviu isso.

— Olha, não dá pra gente ficar remoendo isso. Ou perdemos o dinheiro ou vamos receber duas armaduras e um escudo ótimos amanhã. Até lá, a gente bebe! — disse enquanto retirava as duas canecas vazias da mesa.

A filha da estalajadeira chegou e nos serviu. Ela era bonita, magra, sem curvas acentuadas, com o rosto bem delicado, cabelo cacheado loiro escuro e olhos

castanhos claros. Devia ter uns dezessete anos. Quando observei a moça retornar ao balcão, percebi que a mãe olhava na minha direção muito séria. Voltei a prestar atenção no meu amigo.

— E depois de buscarmos os equipamentos? O que faremos? — perguntei.

— Procuraremos trabalho.

Draco sempre desviava do assunto principal. Ele sabia que buscávamos algo além do que apenas mais missões.

— Custou muito para acharmos da última vez.

— Acharmos quatro desde então.

— Foi sorte, e nem recebemos por todos.

— Isso não é o mais importante.

— Que seja! Planeja procurar por onde?

— Vamos ter que procurar informação. Descobrir alguma coisa de errado acontecendo.

— É quase como tentar se matar todos os dias.

— A diferença é que não estamos fazendo isso por motivos estúpidos.

— Já te falei que você é muito chato?

— Já.

— Vocês dois nunca vão parar com isso! — Não vimos Alberich se aproximar. Ele parecia um pouco menor sem armadura. Só um pouco.

— Puxe uma cadeira. — Ofereci.

— Madame, uma por favor! — Ele se sentou e pediu.

— Três. — A minha e a do Draco já haviam acabado.

— Não vejo Zhi Wu — o paladino anão declarou.

— Não sabemos dela, talvez apareça ainda. — Dei de ombros. — Como foi com a Ordem?

— Sem problemas! Não encontrei nenhum conhecido lá no Conselho. Apresentei meus documentos, reportei as últimas missões e enviei a carta. Nada demais.

— Tentaram te empurrar alguma missão? — Draco continuou o assunto.

— Sim.

Meu amigo me olhou e depois prosseguiu:

— E você recusou?

— Sim.

— Por quê?

— Era estúpida.

— Que tipo de estupidez?

— Um torneio.

Dessa vez Draco não conseguiu disfarçar a surpresa e eu não fiz a menor questão de tentar.

— Torneio? Onde? — Agora eu também estava interessado na conversa.

— Estava quase esquecendo que vocês já foram gladiadores. Vai ser na cidade de Tália, em Dellarte.

— O Reino da Beleza vai sediar um torneio? Pensei que eles só se importassem com museus, teatros, literatura e coisas do tipo. — Estranhei.

— Tália tem uma arena. Para alguns, espadas e machados também são arte.

— Nós vamos. — Draco decidiu.

— Nunca que eu perderia a chance de dar uma surra no meu amigo — debochei.

— Não fui eu que levei uma surra da última vez.

Eu ia responder, quando a filha da estalajadeira chegou com nossas cervejas. Dessa vez, Alberich reparou na beleza da moça — e logo voltou a prestar atenção na gente depois que percebeu o olhar da mãe dela.

— Vou com vocês.

— Ótimo! Mudou de ideia sobre o torneio? — Eu já terminava meu primeiro gole.

— Com certeza não. Vocês dois me levaram a três aventuras, além daquela que nos uniu pela primeira vez. Provavelmente haverá mais. A viagem será longa, a gente conserta um pouco o mundo até lá.

— Esse é o espírito! — Brindei com os dois.

— Amanhã partiremos — Draco declarou.

— Estarei aqui ao esplendor do sol — Alberich anunciou.

E brindamos de novo.

A noite prosseguiu, bebemos mais um pouco e conversamos muito. Falamos sobre nossas vidas, relembramos nossas poucas missões, brindamos ao Marcus e observamos algumas damas — evitando ao máximo a filha da estalajadeira, logicamente. No final, Alberich voltou para a Ordem e eu e Draco para o quarto. Era bom estar descansando sem pensar em problemas. Era bom não estar pensando nos meus problemas — apesar desses serem os que eu menos pensava a respeito. Um dia sem missões faz bem ao corpo e à mente.

Quando chegamos no quarto, Zhi Wu não estava lá.



— Sabe de uma coisa, Gladius?

Eu estava quase dormindo. Dava vontade de acertar um soco no Draco quando ele puxava assunto de madrugada.

— Você não quer discutir a nossa relação agora não, né? Eu fujo de casamento e você fica bancando a minha esposa o tempo todo.

— Não, seu idiota! Não é nada disso. É sobre o que aquela anciã nos falou naquele dia.

— Anciã?

— Aquela que pensavam que era bruxa.

— Hum, sei. Temos que falar disso agora?

— Acho que se eu falar, vai me ajudar a dormir depois.

— Eu juro que na próxima vez que tentarem te apunhalar pelas costas numa batalha, eu vou deixar e ainda vou falar: “isso foi por aquela noite em que você interrompeu o meu sono pra ficar de papo furado”. Agora fala logo!

Ele pensou um pouco antes de começar.

— É sobre a Aniquilação.

— Que é que tem?

— Você acredita nessa história?

— Sei lá! Todo mundo assume como verdade, então eu nunca parei pra refletir sobre isso.

— Ninguém vivo conheceu os celestiais ou os abissais.

— Existem lendas. Heróis. Ninguém fala que viu um celestial, pelo menos nunca ouvi falar — eu já estava desperto naquele momento. — E vários contam que os abissais conseguem invadir o nosso mundo de vez em quando.

— E sempre tem um herói que derrota os abissais. Por mais que eu conheça alguém que diga ter derrotado um abissal, não sei se vou acreditar.

— Decidiu ficar cético de uma hora pra outra?

— Não foi de uma hora pra outra.

— Cara, olha ao nosso redor! Talvez os abissais sejam só histórias pra assustar crianças. Mas com certeza os celestiais não existem.

— Se isso for verdade, nós estamos fadados à derrota também, não é? Assim como os celestiais foram derrotados pelos abissais.

— Sim, a perspectiva é essa.

— E por que lutamos?

— Sei lá! Deve ser por esperança.

— Ela não morreu também?

— Olha o Alberich, por exemplo. Ele defende as Virtudes, mesmo sem celestiais. Lembra como o martelo dele brilhou contra o minotauro?

— Lembro vagamente. Eu estava meio ocupado tentando não ser empalado pelos chifres do monstro, caso você não se lembre.

— E como me lembro!

— Ouvi dizer que os minotauros vieram de um povo humano que foi amaldiçoado pelos abissais e viraram aquilo, sabia?

— Sabia, fui eu que te contei isso. E você acredita?

— Se os abissais não existirem, isso não passaria de outra lenda.

— Vamos parar de falar desse assunto, não quero ter pesadelos.

— Não sabia que você estava amolecendo.

— Você se esquece que nem tudo é piada pra mim. A nossa busca não é uma piada, por exemplo. Ou você se esqueceu que temos um objetivo?

— Eu penso nisso todos os dias. Simplesmente todos os dias.

— A gente pensa mais amanhã, combinado? Boa noite, Draco.

Ele refletiu por um tempo. Ele sempre refletia demais.

— Boa noite, Gladius.

E ficamos em silêncio até cairmos no sono.



Saindo da estalagem, vimos três homens com muitas cicatrizes falando com a estalajadeira e ela dando um punhado de moedas para eles. Pensei que fossem cobradores de impostos.

Depois, quando já era tarde demais, lembrei que eles não estavam usando fardas.



Já estávamos indo buscar nossos equipamentos quando percebi que Alberich não havia comprado nada na cidade.

— Uau! Então a história de Adamastor, o ferreiro gigante, era verdade! — Alberich exclamou.

— Ele é famoso? — perguntei.

— Meio óbvio que sim. Ele é um gigante entre humanos.

— Como ele veio parar aqui?

— Sei lá!

— Tanto faz, só quero equipamentos bons.

— Espero que não tenham gastado todo o dinheiro.

— Duas armaduras e um escudo.

— Espero que ele seja tão bom quanto dizem.

Draco enfiou a mão na cara, indignado.

— Cara, vai estar um lixo — Draco resmungou.

Respirei fundo.

— Talvez ele só tenha precisado ajustar algumas peças semiprontas. Agora vamos encarar o resultado. — Amenizei o clima.

E nós três entramos na oficina gigante, enquanto Barão esperou do lado de fora. Assim que botamos o pé dentro, vimos um par de armaduras e um escudo que não estavam lá no dia anterior. Eram excelentes. O escudo era largo e circular, não parecia muito grosso e nem muito fino, peso modesto, o aço liso e reluzente. As armaduras eram mais chamativas ainda. O peitoral, as manoplas e as tornozeleiras pareciam ter sido esculpidos. A cota de malha e os protetores de couro por debaixo pareciam bem produzidos. Uma bela visão, só faltava vestir para saber se eram realmente bons.

O gigante apenas nos olhou e apontou para suas obras de arte.

— De vocês.

Estávamos ansiosos como crianças ganhando presentes. Draco despejou nossas armaduras velhas e o que havia sobrado do escudo sobre o balcão.

— Não vamos precisar mais disso, talvez você possa derreter e fazer alguma coisa.

E vestimos as armaduras. Quando terminamos, estávamos prontos para uma guerra. Estava tudo sob medida, encaixando perfeitamente. Giramos braços, pernas e a cintura, e mal parecia que estávamos vestindo metal. Foram os melhores equipamentos que poderíamos ter comprado.

— Só temos a agradecer. Muito obrigado.

O gigante nos olhou com aquela cabeçorra murcha.

— Nada.

E fomos embora. Do lado de fora, Alberich comentou:

— As armaduras ficaram muito boas mesmo. Foram a segunda visão mais chamativa, depois do gigante.



O sol forte trazia uma cena revigorante, apesar de um pouco quente demais para viajar. Era bom pegar a estrada em dias especialmente bonitos, dava uma

sensação de boa sorte. Enquanto caminhávamos para a saída leste da cidade, Draco abordou o paladino:

— Alberich, eu não vi nenhum outro membro da sua Ordem andando pela rua. Por quê?

— Porque não, oras! — Ele deu de ombros. — Não tinha nenhum por onde você passou.

— Como vocês se reconhecem? Digo, eu só te reconheci graças ao seu pingente.

— Isso daqui? — O cavaleiro segurou a cruz que estava sempre pendurada abaixo do pescoço. — É só o símbolo do primeiro grau da Ordem.

— Grau? — Eu não compreendi.

— É como uma patente militar, um nível de hierarquia. A cruz simboliza que sacrificamos a nossa própria vida por um dever maior.

— E você é do primeiro grau? — Draco perguntou.

— Não, do segundo. O primeiro é como um escudeiro. O segundo é um cavaleiro, um agente da Ordem.

— E por que exibe só a cruz então?

— Para nunca me esquecer do meu dever. De que serve subir na hierarquia e deixar de lado os princípios básicos?

— E o que simboliza o segundo grau?

— A ação. Diplomacia, negociação e política são necessárias, mas não bastam. Precisamos atuar no campo, ver a realidade com os próprios olhos para compreendermos as necessidades do mundo.

— Não precisa ser um paladino pra fazer tudo isso — contestei.

— Acredite, Gladius, vocês dois são muito mais paladinos do que vários membros da Ordem. Ainda assim, ser um iniciado também tem a ver com os juramentos, o código de conduta e até com os deveres. Se a Ordem decidir entrar numa guerra, por exemplo, eu sou obrigado a marchar junto com meus irmãos.

— E se você não concordar com a guerra? E se você achar que a Ordem está lutando do lado errado?

— Teoricamente, eu não posso questionar isso. Na prática, eu me reuniria com os irmãos do meu capítulo e saberia qual é a posição deles. Acho que não tomariam uma decisão da qual eu discordasse.

— E se tomassem? — Draco insistiu.

— Aí, eu confesso que não sei. — Alberich não se abalava com a conversa. Apenas respondia com sinceridade, reconhecendo até suas dúvidas.

Eu tenho que assumir que o cara era admirável.

— Você achou mesmo que iria me humilhar e sair ileso? — alguém gritou com ferocidade no meio da rua.

Foi quando notamos uma aglomeração à nossa frente. Uma dúzia ou duas de civis, uns dez homens armados e mais duas pessoas que se destacavam.

Essas duas pessoas estavam no centro da confusão, uma prestes a iniciar o derramamento de sangue e a outra entediada, só faltava bocejar. A primeira vestia uma estranha armadura lamelar, de placas retangulares atadas em filas horizontais. Entretanto seu traje não era o que mais chamava a atenção, e sim o seu rosto: focinho felino, finos lábios negros, presas afiadas, pelugem cinzenta por todo o corpo e olhos verde-água brilhantes como os de um predador. A outra era inevitavelmente simples perto do seu adversário, apenas um humano com armadura de couro em bom estado, olhos e cabelos castanhos e uma lança apoiada no ombro. Para ser sincero, sua arma era bem chamativa. Uma glaive, lança com uma lâmina curvada do tamanho de uma espada curta em vez de uma ponta, útil tanto para perfurar quanto para cortar. O cabo era todo verde e a lâmina azul reluzente tinha um suave formato de asa, com certeza uma obra de arte.

— Como planeja pagar pelo seu... trambique? — o bestial prosseguiu.

— Não planejo pagar. — O lanceiro deu de ombros.

— Você veio a mim sem nada e eu lhe ofereci um recomeço. Não vou engolir a sua ingratidão! Mais rugidos do que palavras.

— Não tenho dinheiro, sabe disso. E você precisaria do dobro, talvez o triplo de capangas pra me derrotar. Eu não tenho nada a oferecer e você não tem com o que me ameaçar.

— Ah, você tem o que oferecer. Eu realmente nunca vi você esbanjando nada... exceto a sua lança.

O guerreiro finalmente pareceu levar aquela conversa a sério.

— Fora de cogitação.

— Pensei que você prezasse sua honra. O que vai fazer, fugir de novo? Enganar outro contratante? Manchar ainda mais o seu legado com os seus trambiques?

A glaive foi apontada na direção do bestial, o que fez os capangas sacarem suas espadas. Dessa vez era o desafiante que estava indiferente.

— Você não é ninguém pra falar de honra! — o lanceiro bradou.

— Ainda tenho mais palavra do que você.

— Por que não volta pra sua cidade com o rabo entre as pernas e aceita de uma vez por todas que eu tapeei você?

— Talvez você ache fácil fugir por aí com o rabo entre as pernas porque não tem casa pra voltar. Eu, que tenho, não posso aceitar ser humilhado por um patife como você!

— Você nunca vai tirar a Longinus de mim.

— E você nunca vai recuperar sua honra.

— Você não sabe nada de honra.

— Conheço a honra dos duelos. — O bestial sorriu e estreitou os olhos, finalmente cercando seu oponente.

— Acha que sou tolo?

— Acho que é desonrado. Prove que é digno da sua lança e me derrote. Se vencer, está livre de qualquer dívida comigo. Se perder, eu levo a Longinus pra casa e você sai com o rabo entre as pernas.

— Vamos ficar só olhando? — sussurrei para meus amigos.

— Ele está em desvantagem numérica, isso não é justo! — Draco concordou.

— Se for um duelo, não podemos nos meter. — Alberich cruzou os braços.

— Tá brincando, né? — questionei.

— A gente não sabe o que levou esses dois a esse ponto. — O anão estava irredutível. — Se dermos uma surra nos capangas e no felino ali, o rapaz vai continuar sendo perseguido de qualquer maneira. Se deixarmos eles se resolverem, esse assunto acaba.

— Não me parece justo — Draco insistiu.

— Só podemos dizer o que é justo quando sabemos exatamente o que está acontecendo.

— Se esse duelo passar dos limites, eu não vou ficar parado — meu amigo determinou.

— Estou contigo — anunciei.

— Imprudentes! — Alberich resmungou.

Para finalizar, Barão soltou um murmúrio, aparentemente pronto para a ação. De certa forma, Alberich era minoria em não querer intervir.

Os desafiantes já estavam em guarda. O lanceiro com sua Longinus e o bestial com uma lança comum. Um dos capangas ergueu um braço:

— Um, dois, três... lutem!

O lanceiro estocou com uma velocidade surpreendente, mas o bestial afastou a Longinus com sua lança e girou a própria arma rasteira, mirando os pés do humano, que saltou e girou a glaive mais uma vez, acertando de raspão a costela do inimigo.

— Ah! Você poderia ser rico, sabia? Poderia até ajudar as pessoas e recuperar sua honra. Sabe o que você é? Um fantasma! Uma sombra do que já foi! Um andarilho que vaga a esmo e suja a própria honra cada dia mais. — O bestial era quase tão ágil quanto o lanceiro, mas parecia tentar compensar a desvantagem com bravatas.

O felino desferiu uma sequência de três estocadas, todas evitadas sem dificuldade.

— O lanceiro já está derrotado. — Uma voz suave se pronunciou ao nosso lado.

Eu e Draco olhamos espantados e vimos uma moça um passo atrás de nós. Vestia uma blusa branca de manga comprida bem fina por debaixo de um espartilho azul escuro e uma saia com várias camadas de tecidos azuis e violetas. Pele branca, lábios finos, olhos castanhos bem delineados e uma joia cor de cereja, faziam contraste com seus longos e volumosos cabelos escuros. No espartilho, um decote farto, devidamente guardado pela blusa.

— Ele está em vantagem — indaguei.

— Não é a batalha que está em questão! — A mulher desconhecida parecia lamentar. — Um guerreiro com dúvidas está destinado à derrota. Não é o adversário que vai sair vitorioso, é ele que se derrotará a si mesmo.

Um rosnado dava o ritmo de cada tentativa do bestial. Um ataque na direção do tórax, que foi desviado, outro na direção do rosto, que foi afastado pela Longinus, e mais um no tornozelo, que não precisou de mais do que um passo para falhar. Na quarta estocada, o lanceiro acertou a haste da arma inimiga com a própria glaive, forçando-a para baixo, e gingou sua lâmina, tirando um filete de sangue do abdômen do felino.

— Quantos querem a sua cabeça? — Mais rugidos. — Dezenas? Centenas? Você só vai descansar quando for o trambiqueiro mais famoso do mundo? Quando o seu nome for desprezado em cada cidade que visitou? Quando finalmente for vaiado assim que botar os pés numa aldeia nova?

A cada palavra, a lança do bestial chegava mais perto da pele do seu adversário.

— Como consegue saber o resultado da batalha? — Draco deu corda à desconhecida.

Ela puxou uma carta da algibeira e concentrou-se por um momento.

— Eu não sei, eu prevejo. Não falta muito agora.

O bestial girava e estocava incessantemente, forçando o lanceiro a recuar e a plateia a abrir caminho. Percebendo que ficaria encurralado, ele deu meia volta, correu três passos para pegar impulso, fincou a haste da glaive no chão e deu um salto incrível, alcançando o teto de uma casa.

— É verdade que você já foi um cavaleiro? Não conheci esse homem. Conheci apenas um covarde incapaz de assumir qualquer responsabilidade! Eu já conheci muitos trambiqueiros nessa vida, mas nunca um tão frouxo quanto você!

O lanceiro sumiu pelo teto, parecendo confirmar as bravatas. Então ressurgiu usando a haste da glaive como impulso mais uma vez e subiu vários metros para o alto, caindo com sua lâmina na direção do bestial. O felino recuou no último instante, escapando da morte por muito pouco e aproveitando a

oportunidade para estocar mais uma vez, perfurando a armadura de couro do lanceiro na altura do tórax, sem arrancar muito sangue.

— Você é um fantasma! Sua arma não passa de um cadáver. Você profana o seu legado a cada segundo que segura sua lança!

O corpo do lanceiro permanecia firme e seus reflexos ainda eram admiráveis. Ele parecia poder finalizar aquele combate a qualquer momento. Em vez disso, mantinha a defensiva e aparava os ataques do inimigo com cada vez menos precisão. Bloqueou um golpe, que quase acertou seu rosto e esquivou de outro, que raspou no seu abdômen, até que a haste da lança adversária encontrou a Longinus e arrancou-a das suas mãos com o impacto. Em vez de tentar recuperá-la ou esboçar qualquer reação, ele apenas amoleceu os braços e deixou que a ponta da lança inimiga encostasse no seu queixo.

O bestial gargalhou triunfante.

Sem pressa, ele catou a glaiive e sorriu para o seu ex-dono.

— Não se preocupe, eu vou cuidar bem dela. Melhor do que você cuidou nos últimos anos.

O bestial se foi com a Longinus. Os capangas seguiram seu chefe. Um a um, cada cidadão se afastou. Estavam confusos e incertos pelo que acabaram de presenciar.

— Você podia vencer! — gritei inconformado.

Encontrei apenas a expressão de tédio.

— Um guerreiro vence com os braços quebrados? — ele respondeu.

Tentei falar qualquer coisa, mas não encontrei palavras.

— Então um guerreiro também não vence com o espírito quebrado.

— Você vai procurar a cura pro seu espírito? — Consegui falar algo.

— Não sei.

E o lanceiro também foi embora.

Olhei para o lado e vi apenas Alberich. Olhei para trás e Draco estava seguindo aquela mulher estranha. Apressei-me até alcançá-los, enquanto o paladino apenas nos seguiu sem pressa.

— Quer comprar uma flor? — Ela sorriu despreocupada, carregando um cesto de flores como quem passeia sem rumo.

Draco estava nitidamente impressionado, por mais que a previsão da moça tenha sido óbvia coincidência.

— Quanto custa? — Meu amigo estava a um passo de parecer enfeitiçado. Eu já estava com vontade de dar um cascudo nele.

— Uma moeda de cobre — ela disse.

Reconheço que a mulher era bonita, mas não entendi por que Draco comprou uma maldita flor.

Ele entregou a moeda e recebeu-a em troca.

— Querem saber a sorte de vocês? — ela continuou.

Paramos próximos à parede de uma casa de ofícios, logo abaixo de uma varanda que dava uma sombra confortável. A moça sentou no chão, tirou um tabuleiro de madeira da mochila de viagem e depositou o pequeno cesto de flores ao lado. De pé, encostada na parede, tinha uma outra mulher, esguia, cerca de um metro e meio de altura, vestia uma cota de malha sobreposta por tecidos azuis claros, portava um sabre na cintura e tinha o rosto coberto por um capuz, não permitindo ver muitos detalhes.

— Claro! — Draco se sentou à frente dela.

— Só pode estar de sacanagem! — Não deixei de expressar meu inconformismo.

Ela me ignorou, puxou um baralho, misturou as cartas e retirou três.

— Muito bem, guerreiro, vejo força, coragem e dilema em você. A força e a coragem lhe dão um potencial pra conquistar o que quiser, porém o dilema põe tudo em risco. Vejo que você precisa tomar muito cuidado com as suas decisões.

Qualquer um poderia dizer aquilo, ainda mais depois de presenciar a derrota do lanceiro. Eu estava prestes a explicar a Draco o conceito de livre associação, quando eles continuaram com aquela brincadeira.

— Quer fazer alguma pergunta?

— Nós estamos partindo numa nova jornada agora. Tem algo a nos dizer sobre ela?

Eu olhei para a nuca do meu amigo. Seria fácil acertar um cascudo. Ele estava merecendo.

Mais três cartas.

— A viagem vai ser longa. Vocês só chegarão ao objetivo depois de superar outros desafios. Mas o verdadeiro perigo está em Tália, o destino de vocês.

Ergui uma sobrancelha.

— Tália, a Cidade Festiva? — indaguei

— Como sabe? — Até o Draco estranhou.

— As cartas me mostraram, oras — e sorriu. — O objetivo de vocês está em Tália. Vocês buscam por desafios grandes. Na verdade, eu arriscaria dizer que buscam adversários poderosos. Vocês os encontrarão lá.

— Óbvio! Vai ter um torneio na cidade, não precisamos de cartas mágicas pra saber disso — eu disse.

— Vejo algo muito mais pessoal do que um torneio — ela prosseguiu. — Enquanto uns buscarão honra, glória e riqueza, vejo vocês buscando desafios. Haverá mais um com o mesmo objetivo. Vejo colisão no caminho de vocês.

Ela sorriu. Admito que era boa na conversa fiada.

— Uma moeda de ouro.

— O quê? — Draco piscou, como quem retorna de pensamentos distantes.

— Uma consulta com as cartas custa uma moeda de ouro. Você tem mais três perguntas. Quem sabe você não encontra o seu destino, guerreiro?

— Eu sei o meu destino. — Finalmente ele parecia voltar à consciência.

— Sabe como chegar até ele? Sabe qual direção seguir?

Aquilo tudo me pareceu uma grande baboseira. Divertido no começo, mas tem limites. Eu estava quase rindo dela. Então Draco puxou uma moeda e entregou.

— Fale-me sobre essa outra pessoa.

Levei a minha mão ao rosto, não acreditando no que estava vendo. O combate entre o lanceiro e o bestial já havia sido uma surpresa, não precisávamos de bizarrices.

Ela recolheu as cartas, embaralhou as que estavam em sua mão e tirou mais três.

— Alguém ligado ao seu passado e ao seu futuro. O maior desafio que você enfrentará.

— Eu poderia dizer a mesma coisa — comentei com Alberich, inconformado.

— Eu irei derrotá-lo? — Draco prosseguiu.

Mais três cartas.

— O conflito não será instantâneo. Vejo luz no final e trevas no caminho.

— Muito conveniente. — Fiquei ainda mais inconformado.

— O que encontraremos em Tália?

Três cartas.

— Derrota. Vocês serão derrotados na Cidade Festiva.

— Agora eu me senti desafiado! — Não pude me segurar.

— Gladius, você está falando com uma dama e não com um valentão de taverna, mais respeito! — Alberich me censurou. A mulher de capuz soltou uma risada.

— Draco terminou a consulta dele, vamos embora daqui! — Eu já estava entediado.

— Como você prevê isso tudo? — O meu amigo finalmente questionou a cartomante.

— Você e as cartas se comunicaram através de mim. Eu não sei de nada.

— Quem me garante que posso confiar nas suas palavras? — ele insistiu.

— Eu não falei por mim, falei pelas cartas.

— E essas cartas sabem de tudo, pelo visto! — provoquei.

— Ações geram energias. Energias fluem em diversas direções. As cartas captam as energias e informam a direção que estão seguindo... e, às vezes, até onde conseguem ir — ela respondeu com naturalidade.

— Olha, nada disso aqui fez sentido, moça. Se nos der licença, nós precisamos pegar a estrada.

— Nós também estamos de saída. Iremos para Tália. E não, as cartas não indicaram a nossa viagem, já estávamos a caminho antes desse encontro. — Ela era inabalável em sua gentileza.

— Vocês podem vir conosco. — Draco convidou.

— O quê? Draco, por favor! — Como se não bastasse levar um calote, ele queria escoltá-las.

— Duas mulheres pegarão a estrada. Nós também. Negará proteção?

— As cartas dela sabem de tudo, vão alertá-las de qualquer perigo e a outra tem um sabre, elas não precisam de proteção.

— Ótimo! Seremos mais fortes juntos.

— Obrigada pelo convite, Draco, muita gentileza sua. Podemos partir à hora que quiserem. — Ela sorria e me ignorava. Maldita!

Esfreguei meu rosto de insatisfação, sem poder fazer nada.

— Draco, uma honra! — Meu amigo estendeu a mão.

— Alberich, madames. Às ordens.

— Gladius... um prazer... — Eu ainda estava relutante.

— Rosa, o prazer é meu! — Ela cumprimentou o meu amigo, o paladino e, enfim, estendeu a mão para mim. Não é que eu não gostasse dela, só não gostava de trambiqueiros e ela parecia um deles. De qualquer forma, meus pais me deram educação e eu estendi a mão de volta.

— Ravenlla. — A outra mulher tirou o capuz. Talvez a mulher mais bonita que eu já havia visto: rosto fino, nariz arrebitado, cabelos lisos e ruivos, olhos verdes e cintilantes como esmeraldas. E orelhas pontiagudas.

— Uma elfa? — Surpreendi-me.

— Sim. Vocês disseram que tinham pressa, não? Vamos para a estrada. — Ela desconversou.

— Conversamos pelo caminho, vamos! — Draco se levantou e deu a mão para auxiliar Rosa a ficar de pé.

E nós cinco partimos. Seis, contando com Barão.



— Partirão sem mim? — Ouvi a voz da Zhi Wu quando chegávamos no limiar da cidade.

Já havíamos considerado que ela seguiria o próprio rumo. Fiquei feliz em vê-la, não dá para confiar muito numa pessoa que não revela o próprio rosto, porém é melhor do que uma cartomante desconhecida que se encontra no meio da rua.

— Zhi Wu, essas são Rosa e Ravenlla. Irão com a gente até Tália — Draco apresentou-as.

Ela olhou as duas com seus olhos opacos.

— Uma honra conhecê-las.

— Encantada. — Rosa esbanjava simpatia. Até demais para uma desconhecida que aplicava calotes em guerreiros ingênuos pelas ruas.

— A propósito — Zhi Wu se virou para o meu amigo —, decidi ir com vocês.

Meu amigo sorriu em resposta.

— Todos aqui? — Draco conferiu. — Ótimo. Vamos para a estrada!

Entreato

— Você vem do Leste Radiante, não? — Rosa sorriu para Zhi Wu.

— Sim.

— Deve ter mil e uma histórias pra contar.

— Não.

— Como não? Você já deve ter vivido muita coisa.

— Vivi.

— Então tem histórias pra contar.

— Não sou contadora de histórias.

— Ah, entendi! E o que acha da Liga Prateada? Muito estranha?

— Já me acostumei.

— Posso fazer uma última pergunta? Você é uma zarath, né?

— Sim.

— Zarath da brisa?

— Como sabe tanto da minha raça?

— Sei que vocês são extremamente ligados à essência do mundo, o espírito de vocês está conectado com algum elemento, como os rios, as flores, as nuvens. Inclusive, inusitado uma zarath se cobrindo toda de preto.

— Você é muito perceptiva. Mas eu não perguntei o que você sabe, perguntei como sabe.

— Eu viajei muito, oras!

— Entendi.

DANAÇÃO

DRACO

Não existe Abismo pior do que o interior.

Viajar por um reino é muito mais confortável do que pelo ermo. Estradas bem definidas, estalagens e postos de vigilância por todo o caminho, nenhuma — ou quase nenhuma — ameaça de bandoleiros ou monstros e distâncias muito menores entre povoados. Entre uma cidade e outra, vilas e aldeias são comuns, a apenas uma hora de viagem ou menos entre a maioria. Naquele ponto estávamos na divisória de dois reinos entre povoados transitórios, sem nacionalidade definida.

Já havia um dia que não passávamos por nenhum vilarejo. Havíamos optado por um caminho mais curto, por uma estrada alternativa — os riscos eram relativamente pequenos e a economia de tempo parecia interessante. Estávamos começando a sair de Solar e seguir para Dellarte, o Reino da Beleza. Era noite, quase hora de montar acampamento.

— O torneio não vai começar mais cedo se chegarmos antes, vocês sabem disso, né? — Rosa perguntou enquanto caminhava com seus passos leves pela estrada de terra batida. Fazia frio naquele dia e ela vestia um véu cor de vinho pelos braços e ombros.

— Somos aventureiros, talvez possamos arranjar algum trabalho enquanto esperamos pelo torneio. Seria um bom aquecimento — Gladius respondeu um tanto ríspido. Meu amigo era sempre simpático, porém não confiava nas duas moças novas. O que tinha de carismático, tinha de teimoso. Quando implicava com alguém, custava para desemburrar.

— Se o tal adversário estiver pela cidade, poderemos localizá-lo também — relembrei o nosso primeiro encontro com Rosa e Ravenlla.

— Ah, sim, o adversário! Os heróis estão mesmo empenhados na sua demanda. — A cartomante usava seu típico tom suave, parecia estar escondendo algo, sempre guardando parte da sua opinião para si, como se uma fina camada de mistério estivesse ao seu redor. Era difícil perceber se era uma forma de instigar ou de se proteger. Ou ambas.

— Não somos heróis. — Eu odiava essa palavra.

— Modéstia — ela disse com um sorriso nos lábios delicados. — Mas talvez não seja o momento de enfrentá-lo.

— Nós sabemos lutar, daremos conta do recado.

— São destemidos, isso é encantador.

Eu queria saber onde Rosa queria chegar puxando assunto e elogiando daquela forma. Ela era sincera em tudo o que demonstrava ou só queria causar boas impressões? O que mais havia por detrás de suas palavras? Antes que eu pudesse tentar entrar no jogo dela, avistei uma pessoa pela estrada. Uma pessoa agachada. Debruçada em algo.

Em um corpo.

— Mas que m... — Gladius engasgou quando entendeu o que estava acontecendo.

A pessoa, aparentemente uma mulher, ouviu e nos encarou por cima do ombro. Pele pálida. Mandíbula rasgada com ossos à mostra. Sangue escorrendo pelos queixos. Ela se levantou e mancou em nossa direção. Cada passo parecia ser doloroso.

— Fique onde está!

Sem resposta, apenas passos.

— Senhora, fique onde está!

Palidez, olheiras e fedor — fedor de morte.

Uma adaga voou e cravou em seu pescoço, fazendo-a amolecer e tombar.

Olhei para trás e vi Zhi Wu com o braço esticado.

— Está louca? Você a matou!

— Ela já estava morta.

— Como assim?

Antes que ela respondesse, o grunhido voltou e a mulher se ergueu. A visão daquela coisa decrepita com a adaga no pescoço avançando, era tão nojenta quanto macabra. Assustado, saquei Labareda e, quando ela veio, atravessei seu abdômen.

Mesmo assim ela continuou de pé com os braços na minha direção.

Enquanto eu tentava pensar em alguma reação, Gladius veio e trespassou a cabeça da mulher — se é que ela ainda poderia ser chamada disso — com a sua espada, fazendo com que o corpo dela parasse de se mover de uma vez por todas.

— Morto-vivo — Ravenlla disse.

Todos os olhos se voltaram para ela.

— Estamos em Solar, o que um morto-vivo estaria fazendo aqui? — perguntei.

— O que *está* fazendo aqui, você quis dizer... não?

Frio na espinha.

— Parece que a elfa entende de artes profanas — Alberich comentou.

— O suficiente pra combatê-las — a ruiva se mantinha impassível. — Sacerdotisas precisam conhecer seus inimigos — ela disse retirando um medalhão da cota de malha. Não era um acessório, era um item de poder. Um símbolo sagrado. Parecia ser de prata e tinha o formato de um par de asas, símbolo do falecido Patriarca da Liberdade.

— Essa divindade está morta! — O paladino cruzou os braços.

— A Virtude não está. A sua Ordem prega as Virtudes independentemente da derrota do Paraíso. Eu prego a Liberdade, apesar da morte de Asgathar.

— E o que tem a dizer em relação ao morto-vivo? — Zhi Wu voltou o foco para o assunto prático.

Ravenlla olhou para o corpo morto.

— Esse morto-vivo não passa de um corpo reanimado por energias profanas. Tudo o que consegue fazer é se mexer e ter alguns instintos básicos, como a fome. A infeliz não tinha nem consciência.

— E quem poderia ter feito isso? — perguntei.

— Um necromante ou um cultista de algum abissal — ela respondeu como se não fosse nada.

Um instante de silêncio. Se realmente havia um necromante ou um cultista no reino, a situação seria alarmante.

— Espero que não seja outro necromante. — Gladius suspirou.

— Outro? — Rosa estranhou.

— Vamos encontrar o próximo povoado e investigar isso — decretei. — No caminho, a gente explica.

— O próximo povoado pode já estar condenado — Ravenlla continuou indiferente.

Ninguém respondeu.

— De onde você acha que essa daí veio? — ela prosseguiu.

— Se realmente houver um cultista, qual você acha que seria o propósito dele? — perguntei à elfa.

— Se for fraco, deve estar fazendo experimentos. Se for forte, pode estar criando um exército inteiro.

Engoli em seco.

— Essa mulher merece um rito funerário. Vamos enterrá-la antes de prosseguir com a investigação — Alberich protestou.

— Lidando com mortos-vivos, é melhor cremar o corpo... e rápido! — Revenlla sugeriu.

— Que seja. Faremos o rito e seguiremos. Agora. — Eu já estava perdendo a paciência.



Zhi Wu se aproximou e recolheu sua adaga do cadáver. Foi quando eu percebi que não era uma adaga. Nunca havia sido. Era um pequeno objeto em formato de estrela, com as hastes afiadas. Esse tempo todo, eu não havia reparado no verdadeiro formato da principal arma de uma das minhas companheiras.



O corpo queimou enquanto Alberich rezava por aquela alma. Todos ficaram em silêncio, concentrados na prece.

Exceto eu, que não consegui me focar.

Enquanto olhava o fogo, minha mente vagava. Vagava pelos problemas do mundo. Pelo fato de que nós não passávamos um mês sem encontrar um monstro para ser detido.

Talvez os maus agouros fossem verdade. Talvez não houvesse solução para o mundo. Talvez o Abismo já tivesse nos derrotado, como derrotara o Paraíso.

E talvez, todas as nossas lutas fossem em vão.



Ninguém falou nada enquanto caminhávamos, exceto eu, que contei o episódio do necromante para Rosa. Ravenlla também prestou atenção e nenhuma das duas fez perguntas. Para mim, Gladius, Alberich e Zhi Wu, um problema era uma missão. Era instintivo. Não tínhamos nenhum acordo ou pacto, apenas estávamos habituados a eliminar monstros. Não sei se eles compartilhavam o mesmo sentimento de dever que eu, mas seguiam os mesmos passos.

Faltava saber quais eram as intenções de Rosa e Ravenlla, a cartomante e a sacerdotisa.

Em menos de uma hora encontramos um vilarejo. Tudo estava como temíamos.

Não havia ninguém pelas ruas de terra batida. Apenas corpos. As casas estavam com portas e janelas escancaradas, evidentemente abandonadas. O cheiro era indigesto. O silêncio era um luto personificado, quase palpável.

Caminhamos pelo que havia restado do vilarejo. Procurávamos algo, alguém, alguma pista, algum caminho a seguir.

Tudo parecia morto.

— Ravenlla — chamei. Ela apenas me olhou. Não estava incomodada como todos. Observava tudo pensativa, não impressionada. — O que você tem a dizer disso tudo?

— Quem fez, não é um amador. A boa notícia é que ele não deve estar longe.

— Já enfrentou essas coisas antes?

— Já.

— Então também é uma aventureira?

— Vocês estão numa busca pessoal. Eu também. — A elfa não nos dava confiança, o que era natural. Ela e Rosa conversavam de vez em quando e demonstravam uma certa simpatia interna. Com o restante do grupo, era educada, apenas isso. Não tão monossilábica quanto Zhi Wu e não tão à vontade quanto Rosa.

Eu não iria incomodá-la com perguntas sobre a sua busca, pois também não me sentiria à vontade com perguntas sobre a minha. Por ora, tínhamos um objetivo em comum e aquilo bastava. Eu já estava para fazer outra pergunta sobre o suposto cultista quando Zhi Wu se manifestou primeiro.

— Ouviram isso?

— Ouvi — Ravenlla foi a única que respondeu.

Estancamos. Concentrei-me por um instante.

— Ajuda...

Assim que ouvimos, corremos para o chamado — nada mais do que um sussurro — e encontramos uma pessoa no chão, gravemente ferida. Suas roupas estavam em farrapos e manchadas de sangue. Seu rosto estava pálido e abatido. A voz era apenas um fiapo.

— Fique calmo, nós vamos socorrê-lo — eu disse, sem ter certeza se poderia cumprir minhas palavras.

— Não a mim... minha família...

— Onde ela está? Nós os salvaremos!

— Com os outros...

— Outros? Refugiados?

— Zumbis.

Meu estômago se embrulhou.

— Matem-nos!

— O que houve com essa aldeia? — Zhi Wu foi a única que teve coragem de perguntar.

— O barão jurou que reinaria acima do rei. — A voz já era mínima. — Ele voltou para cumprir a promessa... para se vingar daqueles que não se ajoelharam...

— Onde ele está agora? — Ravenlla perguntou, finalmente preocupada. Só não sei se era preocupada em evitar uma catástrofe ou apenas em não perder uma informação.

Num esforço final, ele estendeu a mão e apontou para o norte. Foi seu último gesto.

Soltei o corpo, me levantei, respirei por um instante e disse:

— Vamos cremá-lo. Alberich, faça aquela oração novamente, por favor. Depois, vamos acertar as contas com o barão.



Discutimos a respeito de avisar as autoridades antes de começarmos a resolver tudo com nossas próprias mãos. O problema era: que autoridades? Não encontraríamos nenhuma milícia a menos de um dia de viagem e, apesar de ainda estarmos em Solar, não teríamos certeza de que tomariam alguma providência a respeito por estarmos longe de qualquer centro urbano. Às vezes, as vilas dos ermos não pertenciam a nação nenhuma.

Seguimos ao norte, mesmo sem trilha. Também não tínhamos nenhum facão para abrir caminho, o que dificultou ainda mais. Andávamos por entre arbustos altos e árvores que nos impediam de ver muito à frente — tínhamos um objetivo e isso bastava.

Em dado momento, olhei para Ravenlla, que se pronunciou antes de mim:

— Eu sei o que vai perguntar.

— Além de combater mortos-vivos, também sabe ler mentes?

— Não. Sei analisar situações. Você já matou monstros antes, não?

— Sim.

— Algum cultista?

— Sim, uma vez. Um robgoblin devoto de Uraxtor. Ainda acha que tem um cultista pela região?

— Não, meu palpite agora é outro. Às vezes, as pessoas não precisam de ajuda de abissais para se amaldiçoarem. Apenas se apegam a algum Vício com muita garra e se tornam escravos dele. Até depois da morte.

— Pelo visto o barão voltou e está transformando seu povo em zumbis?

— É o que tudo indica. Ele deve ser um tipo de morto-vivo diferente. Pessoas acham que mortos-vivos estão mortos, mas não estão.

— Não? — Foi então que notei que era mais ignorante no assunto do que imaginava.

— Não completamente. Estão entre a vida e a morte, num estado indeterminado. Alguns estão mais vivos, outros mais mortos. Um zumbi, por exemplo, está praticamente morto, só sobraram instintos. Um vampiro, por outro lado, precisa se alimentar, tem memórias, tem ambições. É tão amaldiçoado quanto, apenas com vários sintomas de vida.

Mortos-vivos não eram seres mortos, eram seres entre a vida e a morte. Isso era uma novidade para mim. Uma novidade perturbadora.

— E por que todos os vampiros que ouço falar cometem crimes horrendos?

— Ora, seria uma maldição muito suave, se eles preservassem suas Virtudes, não? — ela explicava como uma tutora que não se importava de trabalhar a mais para ensinar um aluno. Eu ficaria cativado, se o assunto não fosse tão repugnante.

— De qualquer forma, não era nada disso que eu ia perguntar.

— Eu sei. Você iria perguntar em que tipo de lugar encontraremos o barão.

Não precisei confirmar seu palpite. Ela prosseguiu:

— Provavelmente um cemitério. Ou apenas um mausoléu da família. Se ele era realmente tão megalomaniaco, talvez até um sarcófago. Espero que ele não tenha despertado os ancestrais, além de ter transformado todo um vilarejo em zumbis.

— Não sabemos se teremos condições de enfrentar nem um vilarejo inteiro, imagine gerações de parentes reanimados! — lamentei.

— Está inseguro?

Estalei a língua, incomodado com a pergunta.

— Se forem muitos, recuaremos e avisaremos as autoridades.

— E se não der tempo? E se eles se espalharem pelo reino inteiro enquanto buscamos ajuda?

— Por que todo mundo sempre imagina o pior?

Enquanto falávamos, os arbustos terminaram abruptamente e nós estávamos em frente a algo. Não era um cemitério, nem um mausoléu e nem um sarcófago. Parecia uma catedral.

— Um templo — balbuciou Ravenlla.

A construção religiosa nos recebia com uma pequena escadaria e um imenso portal aberto debaixo de longos vitrais, e um telhado pontudo, com um símbolo no topo que eu não soube identificar. A entrada era cercada por duas torres

pontudas, também com vitrais. Parecia abandonada, tudo bastante sujo e quebrado. Uma visão impressionante. Era ao mesmo tempo belo e macabro.

— Algo me diz que a situação é pior do que eu pensava — praguejei.

— Isso com certeza não é em homenagem a nenhum celestial — a sacerdotisa concluiu.

— Bem, o que estamos esperando? Viemos até aqui por um objetivo. Alguém quer desistir? — Tentei mudar o clima.

Olhei no rosto de cada um. Gladius estava incomodado. Ainda assim, ele não pensava em voltar atrás, seu senso de moral e teimosia não aceitariam isso. Alberich parecia determinado, quase ansioso. Zhi Wu demonstrava, com seu jeito silencioso, que tinha uma missão a ser cumprida como todos nós. Rosa era quem parecia menos à vontade. Não a culpo, era a única desarmada entre nós, lá não era o lugar dela. Ravenlla já não agia com tanta indiferença, parecia finalmente levar a situação a sério — sendo uma sacerdotisa de um celestial falecido, provavelmente ela era quem mais se sentia no dever de explorar aquele templo. Ninguém iria recuar.

Nesse momento, Alberich se ajoelhou, pegou um pergaminho, pena e tinta e rabiscou uma mensagem.

— Aqui, garoto! Se não voltarmos em duas horas, corre pro capítulo mais próximo e entrega esse recado.

O íbex baliu, inconformado. O paladino se manteve irredutível e amarrou o pergaminho na pata do amigo.

— Eu sei que você quer lutar, mas é quem corre mais rápido. Não podemos arriscar.

Barão continuou grunhindo e teimando.

— Eu sei que prometi comprar uma armadura para você, mas não é fácil encontrar. Na próxima cidade dou um jeito, prometo.

Enquanto os dois se entendiam, virei-me para a cartomante.

— Rosa, não é seguro que fique aqui fora. Fique atrás de mim, que eu te protejo.

Ela sorriu como se estivesse lisonjeada, disfarçando bem a tensão.

— Sei que estarei protegida.

— Senhores, precisamos de um plano — Alberich declarou.

— Se o tal barão é a fonte de tudo, talvez eliminá-lo corte a maldição dos outros mortos — Ravenlla explicou.

— Então temos um alvo primário. Lutaremos só o necessário e atacaremos o barão. Caso alguém seja gravemente ferido, avise e nós recuaremos. Todos prontos? — Coordenei a equipe.

Era estranho ver aquele grupo sem senso de humor. Na mesma proporção, era bom estarmos unidos com um propósito em comum.

— Então vamos invadir o templo.

E subimos os degraus.



Logo na entrada, o cheiro de morte era nítido. O ar era quente e pesado, tornando impossível ficar confortável naquele ambiente. Caminhamos por um longo corredor de pedra polida que terminava num portal de madeira quase tão grande quanto o da entrada. Pelo caminho, escrituras e exaltações talhadas na pedra. Era inevitável olhar para aquilo, era tudo revoltante e belo demais para ignorar. A ideia de um templo profano ser construído com tanta beleza e tanta dedicação era perturbadora. Ainda mais pelo fato de ter sido construído dentro de Solar.

— O que vocês sabem sobre a Aniquilação? — Ravenlla perguntou como se fosse um assunto mundano. Estávamos na metade do corredor.

— Isso importa agora? — questionei.

— As escrituras na entrada são em homenagem ao Abismo. Estamos passando agora pela história da Aniquilação, focando na glória dos abissais, é lógico.

Eu me questionava como ela conseguia falar de assuntos tão absurdos sem se alterar nem um pouco.

— A batalha entre o Paraíso e o Abismo. O Abismo venceu.

— É só isso?

— Algo mais importa?

— Estamos entrando num templo que fala muito mais do que isso logo na entrada. Talvez seja importante.

— A guerra era mais antiga até do que os mortais — Alberich se pronunciou. — Os dois lados travaram a guerra por incontáveis eras. Os mortais tomaram partido, passaram a venerar o Paraíso ou o Abismo e também guerrearam entre si. Até que o Herói surgiu e fez o que nenhum outro havia sido capaz: enfrentou os abissais diretamente. Celestiais e abissais se surpreenderam com o poder dele. Foi o primeiro mortal que derrotou abissais do alto escalão de poder. Assustados, eles planejaram invadir o nosso mundo, mas o Herói intercedeu. Propôs um pacto. Ele se entregaria como refém em troca da segurança do Éden por mil anos. Um milênio de trégua. O Abismo aceitou a proposta, os Sete Artefatos

foram criados para selar o mundo e o Herói foi levado. E tudo desandou. Com o Éden fora de jogo, o Abismo atacou diretamente o Paraíso. Foi a Aniquilação. O Paraíso foi derrotado, os celestiais chacinados e o Abismo saiu vitorioso.

Essa era a realidade, não importa o que eu quisesse questionar. Ainda era possível cultuar os Lordes Abissais e já não havia celestiais para nos proteger. Poucas pessoas ainda se agarravam às Virtudes, enquanto os Vícios eram cada vez mais presentes no mundo. Um vilarejo foi assolado por um monstro devorador de homens e a primeira opção era executar qualquer suspeito pelo caminho. Um condado foi assombrado por um necromante e nem a própria milícia quis colaborar conosco. Outro condado foi saqueado por orcs e o nobre local se isolou em vez de proteger seu povo. Um vilarejo inteiro foi transformado em mortos-vivos graças à cobiça de um barão. Esse era o mundo em que vivíamos.

Talvez por isso fosse tão risível que nós ainda tentássemos consertar alguma coisa.

— E o Abismo voltou a atacar o mundo mortal — Ravenlla completou. — Um Artefato foi destruído em Centrália. Eu estive lá, há abissais caminhando entre os mortais. Querem voltar a ter livre acesso ao nosso mundo e já deram o primeiro passo.

— E o que isso importa? — interroguei de novo.

— Conhecer nosso mundo importa — Ravenlla respondeu. — Não só conhecer, compreender. Estamos enfrentando os problemas do nosso mundo nesse exato momento. — Ela andou mais alguns passos. — E saber a qual abissal este templo serve pode ser indispensável. Não parece ser a um dos Sete Males Primordiais, um templo de um deles costuma falar só da própria divindade, não exaltar a todas. Todos são citados aqui: Draghnar, o Lorde da Desordem. Zarkareon, o Lorde da Destruição. Azathallas, o Lorde da Ganância. Baltiryelles, a Rainha da Luxúria. Rhazmodon, a Lady do Sadismo. Uraxtor, o Lorde da Tirania. Ghargovalax, o Lorde da Traição. Isso daqui parece ser o templo de um Duque Abissal.

— Duque? — Gladius não compreendeu.

— O Abismo tem uma extensa hierarquia. — A elfa retornou com a didática. — No topo, os Sete Males Primordiais, ou os Lordes Abissais, tanto faz, sete divindades que governavam o Abismo. Os Duques são abissais de enorme poder, inferiores apenas às divindades.

Gladius coçou o queixo. Nem ele era capaz de brincar naquele local.

Ravenlla continuou andando e lendo as paredes. Lia rapidamente, tentando pegar as principais informações. Seguimos até o final do corredor.

— Nesathdar — ela falou com estranheza. — Eu nunca tinha ouvido falar dele. O Duque da Vingança.

E a situação piorava cada vez mais.

— O barão procurava vingança — Alberich refletiu. — Faz algum sentido.

— O que me assusta é que Nesathdar é um nome élfico. — Ravenlla estava incomodada pela primeira vez desde que a conheci.

— E o que isso pode significar? — Eu estava confuso.

— É o que eu quero descobrir.

— Não temos tempo pra isso agora. Vamos cuidar do barão! — determinei.

Ela concordou com um gesto e se posicionou logo atrás de mim, me devolvendo a liderança. Estávamos de frente para o portal. Pudemos ouvir gemidos do outro lado. Grunhidos longos e doloridos.

— Preparados?

Gladius sacou sua espada. Alberich ergueu seu martelo. Zhi Wu já estava com duas estrelas em cada mão. Ravenlla desembainhou seu sabre.

— Rosa... — comecei a falar.

— Não estou indefesa. — Ela gesticulou e magicamente seu baralho de cartas arcanas flutuou ao seu redor. De fato, ela tinha alguns truques na manga.

Enfim, empunhei Labareda.

E chutei o portal.

Deviam ser uns vinte zumbis espalhados pelo salão sem nenhum propósito aparente — até nos verem. Todos nos olharam e exibiram os dentes podres por entre os lábios desfigurados, urrando de fome.

— Deixem que eles venham até nós, mas não deixem que nos cerquem!

Eu e Gladius ficamos em guarda na passagem do portal, Alberich se posicionou ao meu lado e Ravenlla na outra ponta, ambos de costas para a parede, enquanto Rosa e Zhi Wu ficaram atrás de nós, ainda no corredor. Eles vieram aos tropeços.

Uma estrela voou certa na testa de um que estava mais próximo, fazendo-o tombar instantaneamente. Mais uma voou em um pescoço sem efeito significativo, e uma terceira no meio do rosto, fazendo o segundo cair.

— Aceite a minha sorte e fique um passo à frente dos seus adversários — Rosa sussurrou.

Senti suas mãos em minhas ombreiras e uma energia estranha, uma mistura de calor e adrenalina, ondulou entre ela e eu, tornando cada passo dos mortos-vivos ainda mais previsível. Pude perceber que ela conjurou outro encanto em Gladius, que também recebeu o auxílio de bom grado, após um momento de incompreensão. Ao lado do meu amigo, ouvi Ravenlla recitando alguma coisa baixinho, provavelmente mais feitiços.

Então começou o combate corpo a corpo.

Os primeiros que chegaram perto, logo tombaram. Eu abri um corte do ombro à axila de um zumbi, Gladius fez uma cabeça rolar pelo chão com um corte preciso, Alberich esmagou um crânio com um único golpe de martelo e Ravenlla perfurou um olho até sua lâmina fina surgir do outro lado da cabeça do infeliz.

Os outros vieram como um enxame. Mãos e bocas avançavam descoordenadamente, nos obrigando a manter a defensiva. Enquanto eu repelia um zumbi com um golpe de escudo, outro conseguiu aproximar-se e tentou morder meu braço bem acima da manopla, mas seus dentes nem tocaram na minha carne.

Aproveitando o morto-vivo em cima de mim, atravessei seu tórax com Labareda e chutei seu estômago, fazendo-o tropeçar junto do outro que eu havia acertado com o escudo. Com ambos no chão e ao meu alcance, só precisei de um golpe para trespassá-los, garantindo que não se levantassem.

A vantagem de lutar contra tantos inimigos amontoados é que ficava mais fácil de acertá-los. Eles apenas tentavam agarrar e morder qualquer coisa que alcançassem, algo fácil de evitar com um escudo. Quando os zumbis terminaram de se agrupar ao nosso redor, começou a chuva de golpes.

Derrubei um com um corte do abdômen ao ombro e o que estava ao lado dele tropeçou desengonçado para cima de mim, encontrando minha lâmina no ventre. Quando um terceiro se aproximou, uma estrela assobiou próxima ao meu ouvido e encontrou sua testa. Os corpos foram caindo ao nosso redor. Mais vieram e mais caíram. Se fossem pessoas, teriam debandado logo no começo, mas aquelas criaturas estavam condenadas a ir até o final.

O último já nem representava uma ameaça. Eu e Gladius golpeamos juntos e demos uma pausa para respirar. Diferente dos mortos, precisávamos de fôlego.

— Vamos cremar os corpos para que não se levantem — Alberich disse, resolutos.

— As paredes e o chão são de pedra, não daria certo. Por enquanto, seguimos em frente — respondi.

— Além do mais, eles estão inutilizados. Impossível essas coisas levantarem — Gladius complementou.

— Pobres almas! — Rosa lamentou, saindo da retaguarda.

A cena era realmente deplorável. No final das contas, eram pessoas. Duas dezenas pelo chão. Alberich teria muito o que rezar no final daquele dia.

Estávamos numa espécie de antessala. O teto estava a pelo menos dez metros acima de nós. Os vitrais pelas paredes pareciam exaltar o Abismo em mosaicos vermelhos que refletiam e distorciam a suave luz do luar, e pilares ladeavam o salão com mais inscrições como as do corredor.

Na parede oposta havia um portal de três metros de altura com um símbolo talhado em formato de V, com hastes saindo pelas laterais.

Provavelmente, o nosso verdadeiro desafio estaria atrás daquele portal. Atravessamos o salão em passos demorados. Enquanto caminhávamos, recuperávamos a energia e preparávamos o espírito.

Ao nos aproximarmos, o portal se abriu sozinho diante de nós.

E o salão principal se revelou. Era um verdadeiro local de adoração, com fileiras de bancos, estatuetas decorativas e um altar ao fundo. Em frente ao altar, um homem de roupas rasgadas e apodrecidas e rosto desfigurado. Quase não havia pele ou carne em sua face, apenas ossos à mostra. O cabelo era escasso, escorrido em fiapos pelo pescoço. Cavidades fundas nos encaravam em vez de olhos. A boca era uma arcada incompleta e sorridente.

Entre nós e ele, uma pequena horda de mortos.

— Sejam bem-vindos ao meu palácio! — A voz do barão ecoou sem que ele mexesse a mandíbula. — E também sejam bem-vindos à minha legião de servos! — Os mortos uivaram junto, saudando seu mestre. — Ajoelhem-se! E não se levantem jamais!

O discurso mal terminou e a horda já estava em investida. Saltaram por entre os assentos e atacaram com fúria. Não eram vacilantes como os outros e sim uma verdadeira turba em prol de um líder.

Eles vieram e nós recuamos, tentando encontrar alguma posição mais vantajosa. Várias garras avançaram, sendo evitadas pelo meu escudo. Gladius confiava mais na sua agilidade e atacava para se defender, golpes que evitavam e afastavam os inimigos sem causar grandes danos, nada que bastasse para a situação. Alberich não conseguia fazer nada, além de se defender e recuar, como eu. Ravenlla lutava com um sabre numa mão e um segundo sabre feito de energia mágica flutuando e defendendo seu flanco. Rosa e Zhi Wu se mantiveram protegidas na retaguarda.

Enquanto tentávamos sair da desvantagem, o barão andava em nossa direção, despreocupado, como um burguês que assiste seus subalternos trabalharem. De repente uma energia se manifestou pelas cavidades do rosto, emanando um brilho azulado.

E Zhi Wu anunciou:

— Temos problemas.

Enquanto empurrava um zumbi com o escudo, olhei para trás e senti o estômago gelar. Os corpos que havíamos derrotado antes estavam brilhando no mesmo tom que o barão emanara.

E se levantando.

— Precisamos abrir caminho e derrotar o barão! — gritei.

— Não dá! São muitos! — Gladius respondeu.

— Se avançarmos, Rosa e Zhi Wu ficarão para trás e serão atacadas! Precisamos protegê-las! — Alberich alertou.

Sem ter opções, começamos a atacar os zumbis mais próximos. Para cada golpe que dava, eu recebia mais três. Para cada zumbi que atingia, outro surgia me atacando. Um caía e mais dois saltavam sobre mim.

Enquanto eu abria o ventre de um morto-vivo, outro aproveitou e acertou o meu rosto. Pude sentir as unhas imundas abrindo a minha pele, fazendo arder, mais pela sujeira do que pelo corte. Alberich teve menos sorte e foi ferido no braço direito, dificultando o manuseio do seu martelo. Gladius lutava com ferocidade, não deixando nenhum zumbi se aproximar e continuar de pé.

O nosso paladino orou e emanou uma energia esverdeada e calorosa, fechando alguns poucos ferimentos. A nova habilidade do anão era bem-vinda, mas ainda não era forte o suficiente para restaurar todas as nossas energias.

Parecia que estávamos aos poucos reduzindo o número de oponentes e que tínhamos alguma chance de vencer, até que o barão emanou sua energia profana mais uma vez e todos os zumbis caídos se reergueram. Estávamos cercados.

Atacar era extremamente difícil quando os golpes inimigos simplesmente não cessavam por um segundo sequer. O braço do escudo começava a doer de tanto que eu me esforçava para evitar as garras. A espada era necessária para repelir os golpes que vazavam pela proteção. Se um caía, levantava instantes depois. Não havia tempo para respirar. Não havia tempo para pensar. Se houvesse, eu estaria desesperado. Entretanto a minha mente parecia vazia, focada apenas em sobreviver.

Até que a dor me obrigou a raciocinar e trouxe o desespero. Uma boca conseguiu encontrar uma brecha na minha armadura e me mordeu, esfomeada. Perdi o reflexo por um instante, outra boca encontrou meu braço e uma terceira o meu tornozelo. A técnica deu espaço ao instinto e minha espada girou, abrindo rostos e peitorais, inutilizando aqueles corpos por algum tempo. Porém mais vieram, e instinto não foi o suficiente para me proteger de mais mordidas e unhas. Eu já sentia o sangue quente escorrendo pelo couro e pelo metal da armadura.

À minha esquerda, Alberich caiu de joelhos com três zumbis se debruçando em seu escudo. Era impossível ajudá-lo, pois eu estava quase na mesma situação. Num impulso extraordinário, ele se reergueu e afastou os inimigos por algum tempo — pouco tempo, quase nenhum.

Meu coração socava meu peito por dentro freneticamente. Meu cérebro estava acelerado num ritmo arriscado — um vacilo levaria ao tropeço e à queda certa. Minha boca estava seca por dentro, só para agravar o incômodo. Eu estava com medo.

E, aos poucos, começava a sentir uma energia se manifestando dentro de mim.

À minha direita, Gladius tinha metade do rosto ensanguentado, inutilizando boa parte da sua visão. Sua agilidade já não estava infalível e ele também apresentava feridas pelas brechas da armadura. Ele fazia um grande esforço em cada respiração e estava prestes a tombar. Se não fosse por perda de sangue, seria por exaustão. Também pude ver de relance Ravenlla girando seus sabres, transbordando medo pelos olhos e sangue pelos braços.

Aos poucos, as dores e o cansaço se ofuscaram.

Não era nenhum tipo de alívio ou dormência física. Era como se outra coisa tomasse o lugar deles. Outra energia. Aos poucos, os golpes ficaram mais nítidos, mais fáceis. Atacar já não parecia difícil. Aos poucos, matar ficava mais natural. A cada respiração, mais a energia preenchia meu corpo, minha mente, minhas emoções e meu espírito. Aos poucos, eu era tomado. E não parava de matar.

Meus pés estavam cercados de corpos. Eu já não corria nenhum risco. Enquanto eu virava o jogo, um grito surgiu atrás de mim e um som grave de pancada contra o chão veio em seguida. Era Zhi Wu tombando.

E, num último pulsar, a energia absorveu a minha consciência. Não era algo que vinha de fora, ela era minha. Não era algo inédito, não era a primeira vez, mas eu sempre a mantivera escondida. Ela não preenchia, pelo contrário, ela anulava. Meu corpo se sentia renovado e pronto para o combate. Minha mente enxergava um objetivo e obstáculos: o barão e os zumbis. Eu poderia até dizer que era prazeroso, não que tenha orgulho disso. O mais estranho era o meu estado de espírito: quando a energia se manifestava, eu me sentia vazio e completo ao mesmo tempo. Ausência de humanidade. Abundância de poder.

Agora, a minha maldição já não era segredo para ninguém. E, naquele momento, eu gostava que eles contemplassem a minha força. Depois, eu me envergonharia. Dane-se o depois!

Um golpe horizontal e quatro zumbis caíram. Um passo, mais um golpe, mais três corpos eliminados. Outro passo, outro golpe, cinco corpos. O sorriso de deleite foi inevitável.

Gladius gritou. Pediu. Talvez tenha até implorado. Eu não dei ouvidos. Seus pedidos para eu parar, para eu evitar a maldição eram como súplicas abafadas por muralhas. Ele sabia. Lógico que o meu melhor amigo sabia. Ele já havia presenciado antes. Não havia por quê ele ir contra o meu poder. Eu estava salvando a todos, oras! Salvando e espalhando corpos pelo chão.

O barão parecia apreciar a aproximação do inimigo. Ele vibrava, emanando sua energia azulada pelos poros pútridos. Seus servos caíam aos montes. O

caminho abria. Ele estava pronto para o combate. Tolo. A minha maldição era mais poderosa do que a dele.

O idiota não esperou seus subalternos tombarem e engajou no combate. Saltou de longe e projetou um poderoso soco, que parou no meu escudo, ineficiente. Estoquei e minha espada raspou na lateral do seu abdômen — se não fosse um morto-vivo, já estaria derrotado. Em revide, o barão ergueu uma perna e acertou meu estômago num chute que me obrigou a recuar um passo. Ele aproveitou o movimento e acertou um soco no meu rosto. Tentou encaixar um terceiro golpe em gancho no meu queixo, porém meu escudo entrou no caminho e minha espada foi em seguida, abrindo um corte generoso no seu ombro.

O braço ficou quase pendurado, sem que isso o impedisse de continuar lutando. Os socos já não tinham tanta precisão devido à ferida e a arcada dentária sorridente já não parecia tão divertida. Ele tentou dar dois socos, que foram evitados com esquivas simples, um chute que encontrou a minha tornozela, até que conseguiu agarrar meu rosto com as unhas, abrindo a carne do meu cenho e da face impiedosamente.

Grunhi de dor e revidei. Ele recuou e escapou de um corte horizontal e de uma estocada, mas falhou quando acertei sua axila, terminando de arrancar seu braço.

Apesar de não sentir dor, ele parecia furioso. Passou a atacar sem se importar em mirar, entregando o combate com golpes cegos e descoordenados.

— Fica difícil quando os seus servos são inúteis, não?

Eu não precisava mais buscar a vitória. Deixei que ele atacasse, a oportunidade aparecia rapidamente. Tudo já estava óbvio. O mais forte já havia vencido. Ele socava com sua única mão, tentava alguns chutes, urrava com energia profana emanando das cavidades. Estava desesperado.

— Seu insolent... — Não permiti que a frase terminasse. Labareda passou pelo seu queixo. O crânio rolou no chão. O corpo caiu à minha frente. Vitória.

Um ronco saiu do corpo inerte junto da energia que pareceu vazar como fumaça para fora dele. E o silêncio preencheu o templo. A morte continuava lá, porém inanimada. Ainda assim, a morte prevalecia.

Virei-me para meus amigos. A turba morta-viva caíra sem o seu mestre. Todos me contemplavam. Apenas Zhi Wu não presenciara o espetáculo. Alberich estampava confusão em seu rosto, incrédulo e intrigado. Ravenlla parecia surpresa, recheada de dúvidas. Rosa, coitada, horrorizada, ainda mais assustada do que quando os zumbis estavam de pé. Gladius estava desolado. Seu rosto era tristeza pura. Talvez até mágoa.

Permiti-me uma risada, triunfante.

E desmaiei.

— Não se mova, as feridas ainda estão abertas! — Ravenlla tentou impedir Zhi Wu de se levantar.

— Por quanto tempo eu desmaiei?

— Cerca de uma hora.

— Como estão os outros?

— Você precisa descansar.

— Responde ou eu levanto e confiro por mim mesma.

— Estão mais ou menos.

— Vivos?

— Sim.

— Feridos?

— Não tanto quanto você.

— Você está escondendo algo.

— É pro seu bem.

— Nenhuma mentira serve pro bem.

— Confie em mim.

— Eu não tenho nenhum motivo pra confiar em você.

— Como assim? Estou cuidando de você.

— Porque eu sou mais útil viva do que morta.

— Isso não é verdade.

— Eu sei mais verdades do que você pensa. Agora saia do meu caminho.

LINHAS TORTAS

GLADIUS

*Rastejando dentro da minha pele, estas feridas não curarão.
Medo é o que me derruba, confundindo o que é real.*

Tudo aconteceu muito rápido. Estávamos prestes a morrer.

Até que Draco começou a manifestar a maldição.

Eu tentei alertá-lo, gritei seu nome, mas ele não ouvia. Quando me dei conta, ele já estava insano e avançou contra o barão morto-vivo.

Por mais que eu quisesse, era impossível pará-lo.

Derrotei dezenas de zumbis enquanto o meu amigo enfrentava o líder deles. A cada inimigo no chão, eu me sentia ainda mais derrotado. Sobrevivemos graças a Draco. Graças à maldição do Draco. E agora, todos sabiam dela — e queriam explicações.

Quando o caos acabou, Draco desabou no chão, como sempre fazia quando terminava o surto assassino. Corri até ele para verificar se tinha algum ferimento fatal em seu corpo — depois me dei conta do quão egoísta foi esse ato, pois Zhi Wu estava em muito pior estado.

— Quero explicações! Agora! — Alberich foi o primeiro a se pronunciar.

Fingi que não ouvi enquanto verificava o corpo do meu amigo. Havia algumas feridas, apesar de nada letal.

— Ele precisa de ataduras — eu disse.

Rosa veio correndo socorrê-lo.

— Todos precisamos de ataduras e de respostas! — o paladino insistiu.

— Alberich, por favor! — Era Rosa, com os olhos marejados. — Nós quase morremos aqui. A vida é mais urgente do que as respostas.

Não houve debate, apesar do rosto do cavaleiro estampar reprovação. Ele e Ravenlla puseram-se a cuidar de Zhi Wu.

Fizemos curativos rápidos nos ferimentos mais graves e saímos do templo carregando os desacordados.



Zhi Wu acordou primeiro e insistiu em se levantar, mesmo ainda estando ferida. Pareceu que ela e Ravenlla conversaram brevemente, o que deixou Zhi Wu mais séria do que o costume. Devia ser apenas preocupação.

Depois de alguns instantes, Draco levou a mão à testa e gemeu de incômodo enquanto despertava. Abriu os olhos, olhou ao redor, para cada um de nós e voltou a fechá-los.

— Desculpa. — Foi tudo o que disse depois de um breve silêncio.

Ninguém teve reação.

— Você se lembra do que aconteceu? — perguntei.

— Eu sempre me lembro, você sabe disso.

— Então pode começar a explicar! — A voz grave de Alberich parecia um soco.

Ouvimos apenas o crepitar da fogueira e depois de um momento, perguntei:

— Posso explicar?

Draco pensou por um instante e moveu devagar a cabeça afirmativamente.

— Draco sofre de uma maldição. — Era muito difícil pôr isso em palavras.

— Quando enfrentamos situações de extremo risco... ele... ele...

— Perde o controle de si e entra em frenesi — Ravenlla completou com frieza acadêmica.

Eu não conseguia tirar os meus olhos do fogo.

— Sim. Eu soube quando ainda éramos adolescentes em treinamento. Nosso mestre acreditava que Draco controlaria o impulso quando aperfeiçoasse o nosso estilo de luta. Mas a maldição se manifestou numa outra ocasião depois que partimos em jornada. E agora, de novo.

Eu não conseguia encarar ninguém nos olhos e nem pronunciar mais nenhuma palavra depois daquelas.

— Não é uma maldição. — Ravenlla quebrou o silêncio e as atenções se voltaram para ela. — É uma mácula.

Não compreendi, mas ela logo esclareceu:

— Maldições são rogadas por algo ou alguém. Um monstro, ou um cultista, ou até mesmo um mago acorrenta energias profanas em alguém, causando um ou mais efeitos negativos. Acredito que não seja o caso do Draco.

Era verdade, a maldição não tinha uma fonte. Se tivesse, meu amigo teria me contado.

— Mácula é algo pior. — Ela respirou fundo enquanto escolhia as palavras. Parecia menos distante e mais preocupada agora. — Desde que os abissais venceram a Guerra Eterna, os celestiais foram extintos e as Virtudes que eles pregavam enfraqueceram substancialmente no nosso mundo. Os Vícios se tornaram cada vez mais frequentes. Até mesmo naturais. Ou mesmo palpáveis.

Ela olhou para Draco.

— Virtudes e Vícios não são meros conceitos. São energias. Potências divinas. Estão dentro de todos nós. Cada um de nós é feito de Virtude e Vício. Quando um mortal sucumbe ao Vício, ele manifesta a mácula. Não é algo que venha de fora. Vem de dentro. O Vício gera poder e causa aquele efeito que vimos.

— Draco não se entrega a Vício nenhum! — Defendi meu amigo.

— Não estou fazendo acusações.— O olhar dela realmente parecia apiedado. — Mas todos vimos o que vimos. Pode ser algo que ele alimente dentro de si tão profundamente que nem mesmo perceba.

— Chega de falar dele dessa forma! — Eu estava prestes a me exaltar.

— Você vai precisar dar uma sugestão, Gladius, porque está difícil tratá-lo de outra forma. — Alberich me impediu de encerrar o assunto.

— Ninguém tem que fazer nada por mim. — Draco finalmente abriu os olhos. — Isso é um assunto meu e eu vou resolver.

— Como você vai resolver isso, Draco? — Ravenlla perguntou com compaixão. Não sei por que ela demonstrava esse tipo de sentimento. Talvez fosse só pesar, por compreender do assunto. Ou talvez ela estivesse começando a se importar conosco.

— Eu vou encontrar o meu adversário em Tália... e estarei livre disso.

— Escutem aqui! — Alberich parecia um juiz. — Desde que Rosa falou desse tal adversário, ele se tornou um assunto constante na nossa viagem. No começo, eu pensei que fosse só uma hipótese. — Ele alternava os olhos entre eu e Draco, buscando reações. — Pelo visto é algo a mais e, se for, acredito que seja totalmente relevante sabermos quem é essa pessoa.

Eu ainda pensava no que responder quando meu amigo tomou a iniciativa.

— É um assassino — ele respondeu, enquanto se sentava e estalava o pescoço. O grupo esperava mais explicações e ele deu continuidade: — O assassino do nosso mestre.

Alberich encarava o meu amigo com severidade. Rosa e Ravenlla tinham olhares desolados. Zhi Wu estava inócua, como sempre.

— Depois que eu venci o meu primeiro torneio e conquistei Labareda, eu e Gladius voltamos pro nosso mestre pra contar as boas notícias — ele prosseguiu. — Quando chegamos, encontramos o corpo dele no chão e uma estrela de sete pontas pintada em volta.

— Pintada com o sangue dele — concluí.

Agora era a nossa vez de ficarmos angustiados com a lembrança atroz daquele dia.

— Desde então, buscamos o assassino. Essa é a nossa real missão — Draco finalizou.

A explicação não reconfortou ninguém, apenas pareceu dar um fim ao assunto — pelo menos naquele momento. Ninguém teve coragem de perguntar mais nada.

— Então está tudo explicado — Ravenlla lamentou.



Partimos no amanhecer seguinte, pois precisávamos avisar as autoridades da cidade mais próxima o que havia ocorrido, o quanto antes. Andávamos muito devagar, apesar de Alberich insistir que esperássemos que todos estivessemos bem para continuar. O grupo decidiu seguir viagem por votação, mesmo que só fôssemos percorrer poucos quilômetros por dia.

Já era quase a hora do esplendor do sol quando Zhi Wu pediu ajuda para caminhar. Dei meu braço a ela e andamos juntos. Aos poucos, nossos aliados foram passando à nossa frente, até que estávamos alguns passos atrás de todos.

— Você compreende a sua importância?

A pergunta me surpreendeu.

— Draco é um bom líder, porém precisa de ajuda. Ele preza por nós, mas na verdade, não deixa ninguém se aproximar. Só você.

Eu ouvia tudo atentamente e com seriedade.

— Só você pode ajudá-lo. Não deixe que essa busca de vocês consuma o seu amigo.

Quando terminou de falar, ela largou o meu braço e voltou a acompanhar o grupo.



Tivemos que montar acampamento antes do anoitecer. Zhi Wu, mesmo sem se manifestar, demonstrava cada vez mais dores ao passar das horas e Draco já

estava quase sem fôlego para andar, por causa da exaustão do dia anterior. Devia faltar uma ou duas horas até a lua surgir no horizonte e já estávamos com o acampamento montado.

Enquanto discutíamos se acenderíamos a fogueira naquele momento ou depois, um homem passou a cavalo pela estrada. Um homem vestindo uma armadura de batalha.

Cada membro dele estava coberto por placas de aço. Os poucos espaços à mostra eram revestidos por uma cota de malha. Com certeza, um cavaleiro impecável. O corcel era belo e robusto e não carregava nenhuma carga além do sujeito e sua pequena mochila de viagem. Pelo brasão no peitoral, pude identificar que era um soldado de Allandria, minha cidade natal.

E também ostentava o símbolo de uma libra na ombreira direita — o brasão da minha família.

Eu quis me esconder atrás de alguma pedra.

Ele cavalgava devagar e olhou no rosto de cada um de nós, procurando algo, até que me encontrou. Quando levantou o visor do elmo, não demonstrava surpresa ou incompreensão, mantendo o protocolo.

— Gladius Kyrios! — Ele me chamou por meu nome completo.

Fechei os olhos, constrangido, contendo a vontade de roer as unhas.

— Sim?

— Seu pai estava certo em contratar adivinhos. Mesmo com auxílio mágico, eu levei algumas semanas pra encontrá-lo. Sou um mensageiro — e estendeu um pergaminho dentro de um cilindro. Magos adivinhos e um cavaleiro servindo de mensageiro. Só o meu pai para cometer um ultraje desses. — Seu pai solicitou que você envie uma carta em resposta assim que possível.

Apanhei e agradei.

O mensageiro deu meia volta e partiu, provavelmente para Allandria ou para o adivinho mais próximo.

Um instante de silêncio.

— Você é um Kyrios! — Alberich estava surpreso.

— É, tipo isso... — falei como se não tivesse importância. E, de fato, para mim não tinha. — Quem vai pegar a lenha pra fogueira?

— Temos um nobre entre nós e não sabíamos? — Rosa perguntou com bom humor.

— Não existe nobreza em Allandria, nos dividimos entre cidadãos, estrangeiros e realeza. Legalmente, eu não sou nem cidadão.

— Você vem de uma das famílias mais tradicionais do reino — Alberich insistiu no assunto.

— E daí? É só um nome, não é como se eu tivesse uma identidade secreta. A lenha pra fogueira é um assunto mais urgente.

— O que a mensagem diz? Você não vai abri-la? — Rosa estava entretida. Era a primeira pessoa a sorrir desde o incidente do templo.

Infelizmente, eu não estava com o mesmo humor.

— Eu vou pegar a lenha — e me afastei.



Demorei para voltar propositalmente. Quando saí de casa, fiz questão de não contar com nenhuma regalia que meu pai poderia oferecer. Fiz questão de omitir até o meu sobrenome — e não seria agora que começaria a aceitar privilégios.

Só não consegui escapar do bendito escudo da minha noiva.

Porém certas coisas nos perseguem. Eu queria fazer o meu próprio nome. E o meu pai insistia em fazer o nome da família.

Quando retornei, ninguém falou nada. Cada um cuidava dos seus afazeres. Eu me ocupei em preparar a fogueira. Até que não aguentei mais e comecei a falar:

— E por que vocês viajam?

Todos me olharam. Ninguém respondeu.

— Vocês ouviram a pergunta, não me olhem como se eu tivesse falado outro idioma. Todo mundo já sabe porque eu e Draco viajamos. E vocês?

De repente, ninguém mais estava fazendo nada. Eles vieram para a fogueira que estava prestes a ser acendida.

— Você não parece viajar pelo mesmo motivo que Draco — Zhi Wu se manifestou.

— Lógico que também busco o assassino do meu mestre.

— Não é só isso.

Ela tinha razão. Respirei fundo e expliquei:

— Eu entrei nessa vida buscando fama. E fugindo de casa. Meu pai quer que eu case e prossiga a carreira militar da família. Bom, tecnicamente eu não sou noivo ainda, mas já tá tudo armado, então não faz diferença, não é mesmo? Eu só quero ser um guerreiro famoso... e não quero casar.

Mais um instante de silêncio.

— Eu busco promover os ideais dos paladinos — era Alberich —, os verdadeiros ideais. Existem pessoas que precisam de ajuda e eu quero ajudá-las.

— Sim, e qual é o seu objetivo pessoal? — indaguei.

— É esse — ele confirmou. — Pensando bem... quero eliminar a corrupção dentro da Ordem. É uma tarefa quase impossível, mas eu quero. Por isso, se um dia nos depararmos com paladinos corruptos, já sabem que não vou parar até eliminá-los.

— E o que você ganha ajudando inocentes e caçando paladinos corruptos?

— Existem pessoas que vivem por propósitos maiores do que elas mesmas, Gladius. Pessoas que vivem para evitar que as outras sofram.

— Evitar que pessoas sofram é querer o inevitável.

— Uma vez, eu estudei a vida de um santo que dizia que isso faz parte de nós. Amamos esse mundo imperfeito. Duvidamos que o “outro lado” seja realmente melhor. Duvidamos que sequer existe um “outro lado”. Por isso, achamos que deixar alguém morrer parece monstruoso.

Eu nunca imaginara que aquilo fosse possível. Teria começado a refletir sobre, se não estivéssemos numa conversa mais importante naquele momento.

— Eu procuro a minha família. — Rosa se pronunciou. — Como venho de um povo nômade, é difícil encontrá-los. — Ela sorriu com tristeza. — Apenas confio no poder das cartas, elas me dizem para onde tenho que ir. Até agora, elas me trouxeram até vocês, então provavelmente vocês me levarão à minha família — e o ar de tristeza sumiu.

Simples e digno. Talvez o objetivo mais digno de todos.

— Assim como Alberich, eu vivo pela fé. — Ravenlla parecia a mais confortável em falar de si. — Só que acreditamos em coisas bem diferentes. Eu defendo a Virtude da Liberdade. Ninguém deve ser acorrentado. Ninguém deve ser privado do direito de escolha. Acreditando nisso que eu abandonei as terras élficas e vim pras terras de vocês. Estar preso é pior do que estar morto.

Belas palavras. Realmente, Virtudes a serem admiradas.

Zhi Wu demorou um pouco mais para começar a falar. Não sei dizer se estava relutante ou apenas escolhendo as palavras.

— De onde venho, nós dedicamos nossas vidas a servir aos senhores feudais. Minha família servia a um dos mais influentes. Até que eu tive que fazer uma escolha: servir ao senhor feudal ou servir à minha família. Sei que jamais serei aceita de volta à minha terra natal, e assim será. Eu tenho um dever a ser cumprido.

— E por que a máscara, afinal de contas? — insisti. Draco me olhou com desaprovação.

— A máscara vem de uma classe de agentes que servem aos senhores feudais. Aqui, vocês chamam de espiões ou sabotadores. Lá, os agentes homens são chamados de ninjas e as mulheres de kunoichi. Mas eu não posso mais me considerar uma. Mantenho a máscara como uma promessa. Não tenho o direito de mostrar o meu rosto antes que eu cumpra o meu dever.

Nunca tinha visto Zhi Wu falar tanto e, mesmo assim, ela havia respondido muito pouco. De qualquer forma, eu não voltaria a perturbá-la com mais perguntas.

Draco não se pronunciou e ninguém exigiu que ele o fizesse. Estava implícito que era melhor não falar dos objetivos dele naquele momento.

— E o que diz a carta, afinal? — Rosa perguntou gentilmente.

Olhei para o envelope ainda lacrado em cima da minha mochila.

— Não quero abri-la agora.

Rosa sorriu.

— E o que quer?

Pensei por um instante.

— Quero conversar com vocês.

Ela tinha o olhar de uma mãe que cuida das crianças.

— Então que assim seja.

E, por algumas horas, nós seis conversamos como não fazíamos há tempos. Com algumas interrupções do Barão, como de costume.



— Por que essa carta te dá tanto medo? — Ravenlla puxou assunto do nada.

Uma semana se passara desde que encontramos o mensageiro e havíamos passado por apenas um baronato no caminho. Como a única milícia local era a guarda do barão, não perdemos nosso tempo avisando-o do incidente dos mortos-vivos.

— Não tenho medo de uma carta. É só um pedaço de papel e tinta, o que ela poderia fazer de ruim? — Tentei disfarçar com uma (péssima) piada.

— Poderia trazer algum sentimento de dever. Algo com o qual você não queira lidar.

Olhei para a estrada de terra batida para não precisar encará-la. Estava tão óbvio? Ela pôs a mão no meu ombro.

— Gladius, não precisa se sentir assim. É só uma carta, não é mesmo? Seja lá o que estiver escrito nela, ninguém vai te pegar pelo braço e te obrigar a nada. Não precisa evitar a carta.

— Você tem razão. Eu preciso ser mais forte do que ela.

— Ou talvez você não precise de nada. Você pode rasgá-la e jogá-la no chão agora mesmo e tudo que está nela ficará perdido para sempre.

— Meu pai escreveu essa carta e ele quer que eu leia.

— E daí?

— E daí que eu não posso simplesmente jogá-la fora.

— Quem disse que não?

Realmente, quem disse que eu precisava ler a carta? Eu sempre debochava do Draco quando ele ficava confuso com conceitos óbvios e lá estava eu, tentando compreender coisas simples como... como liberdade.

— Você viaja pra ser livre e se sente compelido a abrir um pedaço de papel? Você não se fortaleceu nesses meses todos de viagem? De que adianta saber usar uma espada e não aprender a superar os desafios do coração?

Foi então que percebi que aquela conversa me trazia um certo conforto, uma certa paz que eu não sentia há tempos. Na verdade, eram exatamente essas sensações que eu buscava quando saí de casa e não havia encontrado. E Ravenlla, que demonstrava preocupação por mim pela primeira vez, estava me fazendo enxergar que eu sempre tive tudo que procurava, só não tinha me dado conta. Ela sorria para mim como se tudo fosse simples e esclarecido.

E talvez realmente fosse.

— Vai jogar fora essa carta que está te fazendo mal?

— Eu não sei. — Fui sincero. — Muito obrigado, de qualquer forma.

Ela olhou nos meus olhos, sorrindo com ainda mais doçura. O rosto fino e delicado e as orelhas pontiagudas formavam uma feição exótica e bela. Com certeza uma das pessoas mais bonitas que eu já havia conhecido.

— De nada — ela respondeu.



De noite, depois de montarmos acampamento, tirei as manoplas e as luvas de couro para segurá-la melhor. Percebi que Ravenlla me observava. Quando a olhei, ela sorriu para mim.

Abri a carta.

“Querido filho,

Já faz muito tempo que partiu em sua jornada, deixando saudades em sua família. Sua mãe reza todas as noites para que você esteja em segurança, sua irmã pergunta incessantemente quando é que você voltará e eu, seu pai, tenho confiança de que está se tornando um bom guerreiro.

Mas a vida não é só aventuras. Sua presença ao lado da sua família é necessária. Você ajudará mais pessoas servindo ao seu reino, do que peregrinando

de cidade em cidade, resolvendo o problema dos outros. Já está na hora de se dar conta de que o seu reino também tem problemas que você pode resolver.

Lembro-me que nosso acordo era você experimentar o gosto do heroísmo e da fama e depois retornar ao lar. Confesso que só soube de boatos de seus feitos, graças aos agentes da nossa família, que se informaram a respeito dos acontecimentos desse lado do Éden. Tenho certeza que logo não precisarei mais enviar agentes para saber que você está salvando vidas e não exigirei seu retorno antes disso.

Contudo você ainda tem deveres a cumprir e eu solicito a sua presença em sua casa. Não de forma definitiva, eu garanto, mas para uma celebração: o seu noivado. Já chegou a hora de você conhecer a sua noiva — e tenho certeza que se apaixonará imediatamente pela jovem encantadora que eu lhe arranjei com tanto esmero. Venha, celebre o seu noivado, volte para suas aventuras e, quando for um herói, retorne para se casar e ser um cidadão de Allandria, a sua pátria.

Espero recebê-lo em nossa casa em breve, meu querido filho.

Um abraço,

Gladiolus Kyrios, General da Tropa Valor do Oeste. “

Eu não sabia se soltava um palavrão ou se me sentia grato pelo pai que tinha.

Fiquei um tempo encarando o chão. Olhei para Ravenlla e ela mantinha o mesmo sorriso de antes, ainda me observando.

— E então? — ela perguntou, incentivadora. O restante do grupo se deu conta de que eu estava com a carta aberta e parou para ouvir também.

— Irei pra casa depois do torneio.

Todos pareceram meio surpresos. Draco foi um pouco além, indignado, talvez.

— Como assim? — ele perguntou.

— Eu e meu pai fizemos um acordo. Ele cumpriu a parte dele e eu vou cumprir a minha.

— O que ele quer? Que você fique em Allandria? Não era esse o combinado.

— Ele só quer que eu fique noivo logo. Não vou para ficar... dessa vez.

— E se ele quiser te prender lá? — Draco não estava satisfeito. Ravenlla aprovou o questionamento torcendo os lábios.

— Ele não quebraria a palavra dele. Se quebrasse, eu iria embora de qualquer forma. O que ele faria? Iria me algemar?

— E você quebraria a sua palavra com a sua futura noiva?

Eu não havia pensado nisso.

— Você poderia ir embora e deixar o seu pai, caso ele tentasse te enganar. Mas a sua noiva não seria culpada de nada e não mereceria que você fugisse. Você iria conviver com isso ou iria ser fiel a ela?

— Escuta aqui, esfria a cabeça! Eu não preciso de mais pressão agora. Eu vou pra Allandria, vou noivar, vou voltar pra nossa jornada e, depois, eu me caso, como o combinado. Independente do que o meu pai ou do que essa mulher que ele arranhou pra mim queiram, eu vou seguir o combinado e ponto final!

Parecia difícil sustentar um clima bom naquele grupo. Eu começava a sentir saudade de quando as coisas eram simples e nós caçávamos monstros nos ermos.

— Estamos convidados pro seu noivado? — Rosa quebrou o silêncio, sempre aliviando os nervos com o seu sorriso.

— O quê? — Eu não compreendi de primeira.

— Somos um grupo, não somos? — ela explicou sem se alterar. — Você vai noivar. Nós estamos convidados para a festa ou você já tem amigos o suficiente em Allandria?

Parecia natural que eles fossem comigo. Exceto por Draco, eu os conhecia havia menos de um ano. Rosa e Ravenlla apenas semanas. Mas éramos um grupo.

E o grupo deveria ficar unido.

— Por favor, nem pensem em não ir — respondi, me sentindo revigorado. — Vou precisar de vocês nesse desafio. Aceitam vir comigo?

E o clima melhorou.

— Claro! — Rosa sorriu de orelha a orelha.

Entre palavras e gestos, todos aceitaram o convite, cada um do seu jeito.

— Então amanhã partiremos pra Dellarte, conquistaremos os troféus de ouro e prata do torneio e vamos em busca da próxima missão: noivar o vagabundo do Gladius — Draco zombou.

— Vou me lembrar disso quando te encontrar na final do torneio.

— Espero que lembre.

Ele estendeu o punho fechado e eu soquei em resposta.

E nós nos permitimos rir um pouco.

Com nossos próximos passos decididos, organizamos os turnos de vigia e nos recolhemos, para partirmos no dia seguinte. Os seis juntos. Ou sete, contando com Barão.

O grupo.

Entreato

— Draco, quantos reinos você já conheceu? — Rosa olhava as estrelas enquanto perguntava.

— Um pouco de cada um da Liga Prateada. E você?

— Já viajei pela Liga Prateada, pelo Leste Radiante, União a Vapor e por Orum.

— Nossa, isso é muita coisa!

— Você acha? Ainda falta tanto pra explorar.

— Como conseguiu? Já perdi a conta dos dias e não saímos da Liga.

— Bom, eu não ficava parando pra ajudar tantas pessoas, no máximo lia a sorte de algumas pelo caminho. E viajar sozinha é mais rápido, não tinha ninguém vestido de ferro pra me atrasar.

— Então prefere viajar sozinha?

— Ei, eu estava brincando. Nossas viagens são lentas, mas eu prefiro a companhia. E também prefiro ajudar as pessoas do que só cuidar de mim.

— Eu me pergunto se não vamos ficar sempre ajudando os outros e vamos acabar esquecendo de nos ajudar.

— A gente se ajuda também quando ajudamos os outros.

— Você acha?

— Tenho certeza!

— Você parece ter muitas certezas.

— Pelo contrário, permito que a vida me surpreenda constantemente. Conhecer você foi uma surpresa, por exemplo.

— E foi uma surpresa boa?

— Se você ainda precisa perguntar, sinal de que não anda prestando atenção nem em si mesmo.

EVANESCÊNCIA

RAVENLLA

Pouco se aprende com a vitória, mas muito com a derrota.

O primeiro sinal de confiança num grupo de aventureiros é ser escolhida para o turno de vigia. Infelizmente, a confiança não foi unânime.

A estrada mais rápida para Dellarte atravessava diversos bosques, alguns tão belos e serenos que pareciam com os da minha terra natal. Outros praticamente selvagens, com sons de insetos e aves o tempo todo e a trilha de terra batida como único sinal de civilização.

Torcemos para que a vegetação ficasse menos densa até a hora de acampar, mas não tivemos sorte. Não conseguíamos andar três pessoas lado a lado e Barão parecia ocupar todo o espaço entre as árvores. Alberich insistiu para que ele corresse livre, mas o íbex nunca ficava mais de uma hora longe. Era admirável que os boatos sobre alguns paladinos criarem um elo com suas montarias fossem verdadeiros.

Tivemos que dormir na beira da estrada, enfileirados para não bloquear a passagem caso uma carroça surgisse — era melhor evitar transtorno, apesar de pouco provável.

O céu começava a clarear e o sol ainda não era visível apenas por causa das árvores. Meu turno de vigia foi tranquilo. Na verdade, o meu e o da Zhi Wu.

— Você ainda não confia em mim, não é mesmo?

Ela me olhou e demorou tanto para responder que eu pensei que seria ignorada.

— Eu gosto de observar as pessoas. Nada pessoal.

— E o que tem notado com tanta observação?

— Draco é um líder relutante. Gladius tem um coração nobre, talvez o mais nobre de todos. Alberich gosta do grupo, mas prefere suas Virtudes. E Rosa finge ser uma pessoa alegre, enquanto vive agoniada por algum motivo que eu não identifiquei e nem vou identificar pra não ser invasiva.

Silêncio.

— E eu?

— Você foi esperta em convencer a todos que faz parte do grupo. O que você faz é tentar guiar a gente de acordo com o seu credo.

— E por que eu não seria parte do grupo?

— Existe uma diferença entre você e Alberich. Alberich acredita na gente. Ele confia. Se um dia você confiar, será uma de nós.

— Até lá, você vai ficar de olho em mim?

— Até lá, você vai perceber que eu sempre estou de olho em tudo.

— Parece que não sou só eu que não confio no grupo.

— Eu confio. Não confunda as coisas.

— Confia dormindo menos que todo mundo todos os dias?

— Eu não preciso dormir tanto, só isso.

— E passa o resto do dia nos estudando?

— Isso não parece um problema para os outros.

— Eu só quero fazer parte do grupo.

— Não, não quer. Você quer um rebanho.

— Se você realmente acha isso, precisa me estudar muito ainda.

— Faltam alguns dias até Dellarte. Não estou com pressa.

Entre uma alfinetada e outra, vi alguma coisa se movendo ao longe.

— Olha, o papo está bom, mas tem alguma coisa espiando a gente.

Observei melhor e notei que era um humanoide a cerca de meio quilômetro.

— Você quer ir lá verificar ou prefere ficar aqui enquanto eu vou?

...

— Zhi Wu?

Para variar, ela havia sumido.



— Zhi Wu sumiu de novo. — Alberich foi o primeiro a acordar.

— Ela já deve estar voltando — respondi desinteressada.

— Se sabe de algo, desembucha — ele insistiu.

— Alguma coisa perambulou pela estrada meia hora atrás e ela sumiu sem dar explicações.

Conformado com a resposta, o anão esfregou o rosto e bocejou.

— Vou fazer minhas orações.

— Não vai beber um gole d'água antes? — perguntei para descontrair.

— Não estou com sede.

— E nem vai mijar?

— Não estou com vontade. — Eu finalmente consegui arrancar uma risada do cavaleiro, ainda que contida.

Ele se levantou, cumprimentou Barão, que grunhiu, e começou a sua meditação ao lado do seu fiel companheiro.

— Goblins. — Zhi Wu surgiu.

Alberich abriu um olho, olhou para a kunoichi e voltou a concentrar-se em sua prece.

— Tem certeza? Pode ser qualquer outra raça pequena.

— Três goblins. Fugiram antes que eu chegasse mais perto.

— Então foram sensatos e fugiram.

— Talvez fossem batedores.

— Batedores? Isso é sofisticado demais pra eles.

— Vocês vão bater em quem? — Gladius se espreguiçou.

— Se tivermos sorte, em goblins — debochei.

— Bater em goblins? Não fala isso nem brincando, que o Draco vai acordar pulando.

— Não é brincadeira. Eles devem estar a cerca de um quilômetro daqui, ou menos... — Zhi Wu não estava com o mesmo bom humor que Gladius.

— Devem ter fugido. — Ele nem se deu ao trabalho de se importar.

— Foi o que eu falei. Além do mais — olhei nos olhos de Zhi Wu —, o grupo dá conta de qualquer goblin de estrada — e sorri.

— Bom dia pra vocês também — Rosa se manifestou sem nem abrir os olhos, confortável em seu saco de dormir.

— Vocês falam tanto que até acordaram a pobre garota. — Gladius brincou.

— Não tem problema, eu durmo demais se deixarem. — Minha amiga finalmente abriu um olho enquanto coçava o outro.

— Você acha que dorme demais? Tenta competir com o Draco. Esse daí não acorda nem se passar uma manada do lado dele.

— Eu estou ouvindo, seu idiota! — Draco xingou com a bochecha ainda esmagada no travesseiro.

E todo mundo riu um pouco dele. Exceto Alberich, que estava compenetrado em sua oração. E Zhi Wu, que observava a estrada.



A estrada era inconstante, às vezes quase perdida na vegetação, às vezes parecendo uma via de carga. Começávamos a duvidar se estávamos no caminho certo e desejar uma cidade para descansar e pedir informações. Se não encontrássemos nada até o fim daquele dia, precisaríamos rever nossa rota.

— Curioso você fazer suas orações à noite. — Alberich me abordou.

— Você acha? Tenho a liberdade de orar à hora que quiser. Gosto da noite pra evitar qualquer surpresa de madrugada.

— Conte-me uma coisa... quando os celestiais... você sabe...

— A Aniquilação? Isso foi há duzentos anos. Eu não tenho nem cem.

— Então é verdade que a longevidade dos elfos diminuiu tanto assim!

— É muito indiscreto falar da idade de uma dama.

— Eu não tive a intenção.

— Relaxa, não estou falando sério. Vocês, anões, valorizam as memórias, não é mesmo?

— A maioria acha que existem assuntos mais urgentes.

— Como aquilo ali?

— Não vejo nada.

— Eu também vi. — Zhi Wu se intrometeu.

Pelo visto, os olhos dela eram tão bons quanto os meus. Ao longe, parecia uma briga. Foquei minha visão e compreendi: era um espancamento.

— Deve ser um assalto — declarei.

Alberich montou em Barão e disparou, enquanto o restante correu logo atrás. Finalmente vimos o problema. Eram goblins. Três goblins espancando um humano.

O paladino arremessou um para longe com o seu martelo e empinou o íbex para evitar as lanças dos outros dois. Chegamos quando o segundo estava sendo empalado pelos chifres da montaria e percebemos algo estranho.

A vítima estava amordaçada.

Quando demos conta, já era tarde demais. Dezenas de goblins saltaram ao nosso redor, era uma emboscada.

Concentrei minha fé em meu corpo, senti meus cabelos esvoaçarem em resposta e uma energia emanar do meu coração, se espalhando pelos braços e pernas enquanto minha armadura de couro emanava uma luz azulada. Senti minhas pupilas dilatarem e minha agilidade e o meu reflexo se intensificarem. Três goblins estocaram e eu nem senti a ponta de suas armas.

Enquanto os guerreiros brandiam suas espadas, focalizei minha energia no meu punho direito, que contraiu involuntariamente em resposta, enquanto uma lâmina etérea nascia da palma da minha mão. A arma flutou e entrou em guarda. Meus adversários pareciam confusos, talvez arrependidos.

Enfim saquei meu sabre e ataquei. Um goblin tombou com um corte no pescoço e outro foi atravessado pela minha arma espiritual. Enquanto me esquivava de uma clava, meu sabre flutuante espetou o flanco da criatura e eu aproveitei a distração para perfurar seu estômago com a arma em minha mão. Com o ímpeto e a velocidade que a minha magia fornecia, eu podia me defender e atacar como um lince.

— Alto! — Uma voz grave comandou.

Os goblins recuaram e nós aproveitamos para reagrupar.

Mais de uma dúzia de goblins estava espalhada pelo chão, mas havia pelo menos o triplo de pé ainda. E não eram os únicos. Pelas árvores, robgoblins surgiram. Muitos. Estávamos cercados. A estrada estava fechada por goblins dos dois lados, e incontáveis outros nos cercavam pelas árvores.

O robgoblin líder anunciou:

— Sou Rharuc, tenente da Matilha Escarlate. — Ele gesticulou orgulhoso da sua tropa. — Podem se render, se quiserem viver.

Ele era mais alto e musculoso do que Draco. Pelugem cor de semente de mostarda, presas pontudas, orelhas lupinas, uma com a ponta faltando, outra repleta de argolas, e olhos ferozes. Vestia armadura de couro de boa qualidade, tinha um colar de presas pendurado no pescoço e um crânio humano ostentado como ombreira direita. Na cintura, um mangual com um cabo de madeira robusta, ligado a uma corrente com uma esfera cheia de cravos na ponta.

— É você que deveria pedir pela sua vida! — Gladius bradou.

— Você é obstinado, admiro isso. Mas não seja tolo, meu caro. Vocês não podem lutar pra sempre.

— Quais são seus termos? — Draco tentou.

O robgoblin riu.

— Escravidão. Vocês podem ser úteis. Podem ser até escravos de luxo.

Enquanto o líder discursava, Rosa distribuiu magia de proteção aos guerreiros. Para uma adivinha, teria sido mais útil prever aquele ataque.

— Vejo que vocês usam magia. Cuidado, isso assusta os goblins e eu não vou me responsabilizar se esses imbecis atacarem vocês fora do meu comando — ele ironizou. — Eu vejo por outro lado. Magias não são duradouras como o metal. Eu já sitiei uma cidade humana que tinha alguns magos. Eles deram trabalho, devo reconhecer. Mas depois que seus truques acabaram, eles foram tão inofensivos quanto os plebeus. Meu tenente ordenou que fossem mortos. Sabem o que eu achei disso?

Ninguém respondeu e ele não se importou.

— Um desperdício. Magia é um segredo que seria muito útil nas nossas mãos. Só nos falta um humano ter a gentileza de nos ensinar. A boa notícia é que

eu já tratei de matar meu tenente e tomei o lugar dele, então vocês podem ser poupados. O que escolhem? Morrer como qualquer grupinho de aventureiros no meio do mato ou servir a uma causa maior?

— Causa maior vai ser meu martelo na sua fuça! — Alberich rosnou.

— Oras, a revolução goblinoide é uma bela causa! Com seus segredos, meu batalhão pode ser o maior do reino!

— Você não está um pouco longe do seu reino? — Gladius indagou.

— Um pouco, sim. Estávamos sem escravos e eu fui obrigado a viajar.

Enquanto falavam, minha proteção se dissipou. Segundos depois, a arma espiritual também, deixando-me indefesa.

— Como eu disse, magia dura pouco! — Ele riu.

— Ele está enrolado... para a magia perder o efeito! — gritei.

Rharuc exibiu as presas num humor arrogante.

— Vamos atacar logo! — Gladius estava se contendo para não sair da formação.

— Se atacarmos, eles vão nos cercar, precisamos nos manter juntos. — Draco estava num dilema.

— Rosa, quantas magias ainda consegue lançar? — perguntei baixo.

— Duas, e você?

— Quatro.

— Por acaso você é um xamã coberto de metal? — o líder questionou Alberich, que sussurrava no ouvido de Barão.

— Eu sou a punição pelos seus crimes — o paladino respondeu entre os dentes.

— Nesse caso, eu tenho uma proposta. Eu e você num duelo. Se você vencer, se torna o novo tenente do meu batalhão. Se perder, todos entregam as armas e viram meus escravos. Prometo que lhes garantirei uma recepção honrosa em meu reino.

— Não vou cair no truque de um patife como você! — Alberich gritou.

— Eu lidero com ambição, pragmatismo e nobreza!

— E eu vou quebrar os dentes desse cara!

— Chega de conversa! Agora que sua magia já perdeu o efeito, digam-me: escravidão ou morte?

A resposta estava na ponta da minha língua.

— Ah, com certeza você vai morrer... — Gladius declarou.

— Goblins! Atacar! — Rharuc bradou.

E eles vieram.

Quatro me atacaram de uma só vez. Sem tempo para conjurar a magia da minha fé, foi tudo muito mais difícil. Aparei dois ataques com o sabre, senti meu

tornozelo agonizar com uma clava e meu ombro esquerdo arder num corte superficial. Abri um talo no rosto de um goblin, que caiu para trás e logo foi substituído por outro. Clavas, espadas curtas e lanças, choveram em cima de mim, abrindo feridas pelos braços e pernas. Senti a mão pesada de Alberich em meu ombro me banhando em energia positiva, sarando parte dos ferimentos, mas não todos.

— Fique de pé! — O anão entooou.

Abri o abdômen de um goblin, mas outro veio em seguida, fazendo com que cada morte fosse inútil.

— Alto! — O tenente comandou e sua tropa abriu espaço.

Sangrávamos. Alberich orou e emanou uma aura verde ao nosso redor, fechando alguns ferimentos. Ele se concentrou o quanto pôde e mesmo assim não foi capaz de nos curar por completo.

— Estou esgotado — anunciou baixo.

A estrada era um tapete de goblins. E nem parecia que o número havia diminuído ao nosso redor. Sem contar os robgoblins ao lado do seu líder como uma unidade de elite.

— Escravidão ou morte? — Rharuc ofereceu.

Draco estava desesperado. Queria morrer lutando, mas não queria que o sacrifício fosse coletivo. Alberich e Gladius pareciam dispostos a ir até o fim.

— Estou sem paciência. Atacar!

E eu conjurei mais magias enquanto era cercada de novo.

E mais goblins vieram.

E mais goblins morreram.

E mais feridas se abriram.

— Alto!

E a quantidade de goblins de pé parecia a mesma.

— Escravidão ou morte?

Tomei fôlego.

— Atacar!

O sabre já não tinha precisão. Minha cota de malha já tinha brechas. Uma poça de sangue se formava aos meus pés. Matei um goblin e uma ferida se abriu na minha coxa. Matei outro e uma clava atingiu meu flanco. Matei outro e recebi um corte tão profundo no meu antebraço que soltei meu sabre como reflexo.

Agarrei a ferida num misto de dor e susto, senti o tempo da minha magia esgotar e uma clava acertou minha cabeça.

Desmaiei.



Antes de despertar, as dores vieram. Ou eu despertei por causa das dores.

Tudo doía. Cada corte, perfuração e contusão. Era sorte eu não ter fraturado nenhum osso ou rompido algum órgão interno. Sorte e armadura, é lógico.

Tentei abrir os olhos e isso já foi dolorido por si só.

— Não se mova. Você vai ficar bem. — A voz de Rosa me confortou enquanto seus dedos deslizaram no meu cabelo, como uma irmã zelando pela outra.

Eu sentia o movimento, mas estava imóvel.

— Os goblins estão vivos?

Sem resposta.

— Então eu não vou ficar bem.

E enfim consegui abrir os olhos.

A primeira coisa que vi foi Gladius me carregando no colo. Seu rosto era puro ódio contido. Estávamos sem nossos equipamentos. Sem nada, apenas roupas. Ele me levava em seus braços sem dificuldades, apesar de parecer pronto para entrar numa guerra.

O sol estava terminando de se pôr.

Olhei ao redor. Rosa acompanhava o guerreiro e me vigiava. Zhi Wu encontrava-se próxima, indecifrável. Alberich estava com uma faixa ensopada de sangue no abdômen e andava apoiado no ombro de Draco. Ao nosso redor, um punhado de outros humanos. Todos escravos.

E nem sinal de Barão.

— Eu quero andar. — Minha voz era um fiapo.

— Você não pode. E o último goblin que atrasou a marcha foi morto, então não vamos abusar da paciência de Rharuc. Ele deixou bem claro que só nos permitiu fazer os curativos em você e no Alberich porque são operadores de milagres.

— Ele usou essa palavra? Bem sofisticada pra um goblin.

— Nós subestimamos as capacidades dos robgoblins.

Eu me acomodei no peito de Gladius.

— Quando acamparmos, eu tiro a gente dessa.

A mão de Rosa voltou a afagar meus cabelos.

— Descanse um pouco.

Eu iria protestar, se não tivesse caído no sono antes.



Ouvi corujas.

O corpo doía menos. Só um pouco menos. Exceto a cabeça. Essa, doía mais do que nunca.

A primeira coisa que eu percebi foram as algemas. Uma longa corrente passava pelos punhos de cada um dos capturados. Sentei-me com algum esforço e Rosa se alarmou, conferindo se eu me encontrava bem. Estávamos na grama, vigiados por meia dúzia de robgoblins, meus amigos inconformados, os outros desolados. Barracas foram erguidas ao nosso redor, onde os goblinoides faziam muito barulho. Pareciam estar brigando o tempo inteiro. Talvez estivessem apostando, bebendo ou até planejando. Talvez estivessem realmente brigando.

— Qual é o plano? — perguntei baixo.

Alberich olhou a redor. Os únicos robgoblins próximos estavam conversando entre si.

— Rosa conseguiu esconder o seu baralho, mas só pode usar mais uma magia — Gladius respondeu sem muito ânimo.

— Eu posso lançar algumas ainda. Só não sei o que fazer com essas correntes.

— Esse que é o problema. Pensamos em esperar uns dois dias pros goblins baixarem a guarda e nós conseguirmos pegá-los desprevenidos.

— Não seria melhor garantir a fuga de um, pra chamar reforços?

— E quem seria esse um? — Zhi Wu indagou.

Eu engoli a primeira resposta que veio em minha cabeça.

— Você é quem conseguiria buscar ajuda mais rápido.

— O problema é onde arrumar ajuda, estamos longe de tudo! — Draco foi realista.

Um robgoblin gritou. Apontou na nossa direção e gesticulou para o chão. Levamos um susto.

— Ele deve estar mandando a gente calar a boca. — Gladius tentou decifrar.

— Está mandando dormirem. — Um capturado nos avisou, cheio de medo. — Eles não gostam quando a gente fala.

Trocamos olhares.

E deitamos.



No dia seguinte, eu fui obrigada a andar. Rharuc disse que um mago bastaria e, se eu fosse tão fraca que não conseguisse me recuperar logo, só atrasaria a tropa.

Infelizmente, eu e Alberich só conseguíamos conjurar magia depois das orações e Rosa precisava estudar suas cartas também. Obviamente, os goblinoides não permitiriam tempo e nem descanso para nenhum de nós.

Eu e meu grupo conversamos o máximo possível, o que quer dizer quase nunca. As perspectivas eram ruins, mas ninguém se conformou. Rosa conseguiu ler uma carta escondida, disse que usaria quando fosse oportuno. Draco localizou para onde as armas estavam sendo transportadas. Gladius identificou quem mandava e quem obedecia entre os robgoblins. Zhi Wu e Alberich se mantiveram em vigília, observando os arredores e os goblins, avisando quando estávamos chamando a atenção.

No final do dia, acampamos e eu já estava odiando mais as algemas do que os ferimentos.

— E a carta? Foi útil? — perguntei a Rosa.

— Um pouco. Consegui sentir alguns pensamentos.

— Sentir?

— É. Eu não consigo ler mentes ainda. Mas pude sentir. A boa notícia é que ainda estamos muito longe do reino deles. Semanas. Pelo visto, eles vão marchar fugindo de todas as rotas humanas.

— Já é alguma coisa. — Tentei ser positiva.

— Acha que vamos conseguir?

— Tenho esperança.

Eu estava exausta e machucada, por mais que Alberich me ajudasse com a sua cura. Era exaustivo acompanhar o ritmo de um batalhão sem ter tempo para sarar meus ferimentos. E a minha esperança nem era tão forte assim.

Uma coruja piou enquanto eu refletia.

— E quando eu não tiver mais esperança, vou preferir a morte do que a escravidão.



O dia amanheceu amargo e eu engoli a vontade de chorar quando tentei esticar os braços e as algemas me impediram. Não sei o que nos deram de café da manhã, só sei que tinha um gosto péssimo e, em menos de dez minutos, já estávamos andando de novo.

— Você! — um robgoblin apontou para Rosa. — Rharuc quer sua presença.

Rilhei os dentes.

— O que ele quer com ela? — Draco não se conteve.

A resposta foi um murro no maxilar.

Sem se dar ao trabalho de mais explicações, o goblinoide destrancou as algemas da minha amiga, a conduziu para longe e o comboio voltou a andar.

— É apenas um interrogatório. O primeiro de muitos. — Não sei se Alberich queria nos acalmar ou alertar.

— Como sabe? — Draco estava inseguro.

— Ainda estamos em território humano, apesar de eu já não saber em qual dos três reinos. Se algum batedor nos avistar, poderá trazer uma tropa e os robgoblins não terão nenhuma chance. Rharuc quer aprender o máximo sobre a gente. Ainda vai levar alguns dias para ele confiar no terreno.

— Então não temos tempo a perder — nosso líder concluiu.

— Pelo menos eu já sei quem guarda as chaves — Zhi Wu comentou.



Uma hora depois, Rosa foi trazida de volta e algemada. Perguntamos como ela estava, mas os goblins rosnaram e tivemos que ficar quietos até de noite. Ao menos não tinha nenhuma ferida ou roupa rasgada.

Quando acampamos, ela explicou:

— Ele quis saber que tipos de magia eu sei usar.

— E você contou a ele?! — Draco parecia frustrado.

— Eu não tive escolha, não é mesmo? Ele quase se irritou quando eu expliquei que não sabia explodir coisas ou disparar relâmpagos. Só se acalmou

quando eu contei que adivinho as coisas.

— Falando nisso — Gladius interrompeu —, por que não adivinhou que isso ia acontecer?

— Gladius, por favor — me intrometi. — Eu quero saber a mesma coisa, mas agora não é a hora.

Rosa mordeu as bochechas.

— Todos os dias as cartas falam de perigo, Gladius. Talvez, um dia eu consiga ler as cartas com mais detalhes, só que ainda é abstrato pra mim. Se você me disser o que vai fazer, eu posso te dizer se terá boa sorte ou não. Mas eu ainda não sei adivinhar o que vai acontecer com você além das suas próprias decisões. Peço desculpas.

— Tudo bem, eu é que peço desculpas. — O guerreiro ficou envergonhado com sua própria atitude.

— Eu sei adivinhar as intenções das pessoas, sei achar objetos escondidos, sei até guiar seus ataques aos pontos fracos dos inimigos, como já fiz algumas vezes. Se eu pudesse estudar minhas cartas, poderia tirar todo mundo daqui.

— E como vamos fugir? — Draco se manifestou.

— Eu até posso roubar as chaves — Zhi Wu sussurrou —, o problema é o que fazer depois. Não daria tempo de buscar nossas armas antes que nos matassem.

— Tem que haver um jeito. — Draco se mantinha firme.

Um robgoblin grunhiu para nós.

— Amanhã encontraremos uma solução — Rosa disse enquanto se deitava para dormir.

— Como sabe disso? — Nosso líder ficou num misto de surpresa e expectativa com aquela declaração.

— Palpite! — Ela sorriu e fechou os olhos. Como sempre, Rosa era a única que conseguia sorrir.



— Pare de chorar, vai incomodar os goblins... — Zhi Wu sussurrou para mim. Não parecia irritada.

— Eu quero tirar essas correntes. Eu odeio essas correntes.

— Você vai ser a primeira que eu vou libertar, prometo. Apenas pare de chorar.

Entre os soluços contidos, aos poucos, eu consegui me acalmar e dormir.



— Você! — o robgoblin apontou para mim. Era a minha vez de ser interrogada logo no começo do dia.

Respirei em alívio quando senti as algemas se abrirem e respirei mais uma vez para criar coragem de falar com Rharuc.

Fui conduzida a passos largos até a dianteira da tropa, onde ele marchava à frente de todos.

— Você não é humana. — De perto, ele era mais feio ainda.

— Não.

— O que você é?

Os goblins e o meu povo viviam em guerra na Floresta Feérica e esse robgoblin não sabia o que eu era, que curioso!

— Sou uma elfa.

Ele estranhou.

— Pensei que a sua raça tinha sido extinta junto dos celestiais.

— Só ficamos mais discretos.

— Hum. Sorte sua. Humanos são meus inimigos prediletos. Elfos ainda não. E você nem é uma maga.

— Não.

— Pelo que vi na sua mochila, você é uma clériga.

Comecei a sentir medo. Óbvio que eles iriam revirar as mochilas. Mas havia certos itens que não poderiam ser descobertos.

— Sim, sou. — Não pude impedir que a voz saísse tremida.

— Só não tenho certeza de qual divindade. De quem é o símbolo das asas?

— Asgathar, o Patriarca da Liberdade.

— Você é clériga da Liberdade, então?

— Sim... — Eu tentei.

— Duvido. — Rharuc deu de ombros. — Ele está morto, junto de todos os outros celestiais. Por outro lado... — Ele demorou em cada palavra. — A outra divindade está bem viva.

— Aonde quer chegar?

— Que pergunta tola! Quero que use seus poderes sob as minhas vontades.

— Isso nunca vai acontecer.

— Então devo cortar a sua cabeça aqui mesmo?

Gelei. Não era uma ameaça e sim uma hipótese muito possível.

— Não é assim que funciona. As orações só atendem se forem feitas sob a minha vontade. Se eu tentar usar com outro propósito, elas falham. Mesmo se dominarem a minha mente.

— Posso mandar a outra fêmea dominar pra testarmos.

— Ela é uma adivinha, não uma psiônica.

— Você é abusada. Gosto disso.

Fiquei sem resposta.

— Você pode ter muitas vantagens se unindo a mim — ele prosseguiu.

— Duvido que eu tenha os poderes que você procura.

— Já tenho uma escrava adivinha. Ela vai poder adivinhar onde eu encontro o resto.

— E você acha que algum dos seus homens vai conseguir aprender a usar magia?

— Você já viu uma cidade pegando fogo? É uma maravilha. Imagine poder agilizar o processo. Uma vez que todos perdessem seu lar, eles estariam amedrontados e sem ter mais o que defender. A rendição seria a escolha lógica. Menos mortes, mais escravos. Imagine como meu reino prosperaria!

— Às custas de escravos? Não existe prosperidade em escravidão.

— Acha que esses miseráveis acorrentados tinham prosperidade antes? Nós protegemos nossos escravos. Se eles tivessem proteção, não estariam acorrentados agora. Estamos lhes oferecendo uma vida melhor.

— Protegendo contra tudo, menos contra vocês mesmos.

— Como se os humanos tratassem seus escravos muito melhor!

— A escravidão é proibida nos reinos humanos.

— A escravidão é proibida nos reinos da Liga Prateada, existem muitos outros reinos humanos além desses.

Engoli em seco.

— Esses humanos viviam numa aldeia miserável e desprotegida — ele prosseguiu. — Estão em melhores mãos agora. Mas chega de falar da ralé, minha cara. Diga-me... — A pergunta foi interrompida por uma explosão.

Olhamos para trás e uma carroça estava em chamas. Rharuc empunhou seu mangual e apontou para mim.

— O que é isso, vadia?

Eu estava tão surpresa quanto o tenente robgoblin. Com a única diferença de estar esperançosa, em vez de assustada.

— Eu não sei, mais ninguém sabe usar magia no meu grupo. — Era verdade.

— Eu vou explodir a sua cabeça e jogar seu corpo aos seus amigos! — Ele já preparava a sua arma.

Quando eu ouvi um berro, Barão surgiu atropelando Rharuc e arremessando-o no chão.

Comecei a correr em direção ao íbex, que depois de alguns metros deu uma meia volta ágil e aguardou que eu montasse nele.

Os robgoblins eram pura confusão.

Enquanto eu tentava decidir para onde correr com Barão, um assobio ecoou no ar e o íbex o seguiu, deixando Rharuc gritando ordens ao longe. Eu me agarrei com força à sua pelugem e deixei que ele guiasse o caminho, atropelando impiedosamente alguns goblins pelo trajeto. Quando chegamos a uma das carroças, meus amigos já estavam pegando suas armas.

— O que está acontecendo? — Eu estava tão confusa quanto feliz.

— Alguém nos libertou — Gladius respondeu enquanto passava o meu sabre.

— Quem?

— Também não sei!

Mais uma explosão, dessa vez num grupo de robgoblins que urrou em dor.

— A gente agradece depois. — Draco, mesmo vestido em trapos, estava mais do que pronto com Labareda na mão esquerda. — Agora vamos achar Rharuc.

— Eu e Barão abriremos caminho. — Alberich montou no íbex, ergueu o martelo e disparou contra os goblins que chegavam com lanças e porretes.

Eu nunca havia visto o paladino e o íbex combatendo juntos, era magnífico. Enquanto Barão dava um coice com as patas traseiras, o cavaleiro aproveitava o impulso para acertar dois goblins ao mesmo tempo com o martelo. Enquanto Barão estocava e acertava os goblins com os chifres, o cavaleiro esmagava com o escudo um goblin que vinha por trás, tentando flanquear o íbex. Quando os goblins perceberam que não teriam chances, fugiram.

Seguimos o paladino, mas fomos interceptados por um grupo de robgoblins.

Invoquei minha arma espiritual enquanto aparava uma clava com o meu sabre. Rapidamente, o sabre flutuante abriu um corte no flanco do meu inimigo, abrindo sua guarda para que eu perfurasse seu abdômen. Mais dois vieram, eu recuei um passo na defensiva, desviando e amparando seus ataques. Enquanto eu me protegia, minha arma espiritual acertou em cheio a garganta de um dos robgoblins, eliminando-o instantaneamente. O último se manteve feroz, até que eu abri um corte doloroso em sua perna e o sabre mágico penetrou pelas suas costas, fazendo-o gorgolejar sangue.

Com o caminho livre, seguimos para a dianteira do comboio, procurando Rharuc.

Assim que saímos da área das carroças, um grupo de vinte robgoblins veio em formação militar. Ergui minha lâmina e contemplei uma explosão de chamas estourando no meio deles. A cena foi linda. A formação se desfez imediatamente enquanto quase metade deles caía carbonizada. Os sobreviventes avançaram, mas não tiveram chances. Meu sabre espiritual perfurou um olho antes mesmo que o robgoblin me alcançasse e eu me ajoelhei e deixei um machado cortar o ar enquanto descrevi um arco horizontal na cintura do oponente, que quase se partiu em dois pedaços.

Um terceiro correu em minha direção justamente quando a arma espiritual se dissipou, mas o goblinoide ardeu em chamas no meio do caminho. Foi quando pude ver nosso libertador.

Ele vestia roupas de seda em tons de vermelho e vinho, com um saiote que descia até seus tornozelos e uma peça por cima que eu não soube definir se era uma toga ou túnica, deixando o tórax e o abdômen nus e uma faixa cerimonial amarrada na cintura. Sua pele também era vermelha, seus olhos eram completamente negros e o cabelo parecia crepitar em fogo laranja. Nas mãos, uma lança comprida e com a ponta em formato de lâmina curva.

Ele era deslumbrante.

Sem tempo para admirá-lo, voltei a me concentrar no combate.

Muitos goblinoides já fugiam. Apenas um grupo se mantinha firme.

Rharuc estava na vanguarda, girando seu mangual e exibindo as presas.

— Não perdoem nenhum deles! Em vez de escravos, levaremos cabeças expostas em lanças! — Ele rugiu e a tropa avançou.

Rosa ergueu uma carta, entoou um feitiço e fugiu para longe do combate, provavelmente esgotada. Instantaneamente, vários robgoblins começaram a tropeçar uns nos outros, derrapando as botas no chão como se estivesse escorregadio como gelo. Aproveitando a distração, nosso libertador distribuiu explosões de fogo na tropa, matando e dispersando.

Mesmo abalados, muitos vieram. O som de metal contra metal dominou o ar enquanto eu conjurava uma dose mágica de fôlego e agilidade para o meu corpo e mais um sabre espiritual para me auxiliar no combate.

— Vocês vão se arrepender de terem algemado uma Sacerdotisa da Liberdade!

O primeiro veio e eu só precisei aparar sua espada enquanto a minha arma espiritual atravessou seu peito. O segundo chegou com um porrete erguido, quando dei um passo para trás, ele acertou o chão e eu trespassei sua boca com minha lâmina. O terceiro já tinha uma ferida na costela graças ao meu sabre flutuante e eu só precisei fazer outro corte em sua barriga para que ele desmaiasse de tanto sangramento. O quarto e o quinto vieram ao mesmo tempo, um com uma espada de

duas mãos e o outro com um martelo de combate. Eles tentaram, mas jamais iriam me acertar com golpes tão lentos. Enquanto o robgoblin com a espada de duas mãos fazia esforço para ajustar sua arma, eu cortei seu antebraço direito fora com meu sabre físico e abri sua garganta com o sabre mágico. O último ergueu o martelo no ar desajeitadamente e morreu com minha lâmina cravada em seu coração antes que terminasse o movimento.

Apesar de quase todos os robgoblins estarem mortos ou fugindo, Rharuc continuava com um vigor sobre-humano. Alberich, Gladius e Draco enfrentavam-no ao mesmo tempo, sempre obrigados a recuar a cada ataque do mangual. Eu corri e contornei o campo de batalha, procurando atacá-lo pelas costas. Os guerreiros estavam posicionados, dificultando cada vez mais os movimentos do tenente robgoblin. Quando encontrei um bom ângulo investi sem pensar duas vezes.

Ele percebeu tarde demais e meus sabres perfuraram suas costas em pontos letais. Enquanto ele uivou de dor, meus amigos desferiram suas armas, abrindo cortes e quebrando ossos. Num último esforço, ele ergueu a maça em minha direção, decidido a matar ao menos um de nós. Sua arma girou, eu fechei a guarda e uma estrela surgiu em sua costela, interrompendo seu ataque e fazendo-o desmaiar de tanto sangramento.

O opressor caiu. E os aventureiros triunfaram.



— Você está bem? — Rosa correu até nós assim que Rharuc caiu. Graças à minha sede de vingança e à minha magia de velocidade, eu não sofri nenhuma ferida. Já os guerreiros, sempre acostumados com suas armaduras de metal, não tiveram a mesma sorte.

— Logo eu estarei — respondi enquanto me preparava para encerrar com a vida do tenente robgoblin.

— Por gentileza, não faça isso — nosso libertador nos interrompeu. Sua voz era grave e firme.

— Diga quem é você, em primeiro lugar. — Alberich já parecia pronto para começar uma nova briga.

— Sou Kagutsuchi, um mercenário. Fui contratado para dizimar esse bando de goblins e levar seu líder para julgamento.

— Contratado por quem? — Draco estava receoso, embora não tão agressivo quanto Alberich.

— Pelo duque Uranus von Titanen. Esses goblins deram problemas a ele e seu líder pagará por isso. A recompensa dele vivo é maior.

— Sua chegada foi muito conveniente — o paladino continuou desconfiado.

— Seu íbex me encontrou.

— Ele não é meu.

— Tanto faz.

— Presumo que você fala com animais então.

— Não, mas já estava procurando a esmo havia duas semanas. Seguir um íbex que surge do horizonte não me pareceu uma má ideia.

— Obrigado, amigão! — Alberich sussurrou para Barão.

— É um traian? — Gladius começava a ficar curioso com nosso libertador.

— Os abençoados pelos elementos? Olha, não, mas você não passou muito longe.

— Diga o que é de uma vez por todas! — O anão rangeu os dentes.

— Vocês vão ter que me desculpar, mas eu tenho que entregar o tenente ao duque. Vou aproveitar e escoltar aqueles humanos escondidos lá atrás para alguma cidade, quem sabe não ganho uma recompensa por eles também? Posso lhes ser útil em algo mais?

O grupo se entreolhou.

— Se me derem licença, passar bem — e deu as costas.

— Obrigada! — Eu não me contive.

Ele parou por um instante. Virou, olhou nos meus olhos e sorriu.

Não um sorriso doce ou galanteador. Um sorriso ambicioso e predatório.

— De nada.

E foi embora.



Mais dois dias andando a esmo tentando encontrar algum ponto de civilização. Conseguimos recuperar todos os nossos equipamentos e ainda lucramos algum espólio dos goblinoides. Pouca coisa de valor, mas já dava para comprar algumas armas melhores.

De qualquer forma, não dava para comer moedas ou peças de armaduras. A ração havia se esgotado e não aguentávamos mais caçar esquilos e lebres todos os dias.

No final do terceiro dia sorrimos em alívio ao encontrar uma hospedaria no meio de uma estrada que nem sabíamos para onde levava.

Uma hospedaria muito bonita, diga-se de passagem. Dois andares feitos de madeira e pintados de cores vivas e alegres, como rosa, lilás, amarelo, azul celeste, entre outros. Parecia simpática e acolhedora.

A porta se abriu com um sino, e o cheiro de comida fresca encantou nossos narizes enquanto entrávamos.

— Eu, particularmente, adorei o nome dessa hospedaria — comentei com Rosa.

— É mesmo? Eu nem reparei. Fiquei distraída com os pirulitos de madeira pintados na entrada.

— Eu também adorei isso. Sem falar no nome, Casa de Doces.

O interior era todo iluminado por velas e lanternas coloridas. Rimos e nos sentamos à mesa, ansiosos por uma bela refeição.

Entreato

— Você deve sentir falta da sua família... — Rosa brincava com uma joaninha entre os dedos enquanto falava.

— Mais da minha irmã e minha mãe. — Gladius deu de ombros.

— E seu pai?

— Eu estou meio que tirando férias dele. Digo, eu amo meu pai, lógico. Ele é só um cara meio cansativo.

— Eles devem ficar preocupados com você.

— É normal os homens passarem anos fora, não? Digo, meu pai é general, se tivesse uma guerra, ele ficaria sumido por anos também.

— Mas duvido que ele deixaria de mandar cartas.

— Ah, conhecendo o velho, ele ia mandar por formalidade. Algo do tipo “ei, venci de novo”. Melhor falar da sua família.

— Lembro pouco dela.

— Ops! Desculpa.

— Não precisa. Eu guardo a sensação de estar com eles. No fim das contas, é isso que importa, né? As sensações.

— Pensando por esse lado, sim, eu sinto falta da sensação de estar com minha família.

— Logo você vai sentir essa sensação de novo.

— Você também, Rosa. Você também.

A CASA DE DOCES

ZHI WU

Crianças sonham em caçar monstros enquanto adultos sonham em ter de volta a inocência das crianças.

— Não vai se juntar à gente? — Gladius perguntou quando eu me dirigi ao balcão.

— Hoje não.

— Vamos lá, estamos todos cansados, é só uma janta e uma cerveja, nem vai demorar — ele insistiu.

— Da próxima vez — e fui até à adolescente que esfregava os copos, enquanto uma idosa atendeu meus aliados.

— Quarto pra seis!

— Só temos quartos com até quatro camas, moça — ela respondeu com uma voz frágil.

— Dois quartos pra três, então.

— Aqui está! — Ela me entregou duas chaves enquanto sorria.

Passei pela mesa, deixei uma das chaves com o grupo e subi para o meu quarto.

— Não tranque a porta, não sei se essas duas vão ter condições de bater se continuarem bebendo nessa velocidade — Gladius gritou, enquanto os outros riam.

Por mais que o senso de humor do guerreiro fosse admirável, eu não podia relaxar. Não ainda. Fazia muito tempo que não passávamos por uma cidade e o meu contato devia estar à minha procura. Eu precisava deixar meu relatório atualizado e manter a discrição até o próximo encontro.

Dava para ouvir as risadas ao longe. Era acolhedor andar com um grupo como esse. Uma pena que eu não pudesse me apegar a ninguém.

Tranquei a porta, caminhei até à cama e tirei a máscara. Senti minha pele finalmente respirar. Senti o vento soprando e o suor escorrendo. Senti o ar, senti o cheiro, a vida. Como era confortável remover o fardo por alguns instantes.

Então botei a máscara de volta, soltei a mochila na cama e comecei a me alongar.

Estiquei o corpo e limpei a mente. Eu precisava relaxar para manter o foco. Respirei devagar e estendi os braços. Foquei a mente no vácuo e estiquei as costas. Senti o sono pesar conforme o corpo se acalmou e retesei as pernas.

Quando encerrei o alongamento, não havia mais risadas, apenas o ruído de conversa. Notei que havia perdido a noção do tempo, talvez tivessem passado alguns minutos, talvez uma hora.

Comecei a organizar a mochila. Era impossível viajar e manter a bagagem arrumada do jeito que gosto. Um dia de aventura exige praticidade e improviso. Um dia de descanso exige organização. Esvaziei tudo e organizei meus itens em três grupos: o que eu usava todos os dias, o que eu não usava todos os dias e o que eu precisava esconder.

Peguei a mochila para sacudir a sujeira, abri a janela e comecei a limpá-la, quando vi algo brilhar por entre as árvores. Contive o susto e observei. Por um instante, tive certeza de que algo me vigiava. Seja lá o que fosse, havia se escondido no bosque. Eu precisava me juntar aos outros.

Arrumei a mochila da forma mais rápida possível para o caso de fuga, ajeitei minha wakizashi na cintura e minhas shurikens na manga e retornei ao salão da estalagem.

Poderia ser paranoia minha, mas eu me mantive viva até agora graças à minha cautela. Engatinhei pela escada, apenas o suficiente para visualizar as mesas sem ser vista. Rosa sacudia a perna de Draco com força, sem resultado. Não vi sangue, então ele provavelmente fora enfeitiçado. Dei um passo buscando a idosa e a adolescente, nossas novas adversárias. Rosa percebeu que a idosa sorria e se aproximava e começou a sacudir os ombros do líder. Dei mais um passo, saquei duas shurikens e arremessei, acertando o pescoço da idosa.

Seu gemido foi gutural e ela abraçou o próprio corpo. Então aquela coisa olhou nos meus olhos, transbordando fúria conforme sua verdadeira forma se revelava. Sua pele era amarelada e ensebada, seu corpo era flácido e robusto, a cabeça pequena em proporção ao resto, e seus olhos ainda menores. O monstro vestia apenas uma tanga e tinha quase a altura do teto, tão grande que eu não havia acertado o seu pescoço, e sim sua perna.

Para a minha surpresa, a idosa era um ogro.

Procurei a adolescente e ela sorria antes de desaparecer no ar magicamente.

— Corre. — alertei Rosa enquanto me apressava para sair do caminho do ogro, que investiu em minha direção urrando escada a cima.

— Não podemos abandoná-los! — A cartomante tentou puxar o corpo do Draco, sem sucesso. Todos estavam desacordados ao redor da mesa, era impossível salvá-los.

Saltei, rodopiei no ar e pousei no salão enquanto uma manzorra abriu um buraco no solo, errando meu corpo por pouco.

— Pegue Ravenlla e nós voltamos pra buscar os outros depois.

Ergui uma mesa para me proteger e senti a vibração de uma cadeira estourando contra a proteção improvisada.

— Rosa?!

O ogro rugiu e eu saltei para longe, evitando ser acertada pela pancada que destruiu a mesa.

Antes que eu pudesse me dirigir à cartomante, todas as velas e lanternas incandesceram e soltaram uma fumaça espessa demais para ser natural. Num instante, o ambiente estava tomado pela névoa negra e eu não conseguia respirar. Sem opções, corri para a única janela que ainda conseguia enxergar, joguei-me com o ombro, rolei na areia pelo lado de fora e corri o máximo que pude.



Era uma bruxa. Uma legítima dessa vez.

Afastei-me um quilômetro para poder raciocinar antes de agir. O protocolo dizia para não arriscar a minha vida e essa não seria a primeira vez que eu quebraria as regras. Eu já havia largado grupos de mercenários para morte no passado, mas os meus amigos não eram mercenários. Meu empregador disse que eu era mais útil viva, por isso eu estava ali. Planejando. Eu não iria fugir.

Eles não iriam morrer.

Eu devia ter suspeitado que a bruxa era a jovem, ela falava bem demais para ser uma lacaia. O que me espiou no quarto devia ser um ogro, o que totalizava dois. Era impossível lidar com todos sozinha e não havia reforços nas redondezas.

Nesse caso eu precisaria libertar ao menos um aliado para lutarmos. Rosa era boa em prestar suporte, mas precisávamos de uma tática mais incisiva. Ravenlla não era da minha total confiança e perdia tempo conjurando magia antes de entrar em combate. Draco e Gladius eram bons lutadores, mas Alberich tinha poderes específicos contra criaturas viciosas. Então eu precisava localizá-lo, localizar seu martelo e libertá-lo no momento certo.

Talvez o ogro que havia me espiado pela janela estivesse me perseguindo. Ele jamais me encontraria, contudo eu poderia usar isso a meu favor e eliminar um adversário isolado antes de voltar para a Casa de Doces. Eu só precisava rastreá-lo.

O plano não era perfeito, mas eu não tinha tempo a perder. Prometera a mim mesma que mais ninguém teria o destino de Marcus e agora era hora de

cumprir essa promessa.



Fiz o caminho de volta com o máximo de cautela. Além de não poder deixar rastros, eu precisava encontrar o primeiro ogro. Cada coruja, cada ratazana, cada brisa poderiam ser uma distração letal naquele momento e eu precisava ouvir tudo, inclusive os passos de um perseguidor. Se alguém estivesse tentando me rastrear, eu seria rastreada, afinal, o meu destino era o covil da bruxa. O que eu precisava era rastrear o ogro primeiro.

Depois de vários minutos de busca, avistei o monstro. Pelo visto, havia desistido de me encontrar e voltava para a estalagem. Aproximei-me cerca de trinta metros, escalei uma árvore e arremessei minha mochila para longe, que rolou entre folhas secas no chão.

O ogro olhou para trás instantaneamente. Sem o menor cuidado, ele correu em direção ao barulho, ficando próximo o suficiente para que eu mirasse na sua jugular. Antes que ele sequer encontrasse minha mochila, arremessei duas shurikens, que perfuraram sua carne gordurosa.

Meu adversário urrou, socou furiosamente uma árvore por pura estupidez e veio correndo e sacudindo uma clava do tamanho de um tronco em minha direção.

Armei o salto, esperei sua arma girar com força desmedida, me impulsionei para trás, deixando o galho se espatifar com o golpe, me equilibrei no chão e arremessei mais duas shurikens em seu pescoço. Não saiu tanto sangue quanto eu esperava, mas a criatura engasgou, tentando puxar o ar e começando a se desesperar. Num último acesso de raiva, sua clava girou e acertou uma árvore enquanto eu me esquivava e assistia sua vida se esvair.

Ele caiu pesado, levantando terra e provocando um estrondo.

Um ogro a menos.

Recolhi minhas armas de arremesso e aproximei-me da casa colorida, mais atenta dessa vez, disposta a decifrar sua aparência convidativa. Senti um incômodo na minha cabeça, um breve mal-estar. Foquei os olhos e o meu intelecto, me forçando a acreditar que aquilo não era uma mera estalagem. Então veio o cheiro de mofo. Junto, os zumbidos de incontáveis tipos de insetos, explodiram por toda a parte. Por fim, a visão terminou de revelar a verdade: uma casa podre e arruinada. Pedacos da parede faltando, madeira em decomposição, vermes rastejando livremente. A ilusão da Casa de Doces estava realmente muito além de tudo o que nós conhecíamos. Se fosse obra de uma única bruxa, estávamos condenados.

Com cuidado, rondei a casa e encontrei-os no que deveria ser a cozinha da estalagem, nos fundos da casa. A bruxa ainda estava em sua forma juvenil, apesar de eu desconfiar de que aquilo não passava de mais uma ilusão. Dois ogros ajudavam-na a preparar um caldeirão, o que me preocupou: havia um a mais do que eu esperava. Minha equipe estava amarrada e desacordada num canto, à espera do que parecia ser um ritual. Nenhum sinal dos equipamentos.

Fui até a entrada principal, escalei uma viga que parecia menos deteriorada, invadi o meu quarto e vasculhei cada canto, mas não encontrei nada. Equilibrando-me entre a urgência e a cautela, explorei os outros três cômodos do andar de cima até achar as armas, armaduras e mochilas. Qualquer coisa além de um único equipamento prejudicaria a minha descrição, então peguei apenas o martelo do Alberich e me dirigi à cozinha.

Ainda no andar de cima, pude ouvir um cântico começar:

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!

Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

Desci a escada um passo de cada vez.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!

Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

Atravessei o salão.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!

Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

E rastejei para dentro da cozinha.

“Nós viemos para o combate

Vemos vencer a guerra

Não vamos nos render

Até você sangrar”

A jovem gritava erguendo os braços em adoração e os ogros tentavam acompanhar, deixando a cena grotesca. Enquanto ela declamava seus versos, sua pele parecia desmanchar.

“Nós viemos gritar alto

E chutar a sua porta

Nós viemos invadir sua casa

E destruir a sua mente”

Uma a uma, eu cerrei as amarras com minha wakiszashi, para que eles pudessem ao menos fugir caso despertassem tarde demais e depositei o martelo próximo às mãos do paladino. Antes de seguir meu plano, espiei o ritual.

A pele da bruxa era toda verde e ressecada, cheia de bolhas espalhadas por toda parte. Havia muito pouco cabelo e carne em seu rosto, apenas uma cabeçorra

cadavérica com fiapos grisalhos. Suas costas se arqueavam numa corcunda incômoda e suas roupas não passavam de trapos.

Contendo a repulsa, engatinhei para poder ter uma boa visão de um dos ogros.

“Nós podemos invocar sua ascensão

Ou podemos ser a sua ruína.”

E arremessei duas shurikens em seu pescoço.

Enquanto ele urrava de dor, corri para o salão e pulei para trás de uma mesa, me esgueirando para longe. O ogro veio e não me achou de imediato, tudo o que eu precisava. Mais duas shurikens, ainda sem matá-lo. Muito irritado, ele avançou em minha direção, ignorando os quatro pontos de sangramento em seu pescoço. Sem ter tempo de fugir, saquei a wakiszashi, fingi que iria fugir para esquerda, finte para a direita, deslizei minha lâmina em sua axila e armei a guarda na direção da cozinha, antes mesmo do seu corpo inerte despencar no chão.

Nada veio.

Recolhi as shurikens sem tirar o olho da porta. Quando terminei, observei os arredores, tentando ouvir passos pelo lado de fora da estalagem. Nada, o ogro havia ficado de sentinela junto à bruxa.

Enquanto isso, a bruxa parecia chegar ao êxtase.

“Filhas das trevas

Irmãs insanas

Um pouco de danação

Nos leva muito longe

Nós ficaremos juntas

E não sentiremos medo

Nós vamos viver para sempre

Filhas das Trevas

Filhas das Trevas”

Saí pela janela mais próxima, me afastei uns dez metros da estalagem e fui até os fundos espiar o ritual.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

Todos dormindo ainda. Um ogro erguendo a clava em riste, de sentinela. A bruxa parecendo em convulsões. O caldeirão borbulhando intensamente. Se ninguém acordasse, eu teria que intervir.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

A bruxa se concentrava no ritual e o ogro dividia as atenções entre as portas e as janelas. Ninguém me viu, havia uma esperança.

O efeito da magia de sono não acabaria até o ritual terminar. Eu não tinha escolha.

Duas shurikens, uma de raspão e outra na lateral do pescoço, profunda o suficiente para matar um touro, mas não um monstro daquele tamanho.

E uma terceira shuriken no pé do paladino, que levou um susto enquanto eu me joguei para dentro da estalagem e fiquei entre meus aliados e nossos adversários. Eu era a pior proteção dos meus amigos, entretanto era a única que eles tinham naquele momento. A bruxa me olhou com ódio e continuou a cantar.

“Nós sempre sobrevivemos

Nós quebramos sua sociedade

Nada pode nos acorrentar

Suas regras são piadas”

— Seu martelo está atrás de você — anunciei.

O ogro veio mais rápido do que eu esperava, antes mesmo de eu sacar mais shurikens, e girou sua clava contra a minha cabeça. Abaixei-me, ergui a wakizashi tentando achar um meio de sair da frente dele, mas não deu tempo. A clava voltou e acertou com tudo dessa vez. Senti uma costela estalar no impacto e quase desmaiei quando encontrei a parede. Virei-me tentando não perder a prontidão e vi que Alberich já estava engajado no corpo a corpo.

“A morte só liberta

A morte alimenta

O nectar da alma

Compartilhado em cálices”

O primeiro golpe acertou a pança do monstro, provocando um estalo grave. O ogro ergueu a clava e acertou o chão, enquanto o paladino ajustou um passo e acertou sua coxa, arrancando-lhe um grunhido. Então a clava veio na horizontal e arremessou o paladino contra a outra parede, provocando rachaduras na madeira cinzenta. O ogro olhou nos meus olhos, mas Alberich já estava retornando com o martelo pulsando em luz virtuosa. Nosso inimigo armou a clava inutilmente, pois Alberich acertou sua mandíbula e torceu seu pescoço num ângulo lastimável.

Faltava apenas a bruxa, que continha sua raiva entre seus versos.

“Nós podemos invocar sua ascensão

Ou podemos ser a sua ruína”

E desapareceu no ar.

Eu e Alberich ficamos de costas um para o outro e erguemos nossas armas em prontidão.

Repentinamente, a bruxa surgiu atrás do corpo inconsciente de Rosa e cravou suas duas mãos no abdômen dela, mantendo o júbilo do ritual.

“Filhas das trevas

Irmãs insanas

Um pouco de maldade

Nos leva muito longe”

Alberich ergueu o martelo, mas a bruxa usou o corpo em agonia de Rosa como escudo humano. A cartomante sentia dor além das garras que perfuravam sua barriga. Algo estava causando algum machucado além daquele golpe. Aos poucos, os gritos enfraqueceram. Aos poucos, Rosa perdia suas forças. E eu não podia permitir que aquilo acontecesse.

“Nós ficaremos juntas

E não sentiremos medo

Nós vamos viver para sempre

Filhas das Trevas

Filhas das Trevas”

Enquanto Alberich tentava achar um meio de atacar a bruxa sem matar Rosa, eu corri, peguei impulso numa mesa e saltei por cima deles, cercando nossa adversária. Sem opções, ela jogou Rosa no chão e recuou para não ser flanqueada.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

Ela nos olhava e nos convidava.

“Naaa nananá! Naaa nananá! Naaa nananá!”

O paladino avançou com o martelo e eu circudei a sala, procurando o ângulo certo para arremessar minhas shurikens. A bruxa fingia que iria golpear e fugia, atrasando os ataques de Alberich, sempre ameaçando com suas garras. Seria fácil, se estivéssemos equipados.

Meu aliado tentou um golpe, mas a bruxa foi mais rápida, agarrou um dos seus ombros e ambos reviraram os olhos, ele em aflição e ela em prazer.

“Caçadoras

Redentoras

Gritamos forte

Vivemos alto”

Sem ter a opção de procurar um ângulo melhor, arremessei e acertei duas shurikens em sua corcunda, arrancando boas doses de sangue, mas a bruxa não caiu e ainda girou o corpo do paladino, posicionando-o entre nós duas.

“Cabeça erguida

Sempre juntas

Fazendo estrago

Fazendo barulho”

Concentrei-me, respirei fundo e arremessei uma única shuriken, raspando na testa da nossa adversária. Eu tinha armas suficientes para matá-la daquele jeito.

Percebendo a minha determinação, ela soltou o corpo do meu aliado.

“E é melhor você trancar sua porta

Antes do sol se pôr

Ooohhhhhh!”

E desapareceu.

Seus passos ecoaram na minha direção, eu armei a guarda, mas quando tentei atacar, suas unhas já estavam no meu pescoço e sua cabeçorra já estava tão próxima que seu hálito me deu ânsias. Pior do que a própria bruxa em cima de mim, eu senti o ar dos meus pulmões sendo drenado. Sem fôlego, senti meus lábios e então meu corpo secar aos poucos, enquanto minhas energias se esvaíam pelas mãos da bruxa. Tentei erguer minha wakizashi e minha mão quase não respondeu, estava sem forças para desembainhar a arma. Minha visão começou a ficar turva quando milagrosamente, um ser de luz agarrou os braços da bruxa por trás e imobilizou nossa adversária, obrigando-a a me soltar.

Num último impulso, puxei minha lâmina e enfiei na barriga exposta daquela criatura asquerosa. Ela soltou um grito tão estridente que meus tímpanos doeram. Seu corpo desfaleceu e foi jogado para um lado. Eu comecei a tossir e tropecei para o outro lado.

O ser de luz veio me socorrer, passando a mão nas minhas costas e dizendo que tudo ficaria bem. Era algo de cabelos vermelhos, voz melodiosa e orelhas pontiagudas. Quando minha visão retornou, percebi que se tratava de Ravenlla.

Eu tossi mais, tossi forte e enfim consegui puxar o ar como quem retorna de um afogamento.

A mão da elfa estava em meu ombro, me consolando.

— Vai ficar tudo bem.

Encarei seus olhos verdes reluzentes.

— Obrigada

E desmaiei.



Primeiro, foi o choque. Talvez por termos quase morrido. Talvez por termos sobrevivido. Então recolhemos nossos equipamentos. Encontramos itens que provavelmente haviam pertencido a viajantes menos afortunados. Tivemos um breve debate se deveríamos saqueá-los e concluímos que não estávamos em condições de negar nada que poderia vir a ser útil. Como sempre, não demoramos no covil do adversário que havíamos acabado de eliminar.

A estrada da Casa de Doces levava para o sudeste ou para o norte. Dellarte ficava para leste, então seguimos a primeira opção, na esperança de encontrarmos

alguma vila ou qualquer coisa habitada por pessoas, para nos localizarmos e voltarmos para nossa rota original — depois de descansarmos, obviamente.

Pior do que os ferimentos, nosso moral estava esmigalhado. Era cada vez mais difícil passar uma semana sem quase morrermos e não parecia que ninguém conseguiria melhorar o nosso ânimo dessa vez.

— Quer dizer que Zhi Wu furou o pé do Alberich? — Gladius riu quando montamos acampamento na primeira noite longe da Casa de Doces.

— Não foi nada. Devia ter tentado isso antes de sermos amarrados. — O paladino sorriu.

— Ainda nem acredito que perdemos a diversão! — Gladius se voltou para Draco.

— Diversão? Temos sorte de estarmos vivos — o líder respondeu.

— Temos Zhi Wu, isso sim! — Ravenlla piscou para mim.

— Sim, devemos muito à nossa espiã. — Alberich ergueu o odre como quem ergue uma caneca. Para o meu constrangimento, todos repetiram o gesto.

— Se continuarem chamando a atenção pra mim, eu nunca mais sento na mesa com vocês.

— Olha só, existe ironia nessa mulher! — Gladius achou graça. — Nada disso, você prometeu que se sentaria com a gente da próxima vez e você vai cumprir sua palavra.

— Tanto faz — respondi. — Mas eu não fiz tudo sozinha. Na verdade, só quem não fez nada foram vocês dois.

— Ui! Partiu meu coração!

— Não se sintam mal por isso. Guerreiros sempre são lembrados pelas batalhas. Seria muito injusto se vocês não tivessem nenhum ponto fraco.

— E é por isso que eu preciso de todos vocês no meu casamento. Porque a gente se completa.

— Vejo que vocês já estão sorrindo de novo. Vou aproveitar pra dormir, me acordem pro último turno de vigia.

— Bem que eu estava estranhando. Você estava falando demais! — Gladius riu.

— O que eu preciso fazer pra você largar do meu pé?

— Sei lá! Tenta me insultar.

Ofereci o dedo do meio e entrei no saco de dormir ao som das risadas.

Antes de pegar no sono, fui sincera comigo mesma e reconheci que aquelas risadas eram mais aconchegantes do que qualquer estalagem confortável.



No dia seguinte avistamos uma torre. Parecia um posto avançado, mas com uma vila ao redor. No meio do caminho, encontramos um lago onde nos revezamos em três turnos para tomarmos banho: Rosa e Ravenlla, os homens e eu sozinha. Chegamos ao povoado no final do dia e descobrimos que estávamos em Turninn, o Reino das Torres, totalmente fora do nosso caminho. Essa informação pareceu redobrar o peso das nossas mochilas e nós fomos à procura da estalagem mais próxima, em busca de comida e camas.

Como sempre, eles ficaram na mesa e eu fui para o quarto ao som dos seus protestos. Assim que havia arrumado minha mochila como eu queria, Ravenlla entrou no quarto. Nossos olhos se encontraram, mas permanecemos em silêncio. Ao menos por um instante.

— Zhi Wu, me responde uma pergunta?

Respirei fundo.

— Diga.

— Desde que você conheceu Gladius, Draco e Alberich... você mudou?

Eu realmente precisei de um breve momento antes de responder:

— Sim.

— Você foi muito corajosa contra aquela bruxa.

— Todos fomos.

— Nem todos tivemos a oportunidade de fugir.

— Ninguém teria fugido.

— Pensei que você fosse perguntar se eu fugiria.

— Eu não preciso perguntar quando já sei a resposta.

— E você acredita na minha resposta?

— Estou começando a acreditar. E agradeço por ter salvado a minha vida.

— De nada.

— Só não confunda as coisas. Nada mudou entre nós.

Ela sorriu com tristeza.

— Ao menos você falou “nós” e não “eu e você”. Você não está comigo por opção, mas não me abandonou quando teve a oportunidade.

— Isso se chama trabalho em equipe.

— Isso se chama companheirismo.

— Companheirismo é o que existe entre Draco e Gladius.

— Aquilo se chama fraternidade.

Guardei minha mochila debaixo da cama enquanto pensava numa resposta.

— Você tem razão. — Tive de assumir. — Só não confunda as coisas.

— Falou aquela que confunde trabalho em equipe, companheirismo e fraternidade. — Ela sorriu com gentileza dessa vez.

Eu me deitei e dormi ao som do restante do grupo entrando e se acomodando.



Naquela madrugada, eu segui o protocolo. Esgueirei-me para fora do quarto, busquei o sinal ao redor da vila e encontrei a tenda com o brasão da Legião Protetora, o rosto de um leão rugindo com duas espadas cruzadas ao fundo. Entrei sem cerimônias.

— Por quê você? — perguntei assim que identifiquei meu contato.

— Porque eu sou o único com intimidade o suficiente pra te fazer quebrar o protocolo — e ele riu. Hyfryd era um traian, uma raça abençoada pelos elementos. Tinha a aparência e o comportamento de um adolescente, sua pele azul-esverdeada e seus cabelos lisos e pálidos davam-lhe uma beleza andrógina e exótica. Ele vestia uma camisa de cota de malha de boa qualidade, coberta por uma túnica de viajante, cor de jade, e seu arco longo repousava ao alcance de sua mão, próximo à sua mochila e suas duas aljavas.

— Você é um péssimo espião, o que está fazendo aqui?

— Na verdade, é você que deve me prestar contas, não o contrário. — Ele tirou uma maçã verde da mochila, esfregou na túnica e mordeu.

— Difícil de acreditar que Joel enviou você.

Ainda mastigando, ele tirou um envelope de uma bolsa e arremessou aos meus pés. Peguei, abri e li.

— Agora faça seu relatório como manda o protocolo. — O garoto não fez questão de disfarçar sua satisfação em me dar ordens.

Ainda assim, eram ordens de Joel, Hyfryd era meramente alguém enviado para me rastrear depois que eu fiquei sumida do mapa por tanto tempo. Talvez o melhor rastreador da Legião.

— O grupo se mantém decidido a enfrentar o torneio. Fomos capturados por robgoblins, feitos de reféns e futuros escravos, por isso desviamos da nossa rota. Por sorte, fomos libertados por um mercenário, provavelmente um feiticeiro da raça dos decaídos.

— Uau, um daqueles meio-abissais?

— Não chega a ser “meio”, é só uma herança. Poderia ser um feiticeiro com ancestralidade abissal, mas julgando pela aparência e pelo nível de poder, o sangue abissal é mais forte do que o de um feiticeiro comum. Ele foi contratado pelo duque Uranus von Titanen para capturar o tenente robgoblin.

— Entendi, mais alguma coisa?

— Fomos emboscados no covil de uma bruxa faz poucos dias.

— Uma bruxa deve ter sido moleza pro seu grupo.

— Na verdade, nós quase morremos.

— Uau! E o que ela queria? Comer vocês vivos?

— Ela ia nos sacrificar em algum ritual profano. Talvez invocar alguma coisa ou se fortalecer, não importa mais. Ela está morta e ponto final.

— Você deveria largar essa vida de espiã e virar uma barda, sabia?

— Agora com licença, preciso voltar antes que alguém perceba minha ausência.

— Na-na-nada disso! — Ele sorriu. — Tenho perguntas a fazer.

Aquilo era um teste de paciência.

— Faça!

— Quantas vezes você teve a oportunidade de fugir nessas desventuras?

— Várias.

— Qual é o critério pra sua fuga?

— Que a minha vida esteja em risco.

— Sua vida esteve em risco quantas vezes nas últimas semanas?

— Várias.

— E por que você não fugiu?

— Porque Joel me deu uma missão e ela ainda não foi cumprida. Não vou abandonar meu posto até que o relatório esteja completo.

— E quando vai estar?

— Talvez depois do torneio. Eles ainda guardam segredos uns dos outros.

— Você pode muito bem descobrir esses segredos e fechar o seu relatório.

— Como Joel frisou, não é uma questão de informação, é uma questão de caráter. Preciso ter certeza das motivações de cada um deles. Até agora, só Alberich se mostrou transparente. Rosa talvez. Draco, Gladius e Ravenlla ainda guardam seus segredos.

— Quais deles são confiáveis e quais não são?

— Apenas Ravenlla não é confiável.

— A Sacerdotisa da Liberdade, não é?

— Ela não é uma Sacerdotisa da Liberdade, disso eu tenho certeza.

— Ela é o quê, então?

— Estará no meu relatório quando eu descobrir.

— Joel acha que você está demorando demais.

— Ao menos o meu grupo tem potencial. Se você está livre pra me rastrear, o seu grupo deve ter sido um fracasso.

Hyfryd deu de ombros.

— Relaxa, depois que eu informar ao Joel desse nosso encontro, você vai se reportar aos bons e velhos mensageiros.

— Mais alguma coisa?

— Não, o coroa só queria saber por onde você está passeando, como anda a avaliação dos seus amiguinhos e se você está se apegando demais a eles. — Hyfryd fazia Gladius parecer até um homem maduro.

Dei as costas e me dirigi à saída da tenda.

— Ei! — ele interrompeu.

Parei e esperei.

— Eu pensava que você era a rainha dos protocolos.

— Eu não te devo protocolo ou respeito algum.

— Parou quando eu chamei por quê, então?

Saí da tenda.

— A propósito, dispensada. — ele debochou enquanto eu me afastava.



A Legião Protetora mantinha espiões e mensageiros por toda a Liga Prateada e além. Nenhum de seus agentes dava um passo sem que uma ave fosse enviada para algum quartel. Por outro lado, aquele grupo que me conhecia havia meses não tinha a menor desconfiança sobre mim. Nunca repararam em minhas fugas das estalagens ou dos turnos de vigia. Eles apenas confiavam.

Passamos um dia entre a vila e Gálata, uma das principais cidades de Turnnin.

E eu passei um dia me perguntando:

Por que confiam em mim?



CANÇÃO NEGRA

DRACO

Meu mundo é apenas tons de cinza, e é por isso que você jamais me compreenderia.

A cidade de Gálata tinha menos torres do que eu esperava. Não mais do que dez e nenhuma acima de seis andares, exceto a Torre de Heinrich Cornelius, um mago local, que tinha nove andares. Na verdade, para uma cidade semi rural, a quantidade de torres era boa e quase todas eram de vigia. As ruas eram espaçadas, tortuosas e sem organização nítida, não parecia difícil um viajante se perder ali. As casas eram feitas de pedra cinza com telhados de cerâmica azulada e os arbustos e árvores eram comuns por toda parte. A maioria dos homens usava camisa de algodão e calças largas de couro, enquanto as mulheres trajavam vestidos e corseletes. Na verdade, a cidade mais parecia um vilarejo grande demais e com torres.

— Forasteiros! Posso lhes apresentar a cidade por uma moeda de prata. — Um homem ruivo, de capa, calças estufadas, chapéu pontudo, nariz torto e cavanhaque espetado, chamou a nossa atenção. Ele suava debaixo de tanta roupa. Estávamos entrando no verão e, para se vestir daquele jeito, ele era maluco ou estúpido — sem falar que estávamos cansados demais para qualquer um dos dois tipos.

— Uma moeda de cobre e nos aponte a estalagem mais próxima. — Ofereci.

— Estou com mais fome do que sono, vamos pra uma taverna — Gladius protestou.

— Cinco moedas de cobre e eu aponto a melhor taverna da cidade! — A voz dele era esganiçada e eu já cogitava pagar para ele calar a boca.

— Quer saber? Eu não vou ficar te entretendo com isso. Toma aqui — e entreguei o dinheiro a ele.

— Pois bem, forasteiros. A Torre do mago Heinrich Cornelius é a maior da cidade. Costumava ser a segunda maior, até que a antiga foi destruída numa guerra — ele narrava fazendo joguetes de empolgação e mistério. Gladius parecia estar gostando do pequeno espetáculo. Eu estava achando muito ruim. — Um poderoso mago, especialista em magias de fogo e de voo!

— Cara, eu pedi por uma taverna — interrompi o bufão.

— Pois há um restaurante na torre! — Ele arregalou os olhos. — Lorde Heinrich Cornelius é um apreciador da boa comida e do drama, então cedeu o primeiro andar para uma taverna e o segundo para um teatro. Sua influência na cidade só cresce desde que...

— Tá bom, tá bom, muito obrigado! Espero que a comida de lá seja realmente gostosa. — Já andávamos enquanto eu encerrava a conversa fiada.

— Não irá se arrepender! — ele exclamou, levantando um dedo.



A parte boa de uma cidade com torres é que elas viram pontos de referência e, mesmo sem conhecer as ruas, não foi difícil chegar até a torre do mago. De perto, ela parecia ter mais do que nove andares — deveria ter uns trinta metros de altura, pelo menos. Era cilíndrica, de pedra, com poucas janelas e ocupava o espaço de um casarão, de forma que as demais ruas convergiam em torno do edifício. Acima da larga porta de madeira, uma placa com um urso segurando uma caneca, desenhado.

O recinto era mais bonito — e talvez mais caro — do que esperávamos. Uma madeira lustrosa revestia o chão e subia pelas paredes e pelo teto em vigas que sustentavam escudos, cabeças de gado e armas cruzadas. O local era bem iluminado por candelabros e lustres de velas e um aroma de incenso dominava o local. A taverna estava quase lotada e havia muito barulho lá dentro.

— Bem-vindos ao Urso Beberrão. Por aqui, senhores. — Um rapaz corpulento nos recebeu. Ele era ruivo, como a maioria das pessoas da cidade. — O que vão querer? — Ele puxou um bloco de notas para anotar os pedidos (algo raro em tavernas) enquanto sentávamos na mesa.

— Cerveja e carne — respondi. A viagem e as últimas desventuras haviam me deixado exausto e impaciente.

— Que tipo de carne?

Eu não estava acostumado a ter opções, a maioria dos estabelecimentos não oferecia isso.

— Traga-nos a especialidade da casa — Gladius resolveu.

— Coelho cozido à moda élfica e seis cervejas, eu já volto — o rapaz concluiu.

Ravenlla, que estava de capuz, ergueu uma sobrancelha.

— Eu nunca comi coelho.

Gladius achou divertido:

— Os humanos inventam nomes bonitos pra vender mais, não se ofenda.

— Por que não tira o capuz? — perguntei.

— Muita gente aqui, algumas pessoas não estão preparadas pra certas surpresas, prefiro não arriscar.

— Você poderia ser o começo de uma nova era. O retorno da amizade entre humanos e elfos — Gladius sugeriu. Ele estava muito bem-disposto para alguém que quase morrera duas vezes na última semana.

— Sou uma sacerdotisa, não uma emissária. Não estou preparada para a diplomacia.

— Nosso amigo Alberich é um paladino, ele entende de diplomacia e burocracia, apesar de preferir usar o martelo. — Meu amigo brincou.

— Na verdade, a Ordem se interessaria por você, Ravenlla — Alberich se pronunciou, sem humor. — A mera comprovação de que elfos não são só uma lenda já é uma informação valiosa. Não há porque isso ficar só entre nós seis.

— Eu não escondo o meu rosto sempre. — Ela deu de ombros. — Várias pessoas já me viram. Algumas ficam olhando de longe, outras me fazem perguntas. Tem aqueles que nem reparam. Entre anões, gnomos e bestiais, não há porque fazer alarde só por causa de uma elfa.

— Anões mantêm apenas relações comerciais com os humanos — Gladius ponderou. — Gnomos e bestiais são reclusos. Orcs e goblins são inimigos. Os povos não andam muito sociáveis.

— Socializar os povos seria uma missão de vida, não é o meu foco. — Ela apoiou o cotovelo na mesa e o rosto no punho fechado. Continuava bonita, apesar das olheiras.

E as cervejas chegaram.

— Um brinde! — Gladius propôs.

— A quê? — perguntei.

— Ao grupo e às missões que estão por vir!

— Que tenhamos sucesso. — Rosa saudou enquanto batíamos as canecas.

— Não vai beber? — Gladius se voltou para Zhi Wu.

— Vocês precisam começar a avisar aos taverneiros que nem todos bebem na mesa.

— Eu nunca te vi bebendo nada, pra falar a verdade.

— Deve ser porque eu nunca tiro a máscara na frente de ninguém.

— Tanto faz. Posso? — ele apontou para a caneca.

— Pode.

Gladius agarrou a cerveja de Zhi Wu e virou num gole só. Provavelmente se exibindo para alguma dama, só faltava descobrir qual.

— E não vai almoçar conosco? — Foi a minha vez de perguntar.

— Não, vou comer a ração na estalagem depois.

— Coma algo diferente, só dessa vez.

— Eu não posso tirar a máscara.

— Um dia poderá?

Os olhos opacos dela fitaram os meus por um momento longo.

— Um dia.

— Combinado, nesse dia, você irá banquetear conosco.

— Será uma honra.

Enquanto conversávamos, a porta da taverna abriu num empurrão bruto e uma voz rasgada e firme surgiu, como se fosse o dono do local:

— Taverneira! Os heróis aqui precisam de uma mesa e agora! — Era um anão. Menos de um metro e meio de altura, largo como um touro, barba crespa até a cintura, coberto de metal da cabeça aos pés.

Atrás dele, seguiram quatro humanos, um deles tinha cabelos loiros, vestia armadura de couro e portava um arco e aljava, outro tinha os olhos estreitos, vestia apenas uma calça de seda, exibindo o tórax e o peitoral definidos, a cabeça careca e nenhuma arma, outro de pele negra, trajava uma cota de talas de metal, portava uma lança de combate nas costas e o símbolo da Esperança pendurado ao pescoço e uma mulher morena, vestia um robe de cor verde e carregava um gato tigrado no ombro. Por último, vinha um omodé — raça de pessoas pequenas e esguias, metade da estatura humana, aparência de criança e personalidade astuta e malandra — vestia um corselete de couro e exibia uma coleção de adagas à cintura — quase espadas para ele.

— Não temos taverneira aqui e só atendemos clientes civilizados! — o homem no balcão bradou. Provavelmente era o pai do rapaz que nos atendeu, visto que os dois se pareciam muito, com a diferença que este era gordo e velho.

— Desculpe o meu amigo, não queremos tumulto. — O Sacerdote da Esperança apaziguou os ânimos. — Viemos apenas almoçar na sua respeitosa taverna.

— Então sentem-se, que eu vou mandar um dos meus garotos até a mesa de vocês — o taverneiro respondeu, agora mais calmo.

O anão seguiu resmungando com os amigos, enquanto o omodé ria e apontava para a cara dele.

— Não somos os únicos aventureiros da cidade, pelo visto — Gladius comentou.

Todos os presentes observaram o grupo naquele momento, que por acaso se sentou na mesa ao nosso lado.

— Ei! — O anão reparou na gente. — Temos guerreiros aqui também! É bom ver que esse fim de mundo não é feito só de caipiras!

Levantamos as canecas em saudação.

— Na verdade, estamos só de passagem — Gladius começou a socializar.

— Estão numa missão, excelente! Eu e os meus amigos estamos indo atrás de uma também.

— Na verdade, nós vamos pro torneio em Tália.

— Ah! O torneio promete este ano! Já tem competidor chegando na cidade.

— Vocês vão participar?

— Não, eu bem que gostaria, só que o pessoal não se interessou. Nós vamos atrás de orcs!

— Tem algum causando problemas pela região?

— Há boatos. Dizem que tem um orc liderando toda uma tribo e se preparando pra invadir Auréola, em Solar.

— Tem que ser uma baita tribo pra querer invadir uma cidade tão grande.

— E uma recompensa das grandes. Se forem só boatos, a gente se vira por lá.

A nossa refeição chegou no momento em que o anão falava.

— Vou deixar vocês banquetear em paz. Depois a gente se esbarra numa competição de cerveja por aí! — e o pequeno guerreiro virou-se para o próprio grupo.

Na nossa mesa, coelho cozido em molho de vinho doce e passas de uva.

— Isso parecer estar delicioso! — Gladius lambeu os beiços.

— Isso com certeza não é uma receita élfica. — Ravenlla balançava a cabeça negativamente.

Mais tarde, ela nos confessou que adorou o almoço.



O grupo decidiu comprar suprimentos para a viagem antes de descansarmos numa estalagem, considerando que possivelmente passaríamos por mais ermos entre Gálata e Tália. Pedíamos informações entre um transeunte e outro, até que passamos por uma das torres e vimos uma pessoa pendurada numa sacada.

De longe, não acreditamos na cena, era uma mulher pendurada pelos braços por uma corda, a cerca de dois metros do chão. Parecia inconsciente. De perto, pudemos ver que ela estava só de trajes sumários, sua pele era negra, talvez um

violeta muito escuro, e seu cabelo era prateado, acima dos ombros. Sua respiração estava fraca e sua cabeça estava jogada para frente, pendendo. Entre as mechas dos cabelos, orelhas pontudas se sobressaíam.

— O que significa isso? — Eu estava tão revoltado que o cansaço se dissipou.

— Uma forma lenta de execução. — Alberich demonstrava incômodo, contudo não parecia estranhar aquela barbárie.

— Isso é desumano!

— É — o paladino concordou. — Mas não temos nada a ver com isso.

— Você está falando sério? Quer que eu finja que não vi isso?

— Fale baixo ou vai acabar chamando a atenção de algum miliciano — Zhi Wu alertou.

Eu olhei ao redor e pude ver dois guardas por perto. Vestiam corseletes de couro, duas espadas curtas cada, nenhum escudo e ostentavam um broche vermelho escuro com três listras na diagonal.

— É uma firathera, não deve estar presa ali à toa — Ravenlla falou antes que eu continuasse.

— Uma o quê?

— É como chamamos os elfos sombrios, os renegados, a canção negra. Firathera.

— Isso não me parece uma forma justa de fazer alguém pagar por um crime. — Eu precisei conter a indignação para falar com o paladino e a elfa.

— Você não pode simplesmente subir naquela torre e soltar a fira-sei-lá-o-quê. Isso seria um crime. — Alberich me encarava de perto, resolutivo.

— Ninguém é pendurado numa torre de graça, Draco. Não se revolte por causa de um suposto problema, antes de saber dos fatos — Ravenlla concluiu.

— Querem saber dos fatos? — O homem de chapéu pontudo surgiu do nada. Todos estranhamos aquela figura ali do nosso lado. — Uma moeda de prata e saberão tudo a respeito da elfa sombria!

— Eu pago duas pra você contar sem rodeios. — Ofereci o dinheiro.

— Excelente! — Ele guardou o pagamento numa algibeira. — A elfa... cometeu... o terrível crime... de... andar por territórios humanos!

— Eu falei, sem rodeios.

— Eu já disse tudo. — Ele sorriu triunfante.

— Explica isso direito — exigi.

— Trouxeram ela pra cá antes de ontem. Declararam que é uma inimiga dos humanos e que estava espreitando pelas redondezas, tramando algo terrível. Então penduraram-na e estão assistindo à sua morte lenta e agonizante.

— E que crime ela cometeu? — insisti.

— Espreitou uma cidade humana e tramou algo terrível. Em outras palavras, para aqueles mais lerdos: ela não fez nada.

Esperamos alguns segundos para ver se ele diria mais alguma coisa.

— Obrigado! — Dispensei o esquisito.

Ele fez uma medida exagerada e seguiu por uma das ruas.

— Alguém ainda acha que ela merece morrer desse jeito?

— Não acho que um trovador qualquer seja de confiança. — Alberich teimou.

Olhei ao meu redor e notei que Zhi Wu havia sumido.

— Parece que a especialista em investigações já está com a mão na massa. Vamos esperar ela aparecer e depois discutimos isso.

Uma meia dúzia de crianças brincava de acertar frutas na condenada. Antes de continuarmos com nossos afazeres, dei uma boa olhada nela para garantir que não iria me esquecer da crueldade daquela cidade.

— Ravenlla, imagino que ela seja de um povo inimigo do seu, mas não acha que aquilo seja injustificável? — Pude ouvir Rosa indagar enquanto andávamos.



Estávamos no nosso quarto na estalagem, nos preparando para dormir ao final do dia, quando Zhi Wu entrou pela porta. Ela deu apenas um passo para dentro do recinto e declarou:

— Ela é inocente.

— Não me diga que você invadiu um quartel da milícia. — Alberich falou em tom de cobrança.

— É melhor você não saber dos meus meios.

— Você invadiu um quartel da milícia.

— Se refere aos mercenários contratados para fazer a segurança da cidade? Eles são os Garras Escarlates, uma guilda que oferece serviços de proteção e, de acordo com alguns boatos, serviços de assassinato também. Estão espalhados por toda a Liga Prateada, mas são mais numerosos aqui em Turnnin.

— Alberich, eu também não gosto desses métodos, só que às vezes é necessário. — Interferi.

— Então viramos criminosos — ele protestou.

— Não, apenas fazemos o que é necessário pra que inocentes não fiquem pendurados em torres.

— Até agora, nada indica que ela seja inocente.

— O capitão dos mercenários ou da milícia, se preferir chamar assim — Zhi Wu respondeu.

— Duvido que você tenha interrogado alguém. — Alberich não desistia.

— Não. Eu ouvi ele falando. Também ouvi como ele se divertiu com ela antes de pendurá-la ali.

— Vamos tirá-la de lá! — Gladius se pronunciou.

— Temos a milícia inteira entre nós e ela — o paladino começava a ficar com o rosto vermelho.

— Não precisamos enfrentar a milícia, só desamarrá-la e sair da cidade. — Mostrei outra opção.

— Fugir, você quis dizer.

— Que droga, Alberich! — Eu não me aguentei. — O que mais você quer? Que algum celestial renasça na nossa frente e diga que ela é inocente?

— Eu não quero ir contra as autoridades locais! Pra você, isso pode não significar nada, mas eu jurei jamais transgredir a lei!

— Então você jurou deixar uma inocente morrer por causa de um bando de mercenários estúpidos?

— Não ouse se referir aos meus juramentos assim!

— Então vai avisar a milícia que nós vamos soltar a prisioneira deles, porque é o que vamos fazer!

— Não é assim que as coisas funcionam! Você não pode decidir e querer que todo mundo acate suas ideias! Não vamos começar a fazer tudo o que você bem entender!

— Por favor, vocês dois, parem com isso! — Gladius nos interrompeu. Ele parecia assustado. Na verdade, não só ele, as damas também. Principalmente Rosa, que estava encolhida e com os olhos marejados.

Eu realmente achava que finalmente descansaríamos naquela cidade.

— Escute, Alberich, se você quiser, não precisa tomar parte disso. Só não tente me convencer a deixá-la lá naquele estado.

— Eu vou esperar por vocês na estrada a nordeste da cidade. — Ele decidiu com desgosto.



Nós cinco começamos a planejar o resgate enquanto Alberich arrumava a sua mochila. Ele não pronunciou mais nenhuma palavra desde então e todos

respeitamos a sua postura. Agora, precisávamos salvar uma inocente.

Ficou combinado que eu e Gladius ficaríamos prontos para combater e que carregaríamos a bagagem de Zhi Wu e Ravenlla, para caso elas precisassem de locomoção. Nossa sacerdotisa seria responsável por vigiar o perímetro junto de Rosa, enquanto a espiã iria escalar a torre e tirar a elfa sombria de lá.

Com o plano em mente e as mochilas arrumadas, deixamos o pagamento da hospedagem em cima de uma das camas e partimos na calada da noite — a perícia de Zhi Wu com fechaduras nos permitiu sair da estalagem e trancá-la por fora.

Caminhamos até a torre, sem grandes problemas. Entretanto demos de cara com dois Garras Escarlates assim que chegamos.

— Estão procurando onde dormir? — um deles perguntou.

— Na verdade, vocês não terminaram de patrulhar o outro quarteirão — Rosa retrucou e cantarolou um feitiço. A dupla de vigias estagnou, deu de ombros e saiu andando para outra rua.

— Não sabia que você manipulava mentes — comentei.

— Mais ou menos, eu confundi a noção de tempo deles, como se a memória voltasse pro passado.

— Então você não é simplesmente uma adivinha.

— As cartas podem revelar dicas do futuro, informações sobre o presente ou segredos do passado. Uma mente despreparada pode ficar confusa, o que não é exatamente hipnose.

— Esperem aqui enquanto eu verifico se tem mais. — Zhi Wu comandou quando nos aproximamos e pôs-se a circundar a torre.

Não sei quanto tempo levou para ela voltar, cinco minutos, talvez dez ou quinze. Para mim, pareceu uma hora.

— Área limpa. Só dois mercenários na rua ao sudoeste, parecem embriagados.

— Ravenlla, você cuida daquela rua, Rosa, você fica do lado aposto. Qualquer coisa, assobiem. Vamos! — Coordenei o grupo.

As duas se posicionaram e Zhi Wu começou a escalar os blocos de pedra da torre.

O céu estava estrelado e a lua radiante. Uma noite muito bonita. E nós nos arriscando a nos tornarmos foragidos de uma cidade para salvar uma desconhecida. Isso, ou passar o resto da vida com o peso na consciência.

— Você tem certeza do que estamos fazendo? — Gladius me fez voltar dos meus pensamentos.

— Menos do que você.

— Atenção aqui. — A kunoichi já estava posicionada e com uma espada curta na mão, pronta para cortar a corda.

— Na contagem — posicionei-me — um... dois... três!

A corda arrebentou e eu e Gladius seguramos o corpo.

Meu amigo pôs dois dedos na boca, assobiou e a elfa e a cartomante vieram até nós.

— Agora, é só sair da cidade — falei.

— É, carregando o corpo de uma elfa sombria. — Gladius fez questão de ironizar.

— Ravenlla, você teve algum problema? — Notei que ela embainhava o sabre.

— Só precisei despistar um guarda com magia, já estaremos longe quando o efeito passar.

— Então vamos logo!

Daquele ponto em diante, não olhamos mais para trás.



A firathera abriu os olhos por breves instantes enquanto fugíamos. Ela chegou a me olhar, mesmo sem demonstrar consciência.

A maior dificuldade foi evitar as torres de vigia. Precisamos caminhar pelas ruas mais confusas e estreitas, o que teria sido impossível não fosse Zhi Wu indo na frente e escalando as casas quando necessário. Levamos cerca de duas horas até chegarmos na estrada e ainda caminhamos mais uma hora para garantir que nenhuma patrulha nos encontrasse. Só paramos quando encontramos Alberich.

Ele transbordava insatisfação.

— Me ajuda a deitá-la — pedi a Gladius. Nós dois dividimos a tarefa de carregar a elfa sombria pelo caminho. Agora meus braços ardiam pelo esforço, mesmo já tendo devolvido a mochila de Zhi Wu.

Assim que acomodamos o corpo desacordado, peguei um odre e alimentei a coitada com cuidado. Ao sentir a água, ela agarrou a minha mão e quase secou o recipiente. Quando ficou satisfeita, soltou um suspiro de alívio e se reacomodou no chão.

Vendo de perto, ela era muito bonita. Rosto fino, sobrancelhas delicadas, nariz empinado e lábios esculpidos com perfeição.

— Podemos descansar agora? — Rosa estava segurando a testa. — Estou com dor de cabeça.

— Não aqui. — Olhei ao meu redor. — Vamos nos afastar da estrada.

— Eu só queria uma noite numa cama confortável — Gladius lamentou.



— Você tem alguma magia que possa ajudá-la? — perguntei a Ravenlla.

Estávamos num bosque a dez minutos da estrada, onde passamos a noite. Já amanhecia e ninguém dormira direito. Só eu e Gladius revezamos a vigia noturna. Todos observávamos o corpo da elfa sombria, inerte no chão, vestida com roupas cedidas por Rosa.

— Nenhuma que eu queira gastar com uma canção negra. Concorde que não podíamos deixá-la lá, mas ela ainda não é de confiança pra mim. — Eu nunca havia visto a sacerdotisa ser tão rude. A relação entre os elfos e os fírathera parecia realmente ruim.

— Ela precisa comer algo — Gladius falou com uma seriedade incomum.

— Precisamos esperar que ela acorde.

O grupo transbordava insatisfação. Eu, Gladius e Rosa estávamos preocupados com a elfa sombria. Alberich e Ravenlla não concordavam em protegê-la. E Zhi Wu estava sendo ela mesma, silenciosa como um fantasma. Barão se alimentava da grama, alheio ao nosso dilema.

Enquanto cada um vagava nos próprios pensamentos, a fírathera sussurrou:

— Obrigada...

Saltei até ela com o odre na mão.

— Está com sede?

— Um pouco.

Eu lhe ofereci o recipiente. Sem abrir os olhos, ela tateou meu braço até encontrá-lo e deu um gole.

— O sol está me cegando, não tem nenhuma sombra aqui perto?

— Vem, eu te levo até lá.

Eu e a elfa sombria caminhamos até debaixo de uma árvore. Apenas Gladius e Rosa nos acompanharam. Ela gemeu de alívio ao sair da claridade e, aos poucos, foi abrindo os olhos. Era irônico ela ter sensibilidade ao sol, pois seus olhos eram dourados como ouro em pó.

— Obrigada — ela repetiu, ainda fraca.

— Não precisa agradecer.

— Como não? Salvaram a minha vida.

— O que faz longe das suas terras? — Ravenlla interrogou sem se aproximar.

— Eu não como há dois dias.

— Eu não perguntei há quanto tempo você não come e sim o que faz longe das suas terras.

Gladius foi até à sacerdotisa para acalmá-la.

— Desculpe a nossa amiga. — Tentei amenizar o clima.

— Não é culpa sua.

— Qual é o seu nome? — Rosa perguntou com gentileza.

— Heldarath.

— Sou Rosa, encantada. — A cartomante sorriu. — Esse é o Draco e aqueles são Gladius, Alberich, Zhi Wu e Ravenlla. E Barão. Não os leve a mal, estão apenas assustados. Eu separei um almoço pra você, aceita?

Pela primeira vez, a elfa sombria esboçou um sorriso frágil.

— Adoraria.



Conseguimos fazer com que Heldarath almoçasse em paz. Eu, Gladius e Rosa sentamos com ela e almoçamos juntos, enquanto contávamos nossas histórias, dando um primeiro passo para ganhar a confiança da elfa sombria. Por mais que Alberich e Ravenlla permanecessem nervosos, era aquela figura de pele escura que estava mais assustada.

— Bem melhor agora — ela declarou ao terminar a sua ração de viagem.
— Eu nem sei como agradecer.

— Você deve estar dolorida. — Rosa demonstrava preocupação.

— Só o fato de que não vou morrer me faz abstrair desse detalhe.

— Não precisa falar do que passou naquela cidade, se isso for te incomodar — avisei.

— Mas vai ter que falar sobre como foi parar lá. — Ravenlla se aproximou e sentou ao nosso lado. Pude ouvir os passos de Alberich se aproximando. — O que uma canção negra faz longe de casa?

Heldarath não se intimidou.

— Sou uma renegada. Não concordo com o modo de vida do meu povo e nunca fui bem vista entre eles. Vim embora antes que fosse assassinada.

— Todos os firathera são renegados. — A sacerdotisa foi incisiva.

— Então eu devo ser a pior pessoa do mundo, porque sou a renegada dos renegados.

Ravenlla também não se abalou.

— E o que fazia nessa cidade?

— Tentava começar uma vida nova. Não tive sorte, pelo visto. O primeiro lugar que encontro tenta me executar por causa da fama do meu povo.

— Uma renegada tentando começar uma vida nova? A sua história está bonita demais.

— Achou bonito me ver pendurada naquela torre?

— Me desculpe se você vem de um povo traidor.

— Você também está longe de casa, algum humano tentou te matar por você ser uma elfa?

— Você tem razão, ninguém tem motivo pra te julgar. — Ravenlla não parecia convencida. — Sua vida está garantida por hoje, pode seguir o seu rumo e nós vamos seguir o nosso.

— Não posso ficar de mãos abanando. Preciso recuperar os meus equipamentos.

— Que equipamentos? — Gladius perguntou.

— Meu laboratório.

— Oi?

— Eu tenho um laboratório portátil. Sou uma alquimista. Meus equipamentos estão guardados na mesma masmorra onde eu fui... — A memória pareceu perturbadora. — Onde eu fui presa na primeira noite. É um lugar com pouca vigia, se vocês conseguiram me tirar da cidade, podem me ajudar a entrar naquele calabouço, pegar o que é meu e daí eu vou poder ser útil pra alguma coisa. Vocês são aventureiros, não são? Eu posso ajudá-los! Sei criar magia através de extratos e poções! Permitam-me agradecer por terem salvado a minha vida, por favor!

— Não podemos voltar pra cidade — Ravenlla respondeu pelo grupo.

— A prisão não fica na cidade, fica a pelo menos meio dia de caminhada dela. Podemos entrar, sair e voltar pra estrada hoje mesmo. Se vocês me deixarem só com essas roupas, eu vou acabar morrendo de qualquer jeito.

Eu olhei para os meus amigos e as expressões eram conflitantes. Seria injusto tomar a decisão sozinho.

— Proponho uma votação. Eu voto pra ajudarmos Heldarath — comecei.

— Eu também! — Gladius e Rosa ecoaram, quase em uníssono.

— Sou contra. — O paladino se mantinha firme.

— Concordo com Alberich! — Ravenlla era a mais obstinada.

Se Zhi Wu também concordasse com eles, teríamos um empate — e um problema.

— Vamos ajudá-la. — Felizmente, ela colaborou.

— Heldarath, leve-nos à tal masmorra!



Chegamos ao cárcere antes do esplendor do sol. A construção retangular tinha apenas um andar de altura e era toda feita de pedra por fora. Ainda ocultos pela vegetação, podíamos ver duas sentinelas na entrada, a duzentos metros.

— Quantos mercenários tem lá dentro? — Consultei Heldarath.

— Uma dúzia, duas no máximo.

— Certo. Lembrando: não vamos matar ninguém. Agora, vamos pra ação!

E saímos do esconderijo. Quando nos aproximamos, nossos alvos nos viram. A cinquenta metros, eles levaram as mãos às armas, desconfiados. A trinta metros, Rosa conjurou o seu feitiço, e um deles segurou-se na porta para não cair de tão zozzo. Outro simplesmente tropeçou de joelhos no chão. O escudo de Gladius e o cabo do martelo de Alberich terminaram de desacordá-los.

Apanhei a chave de um deles e entramos no calabouço.

A porta ficava na esquina da parede e nos levava a um corredor sem iluminação com uma porta no fundo — tivemos que pegar uma tocha emprestada da parede e acendê-la. Essa porta nos levava para uma antecâmara com uma porta dupla à direita. Através dela, conversas e risadas.

Rosa prontamente distribuiu sua magia, aguçando nossos sentidos, e Ravenlla invocou seu sabre espiritual.

— Vamos usar o elemento surpresa — anunciei. — Um... dois... três! — Enfiei o pé na porta.

Avancei no extenso salão e acertei o meu escudo na cabeça de um mercenário, que desmaiou de imediato. Um segundo ainda sacava a espada quando eu desferi um soco no estômago que lhe tirou o fôlego. Encaixei a minha bota na sua testa, garantindo umas boas horas de inconsciência ao infeliz. Quando o terceiro ergueu um machado perto de mim, ouvi a voz cantarolante de Rosa, os olhos do adversário rodopiaram e ele tombou. Só precisei de um soco bem encaixado para entregá-lo ao sono. Olhei ao meu redor e vi dez corpos pelo chão. E sangue.

— Foi inevitável, desculpe! — Ravenlla se justificou enquanto retirava o sabre de um cadáver.

— Deve haver mais lá dentro. — Gladius constatou antes que eu decidisse o que responder à elfa.

Ergui a minha mão pedindo silêncio. Se alguém em outra sala tivesse ouvido a confusão, já estaria vindo em nosso encalço.

— Se houver, não nos ouviram ainda. Vamos seguir! — Antes que eu avaliasse o quão inevitável foi a morte daquele homem.

Por dentro, as paredes e o teto também eram de pedra, com pouco acabamento. As únicas janelas eram estreitas e ficavam quase encostadas no teto. Um estandarte vermelho com listras amarelas estava pendurado num canto.

Nos fundos do salão havia uma porta destrancada. Passamos por ela e encontramos mais duas portas, uma na nossa frente, outra à esquerda e um pequeno corredor que levava ao que parecia ser um quarto de entulhos.

— Pela esquerda ficam as celas. O depósito deve ficar pra frente — Heldarath informou.

Entramos na porta indicada e chegamos a um longo corredor, com uma porta de cada lado e uma ao fundo.

— Algum palpite? — Consultei a firathera mais uma vez.

— Não.

— Então vamos pela porta da direita.

Entramos no que poderia ser um arsenal, se não fosse a bagunça e a falta de cuidados com os equipamentos. Vários tipos de armas e peças de armaduras soltas se espalhavam em mostruários, caixotes ou pelo chão, nenhuma aparentando boa qualidade.

— Isso é alguma reserva de armas? — Rosa indagou para ninguém em específico.

— Talvez de contrabando — Gladius respondeu. — Ou só falta de ter onde guardar tanta coisa. Se Gálata não é organizada, o que podemos esperar das suas masmorras?

Sem nada que chamasse a nossa atenção, avançamos para a porta à nossa esquerda, nos fundos da sala. Do outro lado, havia um arquivo — ou uma tentativa de um. Documentos e pergaminhos se encontravam jogados e espalhados por mesas, misturados com frascos e diversos objetos que eu desconhecia. Heldarath não conteve a alegria.

— Meu laboratório! — Ela suspirou enquanto se equipava com uma complexa algibeira, cheia de espaços para todo tipo de itens, uma bolsa com aparelhos de metal que eu não soube identificar e uma mochila que parecia grande demais para ela. — Não sou mais uma pobre garota indefesa! — Ela aproveitou para fazer humor.

— Ótimo, vamos antes que eles acordem! — Eu já estava dando meia volta.

— Ainda falta uma coisa, só uma coisa, deve estar por aqui. — A elfa sombria ainda não tinha terminado de revirar o laboratório.

Esperamos. Seja lá qual fosse a sua busca, não estava lá.

— Vamos olhar as outras salas, deve estar por lá. — Ela saía de um amontoado de pergaminhos.

Eu concordei com a cabeça e fomos para a porta à esquerda.

Aquela sala era o recinto mais organizado e com menos objetos daquele estoque. Entre eles, um escudo muito bem ornamentado, uma pedra cor de sangue, um cálice de prata com diversas joias incrustadas, um tomo robusto e uma lâmpada ao estilo oriental.

Heldarath foi correndo até a pedra. Quando tocou no minério, seus olhos amarelos brilharam e seu sorriso foi espontâneo como o de uma criança.

— Finalmente, achei você!

— Podemos saber o que essa pedra tem de tão especial? — Ravenlla questionou.

— Ah, isso? Isso daqui é uma coisinha que levantaria muitas dúvidas em vocês — a elfa sombria respondeu, caminhando pela sala e guardando o seu novo item num dos compartimentos da algibeira. — Dúvidas das quais eu acredito que vocês não iriam gostar das respostas. Então vamos fazer da seguinte forma: eu sigo meu próprio caminho e vocês aceitam minha eterna gratidão sem mais perguntas, que tal? — Ela brincava com um dedo na lâmpada.

Confesso que fiquei surpreso com a mudança repentina de Heldarath.

— Você não vai sair daqui sem nos dar explicações. — Ravenlla rosnou.

— Não? — A firathera fez cara de deboche e esfregou a lâmpada com a mão.

Enquanto uma fumaça brilhante saía do objeto, ela arremessou um frasco na parede, que pareceu se dissolver e abrir caminho para um lugar estranho: uma floresta escura. Ela correu pela passagem e quando a fumaça da lâmpada se dispersou, a parede estava de volta, manchada de poção alquímica.

E, na nossa frente, uma mulher de três metros de altura, vestindo uma saia e top ornamentados de joias, braceletes, tornozeleiras e colares brilhantes, de pele púrpura, olhos violetas e cabelo negro azulado num rabo de cavalo para o alto. Seria uma figura imensamente bela, se não parecesse tão furiosa.

— Aqueles que me aprisionaram devem pagar! — A voz ecoou pela sala.

— Espera, não é nada disso! — Gladius ainda tentou.

Antes mesmo que ele terminasse a frase, o dedo indicador da gênio já faiscava na direção do meu amigo. Um relâmpago surgiu, obrigando-o a se jogar para o lado — ainda assim, ele não conseguiu se desviar por completo da descarga elétrica.

— Não precisamos enfrentar esta batalha, vamos sair daqui! — eu gritei para que recuassemos.

A sala tinha duas portas além daquela pela qual nós entramos. Eu imaginei que a porta da esquerda fosse nos levar de volta ao corredor do depósito. Gladius foi na frente, abrindo caminho com um belo pontapé, enquanto eu aguardei que todos saíssem antes de mim. Acreditei que estaríamos em segurança e me frustrei quando nos deparamos com ela no final do corredor, com seu dedo faiscando em nossa direção.

Estávamos em linha e nossa falha foi dolorosa. Nossos corpos se contorceram e nós urramos involuntariamente, enquanto a eletricidade transitava entre um e outro, até que eu pude gritar:

— De volta pra sala!

Parecia que a gênio se encontrava em dois lugares ao mesmo tempo, contudo eu já estava decidido a revidar os seus relâmpagos. Entrei na câmara anterior já investindo contra a enorme mulher e acertei minha espada profundamente em sua coxa.

— Não fomos nós que te prendemos.

— Mentirosos! — ela respondeu.

Além da sua coxa não estar sangrando, apesar da ferida generosa que Labareda causou, agora as duas mãos da gênio faiscavam, ameaçando uma magia ainda mais potente.

Alberich, Barão e Gladius chegaram, cercaram-na e nós quatro fizemos chover golpes em cima da criatura arcana. Ela sentia dor e abria feridas bizarramente sem sangrar. Estrelas cravaram no seu ombro, um sabre idêntico ao da Ravenlla surgiu atrás dela e espetou em suas costas, dançando no ar.

Vendo-se cercada, ela guardou as faíscas, se concentrou e sumiu da nossa frente. Pensei que havia fugido, até que ouvi sua voz conjurando uma magia e soube que ela estava invisível.

Cortei o ar inutilmente junto de meus amigos, tentando acertá-la às cegas. Então Rosa lançou um contrafeitiço e dissipou a invisibilidade da gênio. Pena que tarde demais para evitarmos a corrente de relâmpagos que começou em mim e se estendeu a cada um do grupo, mesmo estando separados. A dor foi lacerante. Ouvi um corpo caindo no chão. Estávamos sendo derrotados.

Eu acertei golpes que poderiam ter amputado um membro de uma pessoa, mas só consegui abrir fendas naquela estranha carne sem artérias e nem ossos por dentro. Ravenlla se juntou ao combate corpo a corpo, deixando nossa adversária completamente cercada.

Por mais que feríssemos a criatura, ela não parava de descarregar eletricidade em todos nós. Na eletrocussão seguinte, meu cérebro latejou e eu demorei a voltar ao meu pleno estado de consciência após a dor. Ravenlla e Barão caíram ao nosso redor.

Pernas, abdômens, braços, a gênio já deveria estar despedaçada depois de tantos golpes de espadas, martelo e chifres desferidos. Enquanto eu, Alberich, Zhi Wu e Gladius tentávamos desesperadamente pará-la, ela ergueu as duas mãos e começou a conjurar mais energia elétrica. No momento em que iria arremessar a sua magia, o martelo pareceu fazer efeito no seu estômago, que se contorceu, sem mais relâmpagos nas mãos. Assim que seu rosto se aproximou de mim, eu aproveitei e estoquei Labareda, trespassando a sua testa até à nuca.

E ela parou.

Eu não sabia se podia comemorar ou se aquilo significava uma má notícia — depois de metade do grupo tombar em combate, nenhum pessimismo é exagero.

— Eu... não quero... voltar para a lâmpada... — Ela agonizou e se desfez em fumaça, retornando à sua prisão.

Nossos pulmões arfaram de exaustão. Cada músculo doía.

— O que foi isso? — Gladius indagou.

— Se refere à gênio ou a Heldarath?

— Agora não é hora, ainda tem mercenários pelas salas, vamos embora daqui — Alberich nos interrompeu.

Eu peguei Rosa no colo, Gladius pegou Ravenlla e Alberich pegou Barão.

E fugimos da masmorra sem nenhuma dignidade.



Os mercenários ainda estavam desacordados, sem representar nenhuma ameaça. O paladino agarrou o seu pingente de cruz, que brilhou enquanto ele fez algumas orações miraculosas, aliviando as dores de todos nós, fazendo Rosa e Ravenlla acordarem e questionarem o que havia acontecido. Passamos o resto do dia caminhando, seguindo viagem para Tália. Ninguém se pronunciou pelo resto do dia depois disso. Uns sem coragem de falar, outros ainda incrédulos com o que acontecera.

“Como eu pude ser tão burro?”, pensei enquanto o dia terminava.

E mais nada foi dito até o dia seguinte

Entreato

— Você não devia ter participado dessa imprudência. — Alberich abordou Zhi Wu.

— Todos participamos.

— Você sabia que não devíamos confiar naquela firathera.

— Como tem tanta certeza?

— Não se faça de sonsa! Eu só não sei por que você apoiou aquela insanidade toda.

— Numa coisa, Ravenlla tem razão: qualquer coisa é pior do que algemas.

— Ravenlla é uma Sacerdotisa da Liberdade. E você parece ser boa em se livrar de algemas. Na minha opinião, algemas são necessárias. Algumas pessoas precisam ser algemadas e enjauladas.

— Tarde demais para nos preocuparmos com isso.

— Não é tão simples assim. Aquela alquimista está solta agora. E com certeza não está distribuindo pão aos pobres.

— Aonde você quer chegar com essa conversa?

— Rosa, Gladius, Draco e Ravenlla gostam de falar. Gostam até demais. Eu e você preferimos agir do que tagarelar. Você deve concordar que isso deixa tudo mais difícil pro nosso lado.

— E daí?

— A diferença é que eu faço o que é certo quando discordo, e você segue os outros.

— E daí?

— Eu não entendo.

— Eu priorizo o grupo. Você prioriza as Virtudes. Simples assim.

— Essa parte ficou clara. Só não sei se estou te conhecendo melhor ou se você está mudando.

— Pra ser sincera, também não tenho certeza.

CARNE FRESCA

GLADIUS

É um brilho momentâneo tudo o que você precisa?

Todos andávamos pela estrada e sofriamos pelo calor. A primavera foi quente como o verão e o verão estava quente como o Abismo. Se antes não conseguíamos usar nossas armaduras de metal todos os dias, agora não conseguíamos dia nenhum.

— Ainda pensando na firathera? — Abordei o meu amigo. Ele estava muito silencioso desde o incidente com a elfa sombria.

Fomos enganados de uma maneira que mexeu com a gente. Tentamos ajudar uma pessoa, cometemos crimes numa cidade, acabamos fazendo inimizade com um grupo de mercenários e quase fomos mortos por uma gênio. Nem eu consigo fazer piada disso.

— Apenas não me perdoo pela ingenuidade — Draco respondeu.

— Não se cobre tanto. Todos fomos enganados.

— Alberich e Ravenlla não.

— Sabe por que você está assim? Porque é o líder e é a você que todos recorremos quando temos dúvidas. Mas você não é o culpado por tudo.

— Eu não sou o líder, Gladius, só você pensa isso.

— Tem certeza? Olhe mais ao seu redor. Estamos todos indo pra um torneio graças a você.

— A nós dois, você quer dizer. E Rosa e Ravenlla têm os próprios assuntos na cidade também.

— Que seja! Eu sigo você. Só quero que saiba disso: aonde quer que vá, pode contar comigo.

Por mais que Draco não fosse assumir, eu sabia que era aquilo que ele precisava ouvir.

— Obrigado! — O cabeça-dura agradeceu, depois de um momento.

Eu iria retribuir o agradecimento, porém outra coisa me chamou a atenção antes.

— O que é aquilo?

Confesso que não era dúvida, e sim incredulidade.

Havia três corpos enforcados numa árvore.
Meu estômago revirou.
— Pelo visto, os problemas nunca acabam.



Seguimos com o dobro de cautela. Os corpos poderiam ser criminosos executados ou um alerta para que viajantes recuassem. Além de não estarmos dispostos a perder mais tempo pegando outra estrada, queríamos saber o motivo daquela exibição medonha. E se havia alguém aterrorizando alguma aldeia, nós iríamos resolver o assunto — como sempre.

Depois de uma hora andando, encontramos uma placa anunciando “Bem-vindos a Peredur” e pudemos ver o povoado. As casas eram de pedra, como em Gálata, mas os telhados eram de palha, a maioria parecendo abandonada. Caminhamos sem ver ninguém pela rua, até que chegamos ao que parecia ser uma praça central, com meia dúzia de pessoas ocupadas com seus próprios afazeres. Uma mulher se apressou para entrar na casa que tinha uma placa com uma caneca desenhada acima da porta quando nos viu, um ferreiro nos ignorou e prosseguiu martelando alguma ferramenta em processo e um ancião nos observou com seus olhos profundos e cansados.

— Parece que rezar ainda serve para alguma coisa — ele falou por entre uma barba lisa e comprida. Seus olhos aparentavam uma energia incomum para sua idade.

— E pelo que o senhor rezou? — Draco perguntou quando chegamos perto.

— Por heróis.

Enquanto meu amigo falava com o ancião, olhei ao redor da pequena praça. As casas pareciam todas comerciais — com o detalhe de não haver clientes por perto. Cada trabalhador parecia infeliz de alguma forma, como se a aldeia inteira estivesse envolta por uma neblina de pesar.

— Heróis para...?

— Para matar o abissal que se esconde dentro da igreja.

Eu senti um frio na espinha.

— Senhor, os abissais estão selados no Abismo, não é possível que tenha um na igreja. — Draco tentou não se alarmar.

O ancião se manteve sério, olhando meu amigo nos olhos. Ele não parecia estar brincando.

— Venham, vou lhes apresentar Willard.

O idoso se levantou e caminhou em passos firmes em direção à rua que beirava a taverna onde a mulher se escondera.

— Precisamos saber por que tem três corpos enforcados na estrada — Alberich exigiu enquanto seguíamos o ancião. — Nós optamos por não mexer neles para o caso de serem criminosos executados.

— Três corpos enforcados? Não sabia. — Ele ficou pensativo. — Três homens que passaram a beber demais desde o massacre na igreja sumiram ontem. Acho que eu já sei onde eles foram parar.

Não pude conter um suspiro de lamentação.

Na rua, um homem estava jogado com uma caneca na mão. O cheiro de cerveja e de urina era forte.

— Willard, meu querido... — o idoso o chamou. — Conte para estes bondosos rapazes o que aconteceu essa semana.

O bêbado sequer conseguia fixar o olhar em um de nós.

— Nós estávamos rezando... rezando pelas Virtudes, como fazíamos todos os dias. Eles nos prenderam lá. Foi de surpresa, ninguém esperava. Homens de capuz preto. Eles trancaram as saídas e vieram por todos os lados. Nós estávamos assustados... e... e... e ninguém estava armado, só eles... eles cantavam e matavam... cantavam e matavam... até que o sangue brilhou... o sangue brilhou e ferveu... e ele veio! Do chão, ele veio! E ele matou mais! Matou mais do que os assassinos de preto! E não parava! Matou todos! Eu me escondi... me escondi e vi tudo. Quando ele terminou de matar a nossa gente... ele matou os assassinos também! Ninguém foi poupado, ninguém! Eu fiquei lá... até que um terremoto quase botou a igreja abaixo... e fez silêncio... depois de um dia inteiro escondido, eu fugi... eu fugi...

— E, depois disso, todos que foram até à igreja para conferir o que aconteceu não voltaram — o ancião concluiu.

O nosso humor não estava bom desde que saímos de Gálata e acabara de piorar.

Olhei para Draco.

— Então?

— Temos uma missão. — Ele decidiu.



“Santa Igreja de Floribranca” era o que estava esculpido em relevo acima do portal de entrada.

A igreja era grande e bonita por fora. Talvez não fosse tão sombria sem a história de um abissal ter chacinado o povo da aldeia há poucos dias.

O portão de entrada estava entreaberto, nos desafiando.

— Precisamos de um plano — Alberich resmungou.

— Ainda há a hipótese do bêbado ter exagerado na história. De qualquer forma, estejam preparados pra cercar um monstro grande sem deixá-lo ter tempo nem pra respirar. — Draco comandou. — Prontos?

— Deixe-me auxiliá-los — Rosa pediu.

Gentilmente, ela pôs a mão no ombro de Draco e conjurou uma magia nele. Em seguida, repetiu o gesto em cada um do grupo. A sensação que a magia trouxe foi de coragem e ímpeto heroico. Eu me sentia pronto para a guerra!

— Só mais uma coisa. Uma aposta — e sorri para o meu amigo.

— Agora não. — Ele fechou a carranca.

— Vamos lá, já faz muito tempo que não apostamos. Vai fazer bem pro nosso ânimo. Vou deixar você vencer dessa vez: aposto que é um abissal.

— Está apostado. Agora vamos — Draco declarou, tentando esconder que seu humor ficara um pouco melhor.

E com as armas em mãos, entramos na igreja.

O cheiro de carniça empestava o local. Alguns corpos ainda estavam espalhados entre os bancos e corredores, nenhum completo, sempre faltavam membros. Eu pensava que um dia me acostumaria a ver atrocidades, mas a cada dia, percebia que isso seria impossível.

Quando me dei conta, minha respiração estava acelerada. Uma sensação de urgência começou a me dominar. Estranho. Não era a magia de Rosa que estava causando aquilo. Era algo externo. Alguma coisa naquela igreja grotesca estava me deixando aflito.

Então ouvimos risadas agudas ecoando pelo templo. Levantamos a guarda e eles vieram, grunhindo e urrando.

Vieram de todas as partes, surgiram de trás das portas, dos bancos e das sombras. Criaturas com metade do nosso tamanho, musculosas e selvagens, pele rígida e rubra, o rosto ossudo, a boca repleta de dentes encavalados, olhos brilhando num laranja furioso e chifres retorcidos para trás. Na mão, todo tipo de arma improvisada, como clavas e lanças. Medonhos, não só pela aparência desfigurada, mas também por algo a mais, uma espécie de aura profana. Uma aura abissal.

Preparamo-nos em ciclo, com Rosa e Zhi Wu no centro.

Uma estrela atingiu a testa de um antes que eles nos alcançassem, sem derrubá-lo. Outra acertou seu pescoço e mais uma o seu olho, até que ele caiu morto. Saber que eles não morriam igual a nós era preocupante.

O primeiro que me alcançou girou a sua clava na direção do meu rosto. Esquivei e estoquei contra o seu estômago, perfurando seu abdômen. Ele se contorceu de dor e atacou de novo. Meu escudo evitou o golpe e minha espada atingiu o seu pescoço num arco horizontal, fazendo seu corpo amolecer no chão. Um segundo já estocava uma lança contra o meu tórax enquanto o primeiro caía morto — quase não consegui fugir do golpe. Antes que ele me atacasse de novo, ergui a minha espada e descí contra o seu crânio, abrindo uma fenda até o seu olho direito. Em resposta, ele espetou o meu tornozelo. Grunhi de dor, sem vacilar — ou morreria. Acertei a lança do monstro com o meu escudo, abrindo a sua guarda e enfiei minha espada boca a dentro, quase decepando-o do queixo para cima.

Os dois corpos se amontoaram e várias criaturas fugiram de nós, visto que seu número já havia decaído para metade.

Contei sete corpos pelo chão. Minhas mãos tremiam.

— Pensei que seria um monstro só — pronunciei.

— O bêbado estava escondido, não deve ter visto tudo — Draco especulou.

— Ou a coisa está trazendo mais abissais com ela — Ravenlla sugeriu.

Esfreguei o rosto.

— Não acredito que estamos enfrentando isso.

— Eu nunca vi nada que não morresse com um corte no coração ou no pescoço. Essas coisas não são do nosso mundo. — Draco constatou.

Engoli em seco, transtornado.

— E nós vamos levá-las de volta ao mundo delas — Alberich falou com determinação.

Todos estávamos nervosos, isso era nítido. Mas, se as nossas aventuras nos serviram de algo, com certeza foi para nos preparar para aquele momento. Preparar-nos para enfrentar as verdadeiras ameaças ao nosso mundo.

— Cadê o altar? — Ravenlla questionou.

Foi quando me dei conta de que a igreja estava sem altar. Aproximamo-nos e vimos que, em vez disso, havia um buraco no chão que levava a um túnel. De dentro, os covardes rosnavam.

Draco acendeu uma tocha. Eu e Alberich fizemos o mesmo.

Com apenas um sinal de cabeça do nosso líder, avançamos pelo declive.

Seguimos por poucos minutos, eu e Draco no centro, Alberich, Barão e Ravenlla nas laterais e Rosa e Zhi Wu atrás de nós, e não precisamos das tochas quando identificamos os olhos alaranjados nos aguardando.

O primeiro que investiu em minha direção recebeu a minha lâmina no tórax — péssima ideia. A arma ficou presa e o monstro vivo. Recebi uma pancada bruta na cabeça e outra na boca do estômago enquanto tentava retirar a minha lâmina. Vendo que eu desmaiaria de tanto apanhar antes de conseguir isso, forcei a arma

para baixo e trespassei a barriga da criatura até o intestino. Forcei mais uma vez e abri um corte até a virilha do desgraçado, que finalmente morreu.

Mais um monstro já estava preparado para me acertar com a clava, mas em vez de atacar, ele stagnou, ficou me olhando atordoado e eu notei que Rosa terminava de cantarolar algo. O abissal começou a recuperar a consciência e eu girei a minha espada contra o seu pescoço, decapitando-o.

Então uma aura vermelha surgiu do primeiro monstro que eu havia matado e ele se levantou, com a barriga se recompondo. Ele ergueu a clava e eu cortei o seu pulso fora em resposta. Ele usou a outra mão para acertar o meu rosto, abrindo uma ferida quente na minha bochecha. Estoquei duas vezes contra o seu tórax e ele voltou a cair.

Olhei ao redor e vi que havia um abissal afastado de nós, erguendo um cajado e trazendo de volta um adversário que Ravenlla derrubara.

— Zhi Wu, o xamã!

Mal eu alertara a kunoichi e estrelas foram arremessadas contra o maldito. Eu quis acabar com ele com as minhas próprias mãos, mas outros dois abissais já me atacavam. Evitei uma clava com o escudo e me esquivei de uma lança. Estoquei contra o rosto de um deles e acertei o ar. Recebi um golpe doloroso, que só não me fez desmaiar graças à minha armadura. Girei minha lâmina e arranquei uma mandíbula. Quando o aleijado se preparou para atacar, dois feixes de luz entraram no seu peito e ele caiu.

O outro fugiu imediatamente, junto de mais meia dúzia.

Olhei para trás e vi Rosa apontando um dedo para a frente.

— Quando aprendeu a atacar?

— Sempre soube, apenas prefiro usar como último recurso.

— Então guarde, aposto que tem mais no final desse túnel.

Zhi Wu passou por nós e recolheu seis estrelas do corpo do xamã. Nunca vi ela gastar tanto com um adversário só.

— Essas coisas voltam? — Draco perguntou para ninguém em específico.

— Como assim, voltam? — Eu não compreendi.

— As nossas feridas se fecham. As deles também? Se eles custam mais a morrer, também se curam com mais facilidade?

Era uma dúvida coerente. A gente não sabia nada sobre aquelas coisas.

— Vamos decapitá-los, por via das dúvidas. — Alberich não esperou que concordássemos para começar a executar o plano. De qualquer forma, eu, Draco e Ravenlla ajudamos.

A cada cabeça que eu arrancava, eu sentia mais medo.

Medo de me acostumar com aquilo.

— Precisamos avançar. — Draco terminava de decapitar o último e não quis perder tempo.

Avançamos pelo túnel e logo um rosnado agudo surgiu das profundezas. Estancamos, imaginando que receberíamos outro ataque, e nada veio. Voltamos a avançar e ouvimos outra ameaça, sem nos intimidarmos.

Então ouvimos um barulho estranho. Barulho de picareta batendo na pedra, acompanhado de um som molhado de carne sendo cortada. Entreolhamo-nos e, antes que falássemos qualquer coisa, outro rosnado veio, mais perto agora.

Erguemos as armas e eles vieram. Mais do que das outras vezes. Dezenas.

— Rosa! Zhi Wu! Derrubem os xamãs! — Depois que Draco comandou, eu percebi que havia mais dois ao fundo.

Eram muitos golpes ao mesmo tempo. Girei o meu escudo em várias direções e tive que afastar o meu rosto e as minhas pernas diversas vezes enquanto três deles me atacavam. Eles eram tão caóticos que se esbarravam, atrapalhando uns aos outros enquanto lutavam — talvez por isso não fossem capazes de nos matar.

Descrevi um arco horizontal com a minha espada e abri o intestino de um deles, fazendo suas tripas escorrerem, apenas incomodando-o. Como se eu já não tivesse problemas suficientes, uma luz veio do fundo do túnel. A luz vermelha de uma bola de fogo que saiu do cajado de um dos xamãs. Ergui o escudo, que ardeu com as chamas, evitando a morte por pouco. Antes que eu pudesse voltar a guarda, uma lança raspou na lateral do meu abdômen.

— Esses desgraçados lançam fogo! — alertei

— Já percebi! — Alberich respondeu.

Estrelas foram arremessadas, sem que eu tivesse tempo para prestar atenção no seu trajeto.

Bloqueei uma clava, me esquivei de outra e evitei um outro golpe de lança aparando-a com a minha lâmina. Aproveitei uma brecha entre os ataques e perfurei a garganta do abissal com os intestinos expostos, eliminando-o. Enquanto eu retirava a minha arma da criatura, uma das outras ergueu sua clava e desceu contra o meu rosto. Dei um passo para trás, deixei o pedaço de madeira acertar o chão e estoquei, perfurando o seu cenho de uma ponta a outra. Tanto sangue escorreu — se é que aquilo era sangue —, que a criatura ficou cega e eu aproveitei para abri-lhe a garganta. O último abissal pensou que eu estava distraído, estocou com a lança e encontrou o meu escudo. Ele tentou novamente, entretanto era de pouca utilidade sozinho. Infelizmente, logo mais dois se juntaram a ele.

Respirei fundo para recuperar o fôlego e embarquei em mais uma onda de bloqueios e esquivas. Quando me preparei para a ofensiva, Ravenlla cravou seu sabre na têmpora de um deles, fazendo seus olhos girarem e seu corpo amolecer.

— Obrigado!

— Agradeça depois!

Outro abissal acertou o meu escudo, abrindo a guarda e recebendo a minha arma axila adentro. Ele berrou de dor e, enquanto agonizava, perdeu metade do rosto e a vida num golpe horizontal. O último tentou correr, mas eu não deixaria nenhum escapar. Descrevi um arco diagonal com a minha lâmina, abrindo as suas costas de uma ponta a outra. Ele deu cinco passos e recebeu uma estrela na nuca, que o fez tropeçar e aparentemente morrer.

Eu estava exausto. Minha cabeça começava a latejar de tanto esforço e meus músculos ardiam. Exceto por Rosa e Zhi Wu, cada um de nós tinha algumas feridas expostas.

— Juntem-se, eu vou aliviar as nossas dores.

Alberich orou por um instante, a cruz brilhou numa aura morna e eu pude sentir um alívio dentro de mim, um breve momento de paz e repouso. Quando ele encerrou a oração, o corte na lateral do meu abdômen havia fechado e minha cabeça já não doía. Eu sentia como se tivesse acabado de sair de um banho quente. Pena que a sensação durou pouco.

— Seu olho continua péssimo — Draco me avisou.

Minha sobrancelha latejava, provavelmente estava roxa.

E os estalos no final do túnel continuavam.

— Acham que é o abissal que o Willard viu? — Rosa ponderou.

— Ele não chegou a ver — Draco corrigiu. — Só fico imaginando se é algo pior do que essas coisas.

Um som de carne sendo fatiada veio do nosso lado. Ravenlla estava decapitando os abissais. O restante do grupo se pôs a ajudar e eu parei a contagem de corpos quando passei de dez.

Sem mais nenhuma palavra, avançamos.

O final do túnel se abria num salão com corpos. Na verdade, pedaços de corpos. Braços, pernas, troncos espalhados sem ordem aparente. Exceto as cabeças. Havia sete e estavam distribuídas em formato circular. No centro de tudo, um abissal de três metros de altura, ombros e braços enormes em relação às pernas, pele escarlate e espinhos pelos braços, cabeça e costas. A abominação fatiava um corpo com o que parecia ser um cutelo gigante com o cabo feito de ossos e o metal parecendo enferrujado, porém firme e afiado. O ser medonho nos olhou. Sua bocarra nem fechava de tão grandes que eram suas presas, seu queixo se unia ao pescoço em camadas de carne flácida, seu focinho era arrebitado como o de um suíno e seus olhos pareciam duas pequenas esferas flamejantes. Ele sorriu e disse:

— *Hum*, carne fresca!

Eu, Draco, Alberich, Barão e Ravenlla investimos contra o abissal, mas ele deu um passo para trás e se ergueu no chão, flutuando.

— Como assim, ele voa?! — Não pude deixar de manifestar minha surpresa.

O abissal girou no ar e foi em direção a Rosa e Zhi Wu. Nós pensávamos que elas ficariam em segurança no final do túnel e agora estavam prestes a morrer. O monstro ergueu o cutelo e acertou o chão, obrigando Zhi Wu a dar uma cambalhota para fugir dele. Foi quando ele girou a arma e acertou Rosa!

Ela gritou enquanto sua roupa se manchava de vermelho e caiu para trás, com o abdômen aberto.

Sem perder tempo, ele voltou a rodopiar no ar, escolhendo sua próxima vítima.

Alberich correu para cuidar de Rosa e Zhi Wu pôs-se a arremessar suas estrelas, que mal arranhavam a carne do abissal.

— Espalhem-se! — eu gritei. — Espalhem-se e ataquem quando ele descer!

Ele me encarou e veio, antes que começássemos a pôr o plano em prática.

Eu pulei pela direita para não ser partido ao meio pelo cutelo e Draco e Ravenlla atacaram, conseguindo abrir pequenos cortes no monstro, antes que ele voltasse a voar. Com cautela, cada um de nós foi se afastando dos outros do nosso grupo, evitando que ele ameaçasse mais de um por vez e obrigando-o a dar as costas para alguns de nós.

A criatura escolheu Ravenlla para a próxima ofensiva. Ela se concentrou no movimento dele e pulou para trás quando ele atacou com o cutelo. Eu e Draco corremos e eu enfiei a minha espada fundo nas costas dele, fazendo-o demonstrar dor pela primeira vez. Ele voltou a subir no ar e eu pude ver que Draco abrira feridas nas pernas da criatura. A coisa ficou olhando para nós dois, indeciso por um momento.

Então ergueu o cutelo, veio e tentou me morder ao mesmo tempo em que girou sua lâmina contra Draco rápido demais. Eu me agachei e deixei a sua mandíbula rasgar o ar, entretanto tudo o que o meu amigo conseguiu fazer foi engasgar-se com sangue e cair de joelhos, segurando o estômago aberto. Eu gritei de fúria e golpeei o monstro repetidas vezes, abrindo cortes pelo seu peitoral, braços e pernas. Ele se afastou, subindo quase no teto dessa vez e pingando sangue, sem se abalar. Não parecia mais cansado desde que a batalha começara. Ravenlla se afastara e eu mantivera a posição, protegendo o corpo do meu amigo atrás de mim. Pude sentir o rosto molhado em lágrimas.

Enquanto protegia Draco, senti minhas mãos doerem de tanto que eu apertava a espada e o escudo. Então meu braço esquerdo pareceu vibrar. Tudo aconteceu rápido demais. Encarando o abissal, eu ergui o escudo à minha frente e

lancei o desafio. Ele não tirou os olhos de mim em momento algum. Sua grotesca boca não parava de sorrir. E eu estava decidido a matá-lo, nem que aquilo custasse a minha vida. Ele ergueu o cutelo, veio em júbilo e uma luz iluminou todo o salão quando sua arma colidiu com meu escudo. Era para o meu braço estar no chão, junto com meu corpo partido em dois. Em vez disso, o abissal estava furioso por seu golpe ter falhado e pelo meu escudo ter revelado algum poder sobrenatural que nem eu entendia. Minha espada dançou nas pernas e no tórax do monstro, provocando sua ira e abrindo verdadeiras lesões por todo o seu corpo. Ele tentou escapar voando, não antes de uma estocada penetrar sua barriga e do martelo luminoso de Alberich acertar suas costas.

A pancada foi tão forte que ele rolou no chão, atordoado. Ravenlla gesticulou e invocou um sabre flutuante, que espetou o desgraçado. Quando ele tentava se levantar, Zhi Wu se arremessou nas costas dele, cravando sua espada curta até o talo. O monstro voltou a sair do chão, não antes de receber uma martelada na cara e perder um dos seus muitos dentes.

Eu não ia deixar ele ameaçar a vida de mais ninguém. Sem deixar que ganhasse altura, investi gritando e pulei, estocando minha lâmina contra o seu abdômen. Eu senti seu hálito podre enquanto perfurei a sua carne e abri a sua barriga, fazendo-o voltar para o chão, já sem aquele sorriso animalesco. O abissal girou o cutelo de baixo para cima, prontamente bloqueado pelo meu escudo e eu voltei com outra estocada, atravessando a sua nuca através do seu focinho.

Seu rosto desfigurado ficou imóvel por um instante, no que parecia ser uma expressão de surpresa. Então ele pairou até o chão e começou a desfazer-se lentamente numa gosma vermelha, borbulhante e fedorenta, escorrendo pelos meus pés e impregnando o chão.

— Draco! — Eu me virei para o meu amigo.

Quando alcancei seu corpo, Alberich já estava com ele no colo, concentrando uma luz miraculosa na sua barriga, diminuindo o sangramento. Sua respiração era um fiapo.

Ravenlla pôs a mão no meu ombro.

— Ele vai ficar bem.

— Não minta! Não diga algo que não tenha certeza!

Quando me dei conta de que estava gritando com uma amiga, eu parei.

Mas as lágrimas continuaram a descer.



Carregamos Draco e Rosa de volta para a aldeia. Todos que nos viram ficaram assustados e o ancião nos conduziu para a estalagem local. O poder abençoado de Alberich manteve os dois vivos, mas não foi o bastante para curá-los por completo. Quando nos acomodamos no quarto, uma curandeira local foi chamada e se ocupou em costurar os ferimentos da dupla. Quando os cuidados foram finalizados, eu contei tudo o que havia acontecido dentro da igreja para o ancião, que manteve o olho fixo no meu escudo. Ele não emanava mais luz, porém o sol e a lua em seu centro pareciam tingidos em azul. Notei que olhando diretamente, ainda havia um brilho.

— Então devemos comemorar — o ancião concluiu.

— Desculpe? — questionei.

— Vocês nos salvaram! São heróis! Vamos dar uma festa pra vocês.

— Senhor, eu tenho dois amigos à beira da morte.

O ancião olhou para a curandeira.

— Eles não correrão riscos se vocês lavarem bem as feridas e trocarem as suturas daqui a uma semana — a moça comentou, ainda concentrada no seu ofício.

— Eles vão sobreviver, só não vão poder fazer esforços por alguns dias.

— Então festejaremos assim que eles acordarem. — O idoso sorria. — Vou deixar os heróis descansarem por enquanto.



— Tire a armadura, nós não vamos a lugar nenhum hoje. — Devo confessar que a voz da Ravenlla era reconfortante.

Já anoitecia e nada dos dois acordarem.

— Eu não consigo relaxar.

— Eu sei. — Ela prontamente desafivelou o meu peitoral.

Depois de retirar as placas de aço, ela disse:

— A cota de malha também.

E eu fiquei só com a calça e a camisa.

A elfa pôs as mãos na minha omoplata e começou a massagear. Eu fiquei surpreso com aquele gesto.

— Você é muito corajoso, Gladius.

Eu não conseguia responder de tão boa que estava a massagem.

— Eu também tive medo — ela continuou. — O tempo todo, eu tive medo. Mas nós ficamos juntos e isso me deu coragem. Ninguém pensou em recuar,

ninguém pensou em abandonar o grupo. Draco e Rosa logo vão acordar, então esteja calmo pra poder dar um abraço bem apertado neles, tá bom?

— Está ótimo.

Ela riu e me soltou.

— Você fala do Draco, mas vocês dois parecem até irmãos.

— É, parecemos mesmo...

Eu a observei mexendo na mochila por um momento.

— Ravenlla, me tira uma dúvida?

— Pois não?

— O abissal do cutelo se desfez em sangue. E quando nós voltamos pra aldeia, os outros também haviam sumido pelo caminho. O que aconteceu com o corpo dos abissais que nós matamos?

Ela suspirou com pesar.

— Deixa eu te explicar...

E depois da explicação, eu vi que tudo poderia piorar sempre.



No dia seguinte fui chamado no quarto do ancião, que ficava no andar de cima da estalagem. Entrei e não me dei ao trabalho de fechar a porta. Um quarto bem organizado, com uma mochila de viagem grande demais para um idoso e dúzias de pergaminhos, tintas, penas e um tomo grande e bem conservado.

— Olá, meu amigo! — Ele me cumprimentou.

— Pensei que morasse aqui.

— Não tivemos tempo para apresentações, não é mesmo? Eu me chamo Abel, sou um humilde erudito.

— Gladius.

— Kyrios?

— Como sabe?

— É importante conhecer as famílias que lideram o mundo, não é mesmo?

— Também é importante esconder informações, pelo visto.

— Oras, por que diz isso?

— Seu quarto parece um escritório e você parece saber mais do que revela.

— Se for esse o caso, fique à vontade para ler ou até copiar todos os meus registros.

— Por que me chamou? É sobre o abissal?

— O açougueiro? Que eu saiba, o assunto foi resolvido.

— Açougueiro?

— Os grandalhões vermelhos que lutam com o cutelo gigante. — Ele pegou um pergaminho para consultar. — Só não sabia que eles voavam. Espero que isso não seja uma característica de toda a espécie.

— Você dá nome pra eles?

— Não sou eu que nomeio. Toda a comunidade erudita estuda e registra o nosso mundo e os outros.

— Outros mundos?

— Oras, sente-se e eu falo mais sobre o nosso Universo. Se quiser, até sobre o Multiverso.

— Prefiro focar num assunto só. Por que me chamou?

— Ah, sim, por causa de seu escudo. Qual é o nome dele?

— Não dou nome pra objetos.

— Mas ele não é um objeto mundano.

— Pensei que fosse apenas de boa qualidade.

— Qual é a história dele?

— Ganhei de presente do meu futuro sogro.

— Posso saber qual família ele lidera?

— Aegus Guardiania.

— Então ele desistiu de ter um filho homem e decidiu arranjar um bom casamento pra sua filha.

— É o que dizem.

— E do que o escudo é feito?

— Eu pensava que era um escudo velho de bronze com camadas de ouro.

— E não estranhou um escudo velho durar tanto tempo?

— Eu andei muito ocupado matando monstros nos últimos meses.

— Boa desculpa. Use-a com valentões de tavernas, não com eruditos. Você tem noção do que carrega, Gladius?

— Você tem?

Abel sorriu.

— Isso é uma pergunta ou um desafio?

— Se eu pedir com educação, você me fala tudo o que sabe?

— Nesse caso, vamos ajudar um ao outro. Quando você puder conversar com seu pai, Gladiolus, e com o velho amigo dele, Aegus, pergunte sobre o escudo. Enquanto isso, eu pesquisarei sobre o mesmo assunto, contudo através de outras fontes. Então quando nos encontrarmos, trocaremos informações. O que me diz?

— Como tem certeza de que iremos nos reencontrar?

— Poucos nesse mundo têm coragem de estudar ou enfrentar abissais, não é mesmo?

— Entendo. Nesse caso, até à próxima — e dei as costas.

Ao sair do quarto, Zhi Wu estava encostada ao lado da porta no corredor, ouvindo tudo. Trocamos olhares e não dissemos nada.



De noite, não fui só eu que abracei Draco e Rosa quando eles acordaram. Ravenlla fez a mesma demonstração de afeto e até Alberich e Zhi Wu disseram que estavam aliviados.

— Sua armadura vai ficar engraçada deixando o seu umbigo de fora. — Fiz a primeira piada.

— É, vou ter que comprar um peitoral novo. — Draco se permitiu rir.

Depois de um momento de alívio entre o grupo, nós seis descemos para a festa.

— Como vocês permitiram que fizessem uma festa? — Draco contestou.

— Eu sei que você não está acostumado, acho que nenhum de nós está, mas não seja chato, só por uma noite, essas pessoas estavam sendo ameaçadas por um maldito abissal. — Eu finalmente conseguia sorrir. — E antes que me esqueça, aqui a nossa aposta — e entreguei-lhe uma moeda de ouro.

Meu amigo sacudiu a cabeça negativamente.

Na praça, os últimos preparativos estavam sendo feitos e o cheiro de carne assada me ajudou a esquecer do cheiro de carniça, abrindo o meu apetite.

— Um brinde aos heróis que vingaram os nossos filhos e irmãos! Os nossos Guerreiros da Luz! — Abel abriu as festividades. — Que o mundo lembre de vocês. Nós com certeza lembraremos!

E os cidadãos de Peredur brindaram. Devia ter umas cinquenta pessoas na praça, todas alegres. Soubemos que muitos não quiseram comemorar, pois ainda estavam de luto. Perdi a conta de quantos agradecimentos ouvi. Eu sempre quis ser um herói e aquela foi a primeira vez que me senti como um. E foi bem diferente do que esperava. Eu não estava feliz por ser louvado e adorado. Eu estava feliz porque aquelas pessoas dormiriam em paz naquela noite. Eu estava feliz porque aquela aldeia se encontrava livre de uma ameaça. Não que eu não gostasse dos louvores e adorações.

Draco ficava sem jeito a cada pessoa que apertava a mão dele. Alberich e Barão se mantinham eretos como soldados, retribuindo cada agradecimento

respeitosamente. Rosa sorria para todos e dava atenção especial para as crianças. Ravenlla também esbanjava carisma, mas ficou mais perto de mim quando os homens começaram a demonstrar outros interesses. Zhi Wu sumiu durante as festividades.

Depois que a sessão de agradecimentos cessou, a música começou e Rosa tirou Draco para dançar. A cartomante se revelava mais graciosa a cada dia, enquanto o meu amigo parecia um troglodita. Os dois bailaram devagar, ainda demonstrando dores, e ela ria e elogiava Draco a cada pisada no pé que levava.

— Vai ficar só olhando? — Ravenlla me provocou.

— Eu jamais seria tão rude — e tirei a sacerdotisa para dançar também.

Rimos e conversamos bastante. Ravenlla era instigante. Ela conseguia se aproximar sem dar brechas, sem passar dos limites. Tinha beleza e simpatia e poderia seduzir o homem que quisesse, entretanto parecia guardar esse privilégio de todos.

— E o que você acha daquele casal ali? — ela apontou Draco e Rosa com os olhos.

Eu não havia me dado conta.

— Sério mesmo?

— Tenho quase certeza! — A elfa tinha o entusiasmo de uma adolescente.

Na música seguinte, Ravenlla puxou a mulher mais bonita por perto para dançar comigo e foi convidar Alberich para se unir a ela. Ele tentou recusar — só tentou.

Naquela noite, o povo nos saudou, a música foi divertida e a comida estava deliciosa.

Naquela noite, todos dormimos bem.



— Onde esteve? — perguntei a Zhi Wu quando entramos no quarto para dormir e a encontramos já deitada em sua cama.

— Fui cremar os enforcados na estrada.

Não foi uma coisa legal de se ouvir depois da festa, mas ela fez bem.

— Obrigado.



Ficamos na aldeia por mais três dias, enquanto Draco e Rosa terminavam de se recuperar e nós ajudávamos a limpar a igreja e a fazer os ritos funerários.

Quando partimos para a estrada, eu precisei puxar um certo assunto:

— Ravenlla, você deveria falar pro grupo aquilo que me explicou no dia da igreja.

Ela pareceu não gostar da ideia.

— Tem certeza?

— Tenho.

Como todos já estavam curiosos, não tinha como voltar atrás.

— É sobre os abissais — ela começou. — Os corpos sumiram depois da batalha.

— Eu não sabia disso. — Draco não havia nem parado para se questionar sobre o assunto.

— Então... lembram da gênio? Quando nós a derrotamos, ela voltou pra dentro da lâmpada, não foi? Isso aconteceu porque a alma dela está presa dentro daquele objeto. Criaturas invocadas não podem morrer fora da sua dimensão natal.

— Quer dizer que nós não matamos os abissais, só mandamos eles de volta para o Abismo. — Alberich não estava abalado.

— Você também sabia? — Ravenlla não esperava tanta naturalidade.

— Já estudei uma coisa ou outra sobre.

— Espera aí. — Draco estava confuso. — Então aquelas coisas ainda estão vivas?

— Elas estão longe e não podem voltar, isso é o que importa. — Rosa tentou amenizar.

— Mas elas *querem* voltar. E com certeza vão se lembrar de quem as mandou de volta pra casa na última visita.

— E tudo o que podemos fazer é estarmos prontos pra mandá-las de volta mais uma vez — declarei.

— Pode não ser tão simples assim, Gladius. — Draco problematizou.

— Eu pensei nisso nos últimos dias, e o que podemos fazer? Descer no Abismo e fazer uma faxina lá em baixo? Não! Nós não podemos fazer nada, além de nos prepararmos. Sempre foi assim e sempre vai ser. E se aquelas coisas voltarem, nós estaremos prontos!

Draco não relutou dessa vez. Apenas balançou a cabeça positivamente.

— Então que estejamos prontos.

Entreato

— Você parece sempre preocupado com tudo. — Ravenlla se aproximou de Draco.

— Bem que eu gostaria de ser como você ou Gladius, que conseguem manter o humor mesmo nos dias mais difíceis.

— É só relaxar.

— Como?

— Acho que o primeiro passo é alimentando um pouco das Virtudes e dos Vícios dentro de nós todos os dias.

— Uma sacerdotisa falando em alimentar Vícios?

— Claro. Todos os mortais são feitos de Virtudes e Vícios, Draco. Tentar negar os Vícios por completo só leva à loucura. Eu vivo pela Liberdade, mas também sinto Luxúria ou Ganância, às vezes. Só não deixo que elas tomem conta de mim. Se negá-las, elas ficam ainda mais tentadoras.

— Faz sentido. Ainda assim, estranho você falar isso.

— O mundo não é preto no branco. Então já sabe qual Vício vai alimentar hoje?

— Posso dar de cabeça contra a parede e alimentar a Destruição?

— Esse é o seu senso de humor?

— É tão ruim assim?

— Tem seu charme.

— Agora é você quem está ironizando.

— Sim, estou. Mas tem quem goste.

— Imagino que alguém com o senso de humor tão ruim quanto o meu.

— Eu diria alguém tão lenta quanto você.

DESOLAÇÃO

ALBERICH

O mundo sofre mais do que qualquer escravo — ainda assim, ele permite que flores nasçam em sua superfície.

Dois dias depois de sair de Peredur, chegamos a Polímnia, uma das cidades de Dellarte, famosa pelos seus estudos de geometria, meditação e agricultura. Muitos arquitetos e botânicos disputavam para estudar em uma das suas universidades, enquanto o Mosteiro da Misericórdia era tanto um ponto para contemplação quanto para o turismo.

Infelizmente, não haveria tempo para passeios. Apenas um repouso numa estalagem para aliviar a jornada, uma refeição quente e mais estrada no dia seguinte, como de costume.

— Precisamos notificar as autoridades locais sobre os últimos acontecimentos.

— Que acontecimentos? — Gladius estranhou.

— Acho que vou começar pela elfa sombria, depois falarei dos robgoblins, da bruxa, talvez dos abissais... também teve aqueles mortos-vivos. Enfim, as autoridades precisam saber.

— Por quê? Ninguém vai fazer nada a respeito disso.

— Eu preciso notificar mesmo assim. Tudo isso aconteceu dentro do território da Liga Prateada.

— Tá bom, faz o que você quiser.

— Será que o Mosteiro está aberto hoje? — Rosa mudou de assunto. — Nunca estive em Polímnia, não posso ir embora sem conhecê-lo.

— Eu não vou a lugar nenhum antes de almoçar — Gladius protestou.

— Eu não vou a lugar nenhum antes de um banho — Draco reforçou.

— E eu não vou a lugar nenhum antes de tirar essas botas, meus pés estão cheios de calos — Ravenlla lamentou.

— Eu vou sozinha, então. — Rosa fez bico.

— Sério mesmo? — Draco estava incrédulo. — A gente nunca dorme numa cama de verdade e você quer andar ainda mais quando tem a oportunidade?

— Ué, ainda não se acostumaram? Eu só preciso tirar as botas na hora de dormir.

— Por isso tem esse pé de soldado. — Ravenlla riu.

— Cuidado, imagina se esse pé vai na sua cara! — Gladius se juntou à piada.

— Vai deixar eles falarem assim de mim? — Rosa abraçou Draco.

— Fica assim não, eu te levo no Mosteiro. — Ele finalmente se ofereceu.

— O Draco vai se divertir? É agora que eu não vou me trancafiar numa estalagem mesmo! — Gladius cutucou o seu amigo.

Nesse momento, Ravenlla sussurrou algo no ouvido de Gladius. Não sei quando foi que o grupo começou a ter assuntos privados. Provavelmente não era da minha conta de qualquer maneira.

— Divirtam-se, então — declarei. — Estão vendo aquela estalagem, o Escudo Púrpura? Vou pegar um quarto para a gente ali.

— Ei, eu só vou dar um passeio e volto já, me esperem pro almoço — Gladius disse enquanto o quarteto se afastava rindo.

Só com Barão e Zhi Wu ao meu lado, eu finalmente teria um momento de silêncio.



— Templo amaldiçoado? — O capitão, um homem de meia idade calvo e narigudo, ficou realmente espantado.

— Isso mesmo, senhor. Em Peredur. Eu e meus aliados já resolvemos o problema, mas achamos que seria importante notificar a milícia. Teve também um vilarejo atacado por mortos-vivos nas proximidades, não sei se há sobreviventes.

— Vocês dois e mais quatro aventureiros eliminaram abissais, bruxas, mortos-vivos e robgoblins sozinhos?

— Sim.

O capitão parecia incrédulo.

— Vocês também fizeram esse relatório em Gálata?

— A milícia em Gálata era composta por mercenários, nem nos demos ao trabalho.

— Ah, conhecendo os mercenários de Turnnin, era bem possível que tentassem saquear o que restou desses vilarejos. Olha, não posso oferecer uma recompensa pra vocês, vou mandar uma patrulha averiguar a história ainda.

— Não vim em busca de recompensa. Vim notificar as autoridades.

— Nós iremos verificar tudo que estiver dentro do território de Dellarte. O que não for, é problema de Turninn.

— Certo. Boa tarde.



No quarto, comecei a aliviar o peso da viagem enquanto decidia se tomaria um banho ou tiraria um cochilo antes do almoço. Depois de ir para trás de um biombo trocar as roupas de viagem por uma calça e uma blusa de algodão, comecei a organizar a minha armadura, meus equipamentos e a minha mochila de viagem para não deixar o meu espaço no quarto todo bagunçado como o Draco e o Gladius faziam. O Draco nem era tão bagunçado assim, só relapso. O Gladius sim, era um caos.

Zhi Wu, por outro lado, era quase imperceptível. Além de silenciosa, ocupava o mínimo de espaço possível. É lógico que é mais fácil ocupar pouco espaço quando você não carrega armadura, escudo e uma arma maior que a própria perna, ainda assim conseguia ser tão discreta que incomodava.

Ela estava alongando as costas e os braços, como se estivesse sozinha no recinto.

— Você ainda não sumiu hoje. — Eu decidi provocar algum som.

Ela pareceu me ignorar por quase um minuto antes de responder:

— Ainda.

— Então... — Eu senti uma ponta de arrependimento por ter começado a falar e não queria parecer estúpido. — Zhi Wu... você não parece confiar inteiramente no grupo. — Como eu já havia falado do sumiço, a primeira coisa que me veio à mente foi a confiança. — Não me leve a mal, eu também acho que confiança e dúvida sempre andam juntas, mesmo sendo antíteses.

— Eu quase morri na Casa de Doces. Vocês me salvaram.

— Você salvou a gente primeiro.

— E você ainda tem dúvidas?

— É difícil ter certezas quando você fala tão pouco de si mesma. Quando você fala tão pouco de modo geral, na verdade.

— Qual é a diferença entre falar muito e continuar escondendo os seus segredos, ou simplesmente não falar nada?

— Eu acho que esses segredos atrapalham o grupo.

— A gente teve essa conversa no dia em que descobrimos a Mácula do Draco. E aquele que puxou o assunto continua com seus segredos.

— Se está falando do Gladius, ele não tem segredos, tem medos.

— Medos? Ele é a linha de frente, ao seu lado e ao lado do Draco.

— E ao lado do Barão, não se esqueça. Enfim, não é esse o problema dele.

Sabe, eu não gostava de nobres antes de descobrir que Gladius é um. Antes dele, eu só havia conhecido um nobre que prestava, o resto não passava de pessoas mesquinhas preocupadas apenas com o próprio umbigo. Quando a gente descobriu sobre a família do Gladius... eu fiquei confuso. Nunca diria que ele era um nobre até aquele momento. E depois ficou tudo claro. Ele não quer ser um nobre, odeia a politicagem da nobreza tanto quanto eu odeio a burocracia da minha Ordem. Sem falar que ele quer todos nós no casamento, porque assim tem certeza que vai ter alguém que o aceita pela pessoa que realmente é. Só isso.

— E o Draco? Do que ele tem medo?

— Eu acho que dele mesmo.

Zhi Wu ficou em silêncio esperando mais argumentos.

— É difícil entender uma pessoa sem origem – prossegui. – Sem raízes. Os dois querem vingar o mestre e querem ajudar todos que conseguirem pelo caminho. Eu só não sei o que vai acontecer quando não conseguirem ajudar a eles mesmos.

— Nós estaremos lá pra ajudá-los.

— Você continua desviando do assunto.

— Então seja mais direto.

— Quero saber quando nós vamos poder ajudar você.

— Do que você está falando?

— Por favor, não se faça de sonsa. Você quer tirar essa máscara, que eu sei.

Ao tocar no assunto, a kunoichi deu as costas e fingiu olhar algo pela janela.

— Gladius não consegue encarar o próprio casamento sem a gente. Draco pode surtar a qualquer momento e somos nós que vamos ter que salvá-lo quando esse dia chegar. E você sabe que não vai conseguir tirar essa máscara sem ajuda.

— Não posso depositar essa responsabilidade em vocês.

— Não é depositar a responsabilidade, é confiar.

— Não é algo que eu possa simplesmente dividir com o grupo.

— Zhi Wu... eu não preciso saber de nada. Mas você pode me prometer que, quando chegar a hora, eu vou poder ajudar. Você pode contar comigo.

Ela estava agitada de uma forma que eu nunca havia presenciado. Até que se deu conta do seu estado, parou e voltou ao silêncio.

— Posso. — Ela finalmente respondeu e se sentou na cama.

— Obrigado.

— A minha cabeça dói.

— Não precisa ficar assim.
— Não tem nada a ver com isso.
— Não precisa desconversar desse jeito também.
— Está doendo muito.
— Descanse. Vou pedir que preparem o seu banho.

Barulhos vindos do corredor. Passos apressados.

Draco, Gladius, Rosa e Ravenlla entraram. Pareciam alarmados.

— Deita aqui! — Draco ajudava Rosa a andar.

— O que houve? — Fiquei preocupado.

— Ela está passando mal — o guerreiro respondeu.

— Abram espaço, ela precisa respirar — a elfa solicitou.

— Não é nada, gente, só estou indisposta. — A cartomante tentou nos acalmar.

— Zhi Wu também não está se sentindo bem — eu anunciei.

Foi quando passamos de inquietação para o gelo. Cada um olhando para cada membro do grupo procurando alguma resposta que não estava ali.

— Tem algo de errado com essa cidade — Zhi Wu determinou.



Passamos o dia no quarto.

Tudo estava estranhamente calmo. Aos poucos, Zhi Wu e Rosa melhoraram, mas ambas afirmaram que não foi coincidência, só não compreendiam o que havia acontecido exatamente.

— Era como se... minha mente tentasse pensar sozinha — Rosa explicou.
— Foi estranho, involuntário. Eu fiquei confusa e quanto mais tentei me controlar, mais a minha cabeça deu voltas.

— Seria algum tipo de magia? Alguém tentando ler sua mente? — Gladius sugeriu.

— Se tentassem ler minha mente, minha reação seria bloquear e não confundir meus pensamentos. Era como se a minha mente estivesse agindo por conta própria. Ou como se alguém tentasse manipulá-la, mas como entraria sem magia?

— E você, Zhi Wu? — O nobre se virou para a kunoichi.

— Só dor.

— Alguma sensação estranha?

— Foi como uma onda. Veio, machucou e foi.

— Eu tenho uma teoria — Draco se manifestou. — Se alguma coisa realmente aconteceu, começou onde estávamos e depois se alastrou até chegar em Zhi Wu.

— E por que só as duas? — Gladius questionou.

— É uma teoria ainda.

— Se começou em algum lugar, foi perto de onde vocês estavam — sugeri.

— Era uma rua qualquer. Podemos voltar lá e investigar.

— Ou podemos ir embora dessa cidade agora mesmo. — Gladius deu outra ideia.

— E fingir que nada aconteceu? Não mesmo — Draco insistiu.

— E nos arriscar de novo? — Os amigos começaram a argumentar.

— É pra isso que nós treinamos a vida toda.

— Não, nós treinamos pra ser gladiadores, assumir riscos estúpidos é por sua conta.

— Ótimo, fica aqui no quarto, então. Mais alguém vem comigo?

Gladius deixou os ombros caírem e coçou os olhos. Todos sabíamos que ele não ficaria no quarto.

— Trouxe a janta — Ravenlla anunciou enquanto entrava no quarto com uma bandeja cheia de pratos fumegantes, uma jarra de vinho e copos.

— As cartas podem ajudar a saber o que está acontecendo e para onde devemos ir. — Virei-me para a cartomante.

— Não é simples assim — Rosa lamentou. — Eu consigo detectar pensamentos, localizar objetos, até ver ou ouvir a curta distância... talvez uma resposta vaga pra uma pergunta bem precisa. Mas não dá pra simplesmente descobrir o que tem de errado na cidade.

— E a gente não vai conseguir nada de barriga vazia. — Ravenlla distribuiu os pratos.

Por um momento paramos de discutir e nos preparamos para jantar, até que...

“Cuidado.”

Pensei que tivesse sido um de nós, mas o olhar de susto nos meus aliados denunciou que o aviso veio de outra fonte.

— Telepatia. — Os olhos de Rosa brilharam com a dedução.

— É o telepata que precisa tomar cuidado com o meu martelo! — Eu estava me controlando para não ficar paranoico.

Rosa olhou para o seu prato, sacou uma carta da manga e murmurou uma cantiga. A comida reluziu em verde por um momento e ela declarou:

— Veneno.

— Eu vou pegar o cozinheiro pelo pescoço agora mesmo! — Gladius afastou o prato e se levantou.

— Espera. — Zhi Wu interveio enquanto Rosa verificava os outros pratos.

— Esperar o quê?

— Se atacarmos não vamos descobrir nada.

— E o que você sugere?

— Responder à armadilha com outra armadilha. — Ravenlla sorriu.

Os olhares se voltaram para a sacerdotisa.

— Iam nos envenenar e depois? Nem sabemos o que esse veneno faz. Considerando a pior hipótese, se todos nós morrêssemos, não iriam deixar nossos corpos apodrecendo, não é? Alguém viria buscar. A gente fica em silêncio esperando alguém aparecer e aí conseguiremos nossas respostas.

— Rosa, você disse que consegue ver ou ouvir à distância, né? — Draco estava pensativo.

— Sim.

— Por quanto tempo?

— Vários minutos, talvez uma hora.

— Zhi Wu, você consegue vigiar a estalagem e saber quando todos forem dormir?

— Sim.

— Então vamos nos preparar. Seja lá o que tentar entrar nesse quarto, vai ter uma bela surpresa.



— Acabou a duração da magia — Rosa avisou num sussurro.

— Pode usar de novo? — Draco perguntou.

— Posso — e seus olhos voltaram a brilhar.

Era madrugada. Zhi Wu inspecionou a estalagem e avisou quando todos foram dormir. Tudo estava aparentemente normal.

E permaneceu assim, quieto, até quase mais uma hora.

— Duas pessoas no corredor. O recepcionista e o cozinheiro.

Segundos depois, ouvimos o barulho da fechadura destrancando. A porta nem fez ruído ao ser aberta. O quarto realmente parecia morto.

Até eu sair de trás do biombo e acertar o meu escudo nas costas do cozinheiro.

Draco e Gladius pularam de trás do armário e apontaram as espadas para os dois, enquanto Zhi Wu saiu de trás da cortina e Rosa e Ravenlla saltaram das camas.

— Rendam-se! — Draco comandou.

Em resposta, o recepcionista ergueu um símbolo de um homem com os braços e pernas sendo estendidos por cordas numa tortura agonizante. Eles eram clérigos de Rhazmodon, a Lady do Sadismo. Enquanto cuspiam palavras profanas, as espadas dos meus aliados voltaram contra mim e me atacaram.

Bloqueei uma espada com o escudo e aparei a outra com o martelo. Seria impossível atacar nossos inimigos com Gladius e Draco enfeitiçados.

O cozinheiro cantarolou um feitiço e incontáveis vermes surgiram do chão, da janela e dos cômodos, rastejando e voando em torno de Zhi Wu, Rosa e Ravenlla, cobrindo-as como uma nuvem pestilenta.

Entre os gritos de susto e dor, Ravenlla brandiu seu Símbolo da Liberdade e uma luz azulada espantou os vermes, que fugiram do quarto, enquanto Rosa gesticulou na direção de Draco e Gladius, fazendo-os hesitar, mas sem conseguir dissipar o encanto, e meus aliados logo voltaram a me atacar, ainda sob o efeito do feitiço.

Antes que o cozinheiro se reerguesse, Zhi Wu cravou sua espada curta nas costas dele, arrancando um urro do desgraçado. Infelizmente, ele teve forças para invocar outra profanação, fazendo todo o quarto gelar a ponto dos nossos ossos doerem. Aparentemente, Rosa, Draco e Gladius foram os mais afetados, chegando a parecer nauseados.

Tentei aproveitar para desarmar Gladius, mas ele esquivou e contra-atacou, tentando ferir minhas pernas e Draco golpeou junto, mirando meu braço direito. Apesar do encanto, nenhum deles estava tentando me matar, apenas me ferir.

— Chega de palhaçada! — o recepcionista declarou e ergueu a mão na direção de Zhi Wu, invocando outra magia sombria. A kunoich gritou ao ouvir as palavras macabras do clérigo do sadismo, seus olhos lacrimejaram sangue e seu corpo amoleceu. Num último esforço, ela usou o seu peso em cima da sua espada e terminou de perfurar as costas do cozinheiro, que gemeu e desfaleceu.

— Não! — Ravenlla berrou e girou seu sabre na horizontal, errando o pescoço do recepcionista por pouco.

— Precisamos dele vivo! — Tentei interceder, mas Draco e Gladius estavam empenhados em bloquear o meu caminho.

Esquivei-me de uma espadada, bloqueei outra, aparei mais uma e recebi a ponta da Labareda a centímetros da minha garganta. Os olhos de Draco estavam determinados, dispensando a necessidade de qualquer ameaça. Um passo e morte.

Até que Gladius acertou um soco na cara do amigo. Os dois se entreolharam atônitos, como quem acorda de um pesadelo compartilhado. Sem pensar duas vezes, Draco agarrou o clérigo profano num estrangulamento tão forte que tirou o infeliz do chão.

Eu pulei em cima de Zhi Wu e comecei a rezar. Reuni toda a energia virtuosa que minha fé me permitia, encostei a mão direita em seu tórax e implorei para, seja lá o que havia ferido minha aliada, fosse revertido.

Nada.

Concentrei-me mais uma vez, implorei pelas Virtudes, foquei na vida da kunoichi, esqueci qualquer ameaça e qualquer inimigo. Só o que importava era trazê-la de volta. Energizei a palma da minha mão, descarreguei minha Virtude em seu tórax... e ela respirou!

Arfou com força e olhou nos meus olhos, confusa e aliviada ao mesmo tempo.

— Se tentar alguma gracinha, quebro o seu pescoço aqui mesmo! — Ouvi Draco declarar.

O homem gaguejou. Quando meu aliado aliviou o estrangulamento, o desgraçado conseguiu falar:

— Aperta mais forte, que está gostoso.

Gladius não se conteve e acertou um soco no rosto do recepcionista.

— Eu vou fazer melhor do que isso — Ravenlla foi até o clérigo e exibiu seu símbolo sagrado —, vou benzer a sua estalagem. Eu vou pegar todo o dinheiro que estiver no caixa e mandar erguer uma estátua de um celestial bem grande na entrada. Vou transformar essa espelunca num templo.

— Não, não, não! Tudo menos isso! — Nunca vi ninguém tão desesperado.

— Então você vai ter que responder algumas perguntas. — A elfa degustou a vitória contra o clérigo rival.

— Alberich... — Zhi Wu sussurrou. — Obrigada... de novo...



Assim que o recepcionista estava devidamente amarrado numa cadeira e Zhi Wu recuperada da sua breve viagem ao mundo dos mortos, a kunoichi sacou sua espada e a pressionou tão forte no pescoço do nosso refém que um filete de sangue escorreu imediatamente.

— Eu não vou poder responder desse jeito.

— Só estou garantindo que você não conjure nenhuma magia.

Ele olhou para cada um de nós procurando intervenção. Ninguém podia — e nem queria — censurá-la depois da última batalha.

— Direto ao ponto: por que tentou nos matar? — Draco começou.

— Eu não sou um assassino.

— Não me convenceu. — Gladius sentou numa cama, relaxado.

— Era só um sonífero.

— Você gosta de torturar os outros. — Chutei o Símbolo do Sadismo no chão, deixando os dois brasões lado a lado na frente do clérigo. — Faz sentido você não querer nos matar. Ao menos não de forma rápida — e pressionei um dos artefatos até senti-lo rachar.

O desgraçado fechou os olhos, mas contraiu as pálpebras a cada estalo. Quando meu pé finalmente afundou no chão e o símbolo se espatifou, ele riu.

— Vocês não são melhores do que eu.

— A gente já teve essa discussão várias vezes e eu vou te falar uma coisa: cansei dela! — Draco ficou na frente do recepcionista. — Se você não começar a falar agora, vou pedir pra minha amiga começar a benzer essa estalagem de uma vez.

— Eles não permitiriam isso. — O patife estava com medo. Só não sei se era da gente ou “deles”.

— Eles quem?

— Meus irmãos, o Clero de Rhazmodon.

— Vocês estão torturando alguém nesse momento, não estão? — Rosa interrompeu.

— Sempre! — Um sorriso se esboçou. — Ninguém sente falta de vocês, viajantes.

— Vocês têm um esconderijo, né? Onde? — Draco deu um passo à frente, quase encostando no refém.

— Se eu falar, vocês me soltam?

— Sim.

— É uma porta discreta na Viela dos Eruditos, a única da rua.

— Tem alguma proteção mágica? — Zhi Wu interrogou.

— Óbvio que sim!

— E o que você sabe do prisioneiro?

— Ah, ela era forte. Era. Até passar um fim de semana com a gente. Essa deu trabalho. Ficava entrando nas nossas mentes, cadela arredia. Posso ir agora?

Draco fez um gesto positivo com a cabeça para Zhi Wu, que se afastou da cadeira. Quando o guerreiro foi desamarrar o clérigo, o sabre da Ravenlla perfurou a nuca do miserável.

O espanto geral era nítido.

— Ele mantém uma pessoa em cativeiro e sob tortura, o que vocês queriam que eu fizesse? — A elfa estava tão indignada que parecia vítima do próprio ato.

Respirei fundo.

— Ele faria mais vítimas, se ficasse vivo — falei em voz alta para tentar convencer a mim mesmo. Até era verdade, o que não torna a execução de um homem indefeso mais fácil. Por mais que esse homem seja um Clérigo do Sadismo.

— Vamos! — Draco foi o primeiro a aceitar aquele assassinato. — Temos que libertar essa tal aventureira.



— Não olhem agora, mas estamos sendo seguidos — avisei.

Andamos pelas ruas desertas de Polímnia na madrugada e aparentemente ninguém perambulava naquela cidade, nem os bêbados.

— Não é a milícia fazendo ronda? — Draco levantou a hipótese.

Certamente era a cidade mais urbanizada que já havíamos visitado. Casas de dois andares eram comuns, as ruas eram pavimentadas e organizadas e a arquitetura valorizava a harmonia e a beleza.

— Duvido muito. Se entrarmos nesse beco, seremos encurralados.

Eu me concentraria em guardar cada esquina na memória, se não estivesse mais preocupado em resgatar uma desconhecida e em evitar ser cercado por sacerdotes profanos naquele momento. Resgatar uma desconhecida... isso me lembrava uma certa elfa sombria.

— Vamos deixá-los achar que estamos desavisados, então — Draco concluiu.

Acendemos as tochas e entramos na viela.

Dava para duas pessoas andarem lado a lado com folga ou três passarem apertadas. De qualquer forma, eu e Barão fomos na frente e Gladius e Draco foram atrás, garantindo maior proteção. Não fomos atacados de imediato, demorou cerca de uma dúzia de passos, até que quatro homens surgissem de cada lado da viela.

Ergui o escudo, mas não deu nem tempo deles fazerem nada. Rosa sussurrou algo parecido com uma canção de ninar e todos os adversários à frente caíram atordoados. Sem pensar duas vezes, eu e o meu velho amigo avançamos e estouramos os crânios dos nossos inimigos, eu com meu martelo e ele com seus chifres. Olhei para a retaguarda e vi Zhi Wu com os dois braços estendidos, Ravenlla terminando uma conjuração, dois homens caindo de joelhos e um

pendurado por um sabre flutuante. Um último travou por um momento enquanto compreendia que seus aliados já estavam mortos antes mesmo de entrarem na viela. Foi tempo o suficiente para o sabre dançar e cortar o seu flanco enquanto outra estrela foi arremessada e terminou o serviço.

Enquanto Zhi Wu foi recolher suas armas, pude ver a reprovação nítida no rosto de Rosa. Eu não sinto pena desse tipo de gente, tanto quanto eles não teriam pena de nós, além de que não tínhamos tempo para discutir a necessidade de matar ou não.

— Esse lugar deve estar infestado de armadilhas e feitiços. — Ravenlla constatou, parada diante da porta.

— Vamos redobrar a precaução. — Draco não se abalou.

— Tem uma pessoa sendo torturada aí dentro. — Precisei lembrar o grande detalhe.

— Então não vamos perder tempo. — Rosa tirou uma carta da manga e seus olhos pulsaram numa sutil luz púrpura.

Quando Draco levou a mão à maçaneta, Zhi Wu apressou o passo e interrompeu o guerreiro.

— Ravenlla acabou de falar que pode ter armadilhas. — Enquanto se ajoelhava e puxava dois longos alfinetes de metal da algibeira, continuou — E tem mesmo.

Ouvimos um clique mais alto do que uma simples fechadura provocaria e a porta se abriu.

Pude ouvir uma melodia ao fundo, provavelmente de um andar inferior, enquanto a carta de Rosa flutuou para dentro do cômodo e brilhou em verde escuro.

— Essa casa inteira está protegida, nada que vai nos agredir ativamente, mas que vai nos repelir. Vou dissipar.

— Isso não iria alertá-los? — Gladius questionou.

— Podemos dissipar e avançar até a fonte dessa música — Draco sugeriu.

— Deve ter mais armadilhas lá dentro — Zhi Wu advertiu.

— Rosa, se formos atacados, a primeira coisa que você vai fazer é dissipar esse efeito, de acordo?

— Será um prazer. — A cartomante pôs a mão no baralho.

— Vamos! — Draco determinou e nós entramos.

A magia protetora era nítida, era como respirar um incenso fedorento. Eu sentia que não era bem-vindo ali, sentia que era melhor não prosseguir. Mas não me deixei abalar. Se era para causar medo ou repugnância, não surtiu efeito em mim.

O primeiro cômodo parecia um mero depósito, como um porão. O estranho era que ninguém construiria um lugar daqueles sem estar conectado a uma casa.

— Tem uma porta escondida atrás desse armário — Zhi Wu avisou.

— E o que estamos esperando pra tirar isso daí? — Gladius se prontificou.

— Estou desarmando mais uma armadilha. Pronto, pode empurrar.

Ajudei Gladius e Draco a arrastar o armário, finalmente revelando a porta oculta.

Mais uma vez a kunoichi se ajoelhou e analisou a maçaneta e a fechadura. Ouvimos um estalo de fechadura destrancando e a nossa aliada recolheu a mão de imediato.

— O que houve? — Rosa ficou assustada.

— Nada.

— Tem sangue no seu dedo!

— Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — Draco começou a se preocupar também.

— Se fosse letal, eu já estaria morta.

— Servos de Rhazmodon nunca matam rápido — Ravenlla explicou. — Na verdade, faria muito sentido enfraquecer aqui pra capturar lá em baixo.

— Vamos acabar logo com isso. — Draco pareceu impaciente.

Atrás da porta havia um corredor longo. Zhi Wu foi na frente e deu cada passo como se pudesse levar o dia inteiro para atravessar cada metro. Eu tentava identificar se a melodia ficava mais alta, mas era difícil perceber qualquer diferença.

— Cuidado — Zhi Wu anunciou quando chegamos no final do corredor. — Tem uma linha aqui na passagem, que vai abrir um alçapão sob os meus pés. Quem pisar, vai pro andar de baixo.

Então cuidadosamente ela passou pela linha e olhou ao redor. Havia uma bifurcação.

— O som parece mais alto pra direita.

Aos poucos passamos pela armadilha, até que Ravenlla concordou com a opinião de Zhi Wu e nós entramos no corredor da direita. Sempre cautelosos, encontramos uma escada em espiral nos fundos e descemos ao som de violinos.

— Cuidado! — Dessa vez foi a elfa quem alertou. Fiquei agoniado de não saber o que estava acontecendo por causa da maldita espiral. — Zhi Wu quase caiu num poço. Não sei o que é, mas eu vou ajudá-los a passar.

Um a um saímos da escada, que terminava na armadilha mais desleal que eu já havia visto. Era uma poça, não dava para saber a profundidade e nem para saber de quê. Talvez veneno ou ácido. Não foi difícil pular por cima, mas seria difícil ver a poça antes que fosse tarde demais, por causa da escada em espiral. Eu

não sabia se a mente que havia criado aquilo merecia admiração pela inteligência ou ódio pela baixeza.

Depois da armadilha, um corredor curto, uma porta e melodia. Havíamos chegado à sala de tortura.

— Rosa, acho que você já pode cancelar seja lá que praga está protegendo essa porcaria.

Uma carta flutuou e o ar pareceu ficar mais leve por um breve momento, enquanto Zhi Wu desarmava a armadilha e Ravenlla invocava o seu sabre flutuante. Então Draco chutou a porta e o grupo invadiu a festa num assalto surpresa.

Apesar das dezenas de pessoas que largaram as taças e começaram a correr em desespero, foi fácil escolher quem atacar: aqueles que sacaram as armas. Um homem vestindo uma batina começou a puxar um flagrum, sendo interrompido pelo meu martelo que o acertou na têmpora e arremessou-o contra o chão. Três sacerdotes que estavam deitados em almofadas tentaram levantar-se, porém uma magia de Rosa fez com que eles se acomodassem novamente e voltassem a bebericar suas taças, até que as estrelas de Zhi Wu garantiram que nenhum deles conseguisse combater.

O salão pareceria uma festa comum, não fosse pela cena grotesca no centro. Havia uma mulher de pele parda com as mãos amarradas atrás das costas e pendurada pelos punhos no candelabro, de forma que seus braços se contorciam num ângulo doloroso para trás das suas costas.

— Alberich! — Ravenlla gritou enquanto seu sabre flutuante disparou em direção à corda.

Corri junto e segurei a coitada antes que ela tombasse de cara no chão, mal tendo tempo de girar e oferecer as minhas costas para o flagrum, o chicote de espinhos, de um dos sacerdotes, que estalou inútil na minha armadura. Depositei a mulher agonizante no chão, ergui o meu escudo para o desgraçado e vi Barão perfurando seu abdômen de uma ponta a outra.

Outros quatro procuravam um ângulo para atacar com chicotes e sabres. Um conseguiu enlaçar o meu punho direito, enquanto outro aproveitou e estocou com a lâmina. Sem tempo a perder, girei meu escudo e quebrei o pescoço do cultista, não antes dele conseguir abrir um corte superficial na minha costela, por entre as placas da minha armadura. O terceiro tentou enredar o meu escudo sem sucesso e o último conjurou alguma praga em mim, que me obrigou a concentrar-me para evitar que qualquer profanação infectasse a minha mente.

Entre golpes físicos e mentais, puxei o meu braço direito com toda a minha força, fazendo o sacerdote tropeçar e cair no chão. Sem perder tempo, desci o meu escudo contra as suas costas duas vezes, até ele parar de se contorcer. Ainda com o

chicote agarrado, bloqueei uma espadada de outro sacerdote, que abriu a guarda para Barão, recebeu uma chifrada que fez seus ossos estalarem e foi pisoteado até seu corpo ficar inerte.

O último adversário era um homem pálido de trajes de gala vermelho escarlate. Sua arma era um sabre serrilhado, dificilmente mataria na primeira perfuração, mas provocaria uma dor que se estenderia por dias ou semanas.

Ergui meu escudo contra o líder, mas senti um chicote traiçoeiro enroscar-se no meu pescoço por trás, interrompendo a minha respiração. Senti um puxão e recuei um passo para não ser arremessado no solo. Aproveitando que eu estava cercado, o outro sacerdote conjurou sua magia fétida mais uma vez, conseguindo contaminar a minha mente e me causando náuseas atordoantes.

Eu tentei me proteger inutilmente quando o líder invocou uma barreira de lâminas flutuantes, do tamanho de adagas, ao seu redor, que nasceram aos meus pés e subiram até quase o teto. Senti cortes pelas pernas e braços e não consegui fazer nada além de agonizar em dor.

Ao longe, vi Draco e Gladius tentando vir em meu auxílio, mas incontáveis sacerdotes se empenhavam em me isolar com o líder deles. Não sei se era por causa do efeito da magia ou pelo chicote no meu pescoço, mas foi naquela hora que senti a urgência de fazer algo estúpido para me livrar daqueles dois malditos. Juntei todas as minhas forças e pulei para dentro da barreira, causando novos cortes pelo meu corpo, mas também arrebatando o chicote.

Ainda atordoado, consegui bloquear um único ataque, mas recebi um corte na coxa e outro no braço. Meus sentidos estavam voltando lentos demais e eu teria que contar mais com a fé do que comigo mesmo dali em diante.

Olhei o Sacerdote do Sadismo nos olhos e vi um reflexo de arrependimento enquanto canalizava a minha ânsia por justiça no meu martelo, que respondeu emitindo uma luz avermelhada e vibrou em minha mão. O grito de dor do homem pálido ecoou quando o meu martelo fez seu ombro esquerdo estalar por dentro, inutilizando aquele braço.

Em resposta, ele fingiu que iria estocar contra o meu tórax, fintou e perfurou meu abdômen. Teria sido morte certa, se minha armadura não tivesse impedido o pior, mas foi o suficiente para o sabre serrilhado prender dentro de mim, causando um sorriso largo no líder dos cultistas.

Mais três sacerdotes adentraram a barreira de lâminas, ignorando as feridas provocadas pelas adagas, enquanto o líder arrancou o sabre fora e quase levou alguns órgãos junto. Minhas pernas fraquejaram e eu fui de joelhos ao chão, ao lado da jovem que viera resgatar. Ela balbuciava, coitada. Delirando.

Ou não era delírio?

Um cultista me imobilizou por trás, facilitando a execução iminente. O líder ergueu o sabre serrilhado e fez questão de esperar que eu olhasse nos olhos para ver seu sorriso fétido. Seu outro laçaio se aproximou para ver de perto a minha morte, porém, em algum surto que eu não compreendi de imediato, ele pulou em cima do líder e agarrou seus braços.

Enquanto os dois subordinados decidiam entre me imobilizar ou ajudar o líder, eu usei toda a minha força para acertar o nariz do cultista que me segurava e erguer as minhas pernas, forçando-o contra a barreira de lâminas.

Ao mesmo tempo, o sacerdote que agarrava seu líder foi morto pelo outro laçaio. Os dois levantaram suas armas contra mim, apenas para o último subordinado piscar os olhos algumas vezes e atacar o seu líder.

Entendendo o que estava acontecendo, o homem pálido avançou contra a mulher no chão, apenas para encontrar o meu escudo contra a sua estocada. Enfurecido, ele esbravejou palavras profanas contra o seu servo, que se contorceu, sangrou pelos olhos e desfaleceu.

Meu martelo já pulsava em energia virtuosa e eu confesso que tive uma satisfação aguda em fazer o miserável cair de joelhos com um impacto estrondoso. O desgraçado não se deu por vencido e descreveu um arco horizontal, que eu esquivei recuando, então estocou tentando se levantar, mas encontrou o meu escudo, e por fim girou o sabre na vertical, de cima para baixo, sendo interrompido pelo meu martelo no seu tórax.

Uma melodia macabra foi expelida pela sua boca enquanto ele invocava alguma magia profana, que nunca foi terminada, pois Barão surgiu pela barreira de lâminas e atravessou as costas do desgraçado com seus chifres.

Meu amigo ergueu o líder cultista do chão e sacudiu seu corpo moribundo, enquanto urrava em júbilo. Devo confessar: foi uma cena linda.



Draco e Gladius passaram a madrugada no quartel da milícia explicando que havíamos desmantelado um culto à Rhazmodon que atuava em segredo dentro da cidade, enquanto eu, Rosa, Zhi Wu e Ravenlla cuidamos da refém na estalagem — agora sem dono.

— Eu devia estar com a milícia agora — reclamei.

— Você é o único com poder de cura, Alberich, ela estava sofrendo há semanas. — Rosa pôs a mão no meu ombro.

— Já fiz tudo que podia por ela.

— E se ela tiver algum tipo de colapso? Ou se algum cultista vingativo aparecer? Precisamos de você aqui.

Respirei fundo para conter a ansiedade. Sentia-me faltando com meus deveres. Eu confiava naqueles dois, a questão não era eles e sim os meus votos.

— A gente pode simplesmente ir embora e deixar que ela acorde aqui sozinha. Duvido que mais alguém tente raptá-la — Ravenlla sugeriu.

— Credo! Ela deve estar apavorada. Não podemos abandoná-la justo agora. — Rosa pareceu repugnar a ideia.

— Lembra o que aconteceu da última vez que resgatamos uma desconhecida?

— Foi diferente.

— Foi exatamente igual.

— Não podemos parar de ajudar as pessoas porque fomos enganados uma vez.

— Ah, podemos sim. Seria até mais sadio, inclusive.

— Era isso que a Matriarca da Liberdade pregava?

— Essa mulher está livre, não é mesmo? Missão cumprida. Quem jurou proteger qualquer desconhecido foi o paladino.

— Não vamos a lugar nenhum enquanto Draco e Gladius não voltarem, de qualquer forma. — Constatei.

E o silêncio reinou por mais algumas horas.



A refém estava debilitadamente fraca, sua pele provavelmente era de um pardo vívido antes de ficar seca e desbotada. Apenas as suas tatuagens mantiveram um tom forte. Sua testa e as bordas dos seus olhos eram decoradas com insígnias que eu não soube identificar. O braço esquerdo era preenchido por uma flor, um sol, um espelho quebrado, um crânio, um olho estilizado, uma ampulheta e diversos outros símbolos que formavam uma miríade de imagens, além da frase “Esperança é um Erro”. E o tornozelo direito tinha um único pássaro tatuado.

Ela tinha cabelo escuro, cortado em um moicano comprido, rosto oval e nariz alongado. Sua roupa era um pouco mais do que trapos, provavelmente o que restou dos tempos com os Sacerdotes do Sadismo.

Quando ela finalmente soltou uma respiração ruidosa, como quem percebe que caiu no sono durante uma tarefa importante — ou sob ameaça — e abriu os olhos, Rosa já estava ao pé da cama para confortá-la.

— Você está a salvo agora.

Seu olho direito era castanho muito escuro, quase negro, e o esquerdo era pálido, cego. Ela parecia desconfiar da gente tanto quanto desconfiava dos cultistas.

— Ninguém mais vai te ferir. — A cartomante tentou um sorriso.

— Água. — Foi a única resposta.

Rosa tentou servir o odre em sua boca, mas ela segurou por conta própria e deu um gole generoso.

— O que eu devo a vocês?

— Tanto quanto pode oferecer: nada. — Ravenlla não disfarçou sua desconfiança.

— Então eu preciso seguir viagem.

— Seus ferimentos nem sararam. — Rosa interveio.

— Não posso perder mais tempo. E essa cidade me dá nojo.

— Talvez a gente esteja indo na mesma direção.

Pude ver Ravenlla se contendo para não censurar Rosa.

— Estou indo pra Turnnin.

— Ah, acabamos de vir de Turnnin.

— As pessoas são podres como as daqui?

— Diga qual reino não tem pessoas podres, estou precisando tirar férias por lá. — Ravenlla sorriu com sarcasmo.

Rosa respirou fundo.

— Qual é o seu nome? — e tentou recomeçar a conversa.

— Sarin.

— Rosa.

— E daí?

A cartomante ficou nitidamente ofendida com a resposta, enquanto a sacerdotisa estava cada vez mais confortável por ver que aquela pessoa não estaria conosco em breve.

— Sarin, o seu corpo ainda está muito frágil.

— Minha mente está mais forte do que nunca, é isso que importa.

— Você não parecia nada forte algumas horas atrás — Ravenlla provocou.

— Só fui aprisionada porque me pegaram desprevenida. Nunca mais vai acontecer.

— E por que não usou seus feitiços pra fugir de lá antes?

— Em primeiro lugar, não são feitiços. Em segundo, é muito difícil se concentrar quando seus músculos e sua pele estão sob agressão constante. E aquele cultista líder também não era nenhum amador.

— É mesmo? Fico imaginando o que você faria, se não estivesse tão maltratada...

— Faria com que eles acabassem uns com os outros, como fiz pra salvar a pele do bonitão ali.

— Imaginei que você fosse uma maga.

— Não, sou uma telepata. Muito melhor.

— Entendi.

Pronto, Ravenlla tinha o que queria. Instigou Sarin até ela responder todas as suas dúvidas. Talvez ela também fizesse isso com o grupo sem a gente perceber.

A telepata botou um pé no chão, só para comprovar que ainda não tinha forças para andar.

— Você é uma pessoa muito determinada. — Rosa tentou trazer um tom mais suave à conversa.

— É o que acontece quando te arrancam da tua família.

E o sorriso da cartomante se desfez.

— Fizeram isso com você também?

E o olhar áspero da telepata se desfez.

— Sempre os nômades, não é? Seja nos desertos, seja nas cidades, eles aproveitam os grupos menores e fazem o que bem entendem.

— Nem todos são egoístas assim.

— Então você é uma pessoa de sorte.

— A sorte é o meu credo.

— Deseje-me sorte, então.

E finalmente Sarin sorriu.

Rosa verificou o seu baralho, puxou uma carta aleatória, refletiu por um momento e sorriu de volta.

— Como predadora, você precisará escolher bem a sua próxima caça. Um camundongo não vai te alimentar por muito tempo, um escorpião pode te envenenar e os crocodilos estarão bem camuflados. E não se esqueça dos abutres, eles estão sempre aguardando. Escolha errado e você se tornará a presa. Escolha certo e terá forças pra ir atrás dos outros predadores.

Levando a adivinhação muito a sério, a telepata concordou com a cabeça e permaneceu em silêncio ao final, respirando lentamente, quase como em uma meditação.

E levantou como se não houvesse nenhuma ferida em seu corpo.

— Obrigada. Estou em dívida com vocês.

E saiu caminhando. Parecia até serena.



— Assim, de boa? — Gladius estranhou quando contamos da despedida.

— Não somos os únicos aventureiros com truques na manga. — Rosa sorriu.

— Mesmo assim, uma mulher que domina a mente dos outros sem usar magia é estranho até pra gente.

— Fale do relatório. — Puxei o assunto para o que realmente importava.

— Eles vão ter trabalho ainda — Draco respondeu. — A gente já deu cabo dos cultistas, mas tinha muita gente se divertindo com aquilo tudo. Provavelmente até patrocinando.

— A milícia deve ter questionado porque a gente não procurou ajuda primeiro.

— Lógico que questionou. Explicamos que só invadimos aquele... templo, festa, sei lá... porque não queríamos arriscar a vida da prisioneira. Agora as investigações vão ficar por conta deles. Já salvamos a garota e já cortamos os cultistas pela raiz. Eles deixaram bem claro que não querem a ajuda de aventureiros daqui por diante e nós temos um torneio pela frente.

— Quanto tempo até à próxima cidade? — Ravenlla mudou de assunto.

— Se seguirmos a estrada principal e não pararmos pra nenhuma refeição, dá pra chegar à noite — Gladius falou enquanto bocejava.

— E se encontrarmos mais alguém precisando de ajuda no caminho? — Rosa sugeriu como se aquilo fosse uma hipótese positiva.

Talvez fosse.

— Então eu vou ficar preocupado de perder o torneio — Draco lamentou sem tristeza. — De repente, ele nem é tão importante assim.

— Você está brincando, né? — Gladius pareceu realmente preocupado.

Draco deu de ombros.

— Não seria a primeira e nem a última vez que abríamos mão dos nossos interesses pra ajudar os outros, não é mesmo?

— Ser bonzinho é difícil, sabia?

— Por isso que você anda com a gente? Pra ser carregado nas costas e levar a fama de herói?

— Ei! Se eu quisesse fama, ficaria na aba do meu pai.

— Você podia tirar umas férias na aba do seu pai e dar um descanso pra minha.

— E você podia...

— Vocês dois precisam arrumar um quarto — interrompi.

Eles riram, mas eu estava realmente a um passo de perder a paciência.

— Fica assim não, Alberich. Aposto que você vai dar uma surra no Draco no torneio.

— Dou uma surra agora, se vocês não pararem.

— Olha o cara, ficou uma hora sozinho com a Zhi Wu e já ficou mal acostumado com o silêncio.

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui — a kunoichi falou sua primeira frase do dia. Possivelmente a última.

Draco, Ravenlla, Gladius e Rosa riram sem se importar.

Riram o dia inteiro, na verdade.

Era assim que eles ficavam quando sentiam o gosto da missão cumprida. Relaxados. Eufóricos. Chatos.

Era disso que o grupo precisava. E era disso que eu também precisava.

Deles.

De cada um deles.

Cada um de nós.

Entreato

— Você é um paladino diferente dos outros... — Rosa sorriu para Alberich.

— E você é uma maga diferente também.

— Entende de magia?

— Talvez tanto quanto você entende de paladinos.

— Então deve ter visto muito, mas sem conhecer de perto. É verdade que não existem magos entre os anões?

— Existem anões magos.

— Eu ia adorar ler um tomo de um mago anão.

— Anões não escrevem tomos.

— Como não?

— Papel se perde muito fácil, só serve para bilhetes ou anotações. Anões escrevem o que é importante nas pedras, que resistem ao tempo e ao fogo.

— Até as magias?

— Sim. Em vez de tomos, temos pedras rúnicas.

— E você ainda diz que eu sou uma maga diferente.

— Eu já vi tomos e runas. Cartas, só você.

— Acho que é o mesmo princípio, né? Tomos, runas, cartas, apenas fontes de conhecimento diferentes.

— Acho que vocês, magos, estudam o passado, outras dimensões, filosofias, e deixam de focar no presente. A magia é útil quando usada na nossa realidade, não enquanto fica abstrata.

— Sabe de uma coisa? Você tem razão.

EM BUSCA DO MAIS FORTE

DRACO

A resposta reside no coração da batalha.

Dellarte se autointitulava o reino mais sofisticado e refinado do mundo por priorizar a arte e o comércio. Enquanto a burguesia enriquecia, os nobres promoviam festas e financiavam artistas numa disputa de etiqueta e ostentação — compensando o fato da riqueza não ser mais uma exclusividade deles. Eu não conheci todas as cidades do mundo, mas com certeza Tália, a Cidade Festiva, era a mais bela que já havia visitado. A arquitetura e organização das ruas lembravam Aura. As casas eram de tijolos vermelhos e os telhados de cerâmica esverdeada. A nobreza local fornecera estátuas de heróis, celestiais e figuras históricas locais — ou de qualquer pessoa com dinheiro para pagar, em alguns casos — por toda a parte. Havia também alguns parques arborizados com chafarizes e museus abertos ao público que também eram atrações por si só. Sem falar nos principais teatros do mundo, como Sófocles, a maior de todas as casas de teatro, e Celes, a primeira e única casa exclusivamente de ópera. A cidade inteira parecia ser uma obra de arte — e devia ter o dobro de tamanho e o triplo de população do que Aura ou Gálata.

Era curioso como nós sete chamávamos a atenção onde quer que passássemos. Não culpo os cidadãos, três homens de armadura, uma cartomante, uma mulher de preto da cabeça aos pés, uma elfa e um íbex, realmente chamam muito a atenção — por mais que Ravenlla evitasse retirar o capuz no meio da rua —, apesar de que provavelmente não seríamos os únicos aventureiros pela cidade — em vésperas de um torneio, mais gente exótica apareceria.

Enquanto caminhávamos, passamos por uma praça extensa e circular, com árvores, bancos e quatro estátuas no centro, uma voltada para cada ponto cardeal. Para o sul, havia um humano vestindo uma armadura de batalha completa, empunhando uma espada bastarda e um escudo largo. Para o leste, havia um elfo vestindo um longo robe e segurando um cajado numa mão e um robusto tomo na outra. Para o oeste, havia um omodé, vestindo uma armadura de couro reforçado e empunhando uma espada curta como se fosse uma lâmina longa. Ao norte, um anão, apenas um pouco mais alto do que o omodé, porém expressivamente mais largo e espaçoso, ostentando uma longa barba em tranças, vestindo uma armadura

quase tão pesada quanto a do humano e portando um machado e um símbolo sagrado em formato de sol. Todos eles eram bem imponentes, cada um da sua forma. Com certeza a obra que mais me chamou a atenção na cidade.

— A Praça dos Heróis — comentou Rosa, percebendo minha admiração. — Fica localizada exatamente no centro da Cidade Festiva. Contam que os quatro salvaram o mundo tempos atrás.

— Há muitas lendas de heróis que salvaram o mundo — retruquei, descrente, apesar de reconhecer a beleza das estátuas.

— Poucas lendas são difundidas e aceitas como essa. Toda a Liga Prateada aceita que eles foram os primeiros heróis legítimos que já nos defenderam.

— Cada região vai ter a sua lenda, nunca saberemos quais são as verdadeiras.

— Há pessoas que dedicam suas vidas a pesquisar tais lendas. Talvez elas possam dizer quais são as verdadeiras.

Eu sorri para ela. O modo como Rosa falava era sempre agradável. A presença dela era sempre reconfortante. Eu achava impressionante como alguém conseguia manter um espírito tão positivo mesmo em meio a tantas adversidades — afinal, todos nós quase morremos algumas vezes.

Sem mais conversas relevantes, prosseguimos nosso caminho até o nosso real objetivo.



Pedimos informações para encontrar a arena e mesmo assim nos perdemos pelas ruas. Entre as andanças, passamos por Rosenburgo, uma rua burguesa — residencial, não de comércio, sem lojas, ateliês, bazares, nem nada do tipo. As casas tinham entre dois a três andares e eram nitidamente bem abastadas e sem traços de nobreza. Sem brasões ou bandeiras, nem carruagens caras ou pessoas vestidas de forma extravagante. Os poucos transeuntes se vestiam com roupas elegantes, sem exageros.

E havia uma concentração de milicianos num casarão de quatro andares — o maior da rua. Quatro pareciam fazer guarda aos arredores, garantindo que nenhum curioso passasse tempo demais por perto, dois haviam acabado de entrar e um de sair pela porta da frente. O interior parecia movimentado. Típica cena de crime.

Não havia muito que pudéssemos fazer. Com exceção de Aura, Gálata e Polímnia, havíamos encontrado vilarejos e aldeias desprotegidas, com milícias

despreparadas — ou inexistentes. Em cidades, havia autoridades que podiam cuidar dos problemas. Eu não deveria me preocupar.

Então por que não conseguia simplesmente relaxar e ir me inscrever no torneio de uma vez?

Decidi pedir para Zhi Wu investigar.

— Cadê a Zhi Wu? — Foi tudo que consegui dizer quando percebi que ela não estava conosco.

Todos ficaram surpresos.

— Deve ter acontecido alguma coisa com ela. — Rosa pareceu realmente alarmada.

— Você sabe que não é a primeira vez que ela faz isso. — Gladius acalmou a cartomante.

Era verdade, Zhi Wu gostava de desaparecer sem avisar.

— Eu acho que sei o que ela foi fazer — concluí, dando uma última olhada para a casa.

Por coincidência, esbarrei meus olhos numa silhueta numa das janelas. Parecia ser de uma mulher que olhava para a rua. Que olhava para mim. Antes que eu pudesse reparar em mais detalhes, a silhueta afastou-se e sumiu, me deixando na dúvida de quem seria aquele vulto observador.

— Vamos seguir nosso caminho — determinei.

— Tem certeza? — Rosa ainda não se convencera.

— Se Zhi Wu não retornar logo, procuraremos por ela, não se preocupe.

E fomos para a arena.



O problema de uma cidade grande é a distância das coisas. Ou você possui um cavalo e se locomove com mais conforto, ou gastará mais da metade do dia só andando de um lugar para outro. Já era quase fim de tarde quando fizemos as inscrições no torneio.

A arena Vesúvio era constituída por duas construções. Uma era a arena propriamente dita, um paredão de tijolos por fora, que com certeza abrigava uma arquibancada e o campo de batalha. A outra era um casarão administrativo, onde os competidores se preparavam, as apostas oficiais eram feitas, os ingressos comprados e as inscrições eram realizadas, e onde os burgueses administravam os eventos, entre outras funções além do meu conhecimento ou interesse.

Depois de pedir algumas informações, encontramos a jovem que estava realizando as inscrições. Ela devia ter cerca de 1,60m de altura, cabelos lisos e negros, olhos verdes e nariz comprido e anguloso, vestia uma blusa de linho branca sobreposta por um vestido verde escuro com avental. Uma moça bem típica naquela cidade, diga-se de passagem.

— Todos irão participar?

— Nós dois, com certeza! Gladius e Draco, pode anotar aí. — Meu amigo tomou a iniciativa.

— Irei representar a Ordem dos Paladinos. Alberich — o cavaleiro se pronunciou, resolutivo. Não contive o sorriso ao saber que nosso amigo havia mudado de ideia.

— O seu animal vai participar também?

Barão grunhiu em desgosto pelo modo como foi chamado.

— Não, uma arena não é lugar para ele.

E Barão grunhiu de novo, dessa vez inconformado com o anão.

— Animais são considerados armas no torneio.

E Barão encarou Alberich por um longo momento.

— Você venceu, meu chapa! Nós dois lutaremos juntos.

— Não vai ter graça se vocês forem os únicos participantes realmente desafiadores do torneio. Pode pôr meu nome: Ravenlla — a elfa declarou, com um certo senso de humor.

— Eu me chamo Rosa. — Para a surpresa de todos, a cartomante também se inscreveu. Pensei em questionar, mas não quis ofendê-la.

— E Zhi Wu — a kunoichi anunciou, ressurgindo. A jovem que anotava nossos nomes não conseguiu disfarçar a surpresa com a repentina aparição de mais uma competidora.

— Tudo bem, já estão anotados.

— São quantos inscritos até agora? — Gladius perguntou, curioso.

— Trinta e sete — ela respondeu com naturalidade.

— Tudo isso? O torneio levará dias então — perguntei.

— É disso que eu iria falar agora: serão cinco dias de torneio, começando depois de amanhã. O primeiro será uma eliminatória geral. Todos os competidores irão combater juntos na arena, até sobrares os dezesseis melhores. Em seguida, cada dia será uma batalha em pares, dezesseis no segundo dia, oito no terceiro, as semifinais com os quatro melhores no quarto dia e a final no quinto. As batalhas ocorrerão sempre ao esplendor do sol e vocês precisam se apresentar uma hora antes para os preparativos. Os combates não são até à morte, mas a arena não se responsabiliza por nenhum acidente e, em caso de fatalidades, o infrator deverá responder às leis locais. O uso de magia é permitido apenas durante o combate, não

podendo entrar na arena sob o efeito de uma magia conjurada previamente. Milicianos especializados protegerão a arena e garantirão a ordem e a segurança da plateia e dos competidores. Sacerdotes das Virtudes especializados em magia de cura cuidarão de todos os ferimentos possíveis após os combates e ferreiros farão todos os reparos possíveis em equipamentos danificados entre um dia e outro. Cada competidor deve trazer as próprias armas e, como eu disse antes, animais são considerados armas também. Qualquer infração que o animal cometa, o competidor será totalmente responsabilizado. Alguma dúvida?

Entreolhamo-nos.

— Não, está tudo claro.

— Boa sorte e até depois de amanhã! — Ela sorriu ensaiadamente e nós nos retiramos da arena.



Esperamos chegar ao nosso quarto da estalagem para ouvir os relatos de Zhi Wu. Ela se manteve soturna todo o caminho de volta, enquanto Gladius falava de suas expectativas sobre o torneio, meio para não parecermos um bando de aventureiros tramando algo, meio por realmente estar empolgado com o evento. Meu amigo basicamente se desculpava por todos, pois a final já estava reservada para nós dois, assim como a vitória também já era dele. Eu estava inquieto demais para cair na bravata.

— O que descobriu? — perguntei assim que entramos no quarto.

— Assassinato — Zhi Wu respondeu prontamente.

O clima ficou um tanto mais sério entre nós.

— Não consegui entrar na casa, mas ouvi bastante coisa — ela prosseguiu.
— Alguém invadiu o quarto da filha mais velha da família e a assassinou na madrugada de ontem. Ninguém percebeu nada, apenas encontraram o corpo de manhã. A família não tem nenhuma inimizade que justifique esse crime.

— Descobriu isso tudo só ouvindo? — Gladius questionou.

— Tive que ouvir diversos guardas falando entre si. Foi só demorado, não difícil.

O grupo ainda estava digerindo as informações.

— Com certeza foi um profissional — ela concluiu. — Nenhum amador conseguiria ser tão discreto a ponto da milícia ainda não ter encontrado pistas — a kunoichi falava de forma seca, até um pouco fria. Era curioso confiar em uma pessoa tão enigmática.

— E o que vamos fazer? — Rosa interrompeu minha reflexão e me trouxe de volta para o quarto.

— Provavelmente nada — respondi, causando um certo espanto em todos.

— Nada? — Gladius se inconformou.

— A milícia já está investigando, não podemos nos meter.

— Podemos oferecer ajuda — meu amigo insistiu.

— Não somos ninguém para a milícia confiar em nós. Talvez seja imprudente agir. Estamos numa cidade, é melhor deixar que as autoridades locais cuidem disso.

Alberich e Zhi Wu pareciam aprovar minha opinião, apesar de eu mesmo não estar tão certo do que estava falando. Rosa parecia insatisfeita e Ravenlla indiferente. Gladius estava claramente transtornado.

— A gente não pode ignorar um assassinato — ele insistiu.

— Gladius, da última vez que nos metemos... — eu ia falar, porém fui interrompido.

Interrompido por três leves batidas na porta. Estranhamos o som e ficamos sem saber como reagir.

— Pois não? — Gladius se pronunciou.

Sem resposta.

Levantei-me lentamente, fui até à porta e abri um pouco para ver quem estava lá.

Havia uma jovem de não mais que dezenove anos, vestindo um manto com um capuz, e um homem de quase dois metros de altura, cabelos e olhos castanhos e barba rala, vestindo uma armadura de couro sobreposta por uma cota de malha.

— Posso entrar? — Ela parecia confusa e aflita. Até mais desnorteada do que nós.

Concedi a entrada e fechei a porta. Ela andou em passos curtos e rápidos até o meio do quarto e manteve o olhar fixo no chão. Ele avaliou cada um de nós primeiro e o aposento em seguida, enquanto caminhava sem pressa para perto da jovem, se posicionando logo atrás dela.

— Desculpem-me, eu não quis interrompê-los, é que eu não tenho muito tempo.

— E você é...? — perguntei, antes de mais nada.

— Sou Catarina Balzac. — Ela retirou o capuz. Cabelos negros e ondulados, nariz alongado, olhos cor de mel.

O olhar permaneceu fixo.

— A irmã da vítima — Zhi Wu declarou.

E um clima tenso se espalhou pelo quarto como uma névoa gélida.

— Eu venho pedir uma coisa a vocês — ela falou, com uma coragem súbita.

Olhos erguidos.

— Pode falar. — Gladius a encarava com seriedade rara.

Ela respirou, escolhendo as palavras.

— Quero justiça.

Escolheu bem.

— Sabe nos dizer onde o assassino está? Quem ele é?

— É o Assassino das Musas. Há boatos sobre ele por toda a Liga Prateada. Ele caça a mulher mais bonita de cada cidade e foge. Tenho certeza que foi ele que levou a minha irmã.

Nós nunca havíamos ouvido falar dele. Provavelmente sua fama se fez enquanto estávamos pelos ermos.

— Ele já fugiu, já é tarde agora. — Ela parecia estar pensando mil coisas ao mesmo tempo. — Vocês são viajantes, não são? Podem impedi-lo quando forem viajar.

— Podemos partir agora — Gladius sugeriu, quase tomando a decisão pelo grupo.

— Se soubéssemos pra onde ele foi, poderíamos — corrigi. Meu amigo não gostou.

— Ele já atacou todas as cidades de Dellarte, deve estar a caminho de outro reino agora. Quando voltar a agir, vocês poderão encontrá-lo.

— Vamos esperar ele fazer mais vítimas pra caçá-lo? — Gladius à beira da raiva.

— Prefere jogar uma moeda pra decidir pra qual cidade devemos ir?

Ele me encarou irritado, contendo-se.

— Ele sempre foge das cidades, ninguém sabe quem ele é, nem sua aparência — Catarina prosseguiu. — Mas agora que vocês estão avisados, poderão fazer algo. Eu sei que é improvável, sei que vamos precisar de muita sorte, mas é melhor do que ficar de braços cruzados.

Parte da coragem se esvaiu com o discurso e agora ela continha as lágrimas.

— Minha irmã se foi. Vocês são minha única esperança. Não peço que jurem que irão atrás dele. Peço que, se tiverem oportunidade, façam de tudo para capturá-lo e levá-lo à justiça.

Ouvimos cada palavra com total atenção.

— Tem a nossa palavra — concluí.

Todos concordaram com gestos, até Gladius.

— Obrigada. — Ela encerrou e se retirou do quarto, seguida pelo homem de armadura.



— Fiquei preocupada com você. — Era Rosa se dirigindo a Zhi Wu após um longo período de silêncio.

Já era tarde da noite e todos estavam dormindo. Quase todos, na verdade. Passamos o restante do dia discutindo nossos planos após o torneio. Tínhamos a possibilidade de perseguir o Assassino das Musas pelas cidades arredores, seguir com Alberich para o seu capítulo para reportar os últimos acontecimentos ou rumar ao nordeste, para o noivado de Gladius em Allandria. Eu acreditava que poderíamos fazer todas as coisas, mesmo nos custando meses.

Alberich, Gladius e Ravenlla já estavam dormindo, aproveitando a segurança da cidade. Não era preciso turnos de vigia. Zhi Wu revirava sua mochila de viagem, parecia estar arrumando a bagagem interminavelmente, não se incomodando com a pouca luminosidade da noite — inclusive, perdi as contas de quantas estrelas ela carregava consigo. Rosa estava deitada, aparentemente pronta para dormir, observando a kunoichi com seus olhos vívidos e belos. Seus cabelos negros, lisos e volumosos se espalhavam pela cama e ela demonstrava tranquilidade e conforto. Talvez um alívio por ver a amiga bem — se é que elas se consideravam amigas.

Eu simplesmente não conseguia dormir. Iria polir a minha armadura, se não fosse provocar barulho demais, então apenas olhava para o teto.

A luz da lua dava uma suave iluminação ao quarto.

— Não há com o que se preocupar — Zhi Wu respondeu. Não se tratando de informações sobre uma missão, ela voltara às poucas palavras.

— Você é muito eficiente no que faz. Acho isso admirável. — Rosa mantinha seu ar acalentador, sempre elogiosa.

Zhi Wu parou o que estava fazendo e pôs-se a olhar para a cartomante. Era difícil decifrar as expressões daqueles olhos opacos.

Antes que eu descobrisse algo, ela voltou aos seus afazeres.

— Fui treinada pra isso.

— Espionagem?

— Pode-se dizer que sim. Espionagem, infiltração, furtividade, armadilhagem.

Rosa me olhou por um tempo, sorriu e voltou a se focar em Zhi Wu. Elas sabiam que eu estava acordado, apesar de não estar participando da conversa e não se incomodavam com isso. Eu só não entendi o gesto da cartomante.

— Deve ser difícil — ela prosseguiu.

— Com o treino certo, não. Depois que a gente se livra de várias amarras com um escorpião dentro da boca, fugir de masmorras fica fácil.

— Como assim? — Rosa achou o comentário divertido.

— Faz parte do treino. Se você consegue fugir sem que o escorpião pique a sua língua, é sinal de que está preparado.

— Isso não é arriscado?

— Os primeiros escorpiões não são tão venenosos, só deixam a boca dolorida por uma semana ou duas. O último que é irritadiço e letal.

— E se a pessoa for picada?

— Ela morre — Zhi Wu falou a obviedade como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Rosa ficou impressionada.

— Se você falhar no teste, não será útil para o clã. Não há tempo a perder para treinar inaptos e ninguém quer correr o risco de pôr um agente fraco em campo. É assim que a vida funciona.

— Sem segundas chances?

Zhi Wu refletiu por um instante, como se aquele conceito não fosse comum a ela.

— Sem — concluiu.

Eu me questionei se Zhi Wu se sentia tão reconfortada por Rosa quanto eu.

— E quando vai tirar a máscara? — A pergunta soaria inconveniente em qualquer momento, menos sendo transmitida pela cartomante. Ela tinha o dom de ser doce, mesmo nas piores circunstâncias.

A kunoichi suspirou lentamente.

— Quando eu matar o assassino do meu pai. — Então fechou a mochila e se deitou.

O sorriso de Rosa se tornou um pouco triste naquele momento.

— Boa noite, Zhi Wu! — Ela encerrou a conversa, ainda com doçura.

— Boa noite, Rosa.

Um instante de silêncio.

— Boa noite, Draco.

E eu gostei de ouvir aquilo.

— Boa noite, Rosa.

Mas minha mente ficou parada em uma coisa: eu não era o único buscando vingança, afinal.



Aproveitamos o dia seguinte para conhecer um pouco melhor a cidade e descansar. Exceto Zhi Wu, que decidiu descobrir mais sobre o Assassino das Musas. Como não queríamos chamar a atenção na cidade, deixamos ela agir sozinha. Eu, Gladius, Alberich, Barão, Rosa e Ravenlla estávamos aproveitando a sombra de uma árvore na Praça dos Heróis.

Era um momento de silêncio, até que Gladius abriu a boca:

— Qual é o problema dessa mulher?

Ninguém entendeu.

— Zhi Wu.

Mesmo com o nome dito, ainda não sabíamos a que ponto ele queria chegar.

— Digo, como se não bastasse não mostrar o rosto nunca, ela vive calada e nem sequer tira um dia pra descansar. Que mulher estranha!

— Daqui a pouco você vai querer tirar a máscara dela enquanto ela dorme — comentei.

— Eu já tentei.

— Sério? E aí?

— Ela apontou uma adaga pro meu pescoço e disse “não ouse”.

— Mesmo? — Tive de rir. — Cara, você só dá motivo pra que ela te odeie.

— Mulher estranha...

— Talvez ela só tenha sido treinada dessa forma — Rosa sugeriu.

— Como assim?

— Todos nós fomos treinados, não fomos? Ninguém aprendeu o que sabe sozinho. Talvez, de onde ela venha, o treinamento seja muito mais rígido do que aqui.

— Eu e Draco apanhávamos com uma espada de madeira. — Gladius subestimou.

— Ela teve que fugir de amarras com um escorpião na boca — informei.

Surpresa para quase todos.

— É, ela teve um treinamento bem rigoroso — Gladius concordou.

— Rosa, você sabe de onde a Zhi Wu vem? — perguntei.

— Do Leste Radiante. — Ela pegara uma flor de uma árvore e estava encaixando no seu cabelo, acima da orelha. Ficou muito bonita nela.

— Nunca estive no leste. — Alberich coçou a barba.

— É uma região bem diferente daqui. Tudo é meio diferente. O clima, as pessoas, as casas, as roupas... — Rosa respondeu. — Eles mal falam a língua do comércio.

— Por quê? — Estranhei.

— Eles valorizam demais os próprios costumes. Só falam a nossa língua porque precisam comercializar. Lá, vocês nunca vão ver algum tipo de celebração ou peça de teatro sendo apresentadas em outro idioma a não ser o deles.

— É importante respeitar as tradições — disse o paladino.

— Lá existe uma casta de guerreiros que me lembra um pouco você, Alberich. São guerreiros nobres que protegem os senhores feudais, a elite militar. Se chamam samurais e seguem um código de conduta que preza pela honra e lealdade.

— Você parece conhecer bem essas terras — o paladino comentou.

A cartomante deu de ombros.

— Já viajei por lá.

— E sabe falar a língua deles?

Uma risada.

— Não o suficiente, é muito difícil.

— Você e Ravenlla já estavam juntas quando visitou o leste? — perguntei.

A elfa me olhou quando ouviu o próprio nome. Ela estava quieta e serena, prestando atenção na conversa. Provavelmente nos avaliando.

— Ainda não. A gente se conheceu num vilarejo perto de Auréola. Estávamos indo para Melpômene, aqui em Dellarte, antes de encontrarmos vocês. Tália seria só uma parada. Na verdade, salvamos a vida uma da outra e passamos a viajar juntas.

— É? Conta mais.

Algo nos interrompeu antes dela responder.

Parecia uma marcha. Uma tropa. Olhamos ao nosso redor e avistamos um pequeno conglomerado de soldados marchando a duas ruas de distância da praça.

— Está tendo algum desfile hoje? — Gladius perguntou.

— Não que eu saiba. Vamos olhar — respondi, cedendo à curiosidade.

Fomos até à rua, mas não conseguimos chegar muito perto porque muitas outras pessoas também foram conferir o desfile dos soldados.

Havia provavelmente duas dezenas de homens vestindo peitorais de aço de ótima qualidade, com ornamentos em vermelho sangue. Eles cercavam uma carruagem de mármore negro, enorme e robusta, provavelmente com espaço para carregar uma família inteira. Imponente, quase macabra. Todas as suas cortinas estavam fechadas e não era possível enxergar nada dentro. Dois soldados de cada

lado e a própria carruagem erguiam estandartes que eu desconhecia: vermelha com um losango roxo e um relâmpago cercado por um par de asas no centro.

Não era um desfile, era uma escolta de elite.

— Alguém sabe o que está acontecendo? — perguntei.

— A cidade tem visitas importantes, pelo visto — Alberich deduziu.

— Visitas estranhas.

— Ótimo, agora você quer se meter nesse assunto também.

Pensei por um instante.

— Melhor não, vamos sair daqui, eu ainda preciso buscar a armadura que encomendei ontem.



Foi simplesmente impossível evitar o assunto do nobre visitante.

Duque Uranus von Titanen estava na cidade em uma visita oficial. Na verdade, pelos comentários, “Rei” Uranus von Titanen. Era a primeira visita em que ele representava o seu reino recém-conquistado — ou usurpado. Parece que o nobre declarou independência de Paradies, o seu ducado — agora reino —, anexou alguns vilarejos ao redor e passou a exigir reconhecimento de suas terras. E era justamente isso que ele viera fazer em Tália, pedir o reconhecimento oficial do vizinho. Com certeza se tratava de uma expedição pacífica, mas a guarda pessoal e o batalhão de cem homens do lado de fora da cidade não deixavam de ser uma bela demonstração de poder.

Todos os cidadãos pareciam ter uma opinião formada sobre os acontecimentos. Alguns diziam que todos os reinos da Liga Prateada deveriam atacar Paradies e expor a cabeça do usurpador como troféu. Outros diziam que o mais sensato era reconhecer sua autoridade e manter a paz. Havia até quem dissesse que o homem era um feiticeiro poderoso e que havia dominado seu território através de bruxaria.

Feiticeiro ou não, o usurpador queria legitimar a sua conquista.

— Vocês precisam parar com essa mania de querer resolver cada problema do mundo. — Alberich não estava convencido. Já era noite e estávamos no nosso quarto.

Eu e Gladius nos entreolhamos.

— Esse é um assunto político... — Tentei fingir desinteresse. — Deixa que os nobres se resolvam.

— Temos um nobre entre nós, o que basta como pretexto para vocês dois — o paladino insistiu.

— Não sou um oficial de Allandria — Gladius rebateu. — Mas também não nego que, se meu pai quiser tomar uma posição, eu irei apoiá-lo. Como ele está bem longe daqui, não se preocupe.

— Ótimo! Amanhã começa o torneio e esse é o último assunto que temos para tratar nessa cidade. Depois, vamos partir para o seu noivado. — Alberich encerrou o assunto e foi dormir.

— A não ser que tenhamos notícias de um certo assassino — Gladius resmungou baixinho.



Os aplausos e urros da plateia eram ensurdecedores.

Eu me sentia em casa. Gladius sorria e acenava como se aquilo tudo fosse para ele. Alberich, Ravenlla e Zhi Wu estavam impassíveis, observando os oponentes ao nosso redor. Eu nunca havia visto Barão tão ansioso. Rosa parecia nervosa, talvez até se arrependendo de ter entrado naquele jogo.

Havia um fosso que cercava o campo de combate. O chão era de terra batida e a arena era espaçosa o suficiente para sustentar quase quarenta adversários sem problemas.

— Vamos nos manter próximos e proteger uns aos outros! — gritei.

— Boa ideia! — Alberich respondeu.

Gladius apenas sorriu para mim e nós sete nos posicionamos, enquanto os árbitros organizavam a arena. Os gritos da plateia diminuíram e pudemos ouvi-los indicar que cada competidor não poderia estar próximo do outro menos do que dois metros, enquanto conferiam se estavam todos numa distância adequada. Abrimos espaço, mantendo o contato visual para nos reagrupar assim que o sinal fosse dado.

— Preparados!? — um dos árbitros gritou.

Empunhei Labareda com firmeza.

— Lutem!

Saquei minha lâmina e me aproximei dos meus camaradas, enquanto todos os outros oponentes começaram a digladiar entre si.

Um homem com machado veio e desceu sua arma em minha direção. Eu prontamente bloqueei seu ataque, girei minha espada desarmando-o e desferi um chute em seu tórax que o jogou no chão. Inconformado, ele quis catar o machado e se levantar, mas antes que pudesse, chutei sua perna, mantendo-o caído. Antes que

cogitasse uma nova tentativa, um árbitro surgiu gritando que ele estava desclassificado. Em meio a xingamentos, ele recolheu sua arma e se retirou da arena — e o árbitro já havia sumido em meio ao combate caótico.

Sem precisar me preocupar com minhas costas, procurei um próximo oponente. Vi, rapidamente, figuras formidáveis. Pude perceber um anão todo coberto de metal lutando ferozmente, um humano estrangulando outro com uma corrente — talvez até matá-lo, se não fosse o árbitro surgir e separar os dois —, e outro humano que lutava desarmado e havia acabado de fazer com que o seu adversário desmaiasse com um chute no elmo. Mesmo com os gritos da plateia, o som de metal colidindo e gemidos dolorosos ainda era mais alto.

Uma mulher com longos cabelos loiros, empunhando uma maça estrela com as duas mãos, veio em minha direção e eu precisei erguer o escudo e fincar os pés no chão para não ser arremessado para trás. Estoquei contra ela, que se esquivou e desferiu mais três golpes consecutivos. Bloqueei todos com o meu escudo — que ficou à beira de se despedaçar — e raspei Labareda em seu antebraço direito, obrigando-a a segurar a maça com uma única mão. A mulher parecia estar em frenesi e, apesar da perceptível desvantagem, tentou atacar sem a menor precisão. Evitei o golpe com uma finta e espetei sua coxa esquerda com a minha espada. Quando ela caiu de joelhos, acertei meu escudo em seu rosto e ela finalmente caiu desacordada.

Busquei meu próximo oponente, enquanto dois árbitros carregavam o corpo da mulher para longe, e percebi que um guerreiro me observava. Na verdade, ele observava todo o meu grupo. Queixo e nariz finos, corpo esguio e definido, brunea, escudo e espada. Sem traços marcantes, além da aparente habilidade em combate, por estar de pé e sem ferimentos até aquele ponto do combate. O guerreiro pareceu dar-se por satisfeito e socorreu uma combatente que estava em desvantagem em sua luta. Ao derrotar o oponente, pude ouvi-lo gritar:

— Vamos lutar juntos, assim garantiremos a vitória para nós dois.

Ela aceitou a proposta, ainda meio desconfiada. Os dois socorreram outro combatente e mais um e logo o quarteto estava trabalhando em equipe, protegendo uns aos outros e derrotando adversários. Brilhante!

Um terceiro inimigo tentou me atacar. Rapidamente acertei seu punho com o cabo da minha espada, fazendo-o soltar sua arma e atingi seu cenho com a empunhadura, derrubando-o no chão. E o guerreiro que liderava o quarteto ainda me encarava.

Ele sim era um oponente à altura.

Quando nossos olhos se cruzaram, ele gesticulou positivamente com o rosto, convidando-me para um duelo. Retribuí o gesto.

E investimos um contra o outro.

As lâminas se cruzaram, mas não pararam. Ele atacou e eu bloqueei com o escudo. Eu ataquei e ele esquivou. Atacamos e contra-atacamos sucessivamente em golpes cada vez mais rápidos e arriscados. Cada ataque era recebido com uma defesa e respondido com um novo ataque. Cada lâmina raspava no metal ou no ar, sem encontrar carne. O duelo poderia durar horas.

Até que ouvimos um grito.

Quando percebemos, um guerreiro estava gritando e correndo em nossa direção, brandindo uma espada do tamanho dele mesmo. O louco veio, nos atacou e nós dois fomos obrigados a bloquear ao mesmo tempo, cruzando as três espadas no ar.

A figura era mais alta do que eu e do que o meu adversário original e usava elmo fechado, exibindo apenas os olhos, que transbordavam prazer e ferocidade.

E eu não pude deixar de reparar que a sua espada de duas mãos era rubra, do mesmo material que a minha.

Por um instante, pensei que nós três iríamos digladiar simultaneamente.

Mas uma corneta fez-se ouvir por toda arena e o árbitro anunciou:

— Os dezesseis guerreiros foram escolhidos!

Entreato

— Você ainda pensa no seu pai, né? — Ravenlla pôs a mão no ombro de Gladius

— Como sabe?

— Naquele dia da carta, você ficou desolado. E, às vezes, você fica de novo. Ao menos decidiu alguma coisa de lá pra cá?

— Decidi que não vou seguir o que o meu pai quer.

— Ótimo.

— Mas ainda não sei o que eu quero.

— Ótimo.

— Ótimo?

— Quanto mais certeza, menos Liberdade.

— Mesmo assim, preciso ter um foco. Vou voltar pra casa depois do torneio. Mas não sei o que vou fazer quando chegar lá.

— Parece o Draco sofrendo por antecedência.

— Sabia que eu só tive coragem de encarar meu pai porque ele estava do meu lado?

— Mesmo?

— Sim. Acho que é por isso que eu incentivo tanto aquele cara. Ele me inspira e eu quero retribuir o favor.

— Acha que, se não fosse por ele, você não teria se tornado aventureiro?

— Talvez. Provavelmente. E já estaria casado.

— Agora até eu fiquei agradecida a ele.

— Ele merece. Mas se contar sobre essa conversa pra alguém, eu nego até à morte.

SIMPLICIDADE

ROSA

Todo caminho é um labirinto.

— Se todos os competidores forem fáceis como os de hoje, vamos todos ficar com os melhores prêmios! Vamos ficar ricos! — Gladius ergueu a caneca na taverna.

— E depois? Você vai casar e engordar? — Draco provocou o amigo.

— Nada! Esse é só o começo, ainda encontraremos muitas arenas e aventuras pela frente. Só paro depois que resgatar uma princesa!

— Resgatar princesa é fábula de bardos. — Alberich não estava empolgado. Parecia até um pouco entediado.

— O que ele quer é um pretexto pra cancelar o casamento — Draco informou.

— Isso é fácil — Ravenlla cortou uma fatia do seu assado e parou o garfo na frente da boca —, a gente viaja pro outro lado do continente e ninguém mais vai ouvir a nosso respeito. Vocês acham que algum elfo voltou a ter notícias de mim? — e mastigou.

— Considerando que eu só conheci um elfo antes de você, acho difícil — Gladius falou de boca cheia.

— Você já viu algum elfo em alguma cidade humana? — perguntei.

— Muito raro. E quando vejo, fujo.

— Mas por quê?

— E por que eu falaria com algum elfo? Elfos confundem viver muito com viver devagar, não tenho paciência pra isso. Humanos são mais imediatistas, como eu gosto.

— Então você gosta de humanos, né? Tô sabendo... — Gladius riu.

— Aluga um quarto pra gente, que eu te mostro o quanto — a ruiva falou como se fosse um desafio.

— Quando eu vencer o torneio, a gente tira uma folga no melhor hotel da cidade!

— Se forem continuar com essa conversa, peguem um quarto logo e nos poupem disso. — Draco não achou graça.

— Que foi? Isso é ciúme? — Gladius simulou ofensa. — A minha despedida de solteiro não vai ser com você, né?

— Cuidado, posso te fazer desistir desse casamento. — Ravenlla era a única pessoa na mesa que sabia ser elegante bebendo cerveja.

— Vou resolver o problema de todo mundo aqui. Um quarto pra mim e pra Ravenlla, um quarto pro Draco e pra Rosa e... — Gladius encenou um mistério bobo, com o sorriso de uma criança pronta para pregar uma peça — um quarto pro Alberich e pra Zhi Wu! — e se acabou de rir da própria piada.

Ri junto, mas não por ter achado graça. Ri de nervosa. Senti meu rosto arder e não pude conter um olhar para Draco. Ele parecia uma estátua, sem saber se encarava o prato, a mesa ou o amigo. Nossos olhares se esbarraram e ele virou a cerveja num único gole para disfarçar. Fiz o mesmo e olhei para Ravenlla, meio disfarçando também, meio pedindo socorro.

— Eu acho uma excelente ideia. — Ela apenas riu. Que vontade de socá-la.

— É nessas horas que eu entendo porque a Zhi Wu nunca senta com a gente. — Alberich pegou o jarro para encher a caneca, gesticulando o rosto negativamente.

— Ela não janta com a gente porque é uma esquisita. — O álcool começou a soltar a língua do Gladius. — Estou te dando a chance de desvendar os segredos dela, pensa nisso!

— Você não respeita ninguém mesmo, garoto.

— Estamos entre amigos, é pra ser sincero sempre.

— Ouvi falar que os paladinos estão entre os maiores bebedores. — Ravenlla deu de ombros.

— Vocês sabem a minha opinião sobre a Ordem. — Alberich não ligou para o comentário.

— Talvez você precise largar a Ordem, tanto quanto o Gladius precisa largar esse casamento — a elfa sugeriu.

E o cavaleiro estancou.

— Gladius não trocou alianças ainda. Eu fiz o meu juramento.

— E daí?

— Não tem “e daí”. Palavra é uma coisa séria.

— Lógico que é... quando é a palavra de um amigo, de alguém que conhece você, sabe dos seus anseios e seus medos. Pra quem você jurou? Um monte de gente que não conhece você, que não se importa com você. Você é melhor do que todos eles e sabe disso.

Acusações graves feitas por uma voz doce, preocupada. Era difícil contrariar.

— Eu não sou o único. E nem o melhor.

— Vai ser o melhor quando quebrar as suas correntes.

— A gente faz assim — Gladius interrompeu —, depois que eu casar, a gente arruma de fundar um capítulo em Allandria e você fica como líder, que tal?

— Já te falei que vou te fazer desistir desse casamento. — Ravenlla cutucou.

— Poxa, Alberich, você vai ter que me desculpar, mas ela tem bons argumentos.

— Vocês dois podem fazer o que quiserem, eu não ligo. Inclusive, andamos tão estressados que é melhor alguém fazer isso, antes que matem uns aos outros. — O paladino finalmente demonstrou algum humor.

— Eu desisto. — Draco estava inconformado.

— Que foi, cara? — Gladius botou a mão no ombro do amigo. — Já sei, não quer estragar a amizade? Alberich, o seu juramento proíbe bordel?

— Para falar a verdade, não.

— Mulherada, vocês vão ter que nos dar licença então. Juro que só vou fazer isso pelos meus amigos.

— Chega de cerveja pra você! — Draco tomou a caneca e bebeu.

— Ei! Isso não vale!

— Está com raivinha? Melhor guardar pra quando nos encontrarmos no torneio.

— Que se dane, eu vou buscar outro jarro.

— Tem banheiro aqui, ou estamos naquelas tavernas que os bêbados fazem nos cantos?

— Acho que nem existe esse tipo de taverna em Dellarte. Vamos, estou precisando também — Alberich se levantou.

— Pensei que as mulheres é que saíam todas da mesa juntas. — A elfa brincou.

— Vou proteger o Draco do Gladius. Vai que ele se vinga por causa da cerveja perdida e rapta o nosso bravo guerreiro para o bordel. — O paladino sorriu e botou a mão nos ombros dos guerreiros, conduzindo-os por entre as mesas.

— Ele fala essas palhaçadas pra aparecer. — Draco tentou justificar.

— E eu não botaria a minha mão no fogo por ninguém — Alberich resmungou enquanto os dois andavam tentando não esbarrar nas outras mesas.

— Está calada por quê, amiga? — Ravenlla se voltou para mim.

— Nada.

— Está chateada com as piadas do Gladius? — Ela ajeitou o meu cabelo.

— Não. Ele não faz pra ofender.

— Ah, mas tem gente que se ofende mesmo assim, né? Olha a Zhi Wu, ela parece que se ofende fácil.

— Se ela não gostasse da gente, já teria ido embora.

— Você não tem medo disso?

— Do quê?

— Ir embora. Nunca fiquei num mesmo grupo por tanto tempo. Nunca fiquei num grupo, na verdade. Tenho medo de, sei lá... de um dia cada um seguir o seu rumo.

— Você acha que isso pode acontecer? A gente é tão natural uns com os outros.

— Você é natural. Os outros nem tanto.

— O Gladius é bem natural também.

— Até demais! — e rimos um pouco.

— Você gosta dele, né?

— Tanto quanto gosto de todo mundo — ela começou a fazer uma trança no meu cabelo.

— E aquele papo?

— Que que tem?

— Sei lá, não é um papo que você tem com todo mundo.

— Porque nem todo mundo sabe a hora de levar a vida a sério e a hora de relaxar. Olha o Alberich, por exemplo, parece que é feito de pedra por dentro. Que mulher aturaria um cara sério desses?

— Viu só? Você não gosta de todo mundo igual.

— Gosto sim, só que isso não quer dizer que vou me sentir atraída por todo mundo. As pessoas confundem mulher que transa com quem quiser com mulher que transa com qualquer um, são coisas bem diferentes. Acho que os homens não entenderiam nem se tentassem.

— Você acha que eles são todos assim?

— Espero que não. Tem homem que só revela quem é de verdade depois que consegue o que quer.

— Ah, mas isso não depende só de sexo.

— E você?

— Que que tem eu?

— Vai dizer que é só com amor?

— As pessoas valorizam demais essas coisas.

— Lógico, faz parte da gente.

— Não sei. Pode ser arriscado.

— Você sente o mesmo medo que eu.

— Qual?

— Do grupo não estar mais unido amanhã.

— Cada um tem seu próprio objetivo no fim das contas.

— O que não quer dizer que a gente não possa continuar junto.

— Prefiro nem pensar nisso.

— E se o grupo se dividisse, pra que lado você iria?

— Sei lá. Não consigo nem imaginar.

— Eu sei pra que lado você iria.

— Sabe?

— Sei. Do Draco.

— Por que acha isso? — Olhei ao redor para conferir que não tinha ninguém nos ouvindo.

— Quer que eu liste os motivos? Porque ele é quem lidera a gente, você não seria tola de seguir o segundo melhor líder. Porque você gosta de cuidar dos outros e ele é quem precisa de mais cuidado. E porque você está apaixonada.

— Você cismou com isso.

— Está estampado na sua cara!

— Está nada.

— Eu vou lá falar com ele.

— Para!

— Brincadeira! — Ela riu. — Mas vocês têm que se resolver logo.

— Ele nem repara em mim.

— Vocês são dois cabeçudos.

— Não é todo mundo que consegue flertar na frente dos outros que nem você e o Gladius.

— Faz o seguinte, bota um decote.

— Não!

— O que é bonito é pra se mostrar, deve até ficar quente por baixo de tanto pano. Bota um decote, que ele te agarra na hora!

— Não quero ser agarrada.

— Quer o quê? Flores? Aí já está pedindo demais.

— Eles voltaram, se comporta.

— Só depois que vocês dois se resolverem — ela sussurrou para mim. — Vocês demoraram, heim! Pensei que tinham fugido pro bordel mesmo — e se voltou para Draco e Alberich. Senti o meu pé batendo no chão involuntariamente.

— O banheiro aqui é esquisito. — Alberich não reparou que estávamos tendo uma conversa confidencial, felizmente. — Achei que ia ser só aqueles baldes fedorentos, mas tem um cano que leva para um tal de esgoto.

— Esgoto? O que é isso? — A minha amiga deu corda ao novo assunto. Ela não seria cruel de me expor.

— Não faço ideia, deve ser algo mágico.

— E cadê a cerveja?

— Ih... acho que o Gladius cumpriu aquele papo de bordel.

— Vou procurá-lo. — Draco nem se sentou.

— Então Alberich — Ravenlla manteve a conversa longe de mim para que eu pudesse me recompor, ela não merecia ser socada, afinal. —, diz pra gente como é andar com um monte de fedelhos.

— É divertido e cansativo ao mesmo tempo. — Ele olhou para o fundo da caneca só para confirmar que estava seca. — E eu não sou tão mais velho assim.

— Nunca sentiu vontade de bater no Gladius?

— Os goblins fazem isso por mim. E os orcs e até outros humanos. Até a Zhi Wu já deve ter dado uma surra nele.

— Por essa, eu não posso culpá-lo. Ela é difícil de agradar mesmo.

— Gladius é como cerveja: ou você adora ou odeia.

— E qual é a sua posição?

— Eu não tenho que ter posição nenhuma. Quem tem que se preocupar com tanta indisciplina é o pai dele.

— O pai dele devia deixá-lo em paz, isso sim. Os pais humanos parecem esquecer que os filhos já não usam fraldas.

— É fácil para nós, aventureiros, acharmos que podemos fazer o que bem entendemos. Gladius tem a família dele e eu tenho a Ordem, não é tão simples assim.

— Vocês podiam ensinar muito um pro outro — comentei.

— Sobre esse assunto, não. Ele tem que virar adulto e ponto final.

— Ah, por favor — a elfa fez uma careta —, se virar adulto for virar infeliz, deixa ele viver a vida dele.

— Eu gosto de você, Ravenlla, mas confesso que fico com medo quando percebo que está semeando suas ideias na mente do Gladius.

— Mas um paladino jamais iria censurar uma sacerdotisa de pregar sua fé, não é mesmo? — ela falou como se toda aquela conversa fosse leviana. Talvez fosse.

— Sinceramente, sobre influenciar o Gladius, não posso competir com você. Ele já tem toda a pré-disposição de buscar a própria liberdade. Eu é que fico num dilema. Por um lado, eu não deveria ajudá-lo a fugir das responsabilidades, por outro, ele faz mais bem ao mundo, se aventurando do que casado e estagnado. Eu também não quero viver da burocracia da Ordem, mas tenho a opção de me aventurar, talvez ele não tenha.

— E por que esse casamento é tão importante?

— Porque ele deu a palavra dele.

— Ele foi induzido a dar a palavra, isso não é justo.

— A família dele pode até entrar em conflito com a família da noiva. Isso é que não seria justo.

— Isso não é problema nosso.

— Gladius nunca viveria em paz consigo mesmo sabendo que o pai teve que levantar armas por causa da liberdade dele.

— Eu não dou a mínima pra família dele.

— Ele dá. E isso, você não pode mudar.

— Vocês dois são devotos das Virtudes, por que discordam tanto? — interrompi.

— Não liga pra ele. — Ravenlla sorriu. — Está ficando velho, só isso.

— Aposto que você é mais velha. — Alberich devolveu a alfinetada.

E pela primeira vez eu vi a minha amiga gaguejando.

— Não se brinca com essas coisas! E sabe o que mais? Você já tem rugas, eu não.

— Só não vou responder porque você tem idade pra ser minha tia.

A elfa ergueu uma caneca e fingiu que ia tacar no cavaleiro, mas só fingiu. Já estava rindo de novo.

— E vocês reclamam quando eu provo o Draco. — A dupla finalmente chegou e com dois jarros dessa vez.

— Por que demoraram tanto? Eu já estava ficando com ciúmes. — Ravenlla fez beicinho.

— Pois é. Vou confessar. Fomos pro bordel, mas como não tinha ninguém que chegasse aos seus pés, voltamos.

— Ha! Assim você rouba o meu coração.

— Tinha muita gente pedindo cerveja ao mesmo tempo. — Draco terminou de encher as canecas.

— Vou convencer o taverneiro a vender o barril inteiro, vocês vão ver. — Gladius brindou.

Finalmente ficamos em silêncio — só para dar o primeiro gole mesmo.

— Rosa, você devia falar menos, desse jeito, sua garganta vai ficar irritada. — Gladius brincou.

— É que eu não quero te interromper — respondi.

— Ora, eu não falo tanto assim.

— Imagina.

— Fica mais fácil pegar no seu pé quando você está bêbado — Ravenlla aconselhou.

— Eu não estou bêbado ainda. — Ele se defendeu.

— Imagina. — Ecoei.

E todos riram.

— Tá bom, ponto pra você. Vamos fazer um favor a todos aqui e calar a minha boca. Sua vez de falar.

— E o que você quer ouvir? — Beberiquei a caneca.

— Sei lá, puxa suas cartas e vê quem vai vencer o torneio.

— Não é assim que funciona.

— Olha, eu nunca entendi magia sóbrio. Quem sabe eu entenda bêbado?

— Então você assume que está bêbado?

— Mais um ponto pra você.

E risos.

— Eu prevejo intenções e probabilidades. Quanto mais eu souber da situação, mais a minha adivinhação fica próxima do que vai acontecer. Mas eu preciso, no mínimo, saber o que você planeja fazer. Vamos supor que eu preveja desgraça nas suas ações e você simplesmente não faça nada ou tome uma rota oposta. É óbvio que as minhas previsões não se concretizarão. Mas se você insistir nos seus planos, é muito provável que a desgraça aconteça.

— Hum... E por que não tem mil adivinhos pelo mundo vendendo previsões e fazendo dinheiro fácil?

— Pelo mesmo motivo que não temos mil ilusionistas, mil encantadores ou mil necromantes. Magia não é algo simples. Poucos sabem e poucos ensinam.

— Você podia ensinar algumas coisas, né?

— Pra quem?

— Pra mim que não vai ser. E nem pro Draco — Gladius se aproximou, fingiu que iria sussurrar e falou bem alto —, ele é burro demais.

Enquanto isso, Draco trocou suas canecas, pegando a mais cheia, obviamente. Todo mundo riu e Gladius ficou achando que foi da piada dele.

— E onde você aprendeu a... você sabe... ler as cartas?

— Minha mãe ensinou à minha irmã e minha irmã me ensinou.

— Deixa eu adivinhar, você pergunta por elas todos os dias pras suas cartas?

— Quase todos os dias. Às vezes pergunto pela nossa jornada.

— E qual é a resposta mais frequente?

— Pra nossa jornada, é sempre perigo. Eu ainda estou estudando como identificar a intensidade do perigo. Pra minha família, nunca tem resposta.

E uma eternidade de silêncio se estendeu pela mesa.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que eu estou longe demais delas. Ou que elas simplesmente não existem mais.

— Se elas forem duronas como você, existem sim.

— Muito gentil da sua parte.

— De vez em quando eu cometo uns deslizes.

Permiti um sorriso.

— Se importa de nos contar como você se separou delas?

Draco encarou o amigo tentando mandá-lo parar.

— Não tem problema, acho que já devia ter contado. Nossa caravana foi atacada e fomos vendidas como escravas em cidades diferentes. Passei o resto da minha adolescência estudando com um mago.

— Peraí, você era escrava? E estudava?

— Sim, ele me comprou pra ser sua bibliotecária e secretária. Era um senhor muito amável, na verdade. Nunca me fez mal. Acho que foi graças a ele que eu não tomei raiva do mundo. Só raiva dos escravagistas mesmo.

— E o cara te ensinou as magias dele?

— Sim, tudo o que eu consegui aprender. Acho que ainda não alcancei um terço do poder dele. Em troca, eu ensinei as minhas adivinhações.

— Ah, e foi aí que você aprendeu a fazer aquelas coisas de... fazer o chão escorregar, disparar flechas de energia pelo dedo e tudo mais?

— Sim. Até o dia em que ele considerou os meus estudos completos e me mandou embora. Ele não podia impedir que eu fosse comprada como escrava por alguém e nem me ajudar a encontrar a minha família, então me comprou e me deu as ferramentas. Só tem dois anos que sou livre de novo e o mundo é muito grande, mas eu ainda vou encontrá-las.

— Gostei desse seu... dono... — Ravenlla não poupou nojo na palavra. — Só não vou procurá-lo e esfaqueá-lo porque ele te ajudou.

— Existem mil formas de ajudar alguém. Todos os dias vocês me ajudam a procurar a minha família me levando de um lado pro outro. Existem escravos em Allandria, né? Talvez eu as encontre por lá depois do casamento do Gladius.

Gladius estava distraído.

— Nunca havia me questionado de onde vinham os escravos. Se for pra ficar em Allandria, a primeira coisa que vou fazer é acabar com isso.

— O seu pai parece te amar. — Olhei nos olhos dele. — Valorize isso.

Ravenlla revirou os olhos.

— Sinceramente, não acho justo eu me esconder atrás da minha família, enquanto vocês não têm uma casa pra onde voltar.

— O céu é meu teto, a terra é minha pátria e a liberdade é minha religião.

— Você falou muito rápido pro meu estado ético entender.

— A verdade é simples — Alberich se manifestou. — A maioria dos aventureiros não tem família. Ninguém iria botar o pé na estrada com o risco de deixar uma esposa viúva ou um filho órfão. Ninguém. A exceção à regra aqui é você.

— Todos podem construir uma família, se quiserem — comentei.
— Acho que ninguém aqui quer.
— Não mesmo — Gladius respondeu de imediato.
— Ha! Ao menos temos isso em comum. — Alberich terminou de servir as canecas e esvaziar o último jarro.
— Um brinde à única coisa que todos nós temos em comum! — Gladius ergueu a caneca. — O que era mesmo?
— É que todos nós achamos graça das suas piadas. — Draco inventou.
— Não era isso não, mas eu gostei. Às minhas piadas!
— Às piadas do Gladius!
E nós brindamos com as últimas canecas da noite.



— Rosa — Gladius me chamou.
— Oi. — Já estávamos todos deitados e prontos para dormir. Menos ele, que continuava enérgico.
— Cuida bem do Draco...
— Eu ainda estou acordado! — Draco alertou.
Eu ri e agradei por ninguém poder ver o meu rosto ficar corado.
— Cuida? — ele insistiu.
— Cuido, pode deixar — respondi contendo as risadas.
— Draco... cuida bem da Rosa...
Draco sentou na cama, pronto para se levantar e pular em cima do amigo. Alberich envolveu as orelhas com o travesseiro e virou para a parede. Ravenlla saltou da cama, atravessou o quarto, sentou na cama do Gladius e botou a cabeça dele no seu colo.
— Vamos dormir, vamos, meu bravo guerreiro? — sussurrou.
— Mas eu só quero que eles cuidem um do outro... — A língua de Gladius provavelmente estava flácida dentro da boca.
— Eu sei, todo mundo sabe. Você tem um coração de ouro, sabia? — Ela foi diminuindo o tom de voz aos poucos, acalmando-o. Até o Draco deixou que minha amiga cuidasse do Gladius e deitou de novo. Todos relaxamos aos poucos...
Até o sono pesar...



Na manhã seguinte, antes que qualquer um acordasse, joguei as cartas. Embaralhei. Concentrei. Limpei a mente para que a minha vontade não influenciasse o meu julgamento. Seria uma carta para cada pessoa e mais uma carta para a fortuna dela, sempre embaralhando a cada jogada, pois a fortuna poderia ser compartilhada. Eu só podia invocar esse tipo de previsão a cada sete dias, então era melhor eu saber um pouco de todos.

O Jovem. Derrota.

Uma pena.

A Sombra. Derrota.

Estranho.

O Valete. Derrota.

Hesitei.

A Máscara. Derrota.

Medo.

O Amigo. Derrota.

Frio no umbigo.

A Sonhadora. Derrota.

Hesitei antes de virar a última carta.

O Maculado. Morte.

E eu senti meu sangue virar gelo.



VESÚVIO

GLADIUS

Pelo que valeria ceder a sua vida?

— O que é um guerreiro? — o cerimonialista começou o discurso, sua voz ampliada magicamente para que todos os espectadores ouvissem. — Com certeza aqueles que vivem pelas armas recebem tal título, todavia não são os únicos! Toda pessoa que tem a bravura de entrar num campo de batalha é um guerreiro! Cada soldado em campanha militar, miliciano que protege sua vizinhança, mago que invade uma masmorra, sacerdote que peregrina pra proteger os indefesos, ou ladino que invade o território inimigo é um guerreiro! Hoje, celebraremos o combate através do esporte e receberemos em nossa arena grandes aventureiros do mundo inteiro, tendo a certeza de que todos eles têm o potencial pra serem heróis em momentos de crise! Senhoras e senhores, saúdem os guerreiros!

E uma aclamação geral fez vibrar as estruturas do Vesúvio.



Depois do discurso, houve um momento para sortear a ordem das batalhas e definir a tabela das lutas. O sortudo do Draco ficou com a primeira luta. Desde a seleção do dia anterior, ele insistiu em descobrir alguns boatos sobre os competidores antes de brindarmos na taverna e disse que só deveríamos comemorar depois da final do torneio. Cara chato. Conversamos com algumas pessoas da cidade, descobrimos algumas informações e, depois de muita insistência minha, bebemos uma cerveja na taverna.

Enquanto a luta rolava na arena, os outros competidores ficavam na coxia, escondidos do público e próximos ao campo de batalha, tendo uma visão privilegiada, diga-se de passagem. Eu e todos os outros competidores assistiríamos a todas as lutas enquanto não fosse a nossa vez de lutar.

Agora, Draco estava na arena de frente para seu oponente. Seu nome era Cantemir. Um homem estranho. Sem meias palavras: ridículo. Um palmo mais alto

do que o meu amigo, magro e bem definido. Seu cabelo verde escuro era uma dança de tranças emaranhadas meticulosamente — por que um guerreiro perderia tanto tempo preparando um cabelo daqueles? E que cor era aquela? Ele vestia uma armadura de couro batido bem trabalhada, portava um sabre, um escudo pequeno e uma corneta de chifre nas costas. Era difícil não fazer piadas acerca desse cara.

— Você parece totalmente fora de ritmo. — Pude ouvir o esquisitão tentando debochar de Draco.

— Não estamos num baile, estamos numa arena. Boa sorte com o seu *ritmo* — meu amigo respondeu.

Quando o árbitro declarou o início da batalha, Cantemir prontamente pôs a corneta na boca e assoprou — e eu preciso confessar que o resultado foi impressionante. Aquela porcaria ecoou por toda a arena e toda a plateia ficou boquiaberta com o som. Até Draco pareceu hesitar por um instante. O homem estranho sorriu e investiu contra o meu amigo. Como Draco também não era nenhum garoto, prontamente sacou Labareda e os dois começaram a trocar golpes. Draco era nitidamente mais habilidoso e logo ganhou vantagem contra o menino de tranças, que por sua vez percebeu uma derrota iminente. Ele deu alguns passos para trás, ergueu a mão do escudo e cantarolou alguns sons estranhos, fazendo Draco quase perder a concentração. Cantemir sabia alguns truques mágicos, pelo visto. O meu amigo voltou a atacar, girando a sua espada com precisão e agressividade, fazendo com que seu adversário começasse a ficar preocupado. Mais uns passos para trás, outro feitiço cantado e o esquisitão desferiu um golpe impressionante, que quase acertou a costela do Draco, chegando a raspar no seu braço. A plateia adorou ver o primeiro sangue derramado do torneio e os outros competidores ao meu redor ficaram animados pelo combate. Nesse momento, Draco cansou da brincadeira e passou a golpear o pobre coitado impiedosamente até ele abrir a guarda e meu amigo encostar a ponta da espada rubra em seu tórax, rendendo-o. Cantemir riu fartamente da própria derrota, sem parecer nem um pouco incomodado com o resultado e ergueu o braço de Draco, saudando-o.

A plateia urrou.

— Sua mãe não lhe ensinou a não brincar com a comida? — provoqueei Draco quando ele chegou à coxia para receber os curativos em seu braço.

— Se eu derrotar o primeiro inimigo rápido demais, o público não vai torcer por mim na próxima luta.

— Pode brincar o quanto quiser, só quero você inteiro na nossa final.

— Não fique tão ansioso, eu vou varrer o chão com você.

Tive de rir.

— Veremos!



A luta seguinte foi entre outras duas figuras esquisitas. O primeiro era conhecido como Abutre, um bandido local que procurava chamar a atenção dos grandes chefes do crime através do torneio e ser recrutado por alguma organização inescrupulosa. O aspirante a capanga tinha mais de dois metros de altura, ombros largos e braços razoavelmente definidos, pele corada pelo sol, os cabelos loiros, compridos e desgrenhados e olhar pouco inteligente — provavelmente, nativo de Turninn. Vestia uma armadura de couro batido e portava uma corrente com cravos que escorria pelas laterais de suas pernas, ligada à cintura.

O segundo era conhecido como Monstro e o motivo era óbvio. Era grande e musculoso, pele toda cinza e mandíbulas proeminentes com uma boca cheia de presas. Seu cabelo parecia formar uma juba castanha e seus olhos transmitiam ferocidade. De cada antebraço saía um tentáculo afiado como um chicote espinhoso e ele vestia apenas uma tanga. Era literalmente um monstro. Quando questionamos o que uma criatura como aquela fazia no torneio, disseram que uma família nobre patrocinava alguns gladiadores e que o Monstro era a sua mais nova mascote. Era por essas e outras que eu tinha nojo da nobreza.

— Vou te pôr numa coleira! — Abutre atçou Monstro, enquanto exibia sua corrente com cravos.

A criatura rosnou em resposta.

Quando a luta começou, os dois investiram um contra o outro, Abutre girando sua corrente e Monstro avançando rapidamente, usando mãos e pés para se deslocar. Abutre gingou sua arma, porém Monstro usou seus tentáculos para agarrá-la e aproveitou para atacar com arranhões e chutes animais. Depois de perder bastante sangue, Abutre acertou uma cabeçada que desorientou o outro e livrou sua corrente do chicote natural do inimigo. Os dois estalaram suas armas, uma contra a outra, até que Abutre conseguiu imobilizar Monstro e começou a estrangulá-lo com as correntes. A batalha parecia decidida quando Monstro entrelaçou as pernas do Abutre, conseguindo desequilibrá-lo e jogá-lo no chão. O que se sucedeu foi uma espetacular surra com garras, patas e chicotes, até o árbitro separá-los à força, sobrando apenas o corpo desmaiado do aspirante a capanga, estirado na terra batida. Pelo visto, ele não conseguiria o seu sonhado emprego tão cedo.

— Gostou do seu próximo adversário? — perguntei a Draco, que observava tudo atentamente.

— Nunca enfrentei nada parecido antes, vai ser difícil. Ele não parece pensar muito, usarei isso a meu favor.

— Nunca mais terá o meu respeito, se perder pra uma besta dessas.

— E desde quando você respeita alguém?

Eu ri.

— Sabe de uma coisa? Pra um cara sem senso de humor, você é muito engraçado.



Em seguida, chegou a vez de Alberich e Barão entrarem na arena. Seu adversário era Mo Yan, um homem que aparentava ter quarenta anos de idade, possuía pele amarelada e olhos pequenos, ligeiramente estreitos. Não usava armaduras e nem armas, apenas uma calça de seda bege sobreposta por tecidos verdes e um cinturão metálico com flores de lótus finamente esculpidas. Devia ter a minha altura e a cabeça era totalmente lisa, exceto por um rabo de cavalo comprido e uma bandana verde na testa. Mesmo com tudo isso, o que mais chamava a atenção naquele homem eram suas inúmeras tatuagens pelos braços, tórax e costas. Era possível identificar uma lua, uma águia, uma borboleta, uma montanha e uma onda do mar, emaranhadas em diversos outros símbolos, todas compondo uma cena única e exótica. Sua postura era rígida e respeitosa e seu corpo era músculo puro. Alguns comentaram que ele era um monge, seja lá o que isso queira dizer.

É comum gladiadores se encararem e se afrontarem, porém eles se estudavam pacientemente enquanto a luta não começava. Quando o árbitro deu o sinal, em vez de partirem para o ataque, ambos se cumprimentaram e, só então, ergueram a guarda.

Bonito de se ver e fácil de se tirar vantagem, se um dos dois não fosse tão honesto.

A dupla e o monge se aproximaram lentamente, calculando cautelosamente a distância para o primeiro golpe. Então com uma velocidade surpreendente, Mo Yan ajeitou uma perna, ergueu a outra e desferiu um chute incrível contra Alberich, que só teve tempo de erguer o escudo e, mesmo assim, foi jogado de costas no chão, tamanho impacto. Barão tentou aproveitar para atacar o adversário, mas ele usou o impulso do íbex a seu favor, enroscou um braço em um chifre, desequilibrou o animal e empurrou-o para cima do paladino. O público ovacionou a cena, enquanto o monge aguardava que o anão e o íbex se reerguessem.

Novamente, passos meticulosos, até que Alberich tomou a iniciativa dessa vez e girou o martelo contra seu adversário, que prontamente girou num movimento suave, praticamente dançando com o golpe, pegando impulso e enfiando o calcanhar contra o seu queixo. Seguindo o fluxo de golpes serenos e impactos brutos, o monge socou Alberich e Barão várias vezes, seus punhos formando um borrão de velocidade no ar, amassando armadura e escudo em diversos pontos. Mesmo debaixo de uma chuva de golpes, o paladino urrou de esforço e desferiu uma nova martelada, enquanto o íbex tentava dar uma chifrada, mas só trespassaram o ar, pois Mo Yan se esquivou para trás. Novamente, a dupla e o monge se estudavam, calculando suas próximas ações, todos aparentemente calmos demais para um combate. Alberich ofegava e tinha sangue escorrendo pelo nariz. Barão estava mancando. O monge preparou um chute com uma perna e desferiu um golpe com a outra, tentando enganar o paladino. Para a sua infelicidade, o tatuado foi interrompido por uma martelada, antes mesmo de terminar o golpe. Alberich ignorou o movimento do adversário, apenas viu um alvo e o acertou antes que ele pudesse continuar. Como resultado, o monge foi de joelhos ao chão. O paladino ergueu o martelo para mais um ataque e o íbex mirou os chifres. Entretanto eles foram surpreendidos com uma rendição, Mo Yan estava de mãos levantadas.

— Vocês venceram. Minha perna está quebrada. — Foi tudo que disse, mantendo a tranquilidade.

Alberich demorou um breve instante para entender que havia vencido, então pôs-se a gritar:

— Médicos! Médicos!

Um grupo de curandeiros correu para socorrer o competidor ferido, enquanto a plateia urrava em deleite.

— Foi uma boa batalha. — Draco cumprimentou o paladino quando ele chegou na coxa.

— Eu preferiria tê-lo como aliado do que como adversário.

— Nem todas as lutas são do bem contra o mal, meu amigo. E isso pode ser muito bom ou muito ruim — eu disse, interrompendo os dois.



O próximo combatente era o guerreiro com quem Draco duelara logo antes de encerrar a seleção eliminatória. Seu nome era Jasão e também era um gladiador. Ouvimos falar que ele cansou de lutas artísticas — ou fingidas, como prefiro

chamar — e passou a buscar desafios de verdade. Seu rosto não tinha nenhum traço marcante, apenas a expressão sempre séria e tensa, provavelmente nativo de Dellarte. Vestia uma brunea parecida com a que eu e Draco usávamos no nosso começo de carreira, porém melhor que as nossas — aparentemente, ele era um guerreiro que apreciava a agilidade. Até seus equipamentos eram simples: espada e escudo. Parecia ser bom de luta, apesar da simplicidade e de só ter entrado no torneio por sorte, ou teria sido derrotado pelo meu amigo antes mesmo de começar.

Seu adversário era Broke, um orc de uma tribo do deserto. Um maldito orc. Não sabia que esse tipo de criatura poderia entrar em cidades sem ser alvejado logo nos portões. Acho que eu fiquei mais desconfiado desde o incidente com a elfa sombria. De qualquer forma, o bicho era um dos grandes. Pele avermelhada, dois ou três palmos mais alto do que uma pessoa normal, cabelos negros trançados e sujos e bruto até a alma. Vestia uma armadura de couro rústica e empunhava um machado duplo: uma arma com a haste longa e duas lâminas de machado em cada extremidade. Aquela coisa parecia difícil de se manusear. Eu estava ansioso para ver o orc em ação — e já ficava com pena do pobre gladiador.

— Eu vou massacrar você, pequeno homem, em homenagem à Alcateia Tribal! — o orc anunciou com sua voz gutural.

— Apenas músculos não podem me deter! — Jasão afrontou de volta.

Mal o árbitro anunciou o combate, Broke girou o machado duplo, soltando um grito que mais parecia um uivo. O gladiador adotou uma postura defensiva, bloqueou alguns golpes com o escudo e aparou outros com a espada. A velocidade e quantidade de ataques que Broke desferia era fascinante. Na primeira brecha do orc, Jasão tentou atacar, mas ele não estava desprevenido como parecia e aparou o ataque com um lado do machado, abrindo a guarda do oponente e atacando com a outra haste num giro excepcionalmente veloz. O gladiador quase não conseguiu se esquivar e teve uma lasca da sua armadura arrancada no movimento. Sem dar tempo de pensar ou recuperar o fôlego, o orc estava novamente atacando com sua arma dupla. Cada golpe num ângulo novo, forçando o oponente a prestar total atenção na defesa para não sair da luta aleijado. No meio dos ataques, Broke ergueu o machado e desceu na horizontal violentamente. Jasão aproveitou, esquivou, encaixou sua espada na lâmina do machado e forçou a arma do inimigo contra o chão, enterrando-a e inutilizando-a. Antes que o orc pudesse arrancá-la de lá, o gladiador desferiu um chute em seu peito que o fez tropeçar e afastar-se de seu machado duplo. Aproveitando a oportunidade, Jasão investiu contra o adversário, e se surpreendeu quando ele não se intimidou e agarrou o punho do gladiador com força, evitando o ataque e torcendo-o até que ele também soltasse a arma. Jasão soltou um grito dolorido e recebeu uma cabeçada na testa que o deixou zozinho e o derrubou de joelhos. Broke deixou-o ali, recuperando a consciência, enquanto foi

buscar seu machado duplo e voltou para encerrar a batalha. Todos sabíamos que mortes eram proibidas no combate, ainda assim era impossível prever o que um orc faria com um oponente indefeso. Broke se aproximou de Jasão e, dessa vez, foi o orc quem ficou surpreendido. Recuperando a consciência, o gladiador ergueu-se e, no mesmo impulso, acertou seu escudo contra a cabeça de Broke, fazendo-o tombar no chão com o impacto. Sem delongas, catou sua espada e apontou para o orc, rendendo-o.

Fim de combate.

Enquanto o povo urrava, Broke se levantou e encarou Jasão, que não se intimidou.

Protagonizando uma surpresa final, o orc ergueu o braço do gladiador, saudando-o para todos.

Realmente, não é a raça que define um monstro ou uma pessoa.



Finalmente, chegou a minha vez de lutar! Minha adversária era a competidora com quem Jasão havia se juntado para vencer a primeira etapa do torneio, imitando a formação da minha equipe. Vendo-a de perto, percebi que ela era mais uma das figuras exóticas daquele torneio. A dama tinha uma fina pelugem loira por todo o corpo, orelhas e focinho felinos e uma cauda comprida, além de um corpo tão esguio quanto o da Ravenlla. Ela vestia um corselete de couro, reforçado apenas no tórax e flexível nos membros, sobreposto por trajes de linho — proteção quase irrelevante, alta maleabilidade — e empunhava uma espada curta em cada mão. Seu nome era Selina e o pouco que sabiam sobre ela era que estava em viagem para conhecer o mundo. Que eu saiba, conhecer o mundo não leva ninguém a lutar em arenas. Não que eu me importe.

Saudei a plateia erguendo meus braços e cumprimentando-os, enquanto ela me observava com um olhar misto entre desafio e provocação. Quando terminei, olhei para ela e debochei:

— Uma pena, detesto bater em mulheres.

— Não se preocupe, você não vai nem ver o que te atingiu — ela respondeu, me fazendo rir. Abusada.

O árbitro anunciou o começo do duelo e ela investiu em minha direção com ímpeto. Ergui o escudo, preparei o contra-ataque, mas ela me surpreendeu deslizando pelo chão, passando por entre as minhas pernas e raspando as espadas curtas nos meus tornozelos, pelas brechas da minha armadura, conseguindo

arrancar um pouco de sangue — se não fossem minhas botas metálicas e a calça de couro reforçado, o combate estaria encerrado naquela manobra. Girei para golpeá-la, mas ela já estava de pé e se inclinou para trás, evitando o meu ataque.

A minha adversária se afastou agilmente e logo estava preparando impulso para outra investida. Entrei no seu jogo. Deixei que viesse e, dessa vez, ela deu uma pirueta por cima de mim, demonstrando uma destreza descomunal e fazendo o público berrar. Para a sua infelicidade, eu já sabia que ela iria me driblar — apesar de não saber como — e já estava girando um golpe de escudo antes que ela terminasse a manobra, arremessando-a alguns passos para trás. A mulher felina emendou uma cambalhota e se levantou num único movimento. Era a minha vez de partir para o ataque. Estoquei, ela se esquivou com um passo para trás, descrevi um arco horizontal, ela se agachou, tentou contra-atacar, encontrou o meu escudo e um novo golpe na vertical. Tentou rodopiar pela direita para atacar o meu flanco, mas eu fui mais veloz e aparei a sua arma com a minha, desferindo um chute que a empurrou dois passos para longe. Por mais que a minha adversária fosse ágil, eu lutava melhor. Saudei os espectadores mais uma vez para desmoralizá-la e fui recebido com aplausos e vivas. Quando voltei à posição de guarda, ela encaixou de imediato a bota no meu queixo e espetou o meu braço esquerdo com um dos seus sabres. Dei uma espadada para obrigá-la a se esquivar e se afastar de mim, recuperando a postura, agora com dificuldades para manter o escudo erguido. Nenhum de nós dois manteve a postura debochada até aquele ponto da luta e ambos parecíamos decididos a encerrar a brincadeira logo. Eu percebi que ela não teria paciência para preparar um contragolpe e usei isso em minha vantagem. Fingi que ia atacar, ela veio para cima de mim, tentando me enganar para abrir a minha guarda, mas eu avancei quando ela menos esperava e acertei a sua testa com o cabo da minha arma, atordoando-a. Enquanto a felina tentava se recompor, ataquei suas espadas, fazendo-a soltá-las. Quando sua cabeça parou de girar, eu já estava com a ponta da minha espada entre seus belos seios, rendendo-a, com um sorriso vitorioso — e charmoso — nos lábios.

Ela sorriu de volta, aplaudiu junto à multidão e saiu da arena em direção à coxia.

Retirei-me sob os vivas do público e, quando cheguei perto dos meus amigos, não pude deixar de comentar:

— Detesto bater em mulheres.



— Você acha que a Rosa tem chances? — perguntei.

— Ela não é uma combatente, não sei nem por que entrou nisso — Draco respondeu.

E a cartomante, por sua vez, estava na arena, obstinada. Aquela mulher nunca parecia exaltada ou desesperada, no máximo aflita. Agora, estava prestes a entrar num combate, prestes a levar uma surra, e parecia estar indo a um piquenique.

— Cara, olha o tamanho daquilo!

Draco só se deu ao trabalho de esfregar o rosto de preocupação. Aquele torneio trouxe guerreiros realmente grandes. Abutre, o arruaceiro, e Broke, o orc, eram homens de mais de dois metros de altura. Monstro com certeza seria muito grande, se andasse ereto. Entretanto o adversário de Rosa era o maior de todos! Aquilo só não era do tamanho de um ogro ou de um minotauro. Tirando isso, ele era maior do que tudo. Um homem com cabeça de lobo e pelo cinzento por todo o corpo. Não era um lobisomem, esses são seres amaldiçoados, e sim um bestial lupino. Vestia uma camisa de cota de malha, empunhava um machado em cada mão e ostentava adereços tribais pela armadura. Como se não bastasse, ele vinha acompanhado por um lobo que, por si só, já era do tamanho de uma pessoa normal e tinha presas que podiam ser medidas em polegadas.

— Ele foi um dos que se juntaram ao Jasão na eliminatória — Draco explicou. — É o campeão da tribo Lobos Lunares, por isso ficou conhecido simplesmente como o Lobo Lunar. O seu bichinho de estimação, que ele afirma ser seu primo, se chama Devorador. Não se sabe os nomes reais deles, esses são apenas os títulos que eles ganharam.

— O que essa coisa deve ter feito pra ser intitulada *Devorador*?

— Não sei, só sei que eu quero que a Rosa não se machuque... demais.

— Vamos torcer.

A batalha começou e Rosa cantarolou uma magia, fazendo Lobo Lunar e Devorador escorregarem e tropeçarem, como se o chão estivesse enlameado. A cena foi quase engraçada e enquanto os dois tentavam se reerguer, a cartomante aproveitou e começou a conjurar vários efeitos de proteção, fazendo sua roupa brilhar num tom azulado e uma espécie de escudo translúcido surgir flutuando na sua frente. Depois de garantir sua defesa, ela fechou os olhos e passou a se concentrar profundamente.

— Numa boa, eu acho uma péssima ideia ficar de olhos fechados no meio de uma luta — comentei. Apesar do deboche, percebi que estava inquieto por Rosa. Olhei para o meu amigo e ele parecia desesperado por dentro. Por fora, disfarçava bem, parecia apenas analisar o combate. Se eu não conhecesse o meu

amigo, não saberia que a sua cabeça se encontrava em um turbilhão. Cada vez mais, o que ele sentia por ela ficava óbvio para todos, menos para ele mesmo.

Voltei a prestar atenção na arena e vi que, aos tropeços, Lobo Lunar e Devorador já estavam quase conseguindo ficar de pé, rosando de ansiedade para atacar. Rosa abriu os olhos, sua expressão totalmente impessoal, fitou cada um dos lobos, que por sua vez já estavam cercado-a. Enquanto o lupino andava em arco para flanqueá-la com seu parceiro, ela olhou nos seus olhos, o que fez com que ele se desconcentrasse por um instante. Lobo Lunar piscou e sacudiu a cabeça, recuperando o foco, então ergueu seus dois machados e avançou contra Rosa. Involuntariamente, fiquei sem respirar enquanto ele atacava e imaginei que Draco deveria estar fazendo o mesmo. Quando o homem lobo chegou perto de Rosa, percebemos o quanto aquilo era desproporcional. Ele tinha quase um metro a mais que ela, de forma que todos os seus golpes tinham que ser de cima para baixo. A primeira machadada foi bloqueada pelo escudo flutuante e a segunda acertou seu braço, parecendo que iria decepá-lo, mas sua roupa resistiu ao ataque como se fosse aço. Voltei a respirar ao vê-la inteira depois dos ataques. Devorador atacou-a por trás, o escudo foi mais rápido e interceptou sua mandíbula.

Rosa deu um passo para o lado, para evitar ser cercada, apontou o dedo para o enorme oponente e disparou um pequeno raio de energia em seu peito, chamuscando-o. A magia pareceu incomodar, sem surtir nenhum efeito relevante. Talvez se usasse mais uns dez daqueles, ela conseguisse derrubar o adversário. Infelizmente, não teria tempo para isso, porque dessa vez o lobo conseguiu abocanhar o tornozelo dela, sacudindo a cabeça e desequilibrando-a. Rosa soltou um grito agudo e eu tive certeza que Draco estava fazendo uma força de vontade sobre-humana para não interferir. Ao vê-la caída, Lobo Lunar esticou um dos machados em sua direção e comandou:

— Basta! — e Devorador soltou sua perna.

Ela estava rendida e a batalha encerrara, para o nosso alívio.

O homem lobo ajudou nossa amiga a levantar-se. Apesar da dor evidentemente incômoda, ela conseguiu ficar de pé e, mesmo sob todas as circunstâncias, aplaudiu a vitória do adversário. Lobo Lunar pareceu sorrir pela primeira vez e, junto de Devorador, pôs-se a uivar em triunfo, enquanto a plateia ovacionava.

Rosa veio mancando enquanto seu adversário cedia o braço para ela se apoiar, até que Draco avançou para ajudá-la. Eu tenho certeza que ele ficou enciumado ao vê-la próxima demais de outro homem, por mais que esse homem tivesse focinho em vez de rosto. Alberich, Ravenlla e Zhi Wu também se aproximaram para saber do estado de Rosa.

— Você está bem? Vou chamar os curandeiros. Como está se sentindo? — Draco não conseguiu disfarçar o desespero.

— Aquele lobo é um fofo, ele não me machucou.

— Como assim?

— Ela deve estar sentindo tanta dor que está delirando. — Eu não falava totalmente sério, mesmo assim era a única explicação.

— Ele me mordeu só pra me derrubar, não cravou os dentes em mim. Se tivesse me mordido com vontade, teria perfurado meus ossos. Foram alguns cortezinhos, nada que algumas suturas não resolvam.

— Como se sutura fosse coisa boba. — Olhei de perto e, de fato, os cortes eram superficiais.

Ela sorriu gentilmente, olhou ao seu redor, percebeu que só nós seis estávamos próximos e falou um pouco mais baixo.

— Gladius, ele vai ser o seu adversário amanhã e eu consegui detectar alguns pensamentos dele antes de ser atacada.

— Espera, você o quê?

— Sou adivinha, lembra? O que mais eu poderia fazer nessa competição, além de ajudar vocês descobrindo alguma coisa ou outra durante as lutas?

Draco e Alberich ficaram de boca aberta. Ravenlla sorriu, aprovando a ideia. Zhi Wu observava, avaliando internamente como sempre. Eu achei muito divertido e fiquei totalmente satisfeito.

— Mais tarde, na taverna, eu lhe falo tudo que descobri sobre seu próximo adversário, pode deixar. Agora, vou procurar alguém para costurar a minha perna, se me der licença. — Ela se virou para o meu amigo — Draco, faria a gentileza de me ajudar? — e ele prontamente levou-a até os médicos da arena.

Observei o casal se afastando e comentei com o restante do grupo:

— Esses dois estão ficando um nojo juntos.

Zhi Wu não demonstrou reação, Ravenlla apenas sorriu e Alberich precisou de um instante para pensar, olhar para os dois e, subitamente, entender o que estava acontecendo entre eles.

— É, meu querido, a gente perdendo tempo pensando em matar monstros e os dois flertando por debaixo dos nossos narizes.

— Verdade, mas eu nunca vi os dois flertarem — o paladino refletiu.

— É que eles ainda não se mancaram. Quando perceberem, vão passar a nos ignorar e viver num mundinho próprio, cor de rosa e asqueroso bem na nossa frente. Esteja preparado.

— Pelo menos *ele* não percebeu — Ravenlla confidenciou, demonstrando que sabia de algo mais.

Eu apenas ri.



A próxima luta prometia.

De um lado, estava um guerreiro anão, dois palmos mais baixo do que eu e dois palmos mais largo também. Coberto de aço da cabeça aos pés, deixando apenas a barba castanha e crespa, trançada e separada por anéis metálicos. Nas mãos, um escudo quase do seu tamanho e um machado que parecia pesado demais para segurar com uma mão só, e que ele erguia com naturalidade. Seu nome era Greif, defensor entusiasta da tradição guerreira anã, decidido a provar ao mundo que os anões são os melhores guerreiros.

Do outro, o maluco que havia interrompido o duelo entre Draco e Jasão. Outra figura coberta de metal da cabeça aos pés, mas exibia o rosto enquanto mantinha a viseira do elmo para cima. Seu queixo era largo, o nariz comprido e pontudo e ostentava um sorriso espaçoso e um olhar cruel, provavelmente oriundo de Solar. O que mais chamava a atenção era sua arma: uma espada de duas mãos de lâmina rubra, do mesmo material da Labareda de Draco. Nós já conhecíamos o babaca, infelizmente: seu nome era Beowulf, e o cara foi discípulo de Ausohlung, o antigo campeão de Arena, a Cidade dos Guerreiros. Mesmo depois do mestre ter assassinado um adversário rendido, ele continuou seguindo seus ensinamentos e inclusive foi um dos capangas que invadiu o torneio para roubar a espada-prêmio, quando Draco derrotou Ausohlung e foi aclamado campeão. Enquanto estava preso por seus crimes, Beowulf começou a considerar o seu mestre fraco e decidiu não mais segui-lo quando fosse liberto. Mesmo nas masmorras, participou de brigas e competições com os outros prisioneiros, saindo vitorioso sempre — pelo visto, violência dentro das masmorras não era crime na Cidade dos Guerreiros. Quando liberto, participou do torneio da cidade e foi campeão, conquistando Nagelring, a espada rubra de duas mãos.

Beowulf tapou seu sorriso com a viseira e sacou sua arma, erguendo-a ereta à sua frente, sem parecer se incomodar com seu peso ou equilíbrio. Greif fincou os dois pés no chão e preparou seu machado e escudo.

O árbitro deu sinal e Beowulf disparou para cima do anão, girou a enorme espada, atacou e foi bloqueado pelo escudo do oponente, num impacto que pareceu reverberar a arena inteira. Não sei o que foi mais incrível, o peso do golpe, o escudo não ter se despedaçado ou Greif não ter sido jogado para longe com tamanha força, se mantendo fixo no mesmo ponto. Em resposta, o anão atacou na horizontal, encontrando Nagelring em bloqueio. No mesmo movimento que usou

para aparar o machado, Beowulf ergueu a espada sobre a cabeça e desceu com força e peso, sendo recebido novamente pelo escudo do oponente. Aquela porcaria deveria ser feita de algum metal mais resistente do que o aço. Greif atacou novamente na horizontal, fazendo Beowulf saltar para trás para evitar o golpe. E o anão continuava posicionado no mesmo lugar, suas botas imóveis. Apesar do comprimento de sua espada, Beowulf não conseguiria aplicar um ataque eficaz sem ficar ao alcance de um golpe de Greif — arranhar o escudo e a armadura do adversário não o levaria à vitória. Ambos ficaram parados por um instante, guardas levantadas e respirações ofegantes, até que Nagelring avançou em estocada contra o poderoso escudo. Beowulf se afastou antes de permitir que seu oponente contra-atacasse e estocou de novo, dessa vez emendando o golpe com uma girada horizontal pela esquerda. Greif se agachou, deixando que a espada cortasse o ar acima de sua cabeça e tentou atacar, mas foi obrigado a usar o escudo para evitar uma espadada pela direita. Beowulf aproveitou que seu oponente estava sem tempo de reação diante de tantos ataques seguidos, girou Nagelring e interrompeu seu movimento antes que decapitasse seu oponente, acima de seu ombro, perigosamente próximo de seu pescoço.

A plateia urrava.

Beowulf estava classificado para a segunda fase do torneio.

— Golpes precisos e violentos — comentou Draco.

— Estilo de luta parecido com o do Marcus — respondi.

— Marcus era mais agressivo, esse não parece ser do tipo que dispensa a tática.

— Está com medo? Quer chorar no meu ombro?

— Quero que você quebre uma perna.

Fiquei rindo enquanto os dois guerreiros se retiravam do campo de duelo.

Quando Zhi Wu e Ravenlla se encaminharam para a arena, me dei conta que a última batalha do dia estava para começar.



Zhi Wu com certeza era a pessoa mais misteriosa que eu já havia conhecido nessa vida. Falava pouco, independente do assunto. Sobre si, menos ainda. Nem seu rosto revelava. Apesar de tantas incógnitas, ela transmitia confiança. Desde que a conhecemos, quando resolvemos o problema com os goblins junto a Sehdlon, o elfo xamã, ela fora leal ao grupo — e muito eficiente. Apesar de preferir pessoas que falem mais, eu confiava nela.

Ravenlla era o oposto de Zhi Wu. Uma mulher muito bonita — até sedutora —, que demorou um pouco para se enturmar, mas logo ficou à vontade e passou a inspirar conforto e confiança nos amigos. Ela e Rosa eram pessoas agradáveis: de um lado, a elfa era do tipo que nos instigava a fazer o que bem entendêssemos, do outro, a cartomante tinha a ternura de uma mãe. Por duas vezes eu estive à beira de enlouquecer e foi Ravenlla quem me salvou — uma com a carta do meu pai e a outra quando Draco quase morreu contra o abissal. Eu confesso que desconfiava dela no começo. Agora, não imaginava o grupo sem ela e Rosa.

Entre a kunoichi e a sacerdotisa, nenhuma das duas era puramente guerreira. Zhi Wu era melhor sendo silenciosa e investigando do que lutando, e Ravenlla tinha alguns truques mágicos na manga, provindos de sua fé. Aquilo seria interessante.

Geralmente, gladiadores usavam cores berrantes para chamar a atenção na arena. A kunoichi, com seus trajes totalmente negros, conseguia aparecer mais do que qualquer cor — embora eu soubesse que não era esse o intuito dela. Ravenlla estava estonteante, como sempre, cota de malha reluzindo ao sol do fim da tarde de verão e capa azul, com o capuz nos ombros, exibindo seus compridos cabelos ruivos, extremamente finos e lisos, e seus olhos de safira e orelhas pontudas que iam acima da cabeça. A plateia, majoritariamente masculina, já estava adorando a batalha antes mesmo de começar.

O árbitro deu sinal e, instantaneamente, uma estrela disparou contra a coxa de Ravenlla, que mal pôde reagir, tendo uma parte da proteção de suas pernas aberta e um filete de sangue manchando de vermelho suas vestes. A elfa fez uma breve careta de dor e logo voltou à sua expressão tipicamente amigável. Ergueu as duas mãos, uma suave luz azulada emanou de seu corpo e passou a radiar de leve. Zhi Wu adotou uma postura cautelosa, medindo a adversária. Sacou outra estrela, arremessou e, apesar de ter acertado em cheio a outra coxa de Ravenlla, caiu no chão, inutilizada, bloqueada pela luz azul. A elfa, por sua vez, sacou seu sabre, se concentrou, e a mesma luz azulada surgiu, subindo do cabo até à ponta de sua arma. Agora, ela parecia pronta para atacar.

Zhi Wu sacou sua espada curta e se posicionou em guarda, na defensiva. Ravenlla avançou e golpeou, a kunoichi agilmente se esquivou e deu um passo pela lateral da elfa, tentando raspar sua lâmina pela sua costela, e novamente a luz interferiu, impedindo o ataque. Demonstrando agilidade à altura, Ravenlla girou e desferiu um golpe vertical de cima para baixo, que foi aparado pela arma de Zhi Wu. A elfa atacou mais algumas vezes, todas evitadas pela kunoichi, que aproveitou uma brecha e estocou, ferindo o braço esquerdo da oponente. Ela sabia que não a derrotaria num único ataque e estava provocando incômodos para abaixar a sua guarda. Ravenlla estava totalmente concentrada em golpear,

demonstrando rapidez e precisão, até que Zhi Wu tentou aproveitar outra falha, porém, dessa vez, a elfa contragolpeou, desarmando a kunoichi e apontando o sabre para o seu queixo.

A plateia comemorou, disparando elogios para as duas combatentes. A única reação de Zhi Wu foi recolher suas duas estrelas que estavam no chão e abandonar a arena, enquanto Ravenlla saudava o público graciosamente, como uma diva de teatro.

O primeiro dia do torneio estava encerrado.



Estávamos na boa e velha taverna. Cada um de nós possuía algumas feridas novas, todas amenizadas graças às magias de cura dos sacerdotes da arena. No dia seguinte, os combates seriam entre Draco e Monstro, Alberich e Jasão, Ravenlla e Beowulf e eu iria enfrentar Lobo Lunar. Nem Zhi Wu e nem Rosa concordaram em investigar mais sobre os oponentes do dia seguinte.

— Por que não? — insisti.

— Porque já fizemos isso antes do torneio e eu já vou te contar o que descobri sobre o comportamento de Lobo Lunar, mais do que isso seria trapça. — Rosa ria das minhas tentativas de convencê-las, entretida pela conversa. Apesar da sua espontaneidade típica, havia algo de errado em seus olhos, que eu não consegui identificar. Devia ser só a emoção do torneio.

— Qual é a diferença?

— Que foi, Gladius? Não está mais tão confiante em sua espada? — ela zombou com um sorriso forçado.

— Essa doeu — comentou Alberich.

— Tudo bem, muito engraçado. E o que tem pra me dizer sobre o lobão?

O taverneiro chegou com quatro canecas de cerveja. Zhi Wu e Rosa não beberiam. Sequei metade do meu copo enquanto ouvia a cartomante.

— Ele não é selvagem como parece. Monstro, Broke e até Beowulf parecem mais selvagens do que ele. Por dentro, Lobo Lunar é contemplativo. Não vá pra luta contando com irracionalidade por parte dele, isso não funcionaria.

— E o lobo dele?

— Ele considera Devorador como um parente, eles eram tidos como iguais na tribo deles.

— Se eu feri-lo, isso poderia desestabilizar o grandão.

— Sim, talvez isso funcione. Só tome cuidado, matar um animal é considerado matar uma pessoa na arena.

— E isso só serviria para enfurecê-lo. — Draco opinou.

— Ou seja, ele será irracional e eu usarei isso contra ele — respondi.

— Gladius montando uma estratégia, nem parece você — Ravenlla debochou.

— Eu sempre tenho uma estratégia. A diferença é que penso mais rápido do que todos vocês e não preciso me preocupar com isso cedo demais — e sequei meu copo.

— Quem você quer enganar? Todo mundo aqui já viu que você é o maior cabeça oca. — Foi a vez de Draco implicar comigo.

— Que foi? Lembrar que eu tive uma vitória na arena hoje, ninguém quer, né?

— Não bastaram as centenas de pessoas te adulando na plateia? Ainda quer que a gente te mime também?

— Foram só algumas dezenas, eu contei.

Eles riram.

— E pra não parecer que eu sou resmungão, a próxima rodada é por minha conta.

— Estou indo pro quarto — Zhi Wu se manifestou.

— Que isso? Fica mais um pouco. — Para falar a verdade, já era raro a kunoichi nos acompanhar na taverna, foi impressionante ela ter ficado com a gente por tanto tempo.

Rosa bocejou.

— Estou bem cansada, vou subir com ela. Beijos, rapazes — declarou.

E as duas subiram juntas.

Observei-as indo embora, fiz sinal para o taverneiro e assim que as cervejas chegaram, me virei para Draco.

— Qual é o seu problema?

— Como assim?

Alberich riu, já entendendo o assunto. Ravenlla sorriu, apenas assistindo.

— Por que vocês dois não alugam um quarto particular logo?

— Do que você está falando? — O que me dava mais raiva era que ele realmente não sabia qual era o assunto.

— Ele está falando de Rosa — Alberich esclareceu.

— Isso é sério?

Nós três encarávamos o meu amigo.

— Isso não faz o menor sentido.

— Por favor, Draco, todo mundo já viu, menos você. — Eu estava inconformado.

— Vocês estão loucos, ela não me trata diferente de ninguém.

— O quê? Só falta ela sentar no seu colo! — retruquei.

— Na verdade, é o contrário, ela te trata diferente de todo mundo. — Alberich me apoiou.

— Eu conheço a minha amiga há tempo o suficiente pra dizer: nunca a vi sendo assim com ninguém — Ravenlla acrescentou.

— Sem falar no modo como ela te pediu ajuda na arena hoje — comentei.

— Ela estava machucada e pediu ajuda, oras.

— Pediu ajuda pra *você* — rebati.

— E ela nem estava tão machucada assim, não precisava ficar nos seus braços — a elfa reforçou.

— Draco, abra seus olhos, só você não viu ainda — Alberich concluiu.

Meu amigo ficou pensativo. O importante é que ele havia enxergado, ou eu iria dar um tapa nele para seu cérebro funcionar na marra.

— Bom, divirta-se com a realidade. Se me derem licença, eu tenho um encontro — e me levantei.

— Como assim, aonde você vai? — Draco ficou ainda mais confuso. Dessa vez, todos na mesa ficaram surpresos.

— Sabem a Selina, minha adversária de hoje? Literalmente, a gatinha? — Todos concordaram lentamente com a cabeça, boquiabertos. — Temos um encontro. Vou fazer em um dia aquilo que o Draco se recusa há semanas. Boa noite!

Então dei as costas aos meus amigos e me retirei da taverna. Quem disse que precisávamos esperar até o fim do torneio para termos alguma recompensa?

Entreato

— Quer dizer que ela não está na cidade? — Rosa hesitava.

— Se estivesse, já teria mandado assassinos atrás da gente. O que suas cartas disseram? — Ravenlla não disfarçava a frustração.

— As cartas só apontam pro torneio. Vou tentar de novo depois da final. Por que a gente não pede ajuda pra Zhi Wu?

— Zhi Wu já não vai com a minha cara. Quer que ela tome birra de você também?

— Acho que devíamos contar aos outros.

— Eles não têm nada a ver com isso.

— E se mandarem assassinos atrás de nós? Nossos amigos vão correr perigo. Por nossa culpa.

— Tem certeza que quer dar mais motivo pra eles se preocuparem? Já não basta todos os que já temos? Nós vamos dar conta desse assunto nós duas. Vai ser melhor pra todos assim.

— Por que insistimos nisso? Por que não podemos deixar pra lá?

— Talvez porque aquela desgraçada usou a gente e depois nos largou pra morrer.

— Ravenlla... não sei se quero continuar com essa nossa vingan...

— Não diga essa palavra! Já basta Draco e Gladius.

— Não é diferente.

— Que seja.

— Acha que estamos perto, pelo menos?

— Eu tenho medo que ela esteja perto. Tenho medo que ela nos encontre primeiro.

— E se encontrar?

— Nesse caso, dou minha palavra que vou até o final. Nem que custe a minha vida.

OS CAMPEÕES

DRACO

Eu não quero ser o único que as batalhas sempre escolhem.

Como pude ser tão ingênuo?

Eu estava deitado na minha cama em claro, no nosso quarto da estalagem, olhando para o teto. Mentira, eu olhava para ela. Às vezes eu olhava o teto para disfarçar. Um disfarce que não enganava nem a mim mesmo. Ser um guerreiro é fácil. Derrotar inimigos é fácil. Quase morrer e triunfar quando tudo parece perdido é fácil. Difícil é lidar com pessoas. Pior é lidar consigo mesmo. As coisas são simples quando se tem um inimigo declarado e um objetivo definido, é só cumprir a missão. Complicado é se pegar observando uma pessoa enquanto dorme e se dar conta de que ela te encanta mesmo nesse estado, respirando regularmente num travesseiro confortável. Mais complicado é perceber que já fez isso antes, só nunca se deu conta. Não era só o olhar belo, ou o sorriso fino e delicado, ou o espírito jovial. Era algo a mais. Algo que eu não conseguia identificar.

Talvez não fosse algo nela ou em mim.

Talvez fosse algo entre nós.

Foi quando me dei conta de que, desde que comecei a minha jornada, eu só tinha gerado mais dúvidas dentro da minha cabeça, mas naquele momento, eu acabava de encontrar a minha primeira certeza.



Acordei mais cedo do que de costume naquele dia. Era muito raro eu ter problemas para dormir, mesmo sob ansiedade. Estranhamente, senti meu corpo descansado, entretanto parecia que minha mente não havia parado um segundo.

Esfreguei os olhos, olhei para o lado e vi Rosa embaralhando suas cartas.

— Ansioso para o combate de hoje?

— Acho que sim. — Eu sabia que não. — E você?

— Estudando.

— Cartas?

Ela sorriu diante da minha ignorância.

— Magos carregam tomos pesados, cheios de magias nas páginas. Eu carrego o meu baralho, cheio de magias nas minhas cartas.

Olhei para as figuras estampadas, cada uma cheia de símbolos. Não compreendia nenhuma.

— E você lê e escolhe as cartas?

Mais um sorriso amistoso.

— Não, são elas que me escolhem.

Ergui uma sobrancelha em incompreensão.

— Sou uma adivinha. Meus poderes estão ligados à visão, sorte, azar, futuro, passado, essas coisas. Eu tiro as cartas e a sorte diz o que vou precisar naquele dia.

— E aquela magia que fez Lobo Lunar tropeçar?

— Por um lado, nem só de adivinhação vive a magia. Por outro, foi azar pra ele, não?

— Verdade. Se as magias estão nas cartas, por que não simplesmente pega quais você quer e escolhe a sua sorte?

— Não é assim que funciona, Draco. Isso daqui é um ritual mágico, se eu burlar, provavelmente as magias falhariam.

— Complexo.

— Magia requer tanto esforço quanto as armas. O que muda é o tipo de esforço.

— Você tentou prever o resultado do torneio?

— Mais ou menos. — O sorriso sumiu.

— Como assim?

— Digamos que... as cartas me dizem probabilidades. Se eu não interferir, é quase certo que aconteça aquilo que me foi mostrado. Por outro lado, se eu informar a alguém o que está em seu futuro, então estará selado e ninguém poderá alterar o que foi dito nas cartas.

— Não acredito que eu não posso alterar o meu próprio futuro.

— Você pode. É só não saber o que as cartas mostraram.

— E o resultado do torneio? Vai ser bom ou ruim?

Seu olhar fugiu para a janela.

— Dar dicas é o mesmo que responder.

— Já entendi. Espero quebrar suas expectativas, então.

— Quer ajuda pra vestir a armadura?

— Não quero te atrapalhar.

— Bobeira, posso recomeçar depois. Deixa eu te ajudar.



Tive que conter o ímpeto de beijá-la.
Depois, me questionei por que aquele ímpeto só havia surgido agora.
E por que eu deveria contê-lo?



— Quem não gosta de uma história de batalha? Quem não aprecia uma canção de guerra? O combate é o momento decisivo de muitas sagas. Por mais que lutemos pela paz, muitas vezes somos obrigados a pegar em armas e proteger nossas famílias e reinos. Desde as crianças aos veteranos, todos apreciamos uma boa fábula e esperamos para ouvir o mais emocionante: os combates! Que este torneio entre para a história e se torne lenda! E que nossos bravos guerreiros sejam lembrados como heróis do nosso mundo! Que a segunda etapa comece!



A plateia já gritava enquanto entrávamos na arena. Quando ergui os braços em saudação, gritaram mais ainda. Meu adversário, Monstro, estalou seus chicotes naturais contra o chão e urrou alguns sons guturais, levantando poeira e exibindo suas presas. Questionei-me se ele fazia aquilo por instinto ou se o haviam ensinado a começar o combate com uma espécie de bravata.

Ele era maior do que eu, mas andava curvado, e por isso, ficava na minha altura — o que não o deixava menos intimidador. A fera era larga como um touro e musculosa como um cavalo. Não dava para saber se aquilo tinha nascido assim ou se tinha sofrido alguma espécie de transformação ao longo da vida, pois agora pouco tinha de humano em sua aparência ou comportamento.

E o mais questionável de tudo era a moral daqueles que patrocinavam aquela criatura. Talvez, nem tivesse consciência do que estava fazendo naquele torneio.

O árbitro estava prestes a anunciar o começo da luta, então parei de divagar e me foquei no mundo real. Ele deu o sinal e Monstro prontamente atacou. Usei o escudo como bloqueio e investi, também sem perder tempo. Com a guarda aberta, tudo que meu adversário pôde fazer foi se esquivar, não antes de eu lhe acertar a espada de raspão em seu ombro, arrancando-lhe um pouco de sangue.

Ele soltou uma de suas bravatas guturais e atacou com os dois chicotes simultaneamente, obrigando-me a erguer o escudo e ficar na defensiva. Cada vez que eu tentava olhar pela borda do escudo, uma chibatada me obrigava a recuar, sem opções entre me proteger ou ser atingido. Quando pensei que iria parar de atacar por um instante, ele agarrou meu escudo com uma mão, tentando arrancá-lo, e preparou um golpe com o outro braço. Forcei o meu escudo contra ele, impedindo seu ataque, aproveitei que ele se distraiu com a disputa de força e espetei sua coxa com Labareda, fazendo-o recuar e urrar de dor. Tentei aproveitar mais uma vez a sua distração, mas logo a fúria apossou-se dele e fui recebido com uma descarga de golpes impetuosos, que me obrigaram a voltar para a defensiva. Por mais que ele abrisse brechas em sua guarda enquanto se focava no ataque, Monstro tinha a vantagem de seus chicotes terem um alcance longo, dificultando minha aproximação. Repentinamente, seus tentáculos agarraram meu escudo e deram um puxão poderoso, arremessando minha proteção para longe. Ele rosnou e atacou, me obrigando a saltar para a esquerda para ele não me acertar. Mal terminei minha cambalhota e tive que dar outra, pois os ataques não pararam. No terceiro golpe, em vez de fugir de novo, investi contra o meu oponente, numa tentativa frustrada de ataque. Antes que eu o alcançasse, Monstro agarrou minha espada com seus chicotes, sem parecer se incomodar com a lâmina e arrancou-o da minha mão. Sem tempo para mudar de estratégia, parti para o combate desarmado, acertando dois socos em sua cabeça, machucando-o, mas não encerrando a luta. Ele envolveu meu punho com um dos tentáculos, tentei socá-lo com a outra mão, mas ele reagiu, agarrou esta mão também e eu acertei-lhe uma joelhada no estômago. Ficando ainda mais irritado, ele sacudiu seus chicotes, levantando-me do chão e arremessando meu corpo para baixo. Tossi pela poeira que levantou bem na minha cara e fui arremessado de novo, dessa vez para longe do meu oponente, girando no ar e no solo, enquanto tentava estabilizar minha queda. Meu corpo inteiro doía, minha cabeça rodava, um gosto seco de terra impregnava a minha boca e as minhas narinas. Provavelmente eu ficaria com hematomas por semanas. Ele urrou, socou o chão como um animal e investiu, parecendo decidido a finalizar o combate. Usando muito mais determinação e força de vontade do que disposição física, num único movimento, levantei num salto, agarrei seus chicotes com as mãos, interrompendo a chibatada que iria me nocautear. Puxei suas armas contra mim, fazendo-o tropeçar e arremessei meu pé contra o rosto dele, acertando-lhe um

chute maciço. Percebendo que ele ainda não estava suficientemente tonto, encaixei uma cabeçada contra a sua testa — e, sinceramente, não sei em quem aquele golpe doeu mais —, enrosquei minha perna na dele e puxei, derrubando-o no chão. Corri para o meu escudo, peguei e arremessei contra Monstro, enquanto ele ainda se levantava, aparentemente sem nenhuma tontura. Sua lucidez durou pouco, pois acertei meu escudo em cheio em sua cabeça e ele desmaiou, estatelado no chão, enquanto eu respirei aliviado.

Venci a batalha por muito pouco.



— Espero que não esteja exausto.

Alberich, Barão e Jasão estavam se preparando para entrar na arena.

— A Selina está mais do que eu.

Certifiquei-me de que não havia ninguém perto de mim e Gladius. Todos os competidores, inclusive os que não haviam passado para a segunda fase, estavam na coxia

— Já te falei que seu excesso de confiança vai ser a sua ruína?

— Umas mil vezes.

Concordei com a cabeça, pensativo.

— Acha que Alberich vai vencer essa?

— Não é disso que você quer falar.

Respirei fundo por um momento.

— Se sabe do que eu quero falar, diga o que eu preciso ouvir.

— Adivinhações é com a sua namoradinha, não comigo.

— Chame-a disso mais uma vez e eu juro que quebro a sua cara.

— Guarde isso para o nosso encontro na final do torneio. De qualquer forma, é dela que você quer falar.

— Sou tão idiota assim?

— Muito mais do que você pensa. — Ele me olhou de rabo de olho. — Não se preocupe, eu só sei disso porque te conheço muito bem.

— O que acha que devo fazer?

— O que você quiser.

Não era exatamente o que eu queria ouvir, mesmo sabendo que era o que ele iria responder.

— E as consequências?

— Tem alguma que não seria boa?

— Pessoalmente, todas parecem boas, mas e o grupo?

— Que que tem o grupo?

— E se isso gerar um risco? E se eu ficar tendencioso? E se eu acabar prezando ela mais do que os outros?

— Isso já está acontecendo mesmo sem vocês assumirem o que sentem.

Refleti por um instante. Era verdade.

— Isso não é certo.

— Quem se importa? Acha que eu vou ficar com ciúmes? Eu vou é ficar muito feliz pelos dois! Somos todos adultos, Draco, vamos todos compreender. Pior seria se não acontecesse, aí você enlouqueceria de vez.

— Certo. Tem mais uma coisa, a mais constrangedora de todas.

— Diga.

Gaguejei.

Meu amigo ficou parado, aguardando que eu falasse de uma vez.

— Bem... Gladius... como... como se flerta?

O rosto dele se desmanchou e ele gargalhou.

Senti o meu rosto esquentar e quis socá-lo. Olhei ao nosso redor, alguns dos competidores nos observavam, por sorte nenhum com muita atenção. Rosa estava lá, parecia curiosa, contudo apenas sorriu e voltou a conversar com Ravenlla.

— Draco, você é hilário!

— Eu vou te matar.

— O bravo cavaleiro de armadura brilhante intimidado por um flerte! Eu devia espalhar isso pra cada pessoa nessa arena! — Os olhos dele reluziam de tanto rir. Pelo menos, ele voltara a falar baixo.

— Babaca.

— Draco, meu querido — ele pôs uma mão em meu ombro —, não tem como dar esse tipo de conselho. É o tipo de coisa que se deixa rolar.

Estalei a língua, insatisfeito.

— Quando chegar a hora, você vai saber o que dizer — ele garantiu.

— E se eu não souber?

— É quando não sabemos o que dizer que fazemos as juras de amor mais sinceras.

— Eu não acredito que estou falando dessas coisas com você.

— Esse é o seu problema, julga demais. Pior, *se* julga demais. Enfim, podemos assistir à luta ou vamos continuar tricotando?

Não respondi, apenas passei a observar o campo de batalha.

— Gladius... obrigado.

Ele sorriu de forma amistosa.

— De nada.

E a batalha começou.



Cada um estava com sua arma em punho, aguardando o sinal do árbitro.

Alberich parecia uma muralha de metal. Sua armadura de aço cobria quase todo seu corpo, seu escudo era largo e seu martelo parecia pesar como uma bigorna. Sua expressão em combate era invariável: dureza e seriedade inquebráveis, mesmo nas situações mais adversas. Ele era o tipo de homem que não brincava em serviço — e se considerava sempre em serviço. Eu e Gladius encarávamos aquele torneio como um momento de pausa das nossas buscas mais sérias e um momento para cuidar de nossas ambições pessoais. Alberich se considerava em missão. Apesar de achar o torneio uma futilidade, levou seu dever para com a Ordem dos Paladinos consigo e decidiu ir até o final.

E a determinação de Jasão não era menor. Armadura e corpo relativamente mais leves do que os do oponente, feições igualmente contraídas. Ele já tinha público que torcia por ele, mesmo havendo aqueles que diziam que ele era só um “dramaturgo”, não um combatente real. Jasão tinha o objetivo pessoal de quebrar essa fama no torneio. Seu combate anterior contra Broke, o orc, foi uma prova de que ele era experiente com as armas. Sua técnica ágil e firme com a espada seria um problema para Alberich — e para qualquer oponente. O paladino dividia seu treinamento entre combate e fé. Guerreiros, como eu, Gladius, Jasão, Greif e Beowulf, nos dedicávamos exclusivamente às armas, um diferencial significativo num combate um a um.

Barão, por sua vez, estava enérgico. Parecia brincar em um parque. Certamente o competidor mais despreocupado do torneio.

— Está torcendo por alguém? — Gladius interrompeu meus pensamentos.

— Sinceramente, não.

Ele sorriu.

— Nem eu. O mais forte vencerá e é isso que importa.

— Justamente. Eu quero enfrentar o mais forte, sempre.

— Essa lição, o mestre nos ensinou bem.

A plateia gritava enquanto os lutadores no centro da arena estavam em total silêncio, até que o árbitro deu sinal e o impacto de metal contra metal se fez mais alto do que qualquer grito.

Eles avançaram simultaneamente e suas armas colidiram num canglor, enquanto o escudo de Jasão ganhou um novo declive ao bloquear os chifres do íbex. Não havia brutalidade nos golpes do gladiador, apenas técnica. Alberich desceu o martelo num golpe vertical, Jasão se esquivou e estocou, sendo bloqueado pelo escudo do adversário. Barão rodeou o adversário e atacou pela lateral, mas ele respondeu com uma esquiva e um passo, evitando ser cercado. O martelo girava com peso e o escudo erguido mantinha a defesa fechada, enquanto o gladiador equilibrava esquiva e bloqueio para se defender e usava velocidade para atacar — uma tarefa difícil contra a cobertura de aço e contra o íbex que ele enfrentava. Alberich desferiu mais um golpe vertical, dessa vez sem deixar Jasão escapar, sendo obrigado a erguer seu escudo e receber o potente impacto do martelo. Antes que o guerreiro reagisse, Barão avançou, entretanto também encontrou o escudo, conseguindo forçá-lo a dar dois passos para trás e provocando mais um amasso na sua proteção, inutilizando-a.

Jasão jogou o escudo fora e arrancou a manopla, que provavelmente estava incomodando-o. Um enorme hematoma dominava seu antebraço. Se não fosse o escudo, com certeza seus ossos estariam partidos.

Alberich avançou, foi recebido por uma estocada ligeira e interrompeu seu ataque para bloquear. Barão tentou encontrar uma brecha e foi obrigado a parar e bloquear também. Alberich girou o martelo na altura do tornozelo do adversário e Jasão saltou e estocou, procurando um espaço na defesa do paladino, alternando os ataques com cortes horizontais e verticais, tornando seus movimentos imprevisíveis. Alberich tentou um ataque, mas recebeu uma estocada de raspão na sua coxa, que não foi o suficiente para derrubá-lo, ainda assim preocupante em relação ao ritmo do combate. Sem o escudo, Jasão esforçou-se para contornar o anão e adiar os ataques do íbex o máximo que podia. Outra martelada falha, e o gladiador passou a atacar sem parar, na altura do abdômen, do ombro, da coxa, do tórax, todas recebidas pelo escudo. Então o gladiador fingiu que atacaria a perna do paladino e atacou seu pescoço, parando a centímetros de sua traqueia.

Plateia em alvoroço.

Vitória de Jasão.



— Sabia que a amizade entre vocês é muito bonita?

Rosa se aproximou.

— Você não pode estar falando sério. — Tentei disfarçar o nervosismo. Nunca me senti incomodado perto dela, muito pelo contrário. Mais do que nunca, eu me convencia de que era um idiota.

Ela sorriu com doçura.

— É sério mesmo. Vocês parecem irmãos.

— Se você acha bonito o fato de nos xingarmos a todo momento e de que nunca concordamos um com o outro, obrigado.

— É justamente isso que torna a amizade tão forte.

— A implicância?

Risos

— Também. Relações se constroem pelos defeitos e não pelas qualidades.

— Isso não faz sentido.

— Faz sim, pensa um pouco. Qualquer um sabe lidar com as qualidades dos outros. Conviver com qualidades é fácil. O que define os laços realmente fortes são os defeitos. Quando sabemos conviver com os defeitos de alguém, nós não nos repelimos e as verdadeiras amizades surgem.

— Não sabia que além de cartomante, você era poetisa.

— Para! Assim você me deixa sem graça — e ela corou.

— Desculpe, você estava falando coisa séria e eu estraguei tudo.

— Imagina, eu devo ser chata às vezes.

— Não precisa se menosprezar, eu posso te elogiar sem isso.

— Pode, é?

Subitamente, senti-me constrangido e me arrependi de ter dito aquilo. Mas não tinha como voltar atrás e eu estava sem resposta, então mudei de assunto.

— Fico feliz que esteja mais calma. Te achei meio aflita mais cedo.

— Eu não estou mais calma.

— Como consegue sorrir, então?

— Você precisa de um sorriso e eu estou sorrindo.

— Como você consegue viver desse jeito, escondendo seus próprios sentimentos em prol da felicidade dos outros?

— Olha só quem está falando. Nesse ponto, somos bem parecidos.

— Não, Rosa. O que eu guardo dentro de mim só faria mal a quem está ao meu redor.

— Já se esqueceu do que falamos sobre as cartas mais cedo? Você não é o único com seus fardos, Draco.

— Desculpa, eu não quis dizer...

— A batalha do Gladius já vai começar. — Ela percebeu meu nervosismo.

— Vou querer ouvir o elogio mais tarde — e o sorriso voltou.

E pôs-se a observar a arena.

Enquanto isso, o maior idiota no mundo ainda se questionava se aquilo havia sido um flerte.



E lá estava o outro maior idiota do mundo se exibindo para a plateia. Reverências exageradas e teatrais diante dos aplausos. Parecia que todo o público já sabia o seu nome. Pelo que percebemos, os únicos competidores com algum renome eram: eu, Gladius, Jasão e Beowulf. Sendo nós dois apenas por boatos, sem torcedores. Como havíamos passado para a segunda etapa, já ouvíamos nossos nomes e isso era gratificante — mais para Gladius do que para mim. Com certeza, nas semifinais, todos os competidores restantes já teriam verdadeiros fãs. Ao final, cada um receberia convites para se tornar guarda-costas particular ou mestre de armas de um nobre, patente alta numa milícia ou companhia mercenária ou algo do tipo. Para nós, uma missão estaria de ótimo tamanho. Mas hoje ainda era apenas a segunda rodada e Gladius já se comportava como campeão.

Lobo Lunar estava impassível e Devorador já rosnava de ansiedade. Ambos eram realmente enormes. O lupino devia ter dois ou três palmos a mais de altura do que o meu amigo e o dobro da largura dele, enquanto seu primo tinha o focinho na altura da cintura de um homem adulto e mais de um metro e meio de comprimento. Os machados eram robustos, cheios de escrituras da sua tribo, provavelmente para conceder favorecimento espiritual. E seu portador parecia apenas esperar o sinal para poder usá-los.

— Ei, grandalhão! Já vimos que você sabe latir. Agora vamos ver se você sabe lutar contra um guerreiro de verdade! — Meu amigo desafiou, sem resposta.

— Preparados? — o árbitro anunciou, mais para Gladius voltar a pôr os pés no chão do que qualquer outra coisa. — Lutem!

O grito enérgico dele não despertou nenhum ímpeto nos competidores. Lobo Lunar continuou impassível, apenas começou a caminhar. Devorador fez o mesmo, rosnando e salivando, no sentido oposto ao lupino. Eles iriam repetir a tática de cercar o oponente. Gladius estava com o escudo e a espada erguidos, na defensiva. Com certeza ele já estaria atacando se não fossem as dicas de Rosa no dia anterior, mas dessa vez ele tinha um plano. Apesar de impulsivo, meu amigo também era esperto.

Os dois adversários já estavam quase cercando-o, quando subitamente ele avançou contra Devorador e acertou o escudo no seu crânio antes que ele pudesse reagir. A pancada foi tão forte que ele tropeçou para trás, zozinho, e meu amigo deu

um segundo golpe no mesmo lugar, terminando de desacordar a fera. Lobo Lunar não podia acreditar no que via. Logo, sua surpresa se transformou em fúria e ele avançou contra seu alvo.

O lupino atacou várias vezes, parecendo não se importar em aleijar Gladius no processo. Mirava braços, pernas, estômago e tudo que estivesse ao alcance. Meu amigo, por sua vez, não pôde fazer nada além de bloquear os ataques com muita dificuldade. Outro problema era o alcance dos golpes do adversário: seus braços eram longos e seus machados expandiam seu comprimento, impedindo uma aproximação que não dispensasse a defesa. Isso tudo somado à sua fúria tornavam Lobo Lunar uma enorme ameaça. E ele parecia decidido a estraçalhar Gladius, nem que precisasse começar pelo seu escudo, que já estava cheio de arranhões.

Então um dos machados enganchou na proteção do meu amigo, o outro na espada e ambos foram forçados a abrir, enquanto a bocarra lupina tentou mastigar o rosto de Gladius, que quase teve que soltar seus equipamentos para evitar a deformação iminente. Ele conseguiu se livrar dos machados do oponente, mas antes de se afastar, recebeu um chute no tórax que o arremessou para o chão. Quando tentou se levantar, teve que girar para a sua direita, para evitar uma machadada impiedosa. Mal conseguiu ficar de pé, outro chute acertou-lhe o queixo, devolvendo-o ao solo. Meu amigo girou e escapou de uma machadada que poderia ter arrancado um braço. Quando Lobo Lunar ergueu sua arma para mais uma tentativa de retaliação, Gladius se levantou com o escudo erguido e jogou-se contra o lupino, fazendo-o dar um passo para trás.

Estando próximo ao adversário, meu amigo podia atacá-lo sem dificuldades. Aparou uma machadada com a espada, bloqueou outra com o escudo e perfurou uma coxa com uma estocada. Os dois machados desceram simultaneamente, sendo recebidos pela arma de Gladius. Sem perder tempo numa disputa de força, ele usou seu escudo contra a mesma perna que perfurara, fazendo um estalo dolorido ser ouvido de longe.

Lobo Lunar uivou sem ceder a guarda. Atacou com dificuldades devido ao excesso de proximidade do oponente, acertando um, dois, três ataques em seu escudo, sendo respondido com um corte no antebraço que o fez largar um machado, outro na costela e um transversal no tórax, abrindo uma ferida superficial, mas que jorrava muito sangue devido à sua localização. Sangrando demais, o lupino caiu de joelhos e desabou seu corpanzil pelo solo, desmaiado.

O árbitro anunciou a vitória do meu amigo e os médicos correram para socorrer seus oponentes.

Gladius poderia ter matado, todavia optou por um ataque comedido, ainda que arriscado. Lobo Lunar precisaria ficar enfaixado por um tempo — e comprar uma armadura nova.

Uma bela luta. Mesmo exausto, suado e ofegante, o exibido acenava para a plateia — sem falar que eu já havia visto Gladius deixar oponentes em estado pior.

De qualquer forma, o que importava era que eu e ele estávamos cada vez mais próximos da final.



— Sabia que você iria ganhar — Selina disse e deu um beijo em Gladius.

— O seu talismã me protegeu — ele respondeu segurando um amuleto no pescoço, cheio de confiança.

— Podemos comemorar a sua vitória agora? — disse ela, sedutora.

— Espera só mais um pouco, vou torcer pra minha amiga.

— Tá bom. Quer uma água?

— Até que cairia bem.

— Vou lá buscar pra você.

E ela foi buscar um jarro enquanto ele se aproximou de mim.

— Fala a verdade, você deve estar muito orgulhoso do seu amigo.

— E a Ravenlla?

— Que que tem ela?

— Cara, deve ser meio frustrante vocês dois falarem aquilo tudo e agora você estar com outra.

— Você não sabe de nada. Isso tudo é ideia dela.

— Como assim?

— Simples, a Ravenlla não quer compromisso. Eu e ela não vamos confundir as coisas, mas vai que o grupo confunde? Não ia pegar bem. Então ela me incentivou a puxar assunto com a Selina.

— E morreu aquele papo de despedida de solteiro?

— Por favor, né? Lógico que não. Enfim, não é disso que estou falando, não está orgulhoso?

— Por você ser um vadio?

— Por eu conseguir em um dia o que você ainda não fez em meses.

Olhei ao meu redor para verificar se alguém tinha ouvido aquilo.

— Planeja levá-la na viagem conosco?

— Não.

— Então por que esse romance todo?

— Que romance? Enlouqueceu? Só estamos curtindo alguns dias juntos.

— Ela sabe disso?

— Lógico que sabe, eu jamais iludiria uma dama. Ela vai seguir o rumo dela e eu o meu.

— Entendi.

— Você não cansa de ser tedioso, não? Eu vou noivar depois desse torneio, preciso me divertir agora.

— Sabe que eu não julgo a sua vadiagem. — Impliquei.

— Você não está nem um pouco curioso?

— Por que estaria?

— Cara, uma felina!

— Sério mesmo?

— Aquela pelugem...

— Por favor, não me obrigue a ouvir isso.

— Nunca pensei que pelugem poderia ser algo tão excitante.

— Para.

— Se você pensou que ela era ágil em combate, tinha que ver na cama.

— Ela está vindo aí.

— Opa! Obrigado por avisar.

Ele se virou como se nada estivesse acontecendo.

— Obrigado, gatinha. — Meu amigo pegou o copo, deu um beijo em Selina e bebeu tudo num gole só.

— Trouxe um pra você também. — Ela se dirigiu a mim e entregou outro copo.

— Não precisava — e dei um gole.

— Essa amiga de vocês, o que ela é? Uma feiticeira? — a felina perguntou, se voltando para a arena. Ravenlla e Beowulf estavam quase prontos para começar o combate.

— Ela é uma sacerdotisa.

— Sacerdotisa? Vocês, humanos, têm cada coisa estranha.

— Ela cultua a liberdade, recebe poderes das energias cósmicas dessa Virtude. E ela não é humana, é uma elfa.

— Elfa?

— Sim, uma elfa. Nunca ouviu falar?

— Nunca.

— Como não? — interrompi, intrigado.

— O que é uma elfa? — Ela parecia bastante curiosa. Olhos amendoados arregalados e orelhas felpudas se contraindo.

— É uma raça que mantinha relações com humanos e anões até uns duzentos anos atrás. Hoje, eles raramente mostram as caras. Dizem que eles têm uma forte ligação com a magia.

Selina parecia fascinada.

— Você nunca ouviu falar em elfos? — questionei.

— Não, nunca. Não existe nada parecido de onde eu venho.

— Selina me contou que vem de uma região onde existem vários tipos de bestiais — Gladius comentou. — Felinos, lupinos, répteis, aves, até roedores. Poderíamos explorar essas terras um dia, não é?

— Seriam devorados vivos! — ela debochou.

— Parece que não viu a gente lutando. Não tem bichano que derrube a gente. — Gladius ficou se gabando.

— Combater não quer dizer sobreviver. Nem todos os adversários vão atacar pela frente. — Ela lançou um olhar malicioso para o meu amigo.

— Se você soubesse de tudo que já passamos, não estaria falando bobagens.

— Vou adorar ouvir depois. Você queria torcer pra sua amiga, não é? Ela vai começar.

Se Selina não nos avisasse, não teríamos percebido. O árbitro já estava para anunciar o combate.



— Renda-se, enquanto ainda há tempo. Eu não vou parar depois que começarmos — Beowulf provocou ainda com o visor do elmo aberto.

— Isso se você conseguir começar — Ravenlla não se intimidou.

O anúncio foi dado e a batalha teve início.

Beowulf investiu aos gritos, girou sua espada larga de baixo para cima e quase acertou Ravenlla, que saltou para a esquerda e conjurou uma magia que fez sua arma brilhar azulada — pelo visto, não iria ter tempo para se proteger e focaria apenas no ataque. A espada girou novamente, ela se agachou, deixando-a cortar o ar, e estocou com seu sabre, acertando o ombro do adversário, sem penetrar sua armadura. Ele ergueu sua arma e desceu no chão, levantando poeira enquanto a elfa escapava pela direita, encontrando um ângulo favorável e espetando a proteção de aço do adversário sem provocar nenhum dano visível. Ele voltou a erguer a lâmina, ela puxou com dificuldade seu sabre, mal teve tempo de saltar para trás e quase que foi trespassada.

— Ele está atacando para matar — comentei, inconformado.

— Não sei, ele ainda poderia rendê-la, se ela não tivesse se esquivado. Nem o árbitro e nem Ravenlla parecem estar se incomodando. — Gladius tentou

me acalmar.

— Eu sei quando alguém ataca pra matar. Ele não está medindo os golpes.

— Acha que Ravenlla não saberia? Não seja exagerado.

Resmunguei comigo mesmo e dei ouvidos ao meu amigo.

Enquanto isso, Ravenlla tentava penetrar a armadura de Beowulf inutilmente. A cada ataque do guerreiro, a elfa desferia dois ou três, e poucos encontravam alguma brecha entre as placas de metal e menos ainda tiravam algum sangue — nenhum o suficiente para incomodá-lo. E ela não podia ficar parada um instante, ou seria acertada por um golpe brutal.

Entre esquivas e ataques, Ravenlla tentou se aproximar, provavelmente para poder mirar no abdômen do oponente, mas foi recebida com uma joelhada no seu queixo, que a fez cambalear para trás, desorientada. Foi a oportunidade perfeita para Beowulf rendê-la. Em vez disso, ele desferiu outra joelhada no seu estômago, derrubando-a.

Mesmo com a vitória garantida, ele chutou a minha amiga no chão, fazendo meu sangue ferver. E não foi um chute só, foram vários, até que o árbitro chegasse correndo e se jogasse na frente do corpo estirado no chão. Ele parou de espancá-la para receber as vaias da plateia, como se estivesse sendo aclamado. Atacar um adversário indefeso era praticamente um crime nas arenas.

O público vaiava. Ravenlla chorava de dor e humilhação. Senti meu corpo todo contraído, como costume ficar apenas na hora do combate. Meus olhos ardiam, meus dentes trincavam e minha mão já estava na Labareda. Eu estava pronto para interferir.

— Eu vou acabar com ele! — Gladius disse por entre os dentes.

Olhei para o meu lado e vi que meu amigo também segurava firme o cabo de sua espada, prestes a avançar naquele mesmo momento.

— Amanhã... amanhã eu vou acabar com ele! — Foi uma promessa.



Ravenlla estava com hematomas no queixo, na maçã esquerda do rosto, no abdômen e nas costas. Passou a tarde sendo tratada pelos sacerdotes da arena, e mesmo assim tudo o que fizeram foi amenizar os ferimentos e garantir uma recuperação mais acelerada para os próximos dias. Ela reclamava de dores e ficou o resto do dia na cama. Ninguém teve espírito para ficar na taverna.

Rosa ficou ao lado da amiga, sem sair de perto nem por um segundo. Gladius jurava retaliação, enquanto Alberich tentava acalmá-lo, argumentando de que deveria apenas vencê-lo sem cometer o mesmo ato de violência exagerada. Zhi Wu sumiu depois que saímos da arena, como de costume — ela parecia perturbada antes de ir. Até Selina passou o dia conosco, tentando acalmar o meu amigo.

Particularmente, eu já não gostava de Beowulf. Agora, estava satisfeito por ter um motivo para odiá-lo.



— Onde está Selina? — perguntei.

Já era noite. Gladius estava sentado num banco na rua, próximo à estalagem. Sentei-me ao lado dele.

— Achei melhor ela ir pro quarto dela, em outra estalagem, ou fazer o que ela quisesse. Não sou uma boa companhia esta noite.

— Ravenlla vai ficar bem.

— Foda-se! Vê-la apanhar daquele jeito, me deu raiva. Não vou poupar esforços pra acabar com aquele cara!

— Ela precisa do nosso apoio mais do que Beowulf de uma surra. Nós somos um grupo, Gladius. Nós seis.

— Por isso que você é o líder e eu não.

— Lá vem você com esse papo de novo.

— Vamos lá, você já assumiu que sente algo pela Rosa, agora assume que você é o líder também.

— Não é simples assim.

— Por que não? É você que unifica o grupo, não percebeu? É você que eles seguem. Cada um deles tem um objetivo pessoal, e mesmo assim eles vão aonde você for. Eles acreditam que você vai levá-los aos objetivos deles. Se você não se der conta disso, vamos todos começar a andar em círculos e odiar uns aos outros. Você precisa reconhecer a responsabilidade.

— De qualquer forma, agora estamos nesse torneio e depois vamos ao seu noivado, nenhuma grande missão.

— Esse torneio não é uma grande missão? Derrotar aquele cara é uma missão pra mim! E depois, derrotar você vai ser a minha missão!

— Esse sim é o Gladius que eu conheço.

— Eu sei que vamos nos encontrar na final. Sempre soube. E em relação às grandes missões, até parece que você não conhece a nossa rotina. Vão aparecer

missões no meio do caminho.

— Mais calmo agora?

— É, até que sim. Obrigado por me ouvir.

— É só fazer seu ego voltar a funcionar que você fica melhor.

— Estarei melhor quando vir o corpo de Beowulf no chão.

— Amanhã, meu querido, amanhã.



Agora, o torneio era legitimamente uma missão.

Entreato

— Você cuidando de mim? O mundo dá mesmo voltas. — Ravenlla sorriu para Zhi Wu.

— Cuido de você pelo mesmo motivo que cuidou de mim. Você é mais útil viva.

— Você lutou muito bem, a propósito.

— Eu falhei.

— Não se cobre tanto.

— Falhei em te desmascarar.

— O quê?

— Se um dia você foi uma Sacerdotisa da Liberdade, já perdeu essa bênção há muito tempo. Eu já sei que você mente o tempo todo, só não sei ainda a verdade por trás das suas mentiras.

— Cansei da sua paranoia. Fique longe de mim.

— Boa ideia. Talvez eu observe melhor de longe.

— E antes que eu me esqueça: já que quer desmascarar os outros, por que não começa por você mesma?

— A minha máscara é uma questão de honra. E a sua?

— Sobrevivência.

— Então assume que usa uma máscara?

— Você nunca mostrou nem seu rosto pros seus amigos. Deve ser por isso que é tão paranoica.

— E você é boa em persuadir seus amigos. Quero ver se eles ainda vão confiar em você quando sua máscara cair.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Exato. Já pode parar de se fazer de sonsa e fingir que não sabe porque não confio em você.

RUÍNA

GLADIUS

Não há valor em permitir que os fracos sobrevivam.

Dormi pouco naquela noite. Diferente de Draco, que dormia feito uma pedra, minha mente se recusava a descansar quando algo me incomodava — e poucas coisas me incomodavam. Uma delas é ver um homem machucando uma mulher, pior ainda sendo Ravenlla. Aquele cara era um babaca e eu estava decidido a dar uma surra nele.

Ao acordar, me deparei com uma cena inusitada: Alberich estava dando pão na boca da elfa. Não parecia um flerte ou nada do tipo, apenas alguém cuidando de uma amiga incapacitada.

— E eu estava lá, perdida na floresta, última sobrevivente da minha aldeia, sendo perseguida por goblins — ela narrava. — Foi quando comecei a me questionar se deveria continuar fugindo, afinal, se não fossem os goblins, seriam os lobos, ou a fome ou qualquer coisa que pudesse me matar. Eu só tinha vinte anos de idade. É, deve ser ridículo, mas isso não é nem puberdade pra um elfo.

Alberich se mantinha calado, apenas cortando o pão com as mãos e entregando a ela entre um intervalo e outro da narrativa, ouvindo tudo com bastante atenção.

— Foi quando o milagre aconteceu — ela prosseguiu. — Os goblins me cercaram, devia ser mais de uma dezena deles. E... eu sabia que era o meu fim. Até que ele apareceu.

Uma pequena fatia de pão.

— Um Sacerdote da Liberdade. Não sei da onde ele veio, só sei que salvou a minha vida. Matou todos os goblins e me levou com ele. Me ensinou sobre a sua Virtude, o direito divino de cada um seguir o caminho que quiser, seguir as próprias escolhas e a responsabilidade que elas carregam. Eu não tinha mais nada e ele foi como um pai. Me ensinou a rezar e quando a liberdade respondeu, eu não tive mais dúvidas: meu caminho era proteger essa Virtude maravilhosa. — Ela tinha um sorriso ingênuo no rosto inchado.

Outra fatia de pão.

— Hum, você está cortando pedaços muito grandes — a elfa reclamou de boca cheia e deu uma risada descontraída.

— Você é que está comendo devagar e falando demais.

— Tá, então me conta a sua história que eu como calada.

— Minha história não é emocionante como a sua.

— Conta mesmo assim.

— Sou filho de um burguês.

— Dos ricos?

— Não, por isso me tornei paladino. Ele não tinha condições de criar mais uma criança e já tinha planejado deixar o ofício por conta do meu irmão, sem falar que minha mãe era a amante dele. Heranças só ficam para os filhos legítimos, até na burguesia. Minha mãe não tinha condições de me criar e me entregou pra Ordem.

— E valeu a pena?

— Valeu. Eu fui muito indisciplinado no começo. Depois de muita surra, aprendi a lição.

— O que te fez entrar na linha?

— A Ordem tem uma missão especial pra esse tipo de escudeiro: reerguer uma cidade saqueada.

— Deve ser muito triste.

— É justamente esse o plano. Os orcs haviam incendiado a cidade. Quando chegamos, só vimos cinzas e corpos. A missão dos escudeiros era carregar os mortos pra receberem os rituais funerários, enquanto os cavaleiros iriam buscar e tratar dos sobreviventes. Eu carreguei vinte e sete mortos, homens, mulheres e crianças, todos mutilados. Não teve um escudeiro que não estivesse chorando no final do dia. Então nosso tutor disse: “É por isso que vocês estão sendo treinados, pra impedir que isso aconteça de novo. Numa próxima vez, poderia ser com a família de vocês. Pais, mães, irmãos, irmãs. Talvez, um dia, esposas e filhos. Lembrem-se desse dia, não será a última vez que carregarão corpos.”

Ravenlla mastigou demoradamente, sem ter o que responder.

— Você disse que não era emocionante — enfim, a elfa se pronunciou.

— Eu disse que minha origem não era emocionante. Minhas missões são outras histórias.

— Adoraria ouvir todas.

— Até as tristes?

— Parece que você não gosta de contar as histórias tristes.

— De fato.

— Por que não?

— Ouvi-las não faria bem a ninguém.

— Faria bem a você compartilhá-las. Guardar esse tipo de emoção faz mal. Cria correntes que nos tornam prisioneiros de nós mesmos.

— Já contei uma história triste hoje, e a sua teve um final feliz, apesar de não ser nenhum conto de fadas. Vamos deixar esses assuntos pra outro dia.

— Sim, senhor! — Ela saudou de forma brincalhona e se virou para mim. — Bom dia, Gladius.

Alberich me cumprimentou também, só percebendo que eu estava acordado naquele momento.

— Não quis interrompê-los. — Desculpei-me.

— Imagina! Só estamos tomando café. Bem, eu estou, com a ajuda do nobre cavaleiro. — Ela exagerou conscientemente.

— Vou logo pra arena.

— Está cedo.

— Não tenho nada pra fazer, de qualquer forma.

— Conversa com a gente.

— Me desculpem, eu estou concentrado hoje.

— Não faça isso. — O humor da elfa pareceu ter mudado subitamente.

Olhei-a nos olhos por um momento.

— Isso o quê?

— Não faça por vingança.

Respirei fundo.

— É uma questão de princípios.

— Se sua motivação for essa, você vai acabar igual a mim, não faça isso.

Levantei-me e comecei a vestir minha armadura. Os dois ficaram me observando enquanto o silêncio parecia consumir o quarto. Por fim, peguei minha espada e meu escudo.

— Por favor — ela disse quando eu estava na porta.

— Ele vai pagar — e saí.



— Você questionou eu querer acabar com o Beowulf ontem. E você? Não se abalou?

Eu e Draco fomos os primeiros a chegar na coxia. Os portões para a plateia nem haviam sido abertos.

— Estou morrendo de raiva por dentro, só não fico falando isso aos sete ventos como você.

— Por que não?

— Primeiro: porque isso não resolveria nada. Às vezes, é melhor guardarmos um sentimento conosco e descarregá-lo no momento certo, do que ficar gastando nossas energias. Segundo: porque sei que você vai dar conta do recado.



— Qual é a diferença entre estar entre os melhores e ser o melhor? — O cerimonialista abriu o terceiro dia. — Qual é o tamanho da ambição que reside no coração de vocês? Existem guerreiros bons. Existem guerreiros incríveis. E existem os melhores! Senhoras e senhores, nos dois últimos dias, vimos grandes batalhas, contudo hoje veremos decisões! Hoje, os dois finalistas serão selecionados! Os mais corajosos! Os mais fortes! — Um momento de pausa dramática. — Os mais ambiciosos! — e a aclamação do público.

Minha ambição? Espancar Beowulf. E depois o meu amigo, só por diversão.



Draco tinha a estranha mania de levar tudo a sério. Por mais que ele exagerasse, devo reconhecer que havia alguma vantagem nisso, era mais difícil pegá-lo de surpresa. Ele sempre dava o melhor de si desde o começo. Nós dois já havíamos participado de alguns torneios no passado, ele nunca fora o competidor favorito da plateia, mesmo assim sempre foi longe e chegou a mais semifinais do que eu. Agora, éramos mais experientes. Ambos já havíamos ganhado alguns torneios pouco importantes. Apesar do meu amigo continuar sendo discreto, as pessoas reconheciam o metal rubro de sua espada e sabiam que era um campeão. Estávamos nas semifinais de um torneio importante e ele continuava rígido e incansável, dando o melhor de si em cada combate. O que tinha de chato, tinha de admirável.

Jasão era mais popular, talvez o mais famoso de todos os competidores. Alguns diziam que não passava de um farsante, outros que a sua vitória era garantida. Pelo que observei, ele também não brincava em serviço. Travava uma

batalha limpa e intensa: vencia pela técnica, não por qualquer outro subterfúgio. Um guerreiro respeitoso em todos os sentidos. Com certeza era um dos maiores oponentes que Draco já havia encontrado. Seria interessante enfrentar Jasão um dia. Infelizmente, eu já tinha a certeza de que o meu amigo venceria aquela luta.

Os dois se cumprimentaram, aparentemente alheios aos berros da plateia. Ambos focados unicamente na batalha. Distanciaram-se e sacaram suas espadas, prontos para o que estava por vir. Bastou o sinal do árbitro para eles avançarem um contra o outro com velocidade e determinação surpreendentes.

Suas lâminas colidiram repetidas vezes tentando penetrar na defesa do adversário de forma que apenas os olhos mais treinados poderiam compreender os golpes. Draco estocava, atacava pela lateral e gingava Labareda na horizontal, enquanto Jasão aparava seus ataques e emendava os seus próprios em movimentos fluidos e ágeis, num incrível ritmo de defesa e contragolpe.

Então, o jogo virou e Jasão estava na ofensiva, enquanto Draco bloqueava e tentava contragolpear. O adversário do meu amigo parecia um pouco menor e mais fraco, porém sua velocidade e precisão tornavam-no uma ameaça maior do que a maioria dos brutamontes que já havíamos enfrentado. Felizmente, Draco era bem equilibrado entre ataque e defesa e sabia usar o escudo sem perder a concentração na arma. Ele erguia e descia a sua proteção contra as estocadas inimigas, sem abrir brechas e atacava de volta, enquanto Jasão tinha reflexos exímios, esquivando e contra-atacando com prontidão.

Entre ataques e bloqueios, meu amigo acertou sua espada contra a dele e entrou na sua guarda, abrindo um belo corte no seu ombro esquerdo. O adversário não perdeu tempo e retomou a ofensiva, ignorando a ferida recém-formada. Draco foi pego de surpresa por uma reação rápida e não conseguiu manter a guarda, sendo perfurado na coxa direita e acertado em cheio pelo escudo adversário, cambaleando alguns passos até retomar o equilíbrio.

Meu amigo levantou a guarda o mais rápido que pôde, em defesa total, mas seu oponente não avançou. Em vez disso, ergueu a própria guarda em desafio. Draco não se intimidou e investiu numa estocada potente. Jasão aparou com sua espada e Draco golpeou com o escudo para afastar a arma inimiga, acertando de raspão outra estocada no ombro direito e abrindo um corte significativo.

Jasão manteve a ofensiva novamente e atacou duas vezes, sendo bloqueado na primeira e acertando o antebraço esquerdo do meu amigo na segunda, quase fazendo-o largar Labareda. Mesmo com sua mão hábil ferida, Draco girou sua lâmina rubra na horizontal pela direita e foi aparado pela espada, girou pela esquerda e foi bloqueado pelo escudo, então fingiu que iria voltar para a direita, e atacou pela esquerda novamente, obrigando Jasão a saltar para trás antes de ser

rendido pelo meu amigo. Apesar do recuo, Jasão logo estava atacando de novo, vários golpes passaram muito perto de uma ferida grave que encerraria o combate.

Eles trocaram vários ataques, a maioria muito próxima de uma decisão para o confronto, outros abrindo cortes leves. Aos poucos, os dois estavam cobertos de suor e com vários pontos de sangue escorrendo pelas armaduras. Apesar do cansaço e das feridas, eles não paravam, pareciam dispostos a enfrentar-se para sempre, se fosse necessário.

Draco provavelmente acreditava que a determinação venceria, que aquele mais convicto teria a vantagem. Eu não acreditava nesse tipo de bobagem, mas era inegável que a disputa dos dois estava muito mais na força de vontade do que na habilidade de combate — e eles pareciam empatados em ambos.

Empatados até o meu amigo acertar seu escudo no punho direito de Jasão, fazendo-o soltar sua espada. Eu pude ouvir o estalo do osso de longe. Draco abaixou a guarda, porém seu oponente não aceitou a derrota.

— Não ouse! — ele berrou. — Eu ainda estou de pé! Levante a sua arma ou eu acabo com você!

Meu amigo respeitou a obstinação do oponente e obedeceu. Jasão largou o escudo e recolheu sua espada com a mão esquerda. A batalha continuaria.

Jasão girou sua espada com destreza, parecendo ignorar a dor do braço inutilizado. Girou como os gladiadores fazem para se exhibir. Girou de novo e atacou num ângulo imprevisível, acertando a lateral da costela de Draco. Eu pensei que ele iria desmaiar com tanto sangue saindo. Em vez de perder a consciência, o meu amigo avançou um passo e agarrou o braço de Jasão, imobilizando-o e acertando-lhe uma cabeçada, o que fez com que ele cambaleasse. Então girou Labareda na horizontal, arremessou a espada do adversário para longe e estocou de baixo para cima, parando a ponta da lâmina debaixo do queixo do oponente.

Os dois se encaravam, ofegantes e zonzos. Um vitorioso e um derrotado. Nenhum submisso. Ambos orgulhosos.

Por alguns minutos, só era possível ouvir aplausos. Eu nunca havia visto uma aclamação tão empolgante. Com certeza os dois seriam lembrados e amados por aquela cidade.

Jasão pegou sua espada no chão, Draco pegou o escudo do oponente, e os dois saíram juntos da arena, satisfeitos.

Uma equipe de médicos e sacerdotes os aguardavam, preocupados com tantos ferimentos.

Devo confessar que eu não estava reparando nesses detalhes, apesar de estar feliz que meu amigo havia chegado à final.

Era a minha vez de dar uma surra em alguém.



Beowulf mantinha um sorriso de escárnio estampado na cara enquanto mantinha a viseira do elmo levantada. O bicho era feio mesmo. O tamanho não me intimidava, eu já havia derrotado um maior no dia anterior. A única diferença era que o do dia anterior era coberto de pelos e este coberto de metal, o que não seria problema para mim. O tamanho e a armadura pesada disfarçavam um lutador ágil e feroz, eu não me esqueceria disso. Já havia visto Beowulf lutar duas vezes, ele era forte, só não era o melhor. Um homem que espanca uma adversária depois dela já estar no chão merecia alguns hematomas, contusões e fraturas.

— Hoje eu vou te ensinar o que é sentir dor! — ele bradou.

Não entrei na brincadeira. Naquele momento, eu estava em serviço.

O árbitro posicionou-se entre nós, meu adversário abaixou a viseira e ergueu Nagelring, sua espada larga de lâmina rubra. O anúncio foi dado e avançamos um contra o outro.

Beowulf posicionou sua arma para trás para ter equilíbrio, com certeza planejando girá-la contra mim e tentar me render num golpe só — se não, me partir ao meio de uma vez. Ele corria rápido demais para quem carregava tanto peso. Ignorando todas as ameaças, investi contra o adversário, pronto para a minha manobra.

Ficamos a poucos passos de distância e ele fez exatamente o que eu previra, enquanto seus braços se esticavam e sua lâmina cortava o ar num golpe que poderia trespassar até dois inimigos em linha, eu interrompi meu movimento, recuei um passo, senti o vento sendo soprado junto do golpe e ataquei enquanto ele recuperava o equilíbrio. Mirei na coxa e acertei um golpe horizontal, que amassou a placa de aço e com certeza o incomodaria pelo resto do combate, fazendo-o grunhir de dor.

Aproveitando que estávamos próximos demais para ele me atacar com aquela espada gigante, decidi provocar um amasso em seu peitoral, mas seu joelho foi de encontro ao meu abdômen, o cabo da sua espada acertou a maçã do meu rosto e a sola da sua bota colidiu contra o meu tórax, afastando-me dele. Cada golpe doía e com certeza deixaria marcas. Mesmo assim, eu estava satisfeito com o estrago na coxa do meu adversário e ansioso para ver o quanto ele aguentaria aquele incômodo.

Avancei mais uma vez. Ele ergueu Nagelring e estocou, tentando evitar a minha aproximação. Eu esquivei pela esquerda e golpeei seu antebraço, abrindo

uma fenda na sua manopla, de onde foi jorrado um pouco de sangue. Se não fosse aquela armadura, ele poderia ter perdido o punho — por mim, melhor ainda, poderia machucá-lo mais antes de parar. Dessa vez, eu dei uma cambalhota para frente para evitar a proximidade, e quando me reergui, vi que ele havia tentado responder meu golpe com um ataque horizontal. No mesmo movimento em que girou a espada, Beowulf já estava com a guarda levantada novamente, pronto para mais um assalto. Eu duvidava que ele continuasse com aquele sorriso escroto por trás do elmo enquanto seu antebraço sangrava e a placa de aço espremia sua coxa.

Investi planejando me esquivar por baixo quando ele tentasse contra-atacar e fui surpreendido com um golpe mirado na minha espada. Se eu tentasse colidir arma contra arma, minha lâmina seria destroçada e eu ficaria desarmado. Sem muitas opções, afastei minha espada e abri a guarda por um breve instante. Antes que pudesse compensar a brecha com meu escudo, fui surpreendido com uma cabeçada bruta contra o meu rosto e por outro chute no meu peito, que me derrubou no chão com a visão turva de tanta dor.

Dar uma cabeçada usando elmo era covardia. Como eu não podia perder tempo naquele estado, rolei para qualquer direção, mesmo sem conseguir enxergar com clareza e com o cérebro latejando. Ouvi o som de lâmina cortando o ar. Quando meus olhos voltaram a colaborar, tudo que vi foi uma espadada em minha direção. Ergui o escudo e fui jogado no solo de novo, tamanho o impacto que recebi. Levantei-me e vi que minha proteção estava deformada e quase inutilizada. Beowulf caminhava em minha direção lentamente.

Decidi usar o meu escudo pela última vez e arremessei-o contra a cabeça de lata do meu adversário. Sem esperar sua reação, peguei impulso, avancei e acertei meu calcanhar contra o peitoral dele, desequilibrando-o e fazendo-o tombar feito uma árvore velha. Golpeei sua tornozeleira repetidas vezes, amassando e abrindo o aço em golpes que alcançaram por duas vezes a sua carne. Ele chutou o meu punho, evitando um novo ataque, e acertou meu tornozelo, fazendo-me recuar um passo. Antes que eu pudesse voltar a atacá-lo, meu inimigo já estava de pé, numa agilidade incompatível com a sua armadura. Quando eu estava pronto para continuar a digladiar, ouvi a sua voz metálica.

— Gosta de golpes baixos, pelo visto! — Zombeteiro.

— Baixo é continuar atacando um adversário derrotado. — Nem tentei disfarçar o desprezo em minhas palavras. Ele riu.

— Logo se juntará à sua amiga.

Sem mais paciência, parti para golpeá-lo, mas sua estocada foi mais bem mirada dessa vez e pegou de raspão na minha costela. Talvez, mais do que de raspão. Enquanto tentava ignorar a dor, senti um pontapé no meu tornozelo que me

fez tropeçar. Ainda no ar, recebi uma cotovelada no queixo e fui jogado de costas no solo da arena.

Eu nem vi o golpe que recebi em seguida, apenas senti. Senti a minha perna se abrindo até ao osso, minha carne se dilacerando e meu sangue jorrando numa explosão de dor desesperadora. Eu gritei. Tudo que eu podia fazer era gritar. Tentei agarrar minha perna fraturada, porém um golpe de metal veio contra a minha cabeça, me devolvendo ao chão. Então outro. E outro.

E outro e outro.

Pude ver o árbitro correndo em minha direção para encerrar o combate.

Vi o rosto horrorizado de todos os meus companheiros que assistiam da coxia. Draco já estava com Labareda em punho, invadindo o campo de batalha.

Minha visão ficou negra.

Os golpes pararam.

Ouvi uma risada.

— Fica calmo, Draco. A sua vez é amanhã.

E desmaiei.

Entreato

— Se sentindo esquecido de novo? Não fique assim, amiguinho, é que você anda em quatro patas, por isso não pode dormir no quarto com a gente. E porque seus chifres não passam nas portas e seu cheiro iria empestear as estalagens. Enfim, não fique triste. Eu nunca esqueço de você. Mas posso ser sincera? Não vim falar sobre isso. É que... você acha que eu falo demais? Bom, você sempre me olha quando venho conversar com você. Na verdade, você está ruminando na maior parte do tempo, mas suas orelhas sempre ficam atentas, que eu sei. Desculpa te alugar desse jeito, não é justo com você. É que todos sempre têm tantas respostas e você só escuta. Tá bom, eu sei que não é justo, afinal, você não fala a minha língua, então não é como se você tivesse muita escolha. É que eu te vejo seguindo o Alberich e vejo que... companheirismo não depende nem de conversa, né. Mais de uma vez você nos ajudou quando menos esperávamos. Acho que a gente te subestima, sabia? Acho que nos subestimamos uns aos outros. Acho que esquecemos uns dos outros o tempo todo. Então não se sinta mal. Não é com você. Acho que cada um de nós está perdido demais dentro de si mesmo e ao mesmo tempo desesperado por companhia. Até quando sabemos que temos alguém, parece que não estamos convencidos e acabamos... afastando quem devia estar mais perto. Sempre tem uma missão mais urgente. Sempre tem um sonho deixado pra amanhã. Nunca se tem tempo pra amenidades. E eu sinto que desperdiçamos tanta coisa. A gente sabe que vai se arrepender amanhã e mesmo assim não aproveitamos o agora. Enfim... eu só vim te dar um abraço. Não repara se esse abraço parecer o último. É que a gente nunca sabe quando vai ser o último. Amanhã eu volto. E você me conta como estava essa grama que você não para de mastigar. Posso te falar uma coisa que ninguém nunca fala, mas a gente devia dizer sempre? Barão... obrigada.

A BATALHA DECISIVA

DRACO

... E se contemplas o Abismo, a ti o Abismo também contempla.

Como saber se estou lutando pela causa certa? Como ser juiz, júri e executor ao mesmo tempo? Quem me deu o direito de vagar pelo mundo e moldá-lo da forma como eu acredito ser a certa?

Afinal, meus inimigos acham que estão fazendo o mesmo.

Eu não acredito que certo e errado sejam pontos de vista. Acredito que sejam conceitos que estão acima de nós. Nós estamos à mercê do certo e do errado, não o contrário.

Mas podemos estar enganados.

Talvez, o robgoblin clérigo de Uraxtor acreditasse que as palavras do Tirano iriam prover ao mundo ordem e prosperidade. Talvez, a aswang fosse apenas parte da cadeia alimentar. Talvez, o minotauro estivesse apenas defendendo o seu território. Talvez, o barão amaldiçoado acreditasse que havia sido privado do descanso eterno para completar uma missão maior. Talvez, Helderath achasse justificável trair um grupo de aventureiros por conta da injustiça que sofreu. Talvez, o abissal estivesse apenas executando o inevitável.

Talvez, Beowulf fosse apenas um guerreiro promovendo o seu esporte.

Talvez, eu fosse igual a todos eles.

Mesmo assim, eu não me identifico com essas ações. Com certeza, se tivéssemos argumentado, nossas opiniões iriam colidir tanto quanto nossas armas. Eu nunca quis matar ninguém, mas tive que fazer.

Ou quis?

Para ser sincero, eu também não me identifico com os meus companheiros de viagem. Vejo neles qualidades que não possuo. O mais grave de tudo: vejo convicções que não compartilho. A cada passo que dou, questiono-me se ajo por altruísmo ou cobiça.

Havia algum ponto a ser provado ao enfrentar Beowulf? A minha vitória? A vingança por dois amigos gravemente feridos? Ou a prova de que quem luta com Virtude vence? Mesmo com tudo isso em questão, qual era o meu objetivo pessoal? O que realmente me recompensaria?

Eu tinha dúvidas demais. E havia percebido que aquilo precisava ser resolvido. Não poderia entrar na arena com questionamentos naquele dia. Não poderia esperar o torneio acabar para tomar decisões.

Então, cheguei a uma conclusão.

Eu poderia errar às vezes. Poderia ter feito tudo errado até aquele ponto. Ainda assim, sempre buscaria o certo. E, se por ventura, eu descobrisse que sempre estive errado, mudaria tudo, recomeçaria e continuaria buscando o certo.

E, caso meus crimes fossem pesados demais, eu estaria disposto a pagá-los.



— O momento da decisão! A hora de vermos quem é o mais forte! Como foi prometido, temos dois grandes campeões neste torneio! Dois heróis que conquistaram o prêmio máximo de Arena, a Cidade dos Guerreiros, em anos diferentes! De um lado, Draco, empunhando a espada bastarda Labareda, um cavaleiro errante que viaja com um grupo de aventureiros e já derrotou vários monstros, salvando inúmeros cidadãos de bem, como nós, em suas andanças. Do outro, o destemido Beowulf, empunhando a espada larga Nagelring, colecionador de troféus, está há dois anos invicto em todos os torneios em que participou. Preparem-se, pois hoje todo o reino vai tremer com esta batalha decisiva!



Duas lâminas rubras empunhadas. Olhos firmes se encarando. Multidão nas arquibancadas urrando de ansiedade.

O anúncio do árbitro e o metal colidindo.

Estoquei e só consegui raspar na borda do peitoral, tirando faíscas e arranhando a placa, sem nenhum efeito relevante. Em resposta, ele também estocou, eu me agachei, dei um passo de ajuste para a esquerda e cortei pela horizontal, acertando o mesmo ponto de antes, desta vez, abrindo um corte no aço, ainda sem sangue.

Ele ergueu uma perna, eu ergui o escudo e ambos colidiram. Fui forçado a recuar dois passos com o impacto e ele girou sua lâmina, obrigando-me a recuar ainda mais para não perder um braço ou a barriga inteira. O maldito conseguiu

ajustar a altura do golpe e abriu uma ferida no meu abdômen, superficial, mas manchando a areia com o meu sangue.

Inconformado, parti para a ofensiva e foi a vez dele recuar. Desferi um corte vertical de baixo para cima e ele esquivou. Girei minha espada na horizontal pela esquerda, ele aparou com a Nagelring. Tentei mais um ataque de cima para baixo e outro pela diagonal, todos evitados. Antes que eu continuasse golpeando, sua espada larga já estava desenhando um arco pela minha direita. Agachei-me de novo, e dessa vez ele ergueu sua arma por cima de sua cabeça e desceu num ataque bruto e pesado.

Saltei para a esquerda e estoquei na brecha aberta na armadura de Beowulf. Ele tentou esquivar, não antes de eu sentir Labareda encontrando o osso da sua costela e fazendo escorrer um bocado de sangue pelo aço. Um grunhido escapou pelo elmo e eu acertei sua canela com força, abrindo a bota e atingindo sua carne superficialmente, sangrando pouco e incomodando muito. Ele ainda estava tentando recuperar a defesa quando eu amassei seu elmo com o meu escudo — golpe que teria encerrado o combate se não fosse aquela proteção.

Beowulf girou sua espada e me fez recuar de novo. Assim que ganhou espaço, ele arrancou o elmo e jogou-o fora. Seu rosto estava suado e o sorriso presunçoso havia sumido.

Então me dei conta de um detalhe: aquilo era diversão para mim. Isso não era exatamente o oposto de tudo que eu havia pensado antes de entrar na arena?

— Eu vou lhe mostrar o quão forte eu sou! — Ouvi o berro de Beowulf.

Quando me dei conta, Nagelring já estava avançando em minha direção. Esquivei-me pela direita no último instante, mas a lâmina pegou de raspão no meu braço e mais sangue foi derramado. Tentei atacar antes dele manter a ofensiva, mas Beowulf aparou com a sua lâmina e contragolpeou na horizontal. Usei o meu escudo para acertar Nagelring de baixo para cima e repelir o ataque, estoquei e ele encaixou um bloqueio ligeiro.

Eu comecei a sentir raiva do meu oponente. Não por tudo que ele havia feito. Senti raiva por ele lutar tão bem. Senti fúria. Senti o frenesi vindo lá de dentro. Um rosnado querendo virar rugido.

Forcei a minha espada contra a dele, abri sua guarda, desferi vários golpes em sequência. Ele se esquivou do primeiro, mas permitiu que alguns amassassem e abrissem fendas em sua armadura. Começou a sangrar pelos braços, por uma das pernas e pelas duas laterais do peitoral. Eu estava pronto para finalizar a luta quando me dei conta que estava prestes a matá-lo. Voltei à consciência num surto de lucidez. Impedi minha espada no último instante em que ela entrou no seu abdômen e retirei-a, conseguindo não ir muito fundo. Por mais que ele não tivesse morrido ainda, no mínimo o seu estômago havia sido perfurado.

Hesitei e esse foi meu erro.

Com minha consciência de volta, meu corpo ficou lento, quase zozzo e, compreendendo ou não o que acabara de acontecer, Beowulf foi impiedoso em sua resposta. Nagelfring veio de baixo para cima, pronta para me partir ao meio. Dei uma cambalhota e, assim que fiquei de pé, a enorme lâmina rubra estocou, obrigando-me a dar outro giro no chão para não morrer. No terceiro ataque que recebi, já sem equilíbrio para acrobacias, ergui meu escudo e senti o metal se espatifar e ser jogado para todos os lados com a colisão da espada inimiga. E ele não parou por aí.

A cada ataque que eu aparava, Beowulf dava mais dois. A cada esquiva, ele já tinha um novo golpe a caminho. E uma sensação dentro de mim dizia que eu não precisava ser derrotado. Que tudo o que eu precisava fazer para vencer era usar aquela energia tão natural e espontânea, que eu negava e oprimia. Tudo o que precisava fazer para vencer era ser eu mesmo.

O que significava ser um assassino, ou um monstro, ou algo pior.

Enquanto eu me negava, tudo ficou claro. Cada movimento, cada passo, cada ataque. Pude ver Nagelfring na diagonal, de baixo para cima, em minha direção. Forcei-me a não perder a lucidez a tal ponto, que consegui aguçar os meus sentidos.

Então eu agi.

Chutei a empunhadura da espada inimiga, interrompendo o golpe, e estoquei, parando Labareda na traqueia de Beowulf. Ele estava rendido. Eu era o campeão.

A saudação da plateia era ensurdecadora. A expressão de raiva do meu rival era impagável. O triunfo era total.

Mas durou pouco.

Quando eu ia comemorar minha vitória, começou a trovejar e o céu ficou repentinamente escuro, como se nuvens tempestuosas o cobrissem de uma hora para a outra. Os espectadores esmoreceram com a mudança súbita e sobrenatural do clima. Não havia mais alegria e nem frustração entre eu e Beowulf, apenas confusão. Então, a voz veio.

— Eu sabia que você era promissor, Draco.

Virei-me e vi o intruso entrando por um dos portais dos gladiadores. Vestia uma armadura de placas de aço que cobria o tórax, abdômen, ombros e pernas, além das manoplas de aço e revestimento de couro por debaixo de quase todo o corpo. Espada e escudo em punhos. Cabelos vermelhos desgrehados, sobrancelhas grossas e franzidas, nariz largo e boca contraída. A parte branca dos olhos era negra e a pupila rubra. Mal parecia humano. Observando enquanto ele se aproximava, pude ver o septagrama na guarda da sua espada.

O assassino de meu mestre.

— Só não entendi por que ainda não matou esse verme — ele comentou enquanto eu ainda estava sem reação. Sua voz era grave e firme. Imponente e impiedosa.

— Verme? — Beowulf se ofendeu.

— Eu não sou um assassino — respondi.

— Faça-me o favor — ele zombou. — Ninguém saca uma arma sem a intenção de matar.

— Não vou perder o meu tempo explicando as minhas Virtudes pra você — retruquei.

— Virtudes! — Ele riu sem humor. — Ainda segue essas ideias patéticas do nosso mestre?

Aquilo me atingiu como uma pedrada.

— Nosso?

Ele achou divertido.

— Então ele nunca contou? Agora entendi porque você é assim, tão ignorante. Foi privado da verdade esse tempo todo.

Para mim, bastava.

— Eu estava à procura de você.

— Eu também estava à procura de você. Sabia que um dia seria um campeão e não errei. Mas vejo que ainda se recusa a transcender a sua humanidade — ele disse, cheio de orgulho. — Como eu!

— Você não transcendeu a sua humanidade, apenas a jogou fora!

Ele me encarava, tentando encontrar algo. Tentando me decifrar. Seja lá o que ele procurasse, eu torcia para que não encontrasse.

Contudo ele parecia bem satisfeito.

— Você já deve ter ouvido a historinha do beija-flor que tentava apagar o incêndio na floresta. Você deve ter ouvido como o beija-flor era virtuoso por fazer a parte dele. Mas a verdade é que é inútil! O beija-flor morreu incendiado junto com o resto da floresta, enquanto tentava apagar o fogo com a porcaria do bico! E é isso que você é, Draco, um pequenino beija-flor gastando os seus esforços para extinguir um incêndio inapagável!

Apontei Labareda para ele.

— Irei provar que está errado e você pagará por seus crimes!

— Ah, um criminoso então! — Eu quase esquecera que Beowulf estava ali. — Deve haver alguma recompensa por ele.

— Fique de fora disso — o assassino alertou.

Beowulf investiu com ímpeto e foi recebido por um passe de ajuste e um encontrão com o escudo contra a sua cabeça, fazendo-o desabar no chão.

— Eu avisei para ficar de fora — disse o assassino enquanto erguia a espada para matá-lo.

Antes que ele concluísse o golpe de misericórdia, Labareda encontrou a sua lâmina e ele foi forçado a voltar a atenção para mim.

— Draco! — Ouvi Rosa gritar da coxia, sua voz evidentemente desesperada.

— Não seja covarde, você sabe que eu matarei cada um que tentar impedir a nossa luta — ele anunciou.

Olhei pelo canto do olho, Alberich, Ravenlla, Zhi Wu e Rosa já estavam no campo de batalha. Selina implorava para Gladius não intervir e ele me olhava inconformado. Só não estava ao meu lado ainda por causa de sua perna inutilizada. Os demais hesitavam.

— Eu não permitirei que você machuque ninguém!

E a nossa batalha começou.

Ginguei Labareda e intercalei golpes horizontais pela esquerda e pela direita — e ele não teve dificuldade em evitar cada movimento meu. Descrevi um arco vertical de cima para baixo, ele aparou com sua espada, estoquei, ele bloqueou com o escudo e, numa velocidade que meus olhos mal puderam captar, contragolpeou com uma estocada na lateral do meu abdômen, quase abrindo um talo que faria meu intestino vazar.

Agarrei a ferida com dor e assisti a guarda da arena chegando para capturar o criminoso. Eram soldados treinados, talvez não tão fortes quanto os competidores numa batalha singular, contudo especializados em neutralizar um guerreiro.

Não tiveram a menor chance.

Devia ter duas dezenas ou mais. A espada do assassino dilacerou estômagos, pescoços, peitorais, rostos. A cada um que caía, mais um já estava morrendo em questão de segundos. Num único assalto, todos estavam no chão.

O assassino terminava de tirar sua lâmina da virilha do último soldado quando afastou o rosto e deixou duas estrelas cortarem o ar. Em seguida, Ravenlla e Alberich atacaram com suas armas brilhando com o poder da fé, seguidos pelos chifres de Barão. O inimigo bloqueou o martelo com o escudo, aparou o sabre com a espada, esquivou dos chifres, furou com profundidade a coxa da elfa e abriu um talo generoso no braço do paladino, desarmando-o.

Ergui minha espada e ataquei na vertical, mas também fui bloqueado. Sem perder tempo, o assassino atacou com maestria. Cada golpe dele chegava mais próximo de uma brecha minha, cada espadada mais arriscada, até que uma bela voz élfica se pronunciou em cânticos mágicos e um sabre azulado surgiu no ar e estocou contra o inimigo.

Ocupando-se com vários oponentes, o assassino não era tão preciso e eu pude revidar. Eu e o sabre espiritual estocamos em conjunto, ele recuou um passo para logo em seguida avançar outro e afastar a arma flutuante com um movimento, me atacando com outro. Usei a minha espada como defesa, mas ele aproveitou a oportunidade e desferiu três golpes velozes, o primeiro evitado, o segundo abrindo um pequeno corte no meu ombro esquerdo e o terceiro raspando no meu tornozelo direito.

Senti a exaustão e a perda de sangue de duas batalhas seguidas começando a pesar sobre mim. Tive sorte quando Alberich investiu empunhando o martelo na mão esquerda, Barão contornou o nosso inimigo preparando uma investida e mais estrelas foram arremessadas enquanto eu recuperava o fôlego.

O paladino e o assassino digladiaram enquanto as mãos delicadas de Rosa encostaram no meu ombro e ela sussurrou feitiços que revitalizaram meu ânimo, me fazendo sentir os músculos contraírem com potência, meu punho recuperar a precisão para atacar e meu espírito voltar a ser inabalável. Olhei ao meu redor e vi Ravenlla segurando sua perna, se contorcendo em dor.

— Tire-a daqui! — pedi a Rosa.

— Eu ainda posso fazer mais uma coisa. — A elfa mal conseguiu falar. Ela ergueu a mão, e do céu, um brilho azulado se fez e um falcão quase do tamanho de uma pessoa surgiu descendo em rasante.

Sem mais tempo para me fortalecer, juntei-me a Alberich no combate. O assassino estava em evidente vantagem e pareceu ficar feliz ao me reencontrar. Eu e o paladino atacamos com tudo, entretanto as defesas do inimigo pareciam intransponíveis. Mesmo em conjunto, ainda não havíamos acertado um golpe sequer.

Nesse momento, Barão veio com os chifres apontados para as costas do assassino, que girou o corpo no último segundo, desferiu um golpe com a espada e abriu um talo no flanco do íbex, fazendo com que mancasse alguns passos e desmaiasse.

Os olhos de Alberich arderam e ele atacou em diversos ângulos, sempre encontrando o escudo no caminho, até que o assassino se cansou do estorvo e usou sua proteção para acertar a canela do cavaleiro num ataque súbito e inesperado. Pude ver a perna do meu amigo se dobrando num ângulo inaceitável e ele caindo em dor.

Quando o assassino se voltou para mim, o falcão que Ravenlla invocara agarrou seus ombros por trás e tentou bicar o seu rosto, surpreendendo-o. Aproveitei e acertei a costela direita do meu inimigo num corte generoso. Ele tentava afastar a ave com o escudo, tarefa árdua com tamanha fúria em cima dele.

Golpeei contra o abdômen e ele se esquivou, deixando a ponta da minha lâmina a milímetros do seu estômago.

Então o assassino estocou para cima, trespassando o falcão, que brilhou em azul pela última vez e desapareceu no ar. Aproveitando o ângulo do seu braço, ele descreveu um arco vertical para baixo e eu senti o aço do meu peitoral se abrindo, protegendo o meu tórax pela última vez.

Respirei fundo e senti algo a mais nos meus golpes. Algo além da magia de Rosa. Senti que era hora de parar de hipocrisia e usar a minha verdadeira força no combate.

Foi quando liberei a Mácula num rugido abissal. Meu corpo estremecia, meus olhos ferviam, meus punhos clamavam por sangue. E o assassino sorriu quando começamos a lutar de igual para igual.

Meu primeiro golpe partiu o escudo dele ao meio de uma vez só. Ele jogou o que sobrara no chão e passou a segurar a espada com as duas mãos, como eu. Nossas lâminas se encontraram em vários ângulos, colidindo e nos deixando cara a cara diversas vezes. Ele tentou acertar minha perna, eu aparei, e contragolpeei, ele se esquivou, estocou contra o meu tórax e foi afastado pela minha espada. A cada nova sequência de ataques e contra-ataques, uma ferida nova se abria em um de nós e isso só nos alimentava. A cada instante, mais cortes e mais vontade de matar.

A cada movimento, o mundo ao meu redor enegrecia e só sobrava nós dois. Só sobrava a nossa batalha. Já não importava quem morreria, pois a nossa disputa era justamente a derrota. Venceria aquele com mais sede de sangue.

Ambos sangrávamos muito. Era difícil encontrar um ponto onde não tivéssemos uma ferida aberta. Até que meu inimigo definiu quem era o mais condenado naquele confronto.

Com um movimento, afastou Labareda do seu caminho e abriu a minha guarda. No outro, passou a ponta da sua lâmina na brecha do meu peitoral e rasgou a minha pele e a minha carne por debaixo dela, quase alcançando o osso. E, por fim, estocou contra o meu abdômen antes que eu pudesse recuperar a guarda.

Mas o golpe nunca me alcançou.

No último instante, um corpo surgiu na minha frente e se fez de escudo humano. A lâmina inimiga atravessou tecido, carne e ossos, apontando em minha direção, pingando sangue. Na minha frente, Rosa estava morrendo.

O assassino retirou a espada e o corpo dela caiu para trás, nos meus braços. A minha consciência retornou como se o ar preenchesse os meus pulmões depois de quase se afogar. Eu estava incrédulo.

Meu inimigo gargalhava.

— Este é um prêmio muito melhor do que aquele que eu vim buscar! Draco, você é promissor, mas eu cheguei cedo demais. A vida ainda tem algumas

lições a te ensinar.

Larguei Rosa, avancei e ele me recebeu com um corte horizontal no meu abdômen. Muito sangue foi jorrado e eu tive que segurar a ferida para que nada mais escorresse, enquanto tombava de joelhos no chão.

— Encontre-me no Templo Esquecido e terá a sua vingança. Até lá, lembre-se: você pode ir muito além da sua humanidade.

Minha visão começou a enegrecer enquanto ele caminhava para fora da arena. Pude ver um batalhão da milícia da cidade chegando para capturá-lo. Ele não pareceu se sentir ameaçado e continuou seguindo na direção deles.

Em meus últimos momentos de consciência — talvez de vida —, busquei Rosa, ainda numa esperança tola de salvá-la. Salvá-la do destino inaceitável e inalterável.

Encontrei-a no chão, impecavelmente linda, olhando para o céu. Ao me aproximar, percebi que ela estava completamente imóvel e que seus olhos nunca mais encontrariam os meus. Antes que pudesse chegar mais perto ou falar qualquer coisa, minha visão se enegreceu por completo, e cada um dos meus sentidos foi se dissipando aos poucos.

E eu finalmente concluí que todas as minhas certezas eram inválidas.

SOMBRAS E LUZ

JOEL

— Senhor.

Ignorei o batedor e continuei lendo as cartas. Ouvi dizer que precisava aprender a delegar funções, mas não é tão simples quando você lida com espões e informantes. Posso confiar em poucas pessoas, o que quer dizer que preciso ler muitas cartas. As notícias não eram boas. Exatamente como eu esperava. Por fim, finalmente olhei para o rapaz.

— Senhor, relatórios — Hyfryd, um garoto estranho e eficiente, apresentou cinco pergaminhos, como se minha mesa já não estivesse lotada.

Olhei em seus olhos e esperei que começasse.

— Surtur, o chefe de guerra orc, trouxe seu exército para Liga Prateada. Estranhamente, ainda não atacou. Ao que tudo indica, alguém muito rico o contratou como mercenário. Também interceptamos correspondências do Assassino das Musas e sabemos para onde ele está indo. A propósito, o nome dele é Vrithril, pelo visto o psicopata é um elfo. E Ausohlung, o ex-campeão da Cidade dos Guerreiros, foi visto, depois de tanto tempo sumido. Os três estão a caminho de Paradies, o ducado de Uranus von Titanen, agora reino. Suas suspeitas estavam corretas, senhor, o pilantra reuniu seus campeões.

Minha cabeça latejou com aquele relatório. Mesmo esperando más notícias, a confirmação de todas as minhas suspeitas era crítica. Olhei para os pergaminhos, mantendo o foco. Surtur. Vrithril. Ausohlung. Uranus. Ainda tinha um pergaminho não mencionado.

— Alastor invadiu o torneio de Vesúvio e atacou os campeões. O grupo da Zhi Wu interferiu e... e Rosa, a cartomante, foi morta em combate.

Analisei a expressão do rapaz. Ele estava tenso. Tenso pela guerra que se anunciava e pela crise no grupo da sua colega. E por estar diante do homem que uniria as peças na esperança de derrubar todas as ameaças de uma vez só. Olhei Hyfryd nos olhos mais uma vez, aguardando. Faltava alguma informação.

— O grupo de Zhi Wu está arruinado, senhor. Rosa era o coração do time, sem ela cada um deles vai adotar medidas mais drásticas e menos éticas ou então vai seguir rumos diferentes.

Refleti sobre a avaliação do garoto. Era um julgamento coerente, porém errado.

— Não vamos permitir que isso aconteça — finalmente me pronunciei.
E comecei a dar alguma ordem à papelada na minha mesa.

— Senhor?

Relatórios, cartas, documentos, tudo estava claro na minha mente. Agora, precisava ficar claro para o conselho da Legião Protetora.

— Eles foram chamados de Guerreiros da Luz uma vez, não? É um bom nome para um grupo.

Uma única pilha começava a se formar, quase um tomo de tão alta. Eu não dormiria naquela noite preparando relatórios e sumários para que aquela papelada se tornasse um documento de verdade.

— Senhor, posso levantar um questionamento?

Mesa limpa. Apenas tinta e penas de um lado, e a pilha de pergaminhos que logo se transformaria em documentação, à minha frente.

— Não. Você pode chamar os conselheiros imediatamente. Dispensado.

Sem mais palavras, Hyfryd se retirou.

Eu peguei um pergaminho em branco e o ajeitei no topo da papelada. Uma página em branco sobre guerras, assassinatos, rivalidades e tirania.

Com minha experiência, aprendi que quando as trevas se alastram, os heróis se erguem. Aprendi que nos piores momentos de caos e desesperança, é quando precisamos ser mais virtuosos.

Olhei para a folha em branco.

Não podemos escolher o mundo em que vivemos. Mas podemos escolher quem somos nele.

E escrevi:

Guerreiros da Luz.



CODEx

BREVE DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA

O Éden é um mundo extenso e acidentado, viajar em seu território é uma jornada longa e altamente perigosa. Ao noroeste, existe um complexo montanhoso conhecido como o Colosso, próximo ao Deserto do Rei Eterno, que por sua vez ladeia o Rio Hidra. Mais próximo ao centro do continente, o único pântano de tamanho relevante é conhecido como a Mancha Negra, uma extensão da Floresta Intocada. Ao sudoeste, o Rio Kraken separa a Liga Prateada, a Colina dos Gigantes, uma região onde tudo tem proporções imensas, e as Três Montanhas, moradas dos anões. Mais próximo à região central, ao oeste, existem a Floresta Feérica, as Colinas Cinzentas e o Planalto dos Príncipes. No centro, reside a Colina Morta, uma região dada como amaldiçoada. Fora do continente, existem seis ilhas e um arquipélago: ao norte, três ilhas tropicais: a Coroa, cercada pela Asa Azure e pela Asa Rubra; ao sudoeste, a Ilha Esmeralda; ao sudeste, a Ilha Lunar; ao oeste, a Ilha Imperial e ao leste, o arquipélago conhecido como Ponte Arruinada.

DIVISÃO GEOPOLÍTICA

O Éden se divide em diversas regiões. As principais são: a Liga Prateada, três reinos que cooperam entre si econômica e militarmente; a República Azul, um conjunto de cidades-estados regido por Conselhos e um Primeiro Cidadão; a União a Vapor, região pioneira na exploração de carvão e pólvora; a Região Feudal, onde não existe nenhum grande reino em seu território, apenas baronatos, condados e ducados; o Leste Radiante, região exótica regida por diversos clãs de samurais — cavaleiros — e shugenjas — sacerdotes; o Vale Perdido, região dominada por orcs e goblinoides; o Império da Luz, domínio de um faraó venerado como um emissário divino desde que despertou; A Ilha Imperial se divide entre o Império de Aço, fruto da união forçada de reinos menores nas mãos de um tirano, e a Alcateia Tribal, um conglomerado de tribos e pequenos povoados que transitam entre a barbárie e o feudalismo e guerreiam entre si; Orum, uma coligação de reinos humanos com culturas notavelmente distintas, mas que consideram uns aos outros como irmãos; o Submundo é o lar de inúmeros povos, havendo inclusive um reino humano que faz comércio tanto com os povos subterrâneos quanto com os da superfície; a Necrópole é uma região dominada por mortos-vivos — simplesmente não há motivos para se aventurar nestas terras; os anões residem nas Colinas Cinzentas e nas Três Montanhas; lendas contam que elfos vivem na Floresta Feérica, mas nada além de mitos; e, por fim, Centrália, a região central, é a mais

perigosa de todas, graças ao Duque Abissal da Discórdia que atormenta todo o território — todos os reinos da região se encontram em estado de guerra e/ou decadência devido à sua influência direta ou indireta.

RIQUEZA E TECNOLOGIA

Existem dezenas de reinos e centenas de feudos e tribos pelo continente, cada qual com um nível de riqueza e tecnologia próprio. Antigamente, a região mais bem abastada do continente era Centrália, porém isto se desfez com a chegada do Duque da Discórdia. Atualmente Centrália é a região mais devastada e caótica de todas.

Os reinos mais ricos são o Império de Aço, por ter em seus domínios quase todas as minas de prata da Ilha Imperial, e o Império da Luz, por reunir toda a riqueza de gerações de reis nas mãos do Rei Eterno.

Em contrapartida, estes não são os reinos com maior avanço tecnológico, pois são apegados às suas tradições. A região com maior avanço tecnológico é a União a Vapor, havendo até um princípio de uso de pólvora e carvão em seus domínios, mas tudo ainda muito limitado. Em nível cultural, a Liga Prateada se destaca pelo incentivo à cultura e ciência de Dellarte e à preservação do conhecimento e da história de Solar.

No resto do mundo, o aço e o ferro são conhecidos e a maioria da população é analfabeta, apenas os mais ricos é que têm acesso aos estudos avançados.

A LIGA PRATEADA

Os reinos Solar, Turnnin e Dellarte formam esta coligação comercial e militar, estabelecendo paz, diplomacia, favorecimento mercantil e a garantia de apoio dos exércitos amigos em caso de conflito externo. Todos os reinos margeiam o Rio Kraken e suas fronteiras internas são conhecidas como as mais seguras do continente.

História: há séculos uma guerra foi travada em busca de um artefato sagrado: a Guerra da Cruz. Começou com pequenos grupos explorando masmorras em busca da relíquia. Então alguns começaram a deixar o escrúpulo de lado e as autoridades tiveram que interceder. O ato foi visto como crime pela nação natal dos criminosos, e tropas foram enviadas com a missão de encontrar a Cruz a qualquer custo. Solar e Dellarte foram os principais alvos e batalharam tanto para defender seus territórios, quanto para evitar que o artefato caísse em mãos erradas. Toda a região foi o palco da guerra, e incontáveis batalhas foram travadas entre quase uma dezena de reinos. No final, um grupo de heróis encontrou a Cruz, que ficou em posse do clérigo, que se tornou sumo-sacerdote e regente de Solar. A paz foi restaurada, mas às custas de milhares de vidas e da ruína de vários reinos. Posteriormente, cidades se reergueram e se unificaram, dando origem ao reino de Turnnin.

Relações: os reinos têm um pacto de benefício aos membros e padronização das relações externas à Liga. Como tal acordo é bastante maleável, não houve nenhum caso registrado de infrações. Naturalmente, os reinos ainda tiram vantagens das relações vizinhas mais próximas. Quem sai na desvantagem é Solar, por não ter reinos próximos favoráveis, além dos membros da Liga. A maior beneficiada é Dellarte, por ser próxima da República Azul, de Orum e da União a Vapor, todos bons aliados comerciais, se tornando o reino mais rico da Liga Prateada.

Terras: a região da Liga é vasta e rica em todo tipo de vida, com colinas concentradas ao oeste, florestas ao centro e planícies ao leste. Um dos “tentáculos” do Rio Kraken corta os três reinos e serve de rota comercial marítima. Ao oeste da Liga fica a gigantesca Floresta Feérica, ao sul fica o Vale Perdido, ao sudeste o União a Vapor, ao nordeste a República Azul e Orum e ao norte Centrália.

Breve descrição:

Solar, o Reino Abençoado: as lendas contam que um celestial ajudou a erguer a primeira cidade e foi seu protetor até os dias da Aniquilação, quando o guardião partiu para a guerra e não retornou. Cidades: Pena Dourada (capital), Aura, Aurora e Auréola.

Turnnin, o Reino das Torres: a vigília do reino é feita principalmente através de torres e a própria família real vive na maior delas, localizada no centro da capital. Cidades: Babel (Capital), Gálata, Pisa e Fernsehturm.

Dellarte, o Reino da Beleza: autointitulada de reino mais sofisticado e refinado do mundo, Dellarte é um exemplo inigualável de cultura e arte. Os maiores trovadores, dramaturgos, escultores e pintores têm, de uma forma ou de outra, suas histórias conectadas a este reino. Cidades: Calíope (capital), Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tália, Terpsícore e Urânia.

SOLAR

Uma nação regida pelo sumo-sacerdote desde a Aniquilação, quase ruiu após a extinção dos celestiais e foi o reino sobrevivente mais devastado durante a Guerra da Cruz. Mesmo após tantas calamidades, se mantém firme e próspera, sendo o principal centro religioso do continente.

A Terra: ecossistema temperado com florestas, colinas e planícies. O terreno é bastante acidentado e irregular pelas colinas ao oeste e mais estável com planícies ao leste. As florestas e os bosques são mais comuns entre o oeste e a região central. As fronteiras com as Colinas Cinzentas são especialmente perigosas por abrigar uma cadeia de cavernas habitada por orcs, minotauros e ogros — felizmente estas criaturas já estão bastante ocupadas matando umas às outras e raramente viajam para muito longe de seus lares. Existe uma cidade de centauros dentro de uma das florestas e a relação com as criaturas metade humanoides e metade equinas é mínima, devido à sua natureza reservada e selvagem. Apesar de poucos humanos saberem ou se importarem, a cidade se chama Petthália.

Cidades de Destaque: Pena Dourada(capital), Aura, Aurora e Auréola.

A Sociedade: os cidadãos têm a pele clara, olhos e cabelos entre marrom e negro, os homens medem cerca de 1,70m e as mulheres 1,60m, ambos tendem a ter bastantes pelos nos braços e pernas. Os homens adultos gostam de ostentar bigodes, barbas e costeletas nos mais variados estilos e tamanhos, enquanto as mulheres gostam de enfeitar os cabelos com tranças, jóias, flores etc. Pela forte influência do clero, muitos seguem a tradição religiosa, frequentando cultos semanais e orando em suas camas antes de dormir. Não há “nobreza” em Solar. Apenas os sacerdotes das Virtudes são reconhecidos como autoridade e administram as terras.

A Lei: teocracia. A constituição local se baseia nos princípios das Virtudes e nos antigos ensinamentos transmitidos diretamente pelos celestiais. Nem todos os agentes da lei são clérigos, mas estes são ativamente participativos da vida política nas cidades. A criminalidade é provavelmente a menor em todo o continente graças ao alto investimento em policiamento das estradas e à eficiência dos tribunais de justiça. Aqueles que não respeitam as leis, temem suas consequências. Logicamente, Solar não é um reino perfeito, e ainda não é raro que juízes facilitem a vida de seus favoritos, ou que patrulheiros displicentes deixem bandoleiros escaparem.

Regente: Minh é o atual sumo-sacerdote das Virtudes, um Clérigo da Esperança. Ele enxerga as necessidades do mundo e se esforça para atendê-las. Como regente, estabeleceu leis rígidas que favorecem o povo e preservam a ordem social. Como clérigo, ele dá o exemplo e pratica milagres para provar que as

Virtudes ainda estão vivas. O que muitos consideram controverso é a origem de Minh: ele é um jovem vindo do Leste Radiante, trazendo consigo cultura e tradições muito diferentes da Liga Prateada. Até agora, seu discurso é a importância da diversidade dentro de Solar e do clero, apesar de muitos ainda desconfiarem de suas intenções.

Aura tem uma burguesia próspera e um comércio bem aquecido. Não tem muita pobreza e nem os maiores ricos. Um típico povoado de médio porte. Típica, exceto pelo Templo da Virtude, um monumento gigantesco no meio da cidade. Uma construção tão grande que pode ser vista de qualquer ponto da cidade e até fora dela, um santuário antigo, erguido pelos próprios celestiais, símbolo de fé, esperança e poder. Ponto de Destaque: o Templo da Virtude.

TURNNIN

O Reino das Torres é mais uma consequência, do que uma nação fundada. Seu território foi uma rota comercial útil em tempos de paz e palco de muitas batalhas em tempos de guerra. Com tanta movimentação, comunidades foram geradas e cresceram demais, até se unificarem e formarem um reino independente, herdeiro dos reinos que caíram durante a Guerra da Cruz.

A Terra: ecossistema temperado com florestas, pântanos e planícies. Apesar do terreno pouco acidentado, as estradas são mal organizadas, e ameaças de bandoleiros ou monstros não são raras. O processo de urbanização é lento e depende totalmente da nobreza local. Consequentemente, ainda há muita área inexplorada pelo reino e nenhuma catalogação dos bosques e dos charcos foi feita. Uma região problemática é o Pântano das Turfas, lar de uma tribo de bestiais reptilianos territorialistas, que andam forçando os humanos a se questionarem se devem deixar seus vizinhos em paz e considerar o território como perdido ou se devem promover uma colonização forçada. A Planície Iluminada é famosa por ser uma região de paz e sabedoria. Contam que um antigo celestial morou lá por um tempo, deixando uma aura virtuosa como herança. A planície também é lar de um isolado e misterioso monastério.

Cidades de Destaque: Babel (Capital), Gálata, Pisa e Fernsehturm.

Sociedade: os traços étnicos de Turnnin variam de cidade para cidade devido à sua formação recente e miscigenada, mas os cabelos loiros e ruivos e os olhos claros são comuns pelas cidades. Tanto homens e mulheres costumam vestir roupas simples e práticas, geralmente de couro ou lã. O reino mal saiu do regime feudal e mantém muitos costumes do mesmo. Dessa forma, homens e mulheres são mais acostumados aos trabalhos braçais e ao sistema de vassalagem local — estão mais preocupados com seus barões ou condes do que com o próprio rei. O poder é centralizado na mão do monarca, mas os nobres têm autonomia em suas terras.

A Lei: monarquia. Turnnin ainda sustenta muitas tradições do feudalismo e a principal função dos nobres é proteger seus vassalos. Sendo assim, toda a organização social é fragmentada, abrindo brechas para as autoridades governarem como bem entenderem, ou até para criminosos se estabelecerem e gerarem uma coexistência pacífica com a nobreza. Felizmente, tais casos não costumam perdurar, pois nada impede de um nobre vizinho alertar o monarca, unir forças para dismantelar os facínoras e tomar suas terras e riquezas como recompensa. Em Turnnin, os nobres podem ser ordeiros, “homens do povo” ou indiferentes — e é apenas a informal política de boa vizinhança que evita que nobres cruéis e tiranos perdurem. Em geral, o Reino das Torres é um lugar bom de se viver, desde que

você não se importe com leis que mudam de um condado para outro, ou com uma mudança frequente de suserano.

Regente: Belzar salvou o seu reino de ser invadido e tomado algumas vezes ao longo dos anos. Devido a isso, seus investimentos nas últimas décadas foram a fortificação de suas cidades e a proteção de seu povo. Muitos conjuradores ganharam espaço em suas terras, graças às suas colaborações na defesa, segurança e vigília. Muitos o criticam pela falta de ordem em seus domínios, mas ele segue obstinado em suas construções de torres. Apesar da idade avançada, afirma ainda ser capaz de guerrear, caso necessário.

A cidade de Gálata não tem mais do que dez torres e nenhuma acima de seis andares, exceto a Torre de Heinrich Cornelius, um mago local, que tem nove andares. As ruas são espaçadas e tortuosas, não sendo difícil se perder, apesar de não ser fácil para um viajante se localizar. As casas são feitas de pedra cinza e os telhados de cerâmica azulada. Os arbustos e árvores são comuns por toda parte. A cidade mais parece um vilarejo grande demais com torres. Ponto de Destaque: a Torre de Heinrich Cornelius era a segunda maior torre da cidade, até a antiga maior ser destruída numa guerra. O mago é respeitado e temido na cidade, mais pela ignorância do povo local, do que por sua postura. O intelectual incompreendido cede o primeiro e o segundo andar de sua torre como taverna e teatro, pois aprecia bons banquetes e dramaturgia.

DELLARTE

Uma referência de cultura e sofisticação para todo o Éden, Dellarte se destaca pelos seus museus, teatros e universidades. O Reino da Beleza participou de poucas guerras e acredita que o conflito armado deve ser a última de todas as opções.

A Terra: ecossistema temperado com colinas e planícies. Aqueles que sabem quais estradas devem tomar raramente enfrentam problemas em Dellarte. As principais rotas são seguras e o reino é praticamente todo mapeado — mas os cartógrafos cobram caro pelos mapas. Ainda assim, existe uma guilda de salteadores que ameaça rotas secundárias e, recentemente, os incidentes aumentaram, chamando a atenção das grandes cidades e levantando uma suspeita de que o bando usa de artifícios arcanos para seus crimes. Existe ainda um condado muito evitado pelos viajantes e mercadores: o conde oferece suas terras como cemitério para quem precisar. O hábito é excêntrico, porém útil para muitos. A vizinhança local tem reclamado pelo sumiço de familiares e amigos e acusado o nobre de bruxaria. De qualquer forma, aqueles que visitaram seu castelo elogiaram o cheiroso perfume de flores silvestres da residência, mesmo tendo reparado em seus trejeitos reservados.

Cidades de Destaque: Calíope (capital), Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tália, Terpsícore e Urânia.

Sociedade: as pessoas têm a pele muito clara e os cabelos entre o castanho claro e o loiro escuro, os homens e as mulheres medem cerca de 1,70m e o traço mais marcante deles é o nariz: alguns são compridos, outros encurvados, ou largos, sempre em formatos e ângulos notórios. O povo reconhece a importância da educação e da cultura, sendo que o mais humilde sapateiro costuma se orgulhar de todo seu conhecimento técnico acerca do seu ofício, além da experiência prática. Da mesma forma, a quantidade de letrados de Dellarte também é elevada.

A Lei: monarquia. Os domínios de Dellarte são organizados e patrulhados e as punições aos criminosos são severas. Uma das poucas reclamações do povo é a taxa de impostos — a mais cara da Liga. Acontece que os maiores vilões são os nobres que governam em função dos próprios interesses. Como muitos agem plenamente de acordo com a lei, é difícil tirá-los do poder — mas quando um nobre é deposto, ele sofre a pior das consequências: é deposto de seus títulos e relegado a se tornar vassalo de outro nobre.

Regente: Diana Farrel está pouco interessada em guerras ou politicagens. Ela acredita que o mundo melhorará através da cultura e da arte. Para ela, quando todos os povos forem civilizados, não haverá mais conflitos. Para tal, não poupa investimentos em artistas, filósofos, sábios, e tutores das mais diversas áreas —

ela, inclusive, planeja construir uma ferrovia que ligue a capital ao União a Vapor. O resultado disso é uma nação com leis complexas e um avanço tecnológico em ebulição.

Tália é uma das cidades mais belas e populosas do mundo — se não a mais. A arquitetura e organização das ruas são exemplares, as casas são de tijolos vermelhos e telhados de cerâmica esverdeada. A nobreza local providencia estátuas de heróis e celestiais — ou de qualquer pessoa com dinheiro para pagar, em alguns casos — por toda a parte. Há também parques arborizados com chafarizes e museus abertos ao público, que também são extremamente belos. Sem falar nos principais teatros do mundo, como Sófocles, a maior de todas as casas de teatro, e Celes, a primeira e única casa exclusivamente de ópera. A cidade inteira parece ser uma obra de arte. Ponto de Destaque: a arena Vesúvio cedia todo tipo de competição esportista, desde corrida, arremessamento de dardos e saltos a distância, até torneios de justa ou pelejas. Alguns talianos acreditam que o esporte também é arte.

RAÇAS

Existem centenas de raças que habitam o Éden, porém, entre todas, algumas marcam sua presença de forma mais significativa do que as outras.

Os *humanos* são meramente uma parcela da total variedade que existe, mas se destacam por sua adaptabilidade e facilidade de aprendizado, sendo um povo dinâmico e obstinado. Existem diversas etnias humanas, cada uma com seus traços físicos e culturais. As outras raças enxergam os humanos como contraditórios e imprevisíveis.

Os *anões* disputam territórios com os gigantes nas montanhas e mantêm relações diplomáticas com o "mundo de baixo" devido a episódios antigos de alianças em tempos de dificuldade. Anões medem entre 1,10m e 1,40m, têm o corpo largo e robusto e ostentam uma longa barba. São excessivamente metódicos e tradicionalistas, gostam de trabalho, bebida e organização, além de produzirem excelentes armas e ferramentas.

Os *omodé* nunca fundaram um reino próprio, porém estão espalhados por toda parte, podendo ser vistos interagindo com quase qualquer raça. Têm entre 1m e 1,30m, possuem sempre uma aparência jovial, sem pelos pelo corpo, exceto pelos pés, onde têm pelos até demais. A personalidade costuma ser perspicaz e ágil, bem-humorados e sociáveis, mas sempre tentando tirar lucro entre seus camaradas.

Os *gnomos* habitam as florestas e são vistos com desconfiança pelos outros povos devido aos seus truques mágicos e poderes feéricos — e até gostam dessa distância. Medem entre 80cm e 1,10m, têm orelhas pontudas e gostam de cultivar uma barbicha com todo tipo de formato. A cor do cabelo e dos olhos costuma ser chamativa, como verde, roxo ou rosa. Gnomos são desconfiados com forasteiros e tentam despistá-los sempre que possível. São festeiros e brincalhões entre eles mesmos, apesar de muitos não compreenderem o seu senso de humor ácido.

Os *elfos* se fecharam em seus próprios reinos depois da Aniquilação, cortaram todas as relações com o "mundo de fora" e, atualmente, são um pouco mais que uma lenda do passado — apesar de que há boatos que alguns foram vistos visitando reinos humanos, mas nenhuma informação confiável. São ligeiramente mais baixos e esguios do que os humanos, entre 1,50m e 1,70m, têm olhos de cores vivas e chamativas — verdes como esmeraldas ou amarelos como topázio — e orelhas pontudas. As fábulas sobre os elfos dizem que eles são graciosos em cada movimento, de voz melodiosa e temperamento comedido. Há também os *firathera*, elfos sombrios que se corromperam depois da Aniquilação.

Os *bestiais* são homens-fera que possuem aspectos humanóides e animais, sendo os mais conhecidos os lupinos, felinos, reptilianos e alados. A aparência varia de acordo com a espécie, mas o corpo costuma ser coberto de pelo,

escama ou pena e o rosto tem o formato oval humanoide, com focinho ou bico achatado, bastante diferente de um humano, mas também muito distante de um animal legítimo. O comportamento também varia de espécie para espécie: lupinos tendem a ser ordeiros, felinos costumam ser independentes, reptilianos são frios e indiferentes e alados geralmente são contemplativos.

Os *traian*, também chamados de “abençoados pelos elementos”, são uma raça com uma forte essência elemental em seus espíritos, manifestando ligação com o fogo, a terra, o ar ou a água. Eles são humanoides com o aspecto de seus elementos: os traian de fogo e terra têm a pele bronzeada, enquanto os de água e ar têm a pele pálida. A cor dos olhos e cabelos costuma ser vermelha ou laranja nos de fogo, marrom ou negra nos de terra, branca ou prateada nos de ar e azul ou verde nos de água. Não é apenas a cor que chama a atenção: os cabelos dos traian do fogo costumam crepitar, os dos traian de terra são sólidos e rígidos, os dos da água ondulam suavemente e os traian do ar estão sempre esvoaçando, mesmo em ambientes fechados. O comportamento também varia pelo elemento. Um traian de fogo tende a ser enérgico, um de terra a ser teimoso, um de ar a ser rebelde e um de água a ser “de lua”.

Os *zarath* são seres extremamente conectados à essência do mundo, possuindo em seu espírito uma parcela da essência de algo, como o rio, a brisa, a areia, a nuvem, a flor etc. Eles são parecidos com os humanos, exceto pelos olhos: sem pupilas, numa única cor, que vai de cinzento nebuloso a azul turquesa, ou marrom amadeirado, entre incontáveis outros. Os zarath são harmoniosos e serenos, e raramente são encontrados longe da natureza. Até quando vivem em cidades humanas, eles conservam algo silvestre em seus lares.

Os *homúnculos* são pessoas criadas artificialmente, imperfeitos por natureza, nem objeto e nem mortal. A aparência costuma simular a raça do criador, mas sempre haverá uma imperfeição, como um humano com braços longos demais, um elfo com os dentes saindo pela boca, um anão com olhos completamente negros ou qualquer tipo de deformidade. Alguns homúnculos buscam se tornar mortais legítimos, enquanto outros geram ódio por seus criadores, ou até são capazes de ser indiferentes em relação ao mundo ao seu redor. Apenas uma coisa é certa: o tormento interior de ser essencialmente indefinido.

Os *decaídos* são filhos de pessoas comuns, de qualquer raça, porém nascem com a bênção — ou a maldição — do Abismo. Alguns dizem que eles são descendentes do cruzamento entre abissais e mortais, ou que algum abissal influenciou de alguma forma a gestação da criança, ou que eles são simplesmente uma consequência espontânea da vitória do Abismo contra o Éden. De qualquer forma, os decaídos já nascem corrompidos e manifestam a influência abissal de alguma forma, seja com chifres, cascos no lugar de pés, uma cauda pontuda, olhos

flamejantes, ou qualquer aspecto derivado dos abissais. Uns tentam esconder a corrupção, outros até fogem da civilização. Apesar da maioria abraçar os abissais e a Mácula como campeões dos Vícios, alguns tentam resistir à tentação abissal.

Os *orcs* são selvagens e ferozes, provavelmente a raça menos civilizada que possa ser considerada inteligente. Eles dominam a forja e a caça, mas preferem saquear do que construir. O que não têm em intelecto, compensam em brutalidade: medem entre 1,80m e 2,10m, são vigorosos e robustos e possuem dentes afiados. A tonalidade da pele varia de acordo com a etnia, os orcs das cavernas têm pele cinzenta, os orcs do deserto têm pele alaranjada e os orcs dos mares têm pele esverdeada. Muitas tribos mantêm a tradição nômade, porém a capacidade de caçar e se alimentar de qualquer coisa é um bom motivo para temer um pequeno bando de orcs.

Os *goblins* são pequenos humanoides, esguios e ágeis, temperamentais e violentos. Eles medem entre 90cm e 1,30m, têm pele amarelada e rugosa, nariz em formato de focinho primata, dentes tortos e pontudos, e olhos miúdos e fundos. Por terem um ciclo de vida muito curto e hábitos que beiram a selvageria, goblins conseguem formar apenas tribos desorganizadas. Há quem diga que eles só não entraram em extinção por procriarem com facilidade.

Os *robgoblins* são os mais ordeiros entre os goblinoides e formam reinos bem organizados e exércitos formidáveis, capazes de dizimar civilizações inteiras. Eles têm pelos castanhos, negros ou ruivos pelo corpo todo, focinho achatado, olhos fundos e caninos afiados e medem entre 1,70m e 1,90m. Apreciam, acima de tudo, boas armas e armaduras e rivalizam com os anões neste ofício. Tropas robgoblins estão sequestrando humanos para trabalho escravo com muita recorrência nos últimos tempos.

Os *gigantes* são territorialistas e reclusos, mas não necessariamente hostis. Odiados pelos anões pelas disputas territoriais, os gigantes não veem diferença entre os “povos pequenos”, tratando a todos como visitantes indesejados — na melhor das hipóteses. É difícil descrever a aparência dos gigantes, pois orcs acham gigantes parecidos com humanos, humanos acham gigantes parecidos com robgoblins, robgoblins acham gigantes parecidos com anões e cada raça acha os gigantes parecidos com a raça que detesta, porém maiores. De qualquer forma, gigantes medem no mínimo 2,5m e não se sabe o máximo, algumas lendas dizem que alcançam as nuvens. Os braços quase alcançam o chão e as mãos são desproporcionais, maiores que a cabeça. Alguns relatam que gigantes têm o rosto cadavérico, com dentes à mostra e pele colada nos ossos, outros dizem que gigantes têm o rosto coberto de pelos, como símios, o que indica que existem diversas etnias de gigantes espalhadas pelo mundo. Há registros históricos de um

império dos gigantes no passado, mas não se sabe se vivem de forma tribal, feudal ou em monarquia atualmente.

Há também os *híbridos*, geralmente o cruzamento entre um humano com um membro de outra raça, sendo mais comuns os meio-elfos, os meio-traian e até os meio-orcs. Um híbrido conservará as características físicas, emocionais e intelectuais de ambas as raças, às vezes tendendo mais para uma do que para outra, tudo dependerá de cada caso específico. Ainda é possível que pais de raças diferentes gerem um filho de uma das raças, apesar de ser mais raro. De qualquer forma, os híbridos são tão raros que nem são considerados uma raça propriamente dita e podem ser aceitos ou não na sociedade onde forem criados.

PANTEÃO

Os celestiais estão mortos. Os abissais imperam.

Atualmente, as divindades mais poderosas do cosmo são os Sete Males Primordiais.

Draghnar, o Lorde da Desordem é uma divindade caótica e anárquica. Sua crença prega que qualquer tipo de organização ou coerência é uma ilusão fútil e que o certo é cada indivíduo fazer o que bem entende e seguir os próprios instintos. Seus seguidores são inimigos de qualquer nobreza, clã ou guilda ordeira.

Não há dogmas ou ensinamentos, apenas o incentivo ao conflito e ao caos. Os escravos seriam mais felizes sem seus senhores, tanto quanto os reis só seriam realmente prósperos sem a coroa e os súditos. Não há motivos para construir, se pode tomar. Uma aliança só dura enquanto for lucrativa — e se o seu parceiro está rico, você pode roubar tudo dele. Anos de ressentimento contido podem ser resolvidos numa única briga.

O conflito faz parte do cotidiano dos devotos da Desordem. Terroristas, selvagens, saqueadores, todos aqueles que buscam a ruína alheia fortalecem Draghanar. Seus clérigos são imprevisíveis, incoerentes, traiçoeiros e/ou violentos — a única certeza é que a paz os incomoda. Não há organização ou hierarquia dentro do clero, os devotos são dispersos e independentes, quase sempre incapazes de concordar entre si. Eles não acreditam que exista um governo que não seja opressor ou uma guilda que não seja egoísta. Paz e morte são sinônimos e o mundo só está vivo com conflitos.

Poucos templos foram erguidos em sua homenagem e muitos foram abandonados pelos próprios sacerdotes, incapazes de conviver por muito tempo. Os que existem são confusos, com cômodos sem propósito de existir e divisões confusas. Pode haver qualquer coisa nesses templos, a maioria letal.

O símbolo da desordem sempre muda, mas certamente inclui uma face dividida em duas ou mais, geralmente um lado representando a raça do cultista e o outro lado representando um abissal ou besta selvagem.

Draghanar vê com bons olhos o Lorde da Destruição, a Lady da Luxúria e o Lorde da Traição, pois todos eles colaboram contra a ordem do Multiverso. O Sadismo é indiferente, apenas um prazer que pode vir a ser agradável, mas nada que se leve a sério. A Ganância e a Tirania são seus inimigos declarados, tolos que pensam que podem controlar alguma coisa além de seus domínios.

Zarkareon, o Lorde da Destruição, é uma divindade implacável e voraz. Seu único propósito é massacrar e eliminar tudo. Ele não vê mérito em

conhecimento ou estratégia e não vê propósito para nada. Seus sacerdotes acreditam que, depois de destruir todo o Multiverso, ele destruirá a si mesmo.

O propósito de uma casa é ser incendiada, o propósito de um animal é caçar, o propósito da montanha é provocar avalanches e o propósito de todo um reino é guerrear. Passar um dia sem destruir algo é perda de tempo. Sempre há uma biblioteca para sumir do mapa, uma ponte para ir abaixo ou um simples nariz para esmurrar. Posses sufocam. A igualdade é o vazio. Apenas quando abdicamos de tudo, vivemos.

Predadores, vândalos e fanáticos são os principais representantes da Destruição. A vontade de eliminar nunca é saciada, sempre há uma próxima vítima, uma próxima cidade para virar pó. Se houvesse um clero formal, ele seria destruído pelos próprios sacerdotes. Ninguém deve satisfação a ninguém, nem a si mesmo. Muitos devotos de Zakareon odeiam seus alvos com intensidade suficiente para não medir esforços ou consequências para acabar com eles. Alguns são consumidos pela inveja e decidem que, já que não podem ter algo, ninguém poderá. Há aqueles que compreenderam a real essência do Multiverso: o fim inexorável.

Os templos de Zarkareon são os tapetes de corpos após um combate ou as ruínas de um castelo brutalmente saqueado. Um devoto da Destruição jamais constrói um lar. Ele invade, pilha e queima o que sobrar. E depois parte em busca do próximo alvo.

Zarkareon não tem aliados, pois eliminará todos um dia. Começará pela Tirania, por insistir em erguer impérios. Ganância, Luxúria e Sadismo são fúteis, pois toda forma de prazer é alienadora. Traição e Desordem são úteis, pois servem de pretexto para a Destruição, mas se enganam se acham que os fins estão acima das consequências.

Azathallas, o Lorde da Ganância é uma divindade egocêntrica e ostentadora. Ele prega que toda posse material deve ser trancafiada, todo conhecimento deve ser mantido em segredo e qualquer sentimento deve ser dominado. Seus cultistas não acreditam em divisão ou caridade, apenas no acúmulo de poder pessoal.

O sentido da vida é o acúmulo de poder. O valor só é encontrado no topo da hierarquia. Seja qual for a sua ambição — riqueza, conhecimento, força, fama, status —, você tem o direito de alcançá-la, custe o que custar. E os humildes que se ajoelhem perante aqueles que fazem bom proveito do mundo.

Uma pessoa não tem direito de cultuar a Ganância se não for soberana em algo. Pode ser um rato miserável, mas que seja o líder do seu bando — e que almeje liderar leões num futuro próximo. Seu clero é organizado, mas os cargos

mudam com frequência, graças à ascensão e à queda frequente de seus membros. Todo sacerdote vive em eterna disputa, tanto entre os demais clérigos, quanto na sociedade em que vivem. As ambições dos devotos de Azathallas são sempre pessoais, a única garantia é a ausência de escrúpulos para alcançá-las.

Os templos são ostensivos, cheios de extravagâncias e riquezas, geralmente localizados em pontos que chamam toda a atenção para si. Uma capela da ganância se parece uma mansão e uma catedral pode conter mais riquezas do que o palácio de um rei.

Azathallas planeja se tornar a entidade suprema, acima de tudo e todos. A Luxúria seria uma boa concubina graças ao seu gosto pelo egoísmo e a Tirania seria uma boa serva num cargo que lhe lembrasse a sua posição submissa. Sadismo, Traição e Desordem são toleráveis, enquanto puderem ser vigiados, e Destruição serve meramente como um instrumento irracional.

Baltiryelles, a Lady da Luxúria, é uma divindade maliciosa e tentadora. Para ela, nenhuma vontade deve ser contida, tudo que lhe agradar ou atrair deve ser realizado. Seus seguidores são pessoas carismáticas e convidativas, sempre favorecendo os próximos e induzindo-os a abandonar toda a ética e moral.

O prazer e a liberdade são seus únicos dogmas. Ninguém deve fazer algo a contragosto, pelo contrário, deve saborear o mundo sempre — de preferência, sordidamente. Se tem apetite, coma, se tem ódio, descarregue, se tem preguiça, descanse, se tem tentação, sacie. Se alguém se põe em seu caminho, elimine. Pecado é se abster das próprias vontades.

Os clérigos da Luxúria são tidos como ótimos conselheiros, pois estão prontos para incentivar seus seguidores a fazer o que quiserem. Adultério, suborno, trapaça e assassinato fazem parte da natureza mortal, sempre existiram e sempre existirão, é melhor nós mesmo fazermos do que sermos suas vítimas. O clero é disperso e confuso, às vezes os sacerdotes se tratam com igualdade, às vezes em hierarquia — cada caso é um caso e as relações duram enquanto forem satisfatórias para os envolvidos. Cada um é movido pela própria vontade, podendo construir um legado ou jogar tudo fora da noite para o dia, a fim de buscar uma nova ambição.

Os templos de Baltiryelles são tão imprevisíveis quanto seus sacerdotes e costumam localizar-se dentro das cidades, em pontos de fácil acesso para todos. Alguns são simples e práticos, outros requintados e luxuosos, outros ainda são obscenos e sugestivos. A única regra é o conforto: os visitantes devem se sentir acolhidos e à vontade lá dentro.

Baltiryelles se diz amiga de todos. Está pronta para ajudar Desordem, Destruição, Ganância, Sadismo e Traição a alcançarem seus objetivos. Sua única ressalva é com Tirania, por sua tendência para oprimir e escravizar seus súditos.

Rhazmodon, a Lady do Sadismo, é uma divindade cruel e perversa. Ela despreza tanto a vida quanto a morte, acreditando que o sofrimento é o único sentimento que deve existir. Seja para punir um inimigo ou por puro entretenimento, para seus seguidores, a tortura lenta e eterna é sempre a melhor opção.

Não é uma questão de quem ganha mais, e sim de quem perde mais. Não se deve gastar tempo com diplomacia, quando a tortura é muito mais eficiente. Um casal feliz não serve para nada, enquanto um casal em crise gera assunto para toda a corte. Se pisarem no seu pé, quebre as duas pernas do infeliz como resposta.

O clero do Sadismo é tão cruel e violento quanto sutil e requintado. Devotos apreciam as aparências e adoram criar armadilhas para suas vítimas. Gostam de manter um refém entre a vida e a morte por semanas e desprezam um sacrifício rápido — Rhazmodon prefere que suas presas definham lentamente do que recebam uma apunhalada. Assassinos, torturadores e conspiradores adoram oferecer seus crimes à Lady.

Os templos da Lady do Sadismo costumam ser escondidos, como salas secretas em castelos, porões de uma família nobre ou uma clareira pouco visitada de um bosque ao lado de uma aldeia. Os sacerdotes sabem que os indiscretos têm vida curta, então valorizam o silêncio em público e os urros de agonia nos cômodos privados.

Rhazmodon considera Desordem, Destruição e Traição úteis e adora complementar seus planos. Tirania e Ganância têm apenas potencial para criar boas vítimas e Luxúria é instável, mas agradável.

Uraxtor, o Lorde da Tirania, é uma divindade autoritária e orgulhosa. Ele acredita que o mundo deve ser organizado hierarquicamente e que cada camada deve total obediência e devoção à de cima, sendo que o topo dessa hierarquia é ele próprio. A Tirania rege os governantes e líderes inescrupulosos.

Para Uraxtor, não almejar poder e estar morto são a mesma coisa. O mundo pertence aos poderosos. Quanto menor for a sua posição na hierarquia onde vive, menores serão os seus direitos. Um plebeu deve almejar ser sagrado conde. Um conde deve almejar ser sagrado lorde. Um lorde deve almejar ser sagrado imperador. E todos abaixo de você são seus escravos.

Os sacerdotes da Tirania são, em sua maioria, nobres que apreciam a obediência e a devoção de seus subordinados. Líderes de clãs e guildas também costumam cultuar Uraxtor. E até aqueles que não são nada, mas planejam ser, rezam em seu nome.

Os templos do Tirano existem, mas todos sabem que ele prefere que seu estandarte seja levantado acima dos tronos e que todo um reino seja consagrado em

seu nome. Seus clérigos afirmam que, um dia, não haverá mais bandeiras, apenas o símbolo de Uraxtor espalhado por todo o mundo.

A Tirania aprecia a subserviência da Luxúria e respeita a Ganância como um rival. Sadismo pode ser útil, enquanto Desordem, Destruição e Traição são inimigos estúpidos.

Ghargovalax, o Lorde da Traição, é uma divindade egoísta e mesquinha. Para ele, não basta estar por cima, é necessário pisar em quem for inferior. Mentiras e armações são a melhor maneira de adquirir poder, porque além do traidor ascender a um cargo, ele garante que seu rival caia e perca tudo o que tinha.

Um príncipe que mata o irmão mais velho para herdar o trono não é menos valoroso do que o pai de família que faz mais um filho para aumentar a mão de obra na lavoura — ambos estão se aproveitando dos outros. Inclusive, todos se aproveitam de alguém o tempo todo, então não há sentido em ter vergonha disso. Vergonhoso é se deixar ser capturado pela justiça.

Ninguém inteligente prega a Traição abertamente. Seus sacerdotes agem escondidos, disfarçados de conselheiros, mercadores e legisladores. Eles são os legítimos oportunistas, prontos para puxar o tapete e depois desfilarem por cima dos corpos.

Pouquíssimos templos de Ghargovalax foram erguidos, pois seu clero atua dentro dos castelos ou pelas ruas. Tomar o posto de um antigo amigo, se apropriar de impostos, seduzir uma mulher casada são considerados rituais mais satisfatórios do que uma oferenda num altar. Os poucos templos erguidos em nome da Traição aparentam conforto, mas escondem armadilhas em cada maçaneta.

Ghargovalax se identifica com a Lady da Luxúria, apesar de achá-la ingênua, de ambições rasas. O Lorde da Destruição, o Lorde da Desordem e a Lady Sadismo são divertidos, o Lorde da Tirania não passa de uma palhaçada e considera o Lorde da Ganância um querido irmão.

Além dos Males Primordiais, existem os Duques Abissais. São, no total, vinte e um abissais nobres que servem aos reis como generais, conselheiros, mensageiros etc. O Duque da Discórdia está, atualmente, em Centrália.

MAGIA

No mundo, existem poderes místicos — o termo "sobrenatural" seria errado, pois eles são parte essencial do cosmo. Um conjurador pode ser tão diferente dos seus pares quanto cada guerreiro pode ser único: enquanto os combatentes podem usar variados tipos de armaduras, armas, estilos de luta e técnicas diversas, os conjuradores também variam entre as fontes de poder que exploram. Magos, clérigos, xamãs são todos conjuradores e têm tanto em comum quanto teriam esgrimistas, arqueiros e samurais.

Aparentemente, qualquer conjurador é capaz de lançar qualquer magia, mas a forma como ela se manifesta varia. É muito comum magias flamejantes ou que potencializem as capacidades físicas do conjurador, a questão é que cada fonte de poder oferece efeitos únicos — por exemplo, fogo da Natureza é mais duradouro, enquanto o da Fé também purifica e o da Escuridão aflige não só o corpo, mas também o espírito da vítima — e que algumas criaturas têm diferentes resistências a certas fontes de poder: vampiros, por exemplo, têm alta resistência à Escuridão, mas são vulneráveis à Fé.

Existem cinco fontes de magia.

Arcanismo é a habilidade de manipular o mundo e seus elementos, como criar uma explosão flamejante, moldar uma rocha, criar uma barreira de energia pura ou prever um acontecimento. Magos, que aprendem técnicas e rituais para conjurar, feiticeiros, que nascem com a habilidade arcana inata, e bardos, que detectam e conduzem o ritmo do Multiverso, são os principais arcanistas.

Fé é o poder cedido por uma divindade a um mortal. Conforme o devoto vai ganhando afinidade e intimidade com seu patrono, mais sua fé se expande e seu poder aumenta. Os principais devotos são os clérigos, que dedicam suas vidas a cultuar celestiais ou abissais, e paladinos, cavaleiros que misturam a doutrina dos sacerdotes e a perícia militar.

Natureza é a fonte orgânica do mundo, a essência do planeta. Tudo o que for das florestas, das cavernas, do mar, do céu ou de seus animais é da natureza. Caçadores, que vigiam e/ou exploram territórios selvagens, e xamãs, que criam elos com espíritos e com as forças primordiais do Multiverso, são os principais usuários do poder natural.

Psiquismo é o poder da mente. Alguns mortais conseguem expandir seu intelecto de forma a manipular o mundo e as pessoas ao seu redor através de telecinese, hipnose, clarividência etc. O principal usuário do psiquismo é o psiônico, que distorce a realidade de acordo com a própria força de vontade.

Por fim, Escuridão é a fonte de energia negativa e depravada. Poderes profanos que envolvem amaldiçoar pessoas, animar mortos ou impor azar a alguém

são da fonte negativa. Os principais usuários do poder da Escuridão são os necromantes.

LINHA DO TEMPO

O tempo se divide em Tempo Longínquo (TL), que data tudo que veio antes do retorno dos celestiais e dos abissais ao Éden, Tempo dos Celestiais (TC), o período quando celestiais e humanos tinham grande afinidade, e Tempos Sombrios (TS), a era após a Aniquilação.

Ano Zero TL – Nasce a primeira forma de vida no Éden.

Por volta do ano 100 mil ou 150 mil TL - Formação dos reinos, dos povos e subdivisão do Continente em Cinco Regiões. Época de evolução científica e intelectual.

Ano Zero TC – O confronto entre celestiais e abissais revela a existência das divindades.

Ano 500 TC – O Abismo declara invasão direta ao Éden. Herói se entrega como refém e os Sete Artefatos são forjados.

Ano 650 TC – Fundação da Ordem dos Paladinos.

Ano 670 TC – Começo da unificação da região oeste da Ilha Imperial.

Ano 700 TC – Fundação do Império de Aço.

Ano 720 TC – Início da Guerra da Cruz.

Ano 724 TC – Fim da Guerra da Cruz.

Ano 725 TC – Formação da Liga Prateada.

Ano 800 TC – Aniquilação.

Ano Zero TS – A devoção ao Abismo cresce assustadoramente no Éden.

Ano 20 TS – Elfos declaram exílio.

Ano 100 TS – Despertar do Rei Eterno.

Ano 105 TS – Unificação do Império da Luz.

Ano 150 TS – Destruição do primeiro Selo. Chegada do Duque da Discórdia ao Éden.

Ano 170 TS – Formação da Sociedade do Escudo.

Ano 175 TS – Enfraquecimento do segundo Selo.

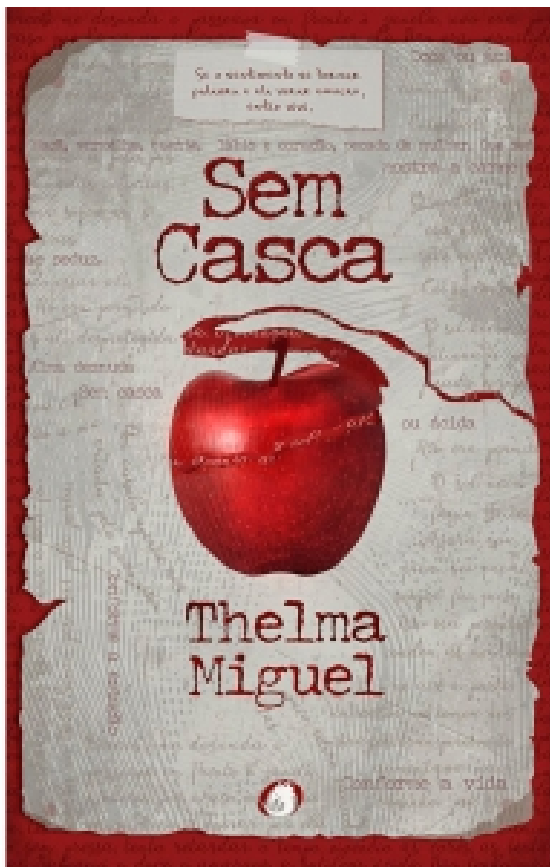
Ano 180 TS – Enfraquecimento do terceiro Selo.

Ano 200 TS – Tempos atuais.



Editora PenDragon

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br



Sem Casca

Miguel, Thelma

9788595940611

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maçã, vermelha, quente lábio e coração, pecado de mulher que seduz desde o início... de Eva até mim e você que me vê. Com faca afiada retira a pele e a essência antes dela se espalha. Sua casca como palavras sussurradas são deixadas para que o tempo as leve aos ouvidos ao peito de quem as quiser...

[Compre agora e leia](#)



A Phoenix - O Legado Maytreel

Figueiredo, Alexandra

9788569782377

306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é o primeiro livro da trilogia O Legado Maytreel, narrando a história de Harriet, que está completando seus dezesseis anos de idade, tendo sua vida equilibrada como sempre desejou que fosse. Rodeada por pessoas que dizem amá-

la, e que estão sempre dispostos a apoiá-la, ela se acomoda ao conforto de sua vida. Mas subitamente, após seu aniversário, se dá conta de que há algo de errado e diferente consigo mesma. E não seria por menos. Seu mundo cai ao descobrir que é adotada e que possui poderes sobrenaturais, que são absurdamente incontrolláveis. Ela então é deixada pelos pais adotivos, com Caleb, um ex professor de matemática que mora sozinho em uma mansão fora da cidade. Seus pais acreditam que Harriet tem de descobrir suas raízes e para isso ela terá que enfrentar muitos conflitos buscando respostas com desconhecidos. Harriet é enviada por Caleb a um Instituto de jovens assim como ela, próximo a cidade de Nova Orleans (Pensilvânia), e é deixada novamente por mais uma pessoa em que ela se deixou confiar. No entanto, percebe que talvez não seja a única garota diferente e que talvez não seja tão ruim ser o que ela é. Em Claverd, ela fica envolvida por pessoas que a ajudam a procurar as respostas que ela tanto precisa. Mas a cada enigma que ela desvenda, outro surge em seu lugar. Sendo uma Phoenix do fogo, Harriet descobre que há mais quatro Phoenix além dela, e que todos eles têm um destino em comum. Todos têm de encarar diversos mistérios sobre si mesmos e sobre a origem do universo ao qual eles pertencem. Harriet está convicta em descobrir quem são seus verdadeiros pais e enfrentar todos os obstáculos ao lado de seus novos amigos. Será que ela irá aceitar as respostas que encontrar? sobre a origem de seu mundo, sua família e talvez um grande amor? Até onde vai a sua fé? Até que ponto você acredita no poder da vida e do mundo surreal?

[Compre agora e leia](#)



Lendárias - A Legião

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte.

Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



Alys - Elemento Alpha

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as

responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)



Reino de Belfront

Moniz, Jacqueline

9788595941014

292 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O reino de Belfront nunca mais foi o mesmo. A magia, que um dia trouxe conforto e paz, hoje traz apenas sofrimento. Agora, os moradores são massacrados e vivem em um lugar sombrio, repleto de sangue e dor. Aziel, o príncipe biburde,

anseia por destronar o pai e conquistar a tão sonhada vingança, por todos os anos em que foi forçado a ser um assassino. Enquanto isso, em meio a um reino destruído, uma profecia antiga obriga a guerreira Evelina a se afastar do Clã dos Rebeldes e sair em busca da revelação. Será esta a única esperança para um reino melhor?"

[Compre agora e leia](#)